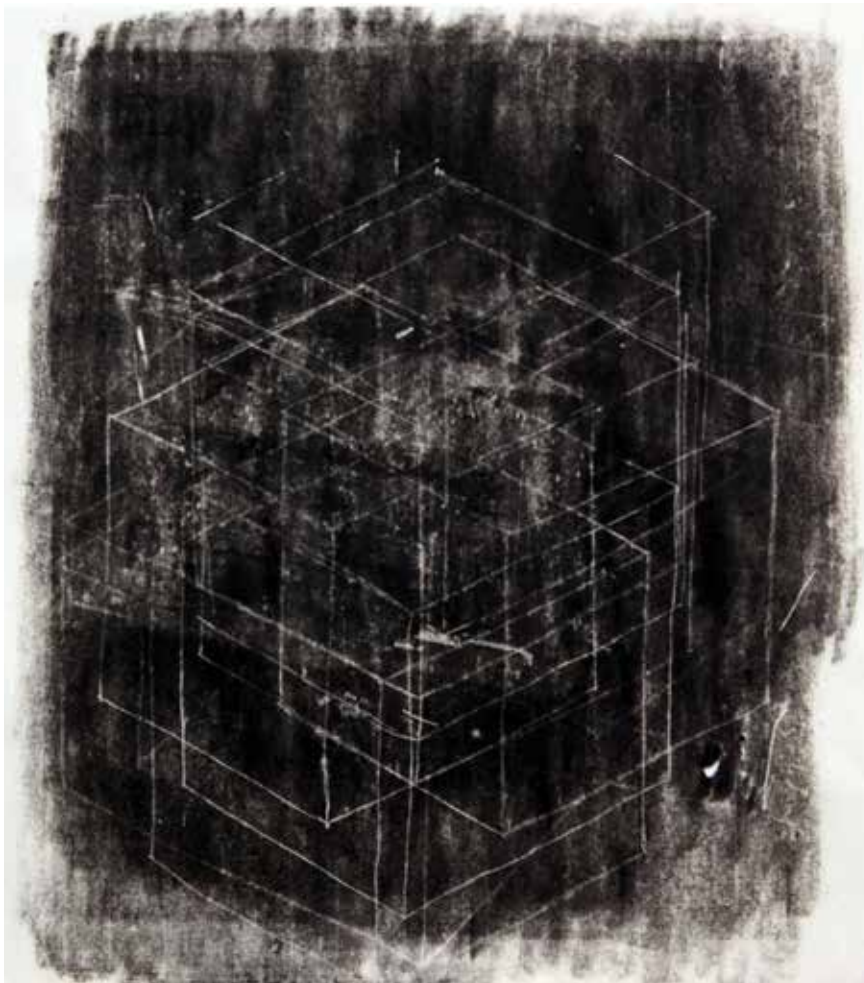




Notas sobre Desenho

Riscando e criando imagens
e refletindo sobre elas em
tempos graves



Sem título
2020
Óleo sobre papel
33 x 25 cm

Projeto artístico equivalente a Dissertação, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Artes, Área de concentração Artes Visuais, linha de pesquisa Poéticas Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Artes, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Claudio Mubarac.

Autorizo a reprodução e divulgação total parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da publicação
Serviço de Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo

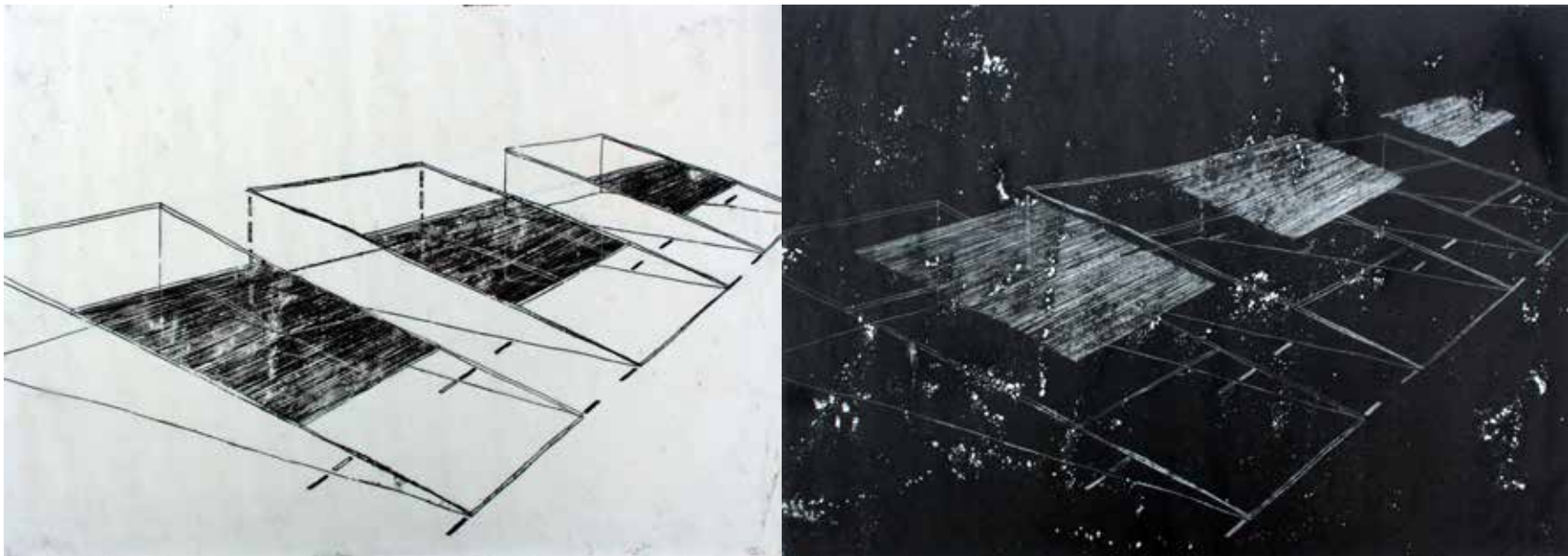
Linhares, Francisco Figueira de Mello.
Notas sobre desenho; orientador Luiz Claudio Mubarac – São Paulo, 2021.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós Graduação em Artes. Área de
Poéticas Visuais). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo.
1. Desenho 2. Monotipia 3. Gravura

Resumo

Notas sobre Desenho é um conjunto de imagens e textos tendo como eixo central e objeto de investigação o campo do desenho e, em especial, da monotipia. O presente volume é composto por um Diário de Ateliê, cujas notas e imagens foram elaboradas intercambiavelmente no processo de trabalho cotidiano. No intuito de estabelecer um diálogo com elementos recorrentes e estruturais dos desenhos, o texto lança mão de uma escrita que busca levantar questionamentos e hipóteses, através de um jogo em que o objetivo não é explicar as imagens, mas pensar junto com elas.

Abstract

"Notes on Drawing is a set of images and texts that have the field of drawing, particularly monotype, as their main axis and object of investigation. This volume contains a Studio Diary whose notes and images were created in a daily process of interchange. To establish a dialogue with the recurrent and structural elements of the drawings, the text raises questions and hypotheses in a game whose goal is not to explain the images but to think along with them."



Sem título [tríptico]
2019
Óleo sobre papel
70 x 207 cm

[...]

Não esperes que o rigor do teu caminho

Que fatalmente se bifurca em outro,

Que fatalmente se bifurca em outro,

Terá fim. [...]

(Jorge Luis Borges)

Nestas páginas, apresento minha produção plástica acompanhada de um conjunto de notas, elaboradas como resultado do mestrado em poéticas visuais na ECA-USP.

As imagens foram feitas em parte no ateliê de gravura da ECA, em parte em meu ateliê, e em cadernos que carrego comigo. Algumas foram criadas antes do início do mestrado, e fundamentaram a busca por este processo acadêmico. A maioria, entretanto, é resultado direto de meu ingresso na ECA e das relações que a partir de lá se estabeleceram. Selecionei as imagens pensando em compor um corpo de trabalhos que fizesse jus tanto ao conjunto mais amplo de meu trabalho quanto às linhas de trabalho mais específicas que escolhi trazer para investigar no mestrado.

O material desenvolvido trata sobretudo de desenhos e monotipias à óleo sobre papel. As imagens são produzidas desenhando-se em papel apoiado sobre uma superfície plana, previamente entintada. A pressão do lápis, das mãos ou outros instrumentos, comprime o papel contra a tinta, fazendo-o absorvê-la. No meio gráfico da monotipia, a impressão e a estampa são feitas ao desenhar.

Entendo todo o trabalho que faço como sendo pertencente ao campo do desenho. Sejam peças de madeira cortadas e montadas, ou vídeo manipulado e projetado ao vivo, em quaisquer materiais e procedimentos, percebo que a mesma dimensão de experiência está sendo buscada: as

texturas e materialidades das linhas e das formas, as aproximações, delimitações e contornos, a criação e articulação de espaços, a dimensão gráfica, enfim.

É neste campo que se insere o uso da monotipia. A gama de procedimentos chamados de monotipia aproxima o desenho do léxico da gravura, ao mesmo tempo mantendo qualidades específicas do desenho que me interessam. O traço se aproxima da gravação, pois cria uma reserva na chapa entintada, transferindo a tinta para o papel.

Cada incisão guarda também informações gráficas na chapa, permitindo construir uma textura rica que contém o registro gráfico de outras estampas realizadas. Algumas imagens utilizam esse recurso da "maneira negra", que é obtida realizando-se uma nova estampa a partir daquela chapa sucessivamente entintada e marcada, contendo a memória de monotipias anteriores.

O conjunto de imagens apresentadas aqui é resultado de um desenvolvimento razoavelmente recente, em que planos, linhas e manchas ganharam espessura e profundidade. As composições passaram a se ocupar de sobreposições, encaixes e alinhamentos.

No ateliê, desenho e escrita se intercambiam ao longo de todo o período do mestrado. Há algo de singularmente aventuroso em percorrer as vias sinuosas de minha própria produção, procurar perceber algo novo naquilo que já é tão conhecido e ao mesmo tempo sempre misterioso. Neste rico percurso, se revelaram, tanto ao desenhar quanto ao escrever, aspectos impensados de meu trabalho.

Iniciei este processo com a intenção de aproximar a escrita do desenho, mas, nos primeiros passos dessa jornada, tomei caminhos tortuosos. Como escrever sobre as imagens? As primeiras abordagens do texto foram tentativas de explicar os trabalhos, procurando explorar exaustivamente o leque de suas interpretações possíveis. Se o esforço de refletir a respeito das imagens era louvável, o modo escolhido não produzia bons resultados. O texto acabava por neutralizar, desvitalizar as imagens.

Talvez o problema estivesse em escrever sobre elas. O texto assim colocado, em posição hierarquicamente superior e privilegiada, não poderia surtir bons efeitos sobre um trabalho que é exatamente o contrário: uma afirmação da primazia da imagem. O que busquei e busco na academia é adensar minha produção imagética. O bom texto realizado a partir dos trabalhos seria então aquele que me auxiliasse a ver melhor o que produzo e a elaborar reflexões a partir dessa produção. Busquei leituras, vivências de meus trabalhos, na forma de interlocução com meus pares. Mas o principal método que utilizei foi debruçar-me sobre os desenhos em um movimento cíclico constante entre a produção de imagens, sua apreciação e a escrita, buscando os campos de experiência que as imagens ativam.

Ao cabo de dois anos e meio, realizei uma escrita sustentada em meu próprio trabalho, ancorada no fluxo de produção no ateliê. Passei a escrever com os mesmos materiais que utilizo para desenhar, no mesmo ambiente físico e com parte do mesmo instrumental com o qual crio as imagens. Assim, comecei a escrever textos com os desenhos, e não sobre eles. A escrita, aos poucos, encontrou seu lugar no fluxo criativo do ateliê. Tornou-se algo como uma nova série de estampas que eu revisitava de tempos em tempos. O ambiente errático da oficina, onde produzo imagens de séries distintas intercambiavelmente, ganhou mais uma via de expressão e investigação poética. Ao passar a escrever notas, aproximei também a escrita da poética. Percebi, com assombro libertador, que a maneira utilizada para falar da poética, para mim, seria ela também poética. Um tipo de texto cuja construção não está distante das peças que se encaixam, da repetição e modularidade que trabalho nas imagens.

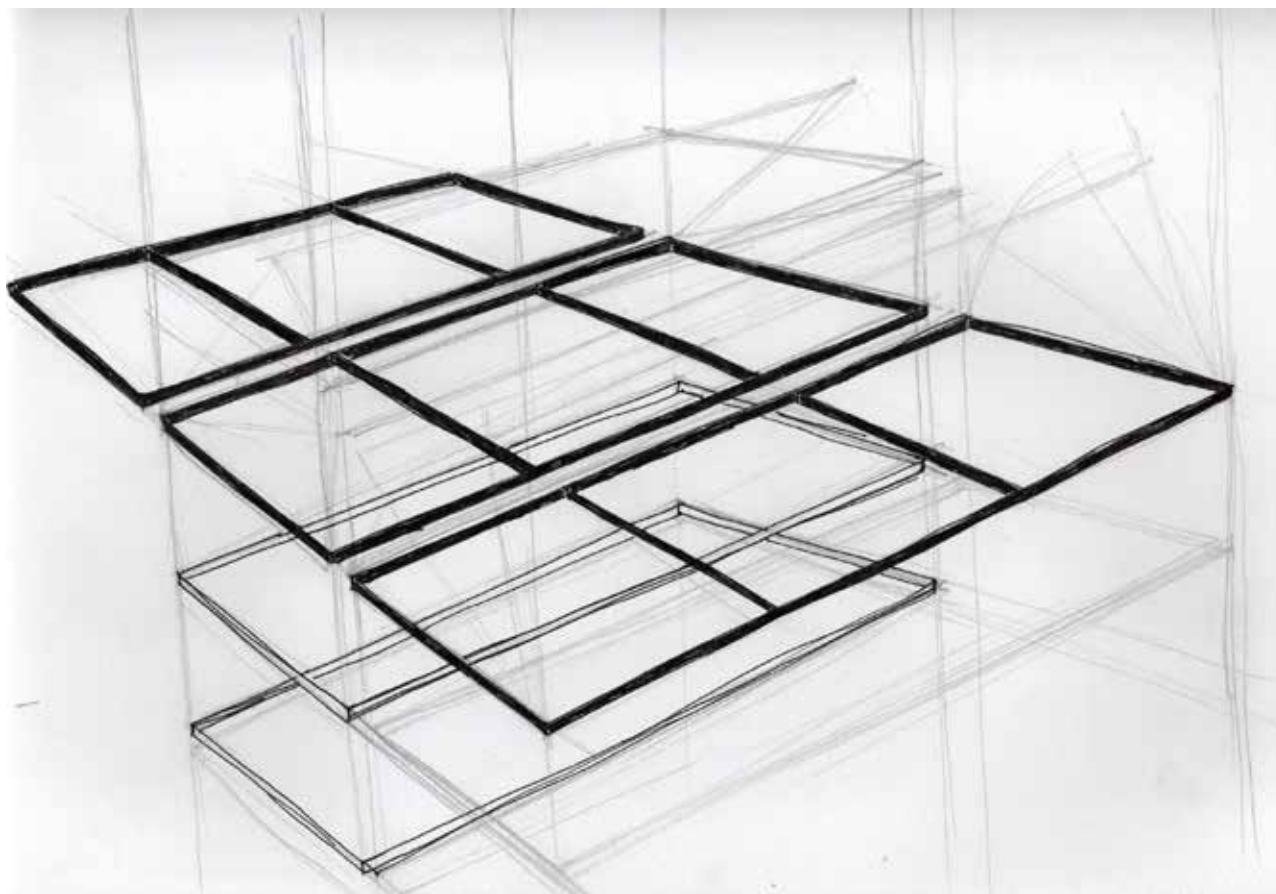
Através de notas, procuro investigar elementos recorrentes e estruturais em meus desenhos, monotípias, esculturas, transparências - vários aspectos de minha produção pessoal. Escrevendo e refletindo, elaboro também algumas conjecturas sobre o campo da arte. A partir do meu desenho, lanço hipóteses sobre o desenho em geral. O objetivo, evidentemente, não é criar definições taxativas, mas notar e anotar alguns elementos no particular e específico que podem encontrar ressonância

em outros trabalhos. Se o texto, que tem como objeto a produção e o cotidiano do ateliê, por vezes soa assertivo, é porque ele vem de uma investigação sobre um processo singular vivido muito intensamente.

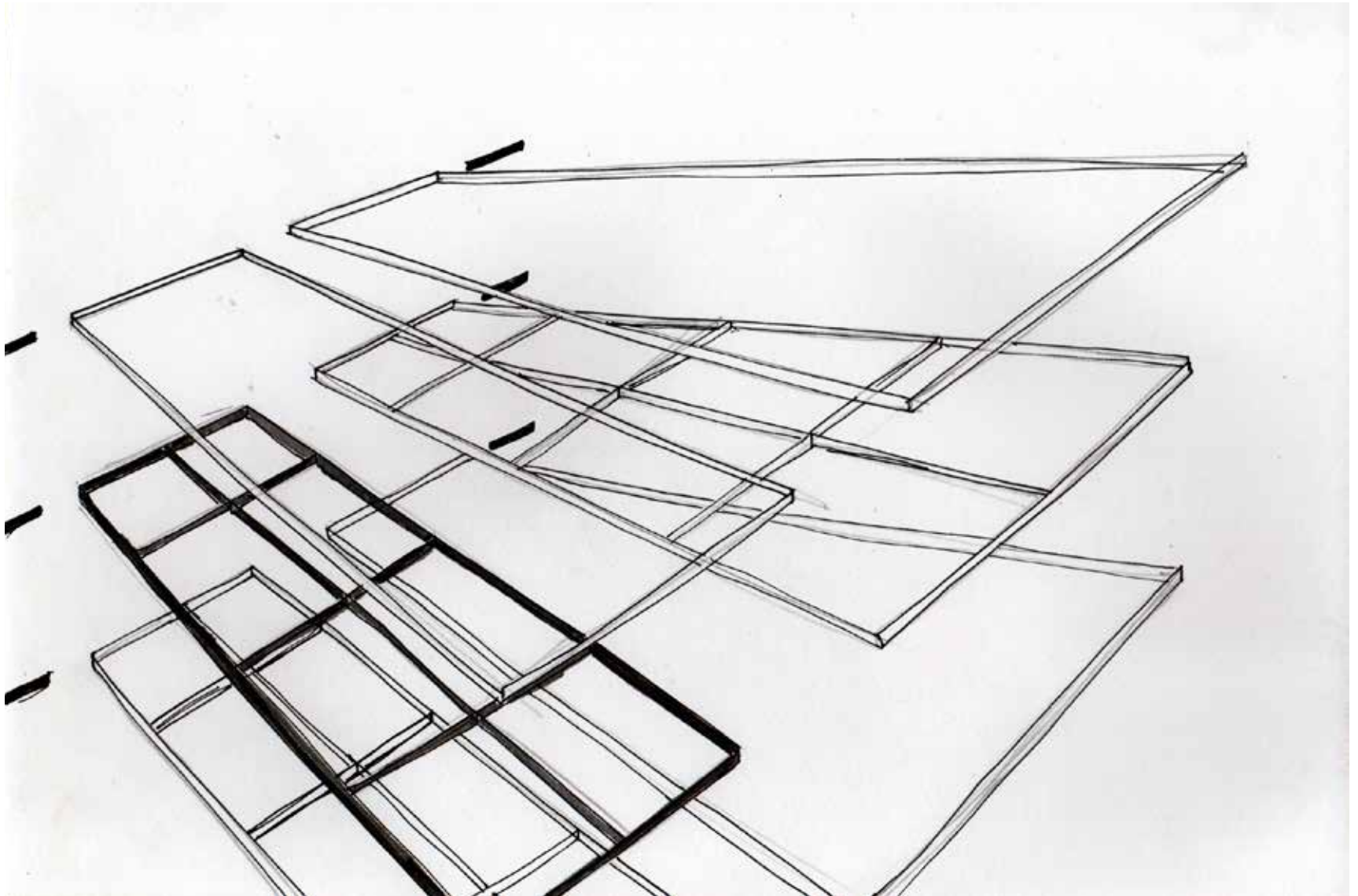
O conjunto de notas aqui reunidas perfaz uma trama, com suas diversas linhas e volteios. Há algo de labiríntico nessa construção, em que repetições e simetrias criam ritmos, brincam com a percepção do leitor/vedor. As recursividades presentes no texto assinalam justamente elementos de maior relevância para o processo.

Assim, procuro abordar nas imagens o tempo, seu transcorrer e sua suspensão; a estruturação das imagens em camadas que toma o suporte como transparente e a repetição como sua ferramenta primeira; o espaço representado; o jogo e o diagrama como estratégias compositivas; o gesto e o corpo que risca, como assuntos fundamentais do desenho.

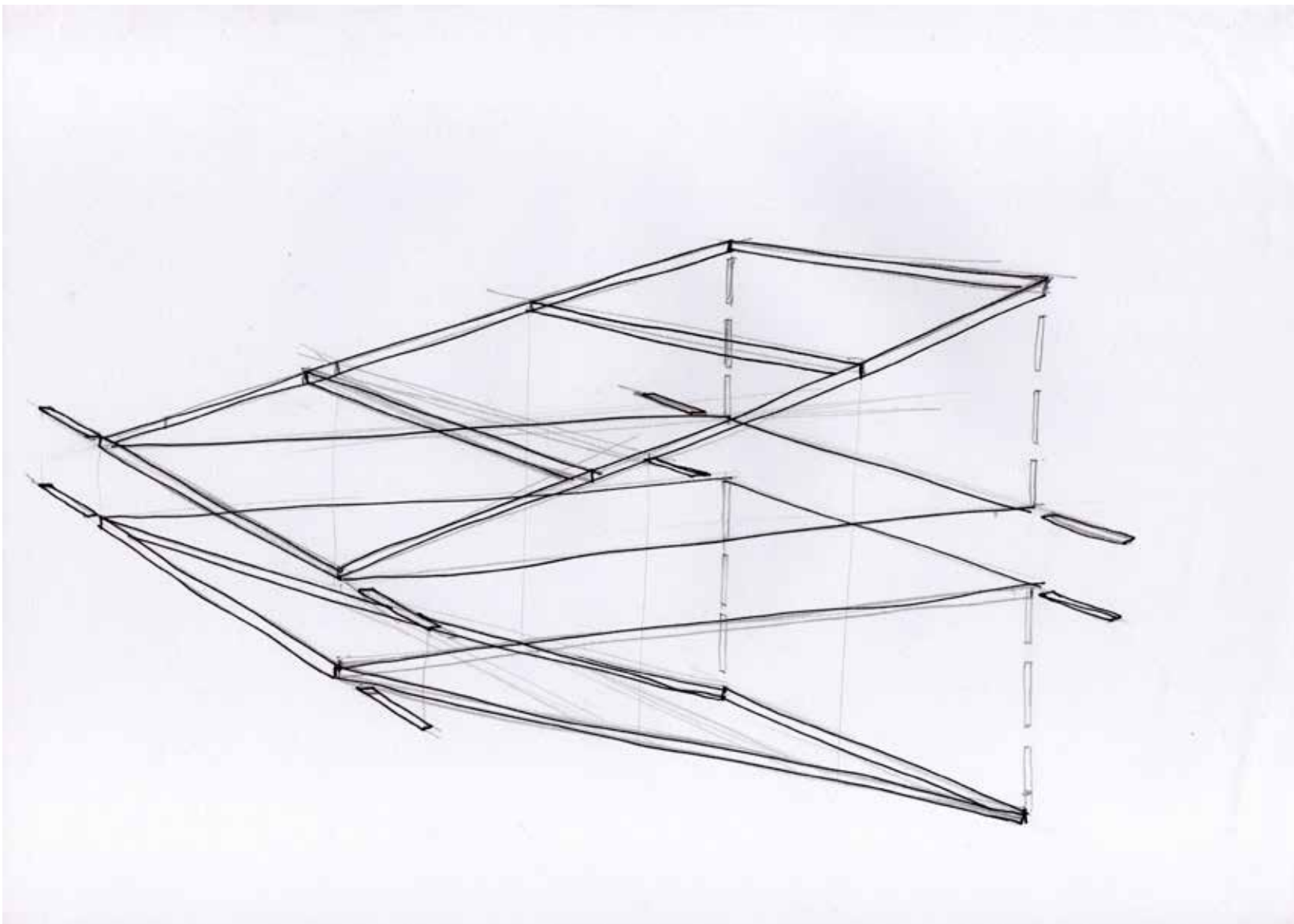
Por fim, as notas não estão apresentadas exatamente na sequência em que foram criadas. Mantenho o caráter de diário de ateliê, de reflexões sucessivas no fluxo do trabalho cotidiano, mas optando por recombiná-las, com o intuito de criar ritmos, espaços de silêncio e paralelismos. Da mesma maneira, o arranjo das imagens busca estabelecer uma conversação por vizinhança, razão pela qual estão agrupadas por assunto. Alguns grupos reúnem trabalhos criados com 10 anos de distância. É importante dizer que a quase totalidade das imagens não encontra referência específica em uma ou outra nota. Aqui, o que se apresenta é um jogo, ou um labirinto.



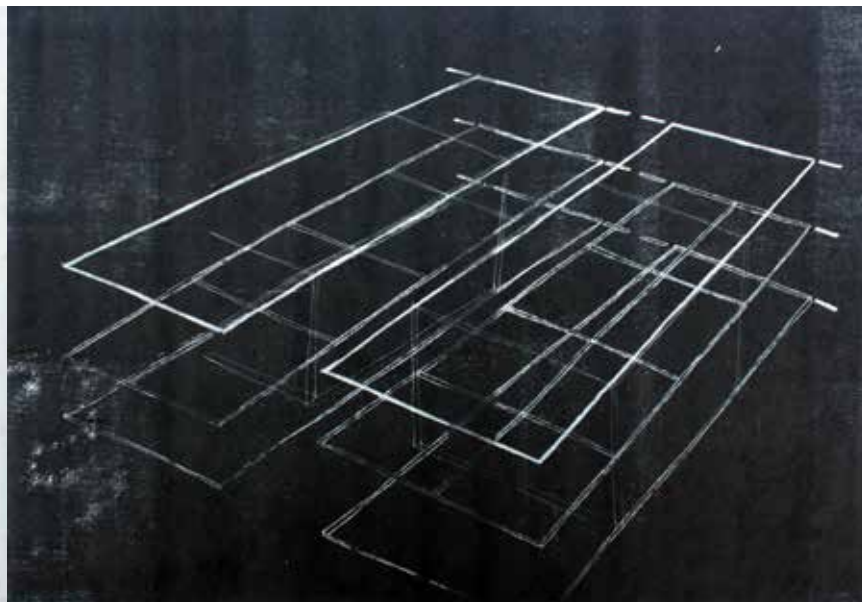
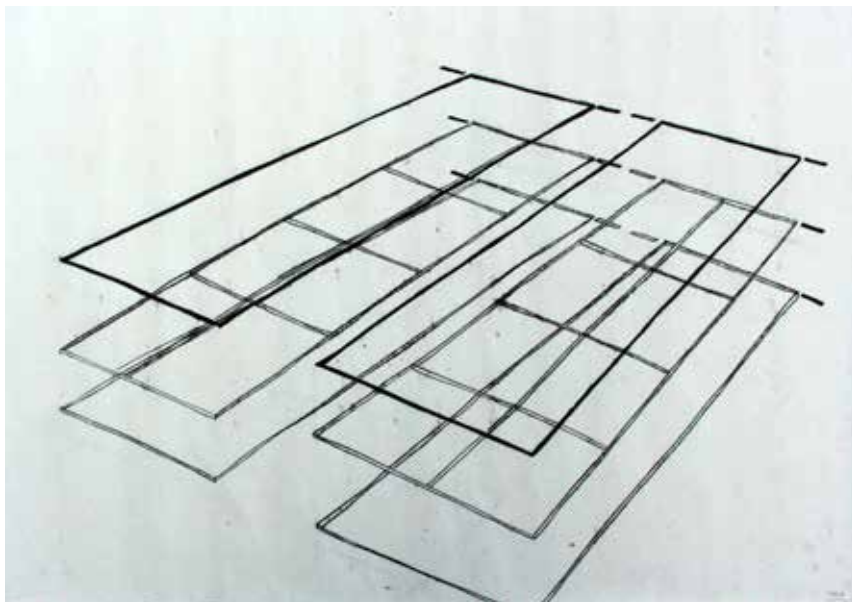
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm



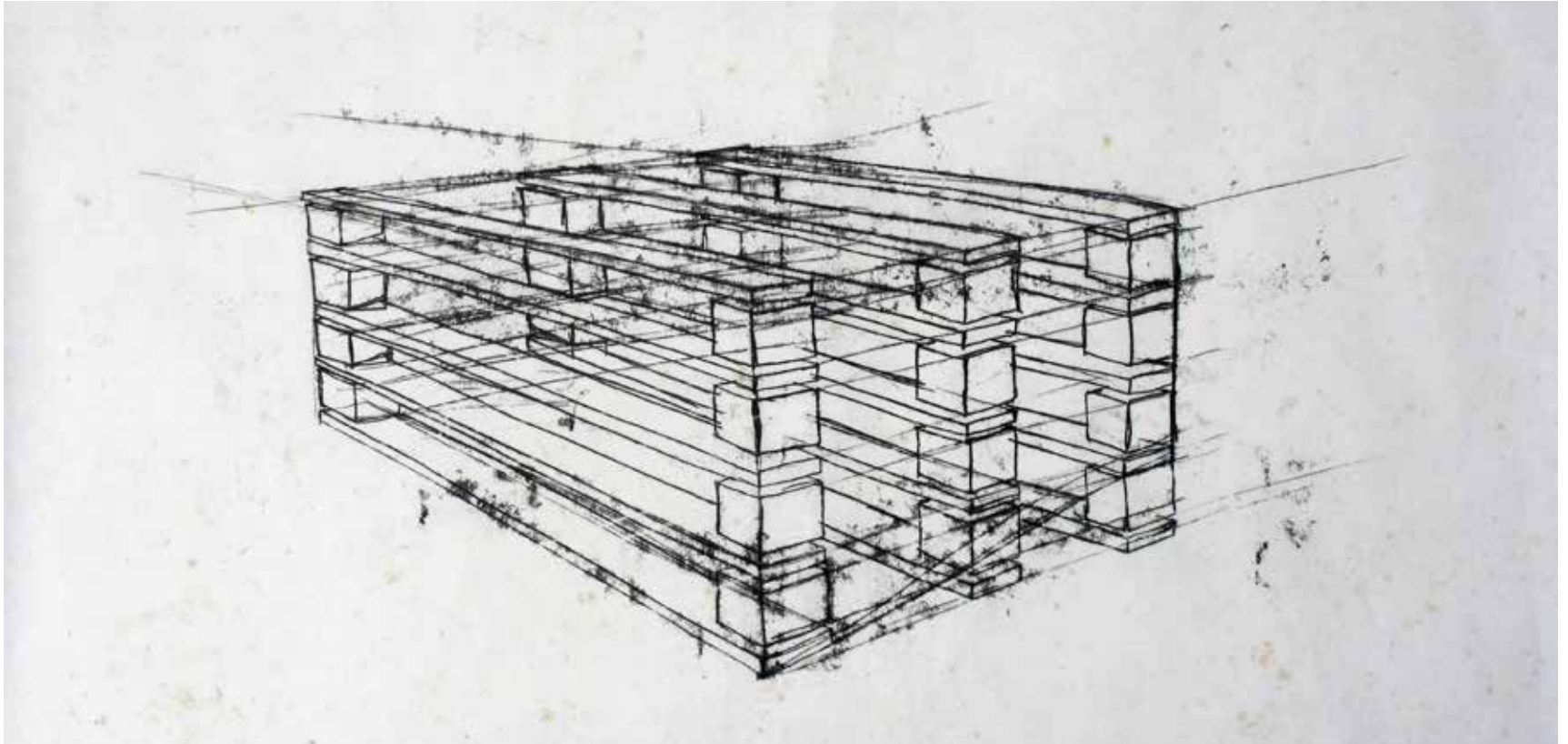
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm



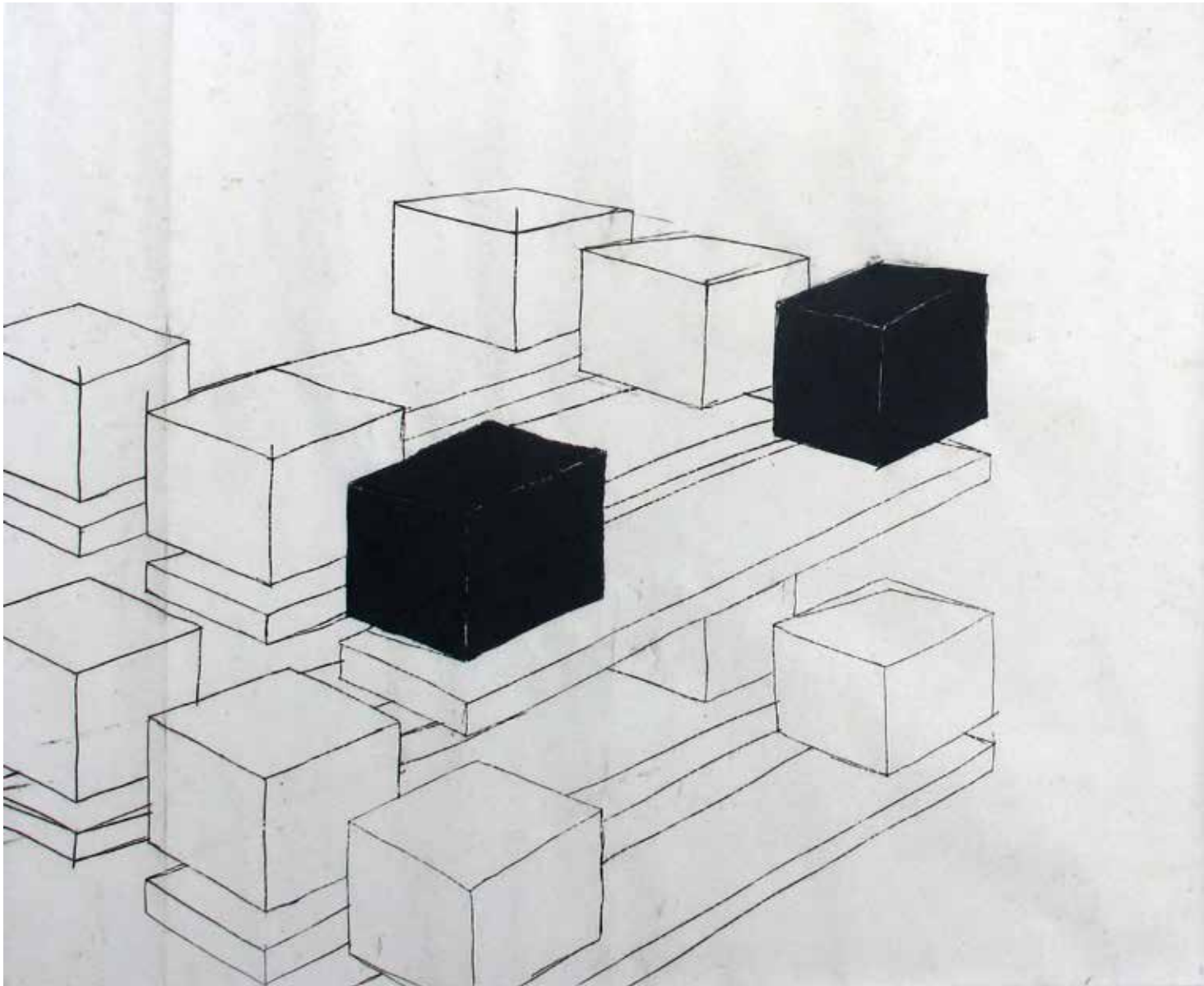
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm



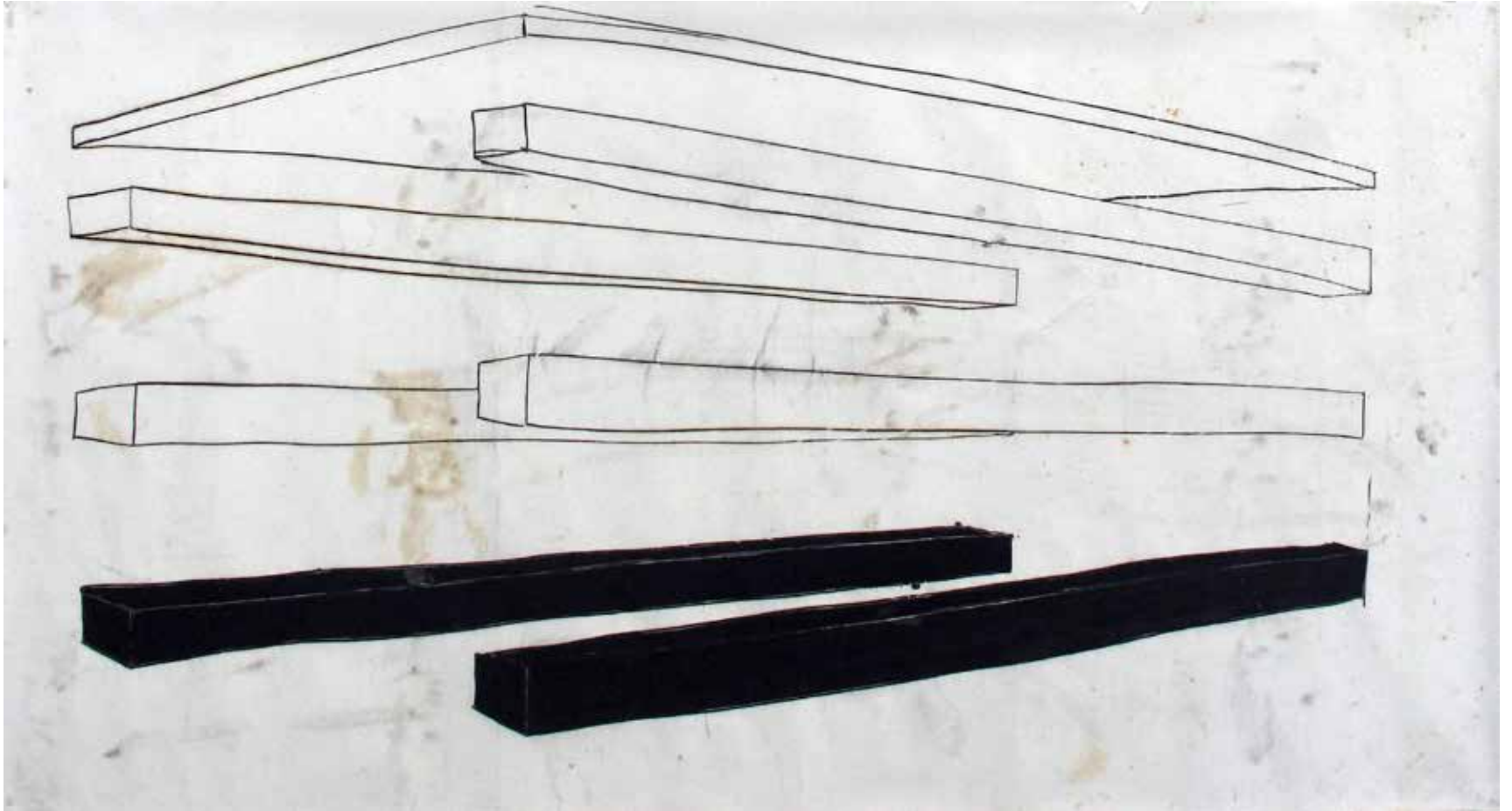
Sem título [tríptico]
2019
Óleo sobre papel
70 x 207 cm



Sem título
2018
Óleo sobre papel
aprox. 55 x 100 cm



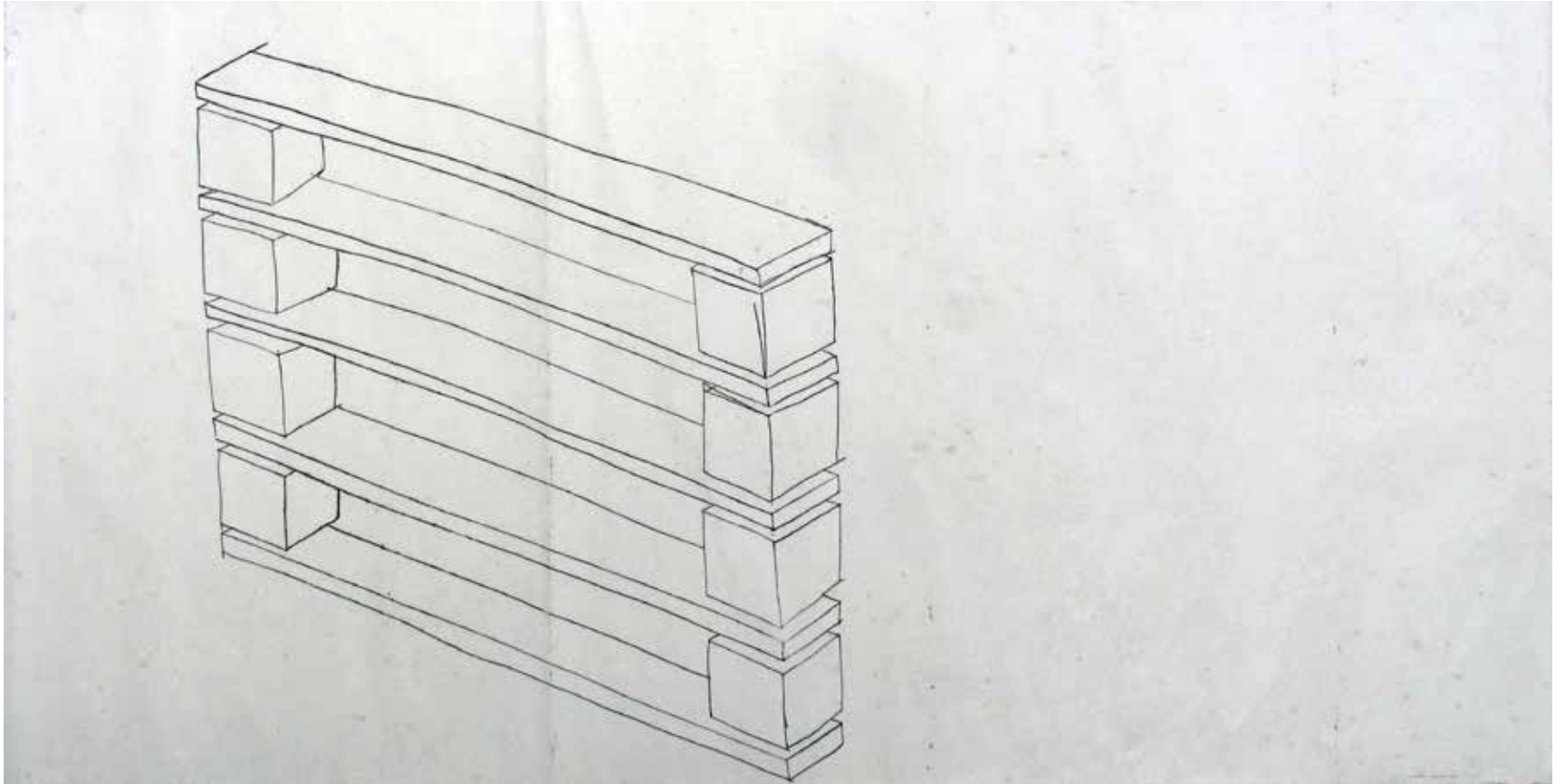
Sem título
2018
Óleo sobre papel
70 x 84,5 cm



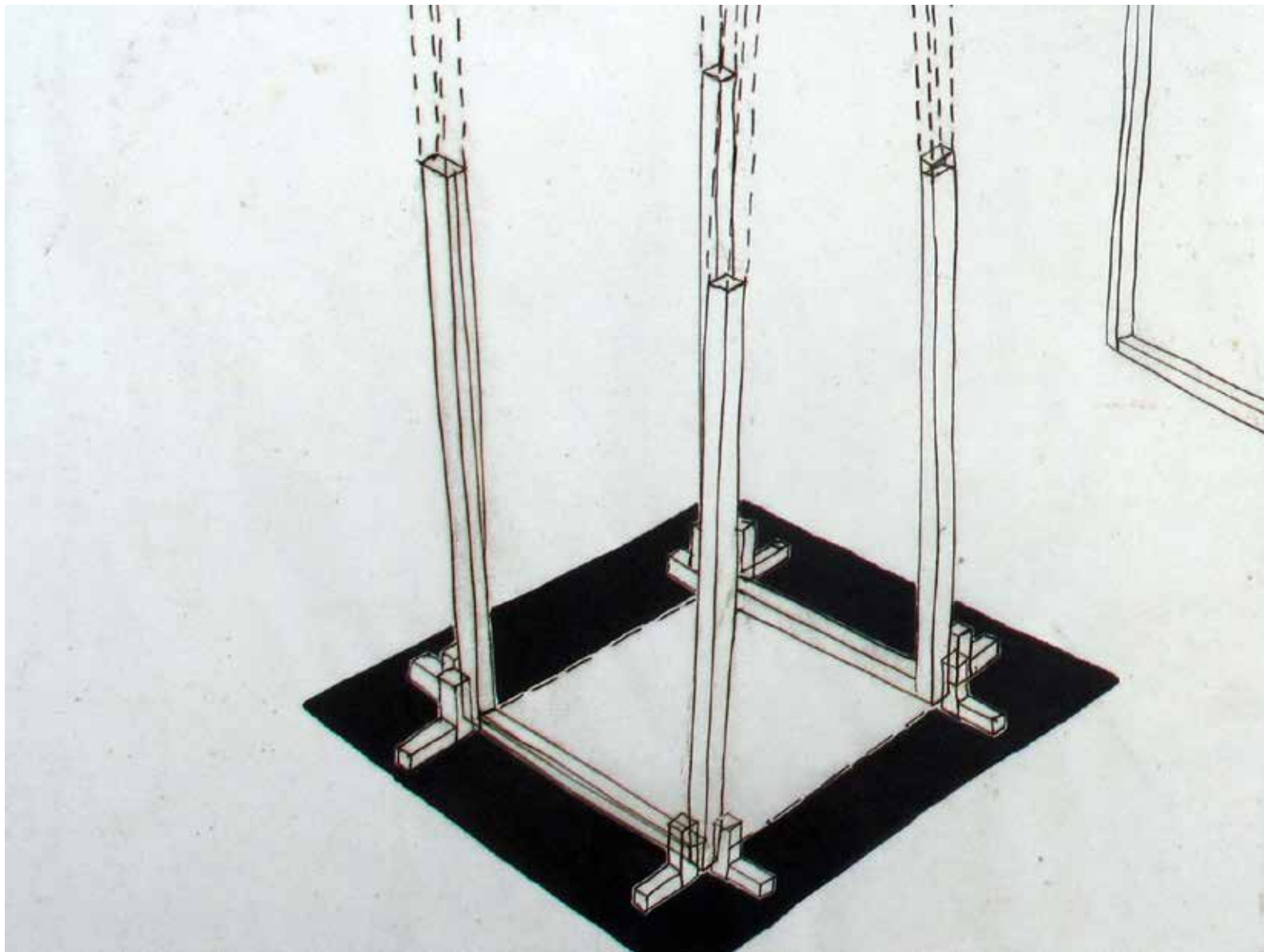
Sem título
2018
Óleo sobre papel
55 x 100 cm



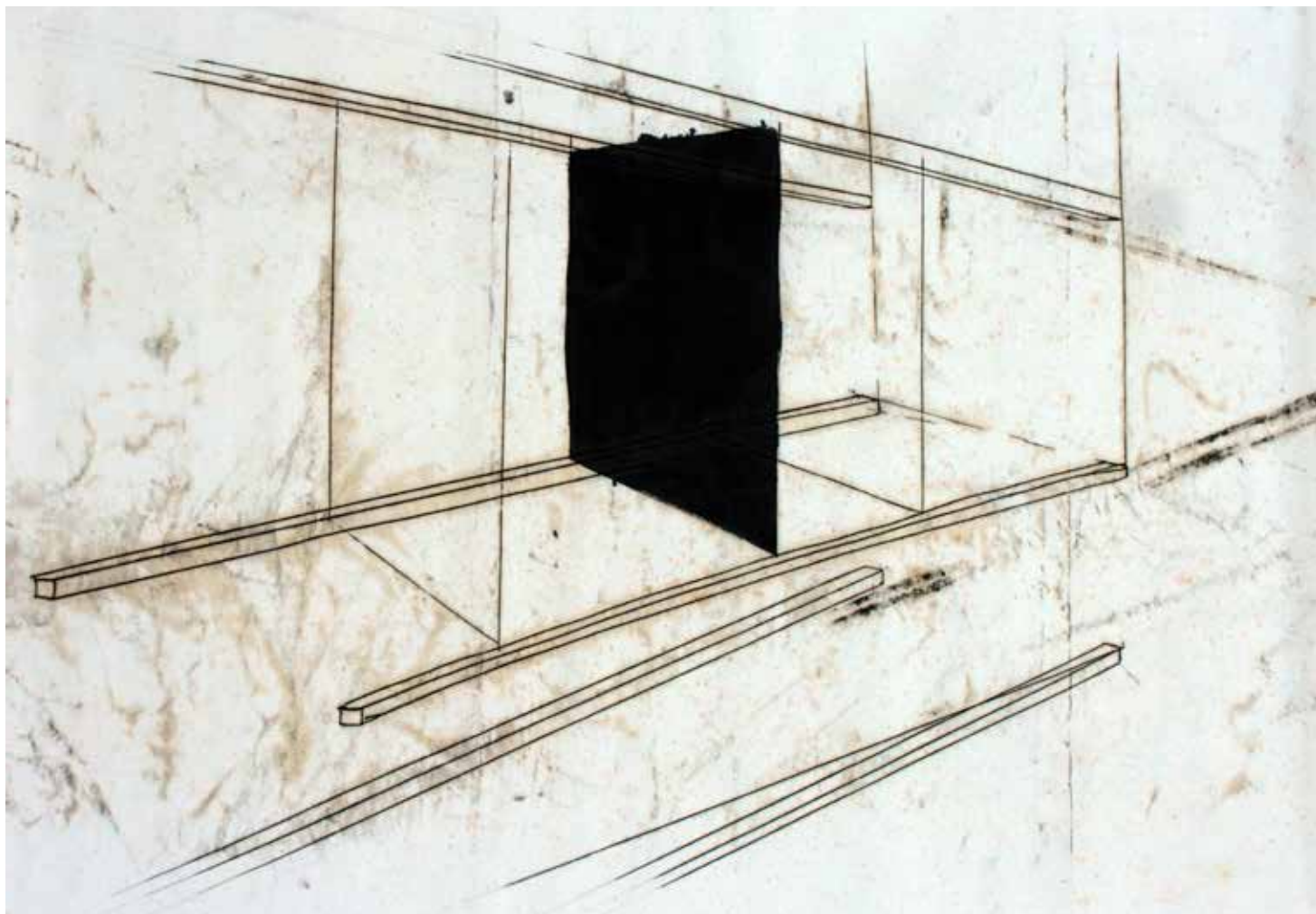
Sem título
2018
Óleo sobre papel
55 x 100 cm



Sem título
2018
Óleo sobre papel
55 x 100 cm

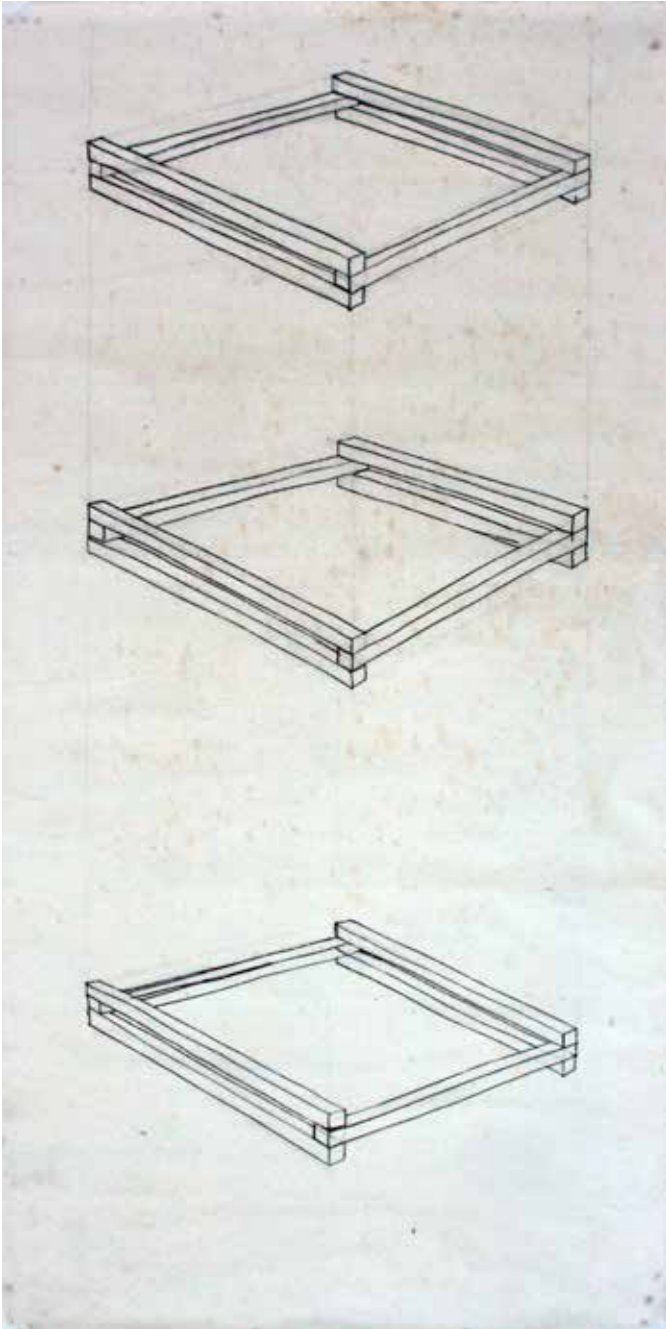


Sem título
2018
Óleo sobre papel
70 x 91 cm

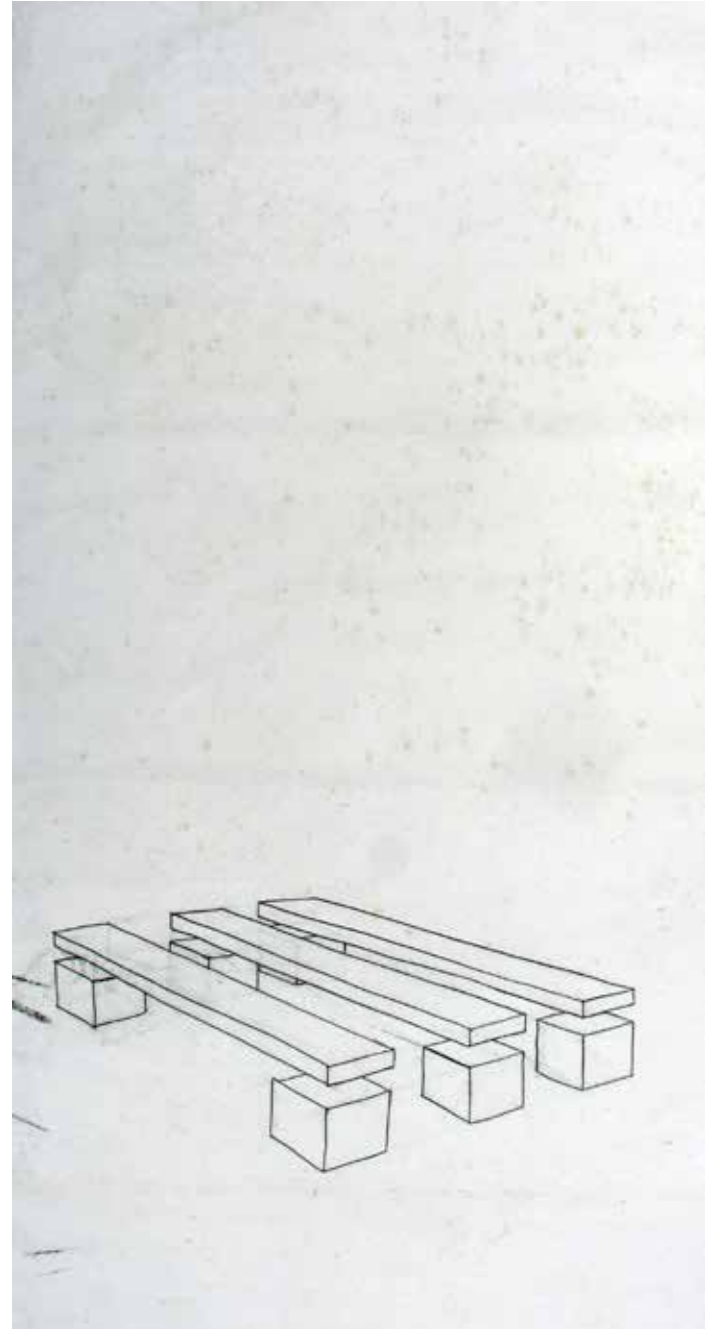


Sem título
2018
Óleo sobre papel
70 x 91 cm

Sem título
2018
Óleo sobre papel
55 x 100 cm



Sem título
2018
Óleo sobre papel
55 x 100 cm



Nota 1 Sobre a descontinuidade no processo de desenhar

Sempre que perco o traquejo, a assiduidade da prática do desenho (do fazer imagens em geral, da prática poética), o trabalho de "retornar à velha forma" é árduo.

A folha em branco se torna a guardiã do umbral, que me devolve um olhar severo e exigente e se interpõe entre meu estágio atual de penúria e o almejado retorno ao conforto da prática fluente.

Nota 2 Sobre a perspectiva

[...] se trata apenas de um esquema, de um entre outros possíveis esquemas de esquemas de representação que corresponde não à percepção do mundo como um todo, mas somente a uma entre as possíveis interpretações do mundo, ligada a um modo bastante determinado de sentir a vida e entender a vida? (FLORIÊNSKI, 2012, p. X).

Nota 3 Sobre a perspectiva

O advento da perspectiva e da câmara escura levou a um contingenciamento da visão, localizou o observador no tempo e no espaço. O olho de Deus deu lugar ao olho humano.

Como podemos pensar o estatuto do observador na atualidade, com a profusão de telas, modos de visualização e de produção de imagem contemporâneos?

Nota 4 Nota sobre as notas

Estou gostando de escrever fazendo notas. As diferentes notas não se completam e nem se encaixam perfeitamente. As arestas e espaços vazios entre elas criam uma tensão, um campo de forças que permite conexões não diretamente pensadas por quem escreve. Permite que do texto emergjam múltiplas leituras. Assim, a escrita se aproxima das imagens. Talvez pela quebra da linearidade, a constelação de notas dá conta de abordar o campo da poética com mais propriedade.

Nota 5

Lendo J. Crary: A temporalidade da visão. Percebo que as formas em suspensão que desenho estão ao mesmo tempo suspensas no espaço e no tempo. Seria a sensação de um tempo paralisado, estanque? Acho que não, pois tudo aponta para um estado em suspensão que vai se precipitar, desatar a acontecer, assim como um projeto tensiona o futuro. Há uma iminência ali.

Nota 6 Precariedade

Minha produção sempre transitou no campo da precariedade. Os meios de que lanço mão, em meu trabalho, sempre têm algo de mambembe, de suave. Não faço a grande pintura, não utilizo as técnicas mais tradicionais da gravura. Frequentemente, busco no desenho aludir a algo construtível, mas não construído. Projetado, mas não realizado.

A precariedade, no desenho, advém de seu cará-

ter provisório. Se situa na transição entre ideia e imagem e também entre imagem e realização.

Nota 7

O desenho tem em si algo de transitório. Delineia, traça, projeta. Risca, modela, configura. Muitas coisas no desenho apontam para fora dele, para o mundo, ou para outras materialidades e suportes que podem abrigar aquilo que há de essencial em (quase) todo desenho: a imagem. O desenho está mais perto das ideias. Muitas vezes, transporta uma ideia, sem ser uma ideia. As imagens habitam este campo transitivo entre a ideia e o fato.

Nota 8

Ler e reler. Alimentar o ritmo da prática.

Ler e escrever. Orientar o rumo do trabalho.

Nota 9

Gostar de desenhar e de pensar sobre o desenho me permite uma "dupla captura". Faço e contemplo o que faço, tanto naquilo que desenho como no ato de desenhar. A um só tempo atento à imagem que estou elaborando e à maneira como a estou produzindo. Essa visão dupla, estereoscópica, me permite fazer e pensar sobre o dispositivo do desenho, isto é, os recursos de produção e apresentação dos trabalhos que crio.

Nota 10

Em vários trabalhos, as figuras são responsáveis por indicar o ambiente onde se inserem. Nenhuma outra informação existe sobre este espaço. Não há linhas ou manchas que reforcem a perspectiva além dos objetos representados.

Faço uso de figuras para representar o espaço.

Nota 11

A falha revela o artifício, torna o processo de desenhar aberto à apreciação. O erro denuncia a ficção, revela o espetáculo.

Nota 12

Nos desenhos há, por vezes, uma sugestão de encaixe das formas. Lembram manuais de montagem. Essa perspectiva diagramática desdobra as formas no tempo e entrega ao observador um ponto de vista possível apenas na imaginação.

Nota 13

Às vezes, pergunto-me qual é o objetivo em escrever sobre as imagens que produzo. O objetivo não deve ser esgotar as leituras possíveis, ou tornar mais acessível o trabalho. Deveria ser o objetivo do bom texto apontar caminhos, desdobramentos. Que o texto estimule novas leituras, novos entendimentos e fruições do trabalho e, sobretudo, novas imagens.

Nota 14

Como escrever sobre o desenho de forma a aprofundar seu mistério? Encontrar uma forma de falar sobre a forma. Como fazer o texto nutrir as imagens ao invés de explicá-las? Talvez trazendo para o leitor pistas, sugestões de vias de investigação. Aí a verdadeira vocação didática do trabalho de arte. Dar a ver.

Nota 15

Como é difícil manter o foco na produção de texto. Tudo parece mais urgente, mais importante, mais justificável do que me sentar, me isolar, me reunir comigo mesmo e escrever.

Nota 16

Percebo que o processo de escrita exercita meu desejo de trabalhar com arte; cria aproximações com o universo do trabalho, mas por outra via, por outra perspectiva, a partir de outras ferramentas.

Nota 17

A escrita dispõe de ferramentas muito distintas daquelas do desenho. Carrega potencialidades e vícios também diversos. Noto que o uso que tenho feito da escrita pode exaurir a abordagem mais livre, mais rica da imagem. É necessário evitar o texto que busca explicar a imagem; deve expandi-la, e não normalizá-la.

Nota 18

O talco trouxe um conteúdo pictórico para o processo de trabalho e para a imagem que ainda resta explorar. Polvilhado sobre a chapa entintada, seu uso pretendido era proteger o papel de absorver excesso de tinta. Mas quando usado em abundância, trouxe uma textura solta, atmosférica, incontrolável, abrindo brancos na tinta preta que se aproximam da granulação de cristais de prata na fotografia ou da água tinta na gravura em metal.

Nota 19 Acerca dos desenhos

Meu trabalho começou em uma viagem a Natal, RN. Uma paisagem se repetia a cada vez que saía para passear: uma cerca de madeira com arames farpados sendo engolida pelas dunas móveis da região. Algo que vi naquela linha reta abstrata (absurda?) criada pelo ser humano, sendo apagada pela curva calma da natureza, abriu-me um campo. Mostrou-me uma poética que venho desde então perseguindo nas imagens. Não procuro entender o mistério ou explicar a epifania, apenas me aproximar do estado de assombro que aquela visão me causou e torcer para não esquecer. Para isso, sempre retorno àquela lembrança. É, para mim, a um só tempo, paradoxalmente, um espaço de calma e silêncio organizadores, e também uma usina nuclear de pulsão poética.

Nota 20 Tempo

Um passar do tempo nas imagens.

Certa noção de narrativa.

Figuras se alinham em sequências.

Nota 21

Esse dado de temporalidade no trabalho me remete à música. Há algo musical em jogo nas imagens, mas não sei precisar o que é. Certamente algo da repetição, seu uso expressivo desdobrado no tempo, em que se nota um desenvolvimento. Modularidade e ritmo.

Nota 22

E as máquinas?

Penso nas maquininhas de Bach.

Nota 23

Conversas com L. Manovitch

Algoritmos: alinhar, perspectivar, sobrepor, justapor. Traçar, compor, errar.

Bancos de dados: linhas, planos, espaço. Banco, traves, assento. Cubos, tábuas, manchas.

Nota 24 Perspectiva

Os desenhos criam um ponto de vista, mais ou menos preciso, que situa a posição do observador. O espaço representado também lida com o observador, posicionando-o, localizando-o em

relação à imagem. No início, em meus primeiros trabalhos, o observador via tudo de longe, como uma paisagem distante na linha do horizonte. Logo depois, nos trabalhos que se seguiram, o observador passou a sobrevoar o ambiente representado, em altitudes variadas, sempre mirando para baixo. Mais recentemente, iniciei séries de imagens que o fazem olhar para cima, para algo que está além do seu plano de ação.

Nota 25

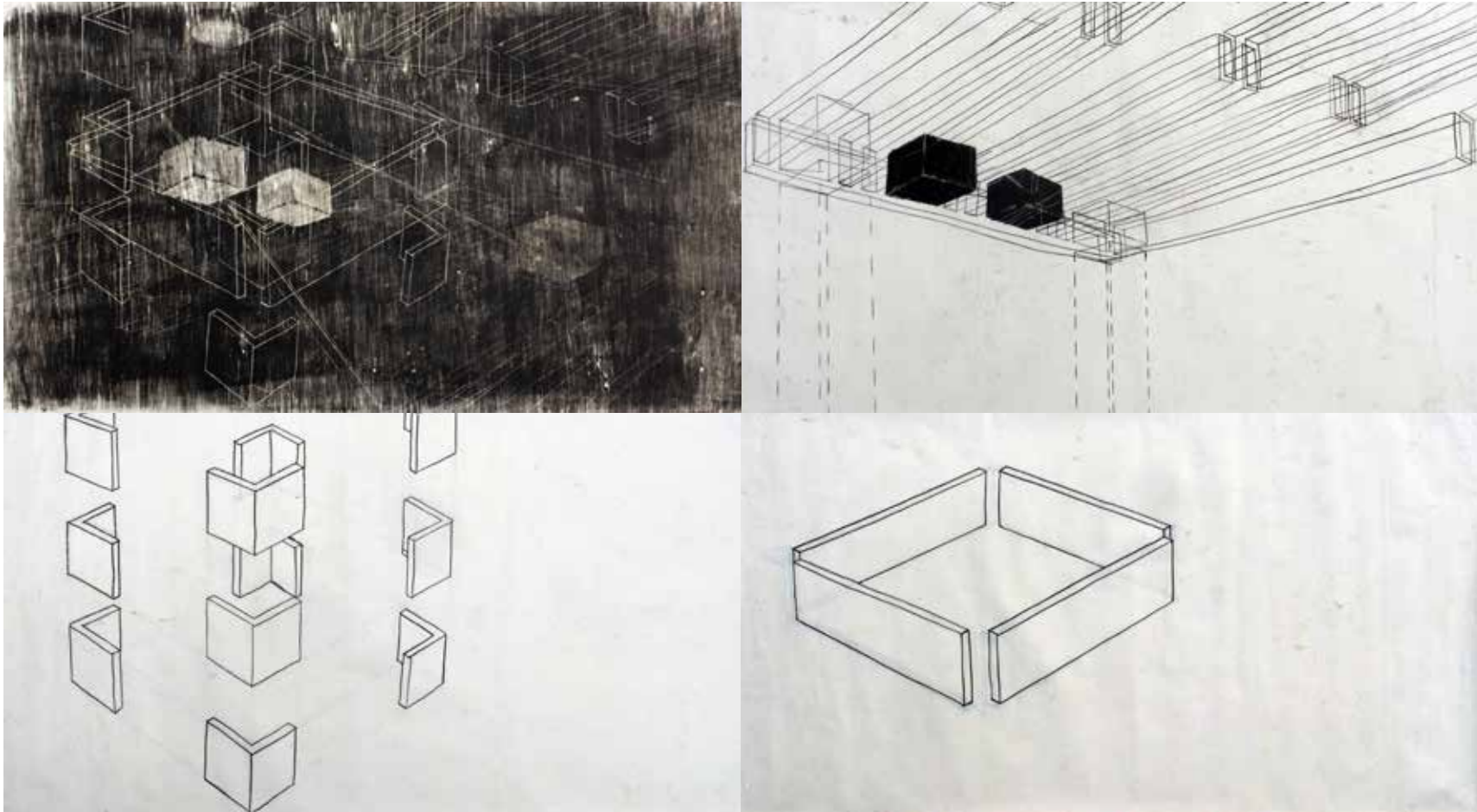
Não estou perseguindo o texto, mas o escrever.

Nota 26

A cada nota compreendo melhor minha escrita. Cada texto pontual, específico, não é um fim em si mesmo, mas compõe o texto geral, um corpo de texto ou uma constelação de escritos que é maior do que a soma de suas partes. Processo análogo acontece entre o desenho e o desenhar.

Nota 27

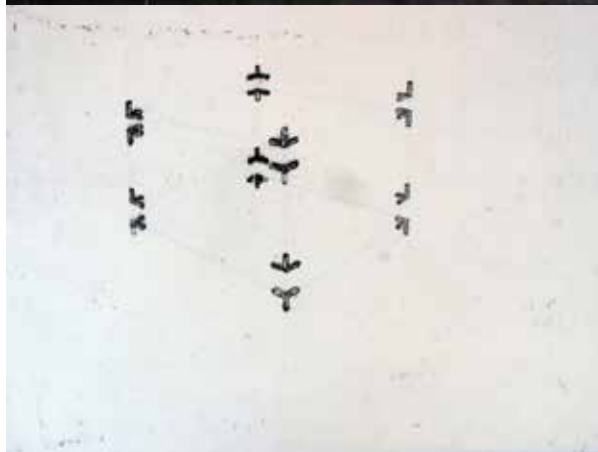
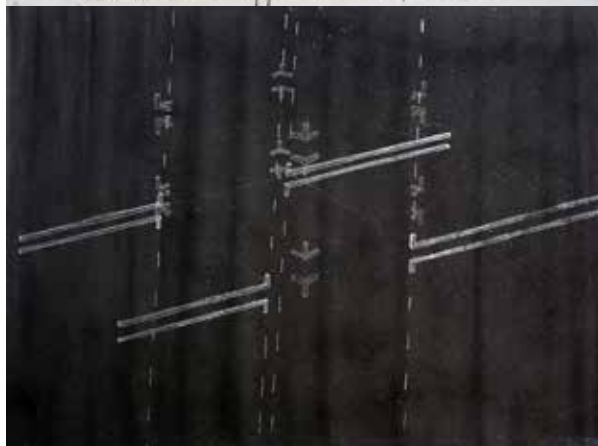
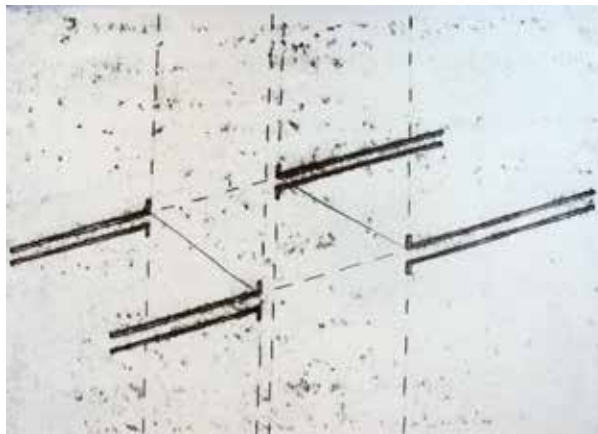
Essa escrita errática, ao sabor do escrever, não solta ou descompromissada, mas articulada e ativada pelo desenho, permite uma produção não programática, sem passos definidos a priori. Ao contrário, ao escrever, vou desvendando assuntos subjacentes tanto ao texto quanto ao desenho, que apontam os próximos passos a seguir.



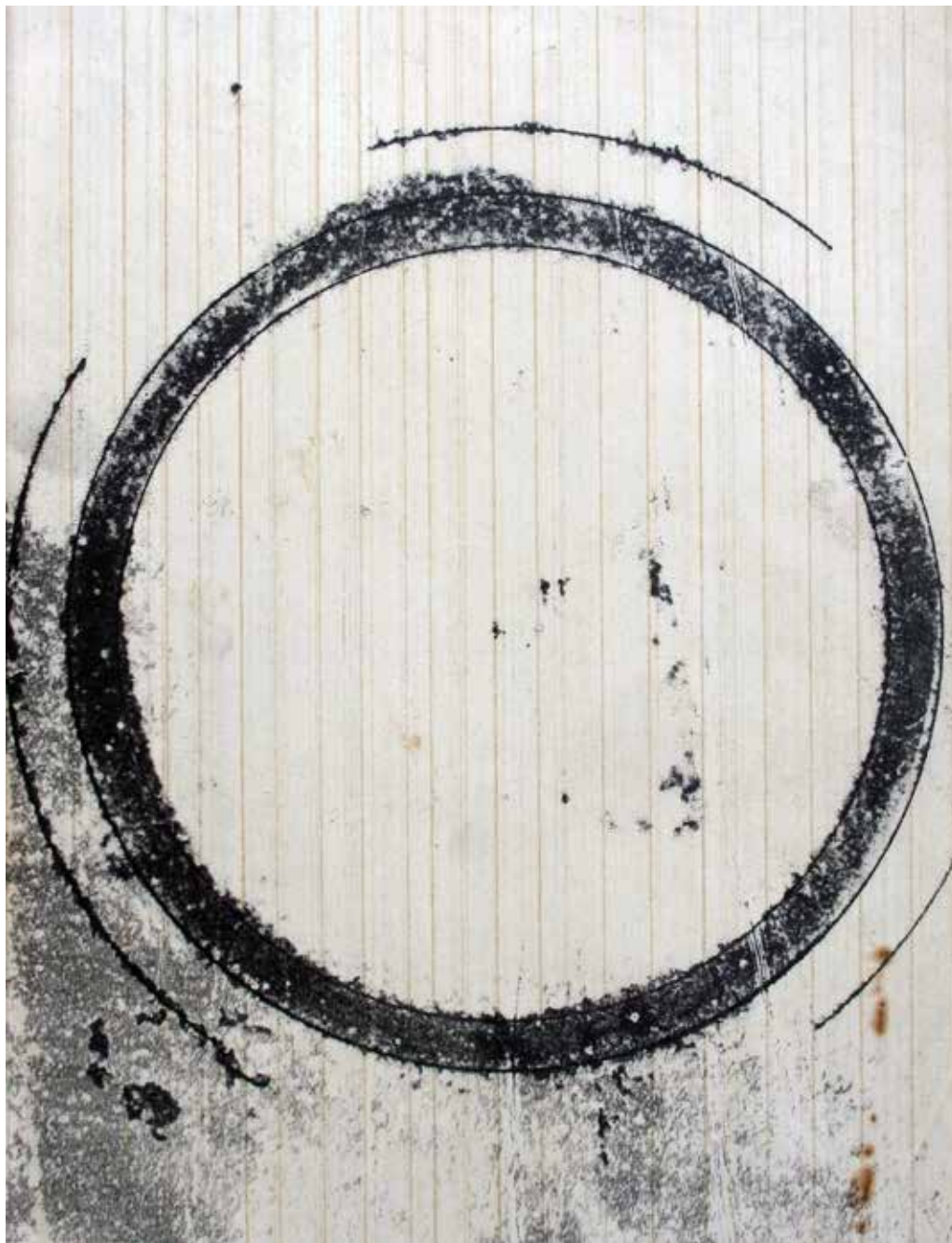
Sem título [poliptico]
2017
Óleo sobre papel
110 x 200 cm



Sem título [tríptico]
2019
Óleo sobre papel
70 x 300 cm



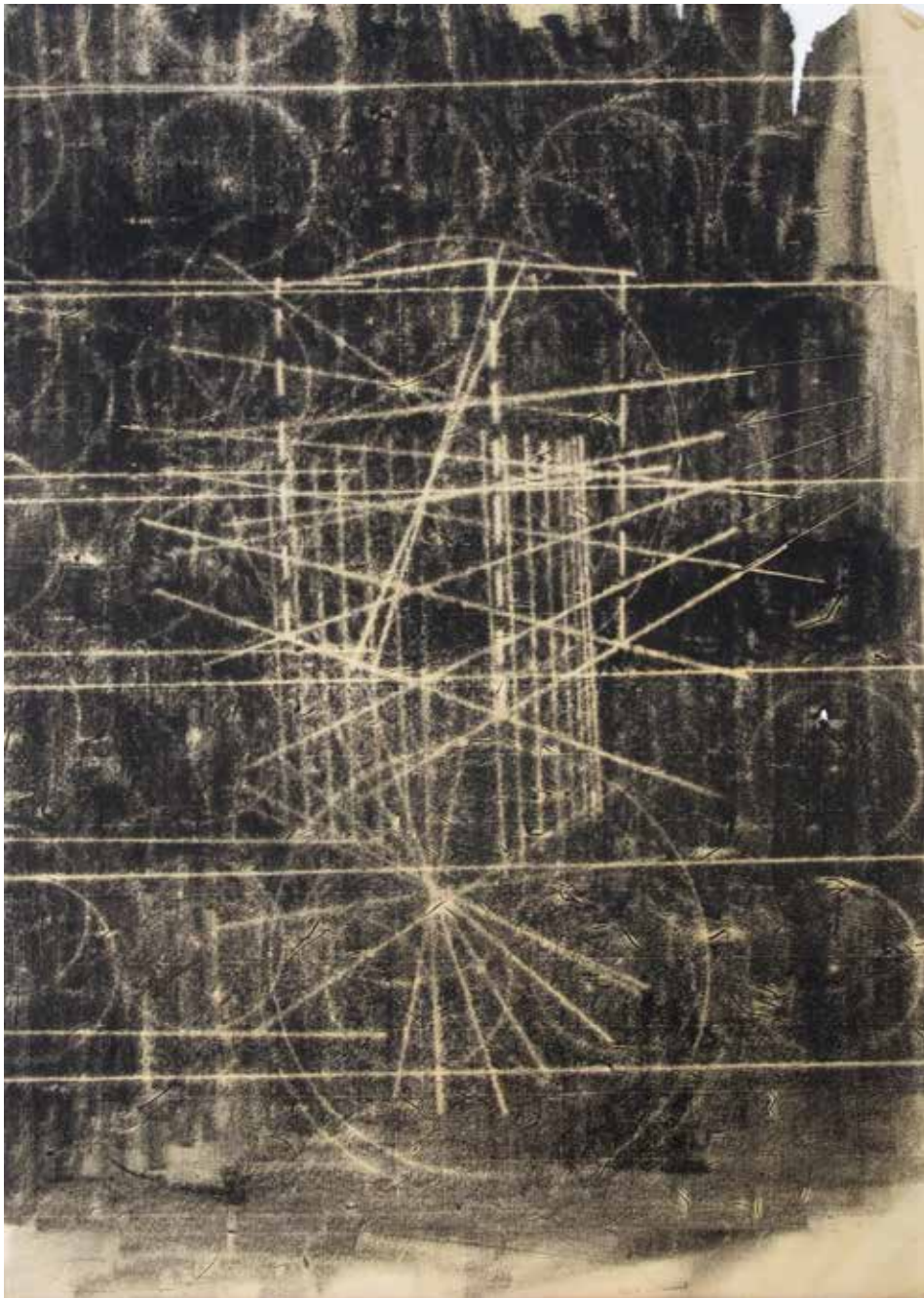
Sem título [tríptico]
2019
Óleo sobre papel
210 x 100 cm



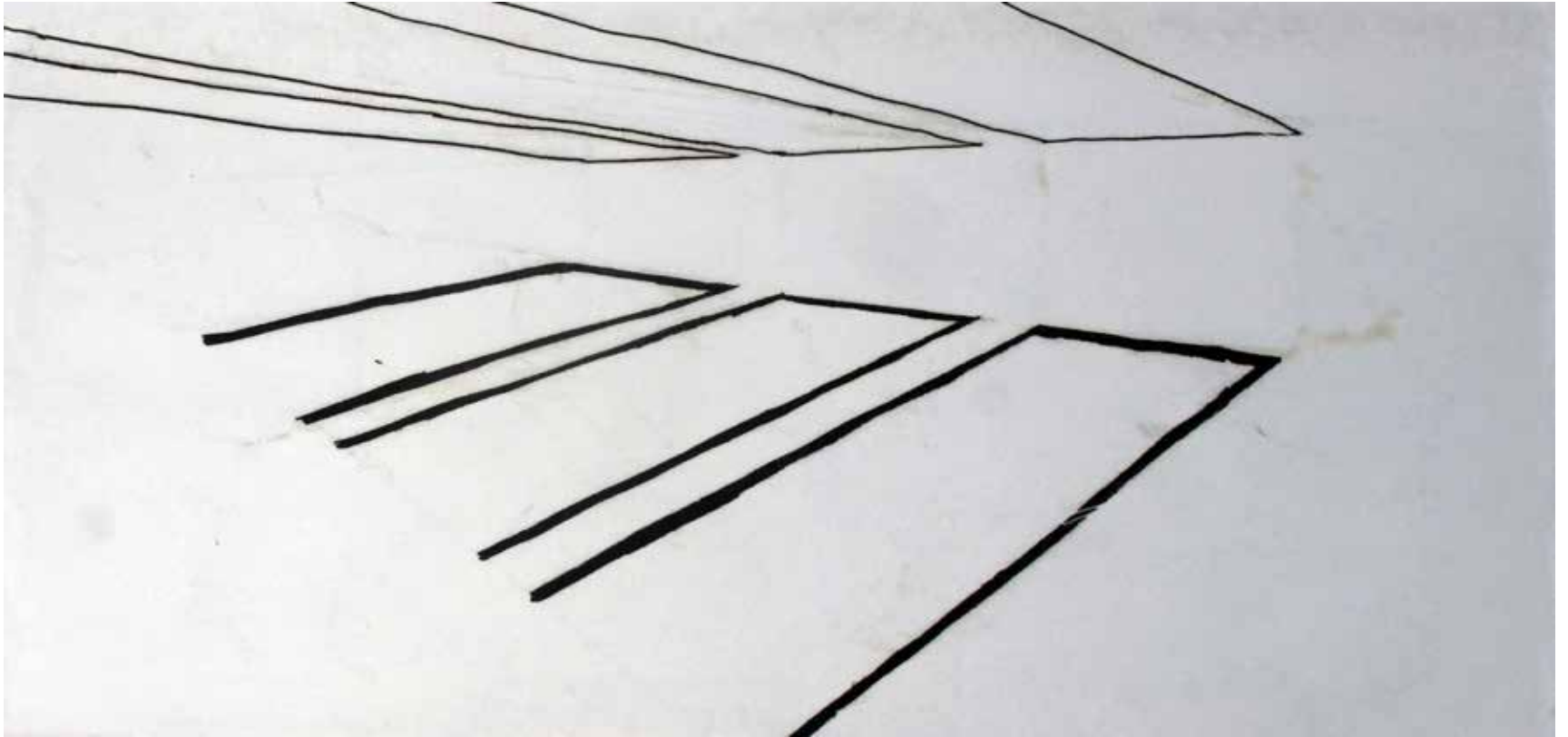
Sem título
2012
Óleo sobre papel
25,5 x 20 cm



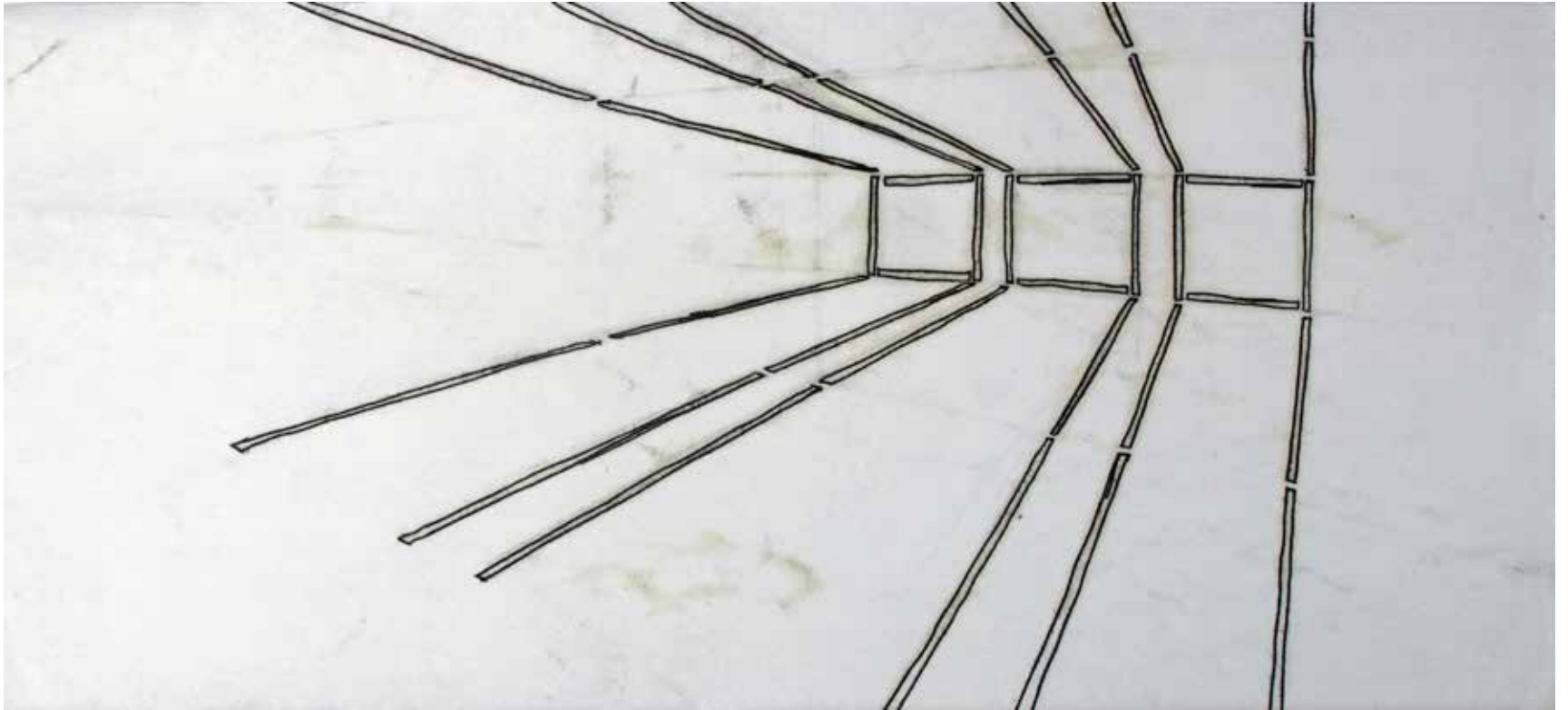
Sem título
2018
Óleo sobre papel
29 x 23 cm



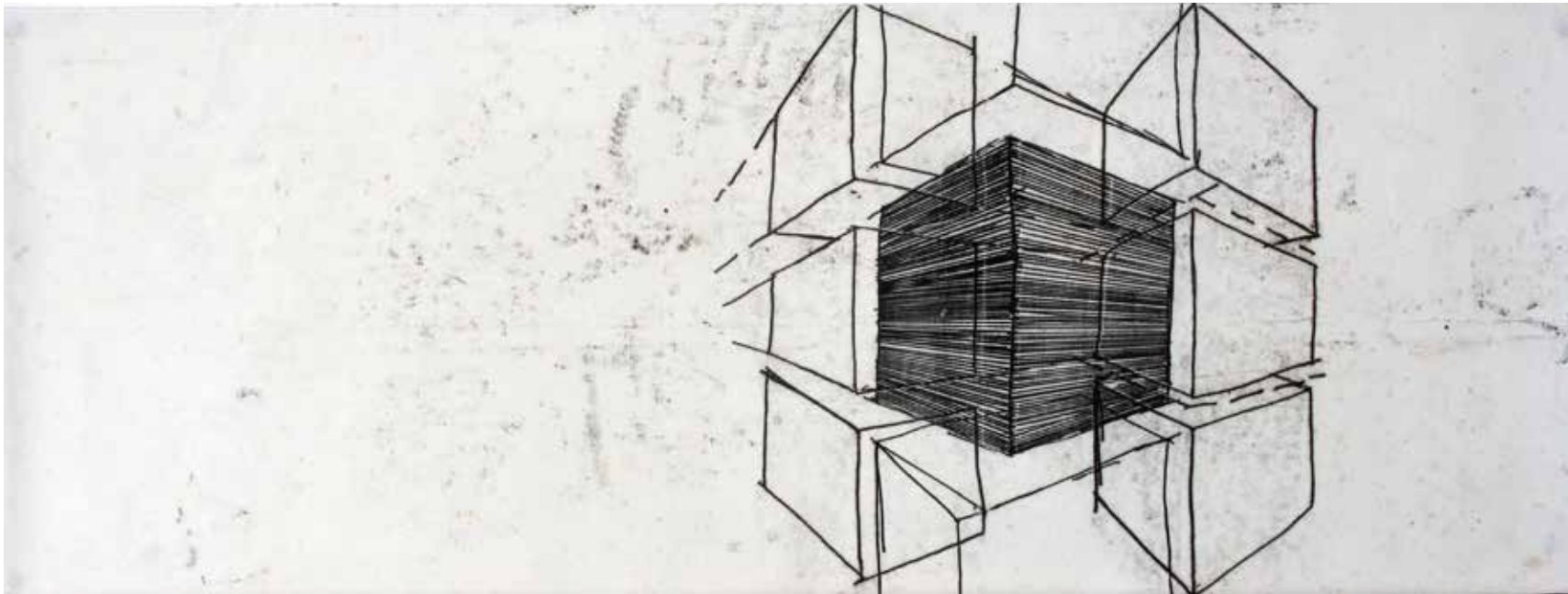
Sem título
2018
Óleo sobre papel
34,5 x 24,5 cm



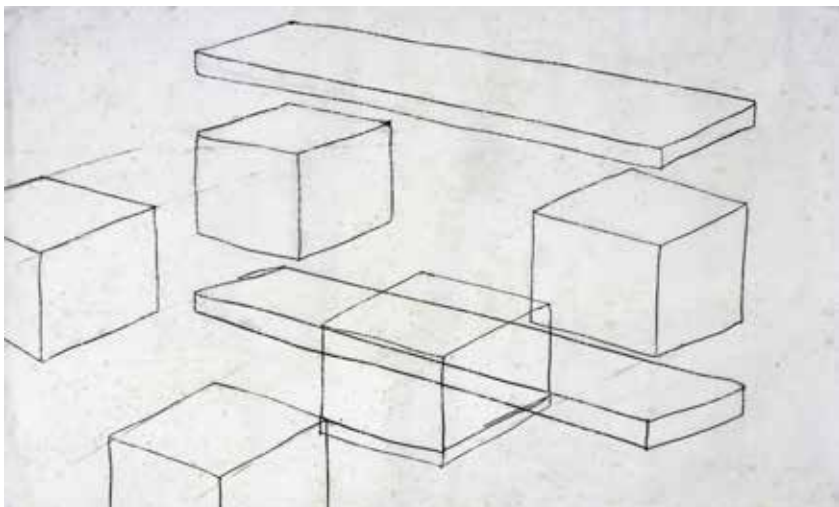
Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 49 x 100h cm



Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 49 x 100 cm

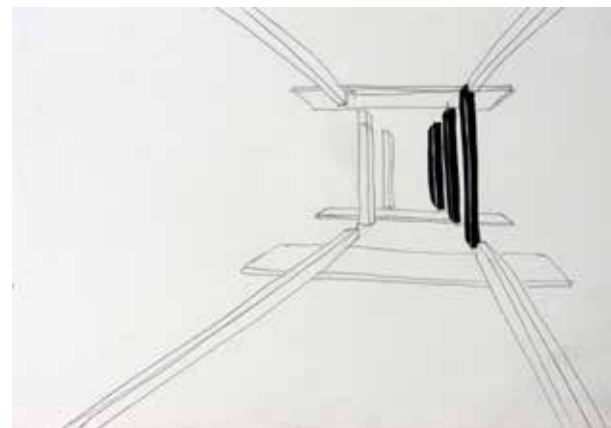


Sem título
2018
Óleo sobre papel
aprox. 40 x 100 cm



Sem título
2019
Óleo sobre papel
42,5 x 70,5 cm

Sem título
2020
Grafite e nanquin sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



Nota 28 Caminhante

O curso do trabalho não se apresenta inteiramente, pois seria a mera aplicação de um programa. A cada passo na jornada os caminhos se desfazem, se refazem, multiplicam ou desaparecem. Se o caminho fosse uma linha, seria variadamente fina, tracejada, torta, trêmula, precisa.

Nota 29 escrita tátil

Em certa metáfora, o modo como estou escrevendo se aproxima mais do tatear, passo a passo, gesto a gesto, a gradual compreensão de uma forma imbricada na prática, do que da capacidade de visão daquela mesma forma, que apreenderia tudo (apenas nesta metáfora precária) de longe, a um só tempo, sem se mover. Gosto da ideia de compor o texto agregando peças que se somam neste processo. Encontro novas peças antes ignoradas ou desconhecidas, para continuar montando.

Nota 30

Talvez nos campos desmatados do hemisfério norte ou em seus simulacros reproduzidos em nossas vizinhanças, uma ave de rapina possa ver tudo, identificar seu alvo e analisar o campo de ação antes de iniciar seu mergulho. Mas na mata fechada, tão prenhe de possibilidades, até o predador precisa se perder, entrar no labirinto e improvisar.

Nota 31

Aprender a conviver com o mistério na escrita como convivo com ele nas imagens.

Nota 32

Será que a tela mental se marca com o tempo, ficando como uma sobreposição de negativos velhos e desbotados?

Nota 33

Será que nesta tela, queimada como um televisor de tubo antigo, as imagens já vistas pré-configuram nossa percepção de novas imagens, assim como um filtro, um paradigma do que seria a realidade visível?

Nota 34 Conversando com Hans Belting

O muxarabi permite ver sem ser visto. Permite a criação de um orifício para olhar através, em uma operação em parte análoga à da câmara escura. Situa o observador no limiar entre dentro e fora, e fixa sua posição.

Nota 35 Vazio/intervalo

A aproximação de duas figuras dá a ver o espaço entre elas. O vazio é assunto do desenho. Delimita, define o campo, sugere. A linha delimita, estabelece, marca, corta. Mas ela não é em si mesma: o espaço ao redor a configura, a conforma. O desenho cria um campo, modela o vazio.

Nota 36

A imagem como um campo de forças e a possibilidade de criar ou brincar, jogar com estes campos de forças.

Nota 37 Desenhar e escrever

Focado na escrita, me descuidei do desenho. De repente, perdi o objeto primeiro do estudo e foquei apenas no estudar. O jogo que estou propondo neste mestrado é um movimento pendular contínuo entre escrita e figuração.

Nota 38

Saudades de praticar mais explicitamente o jogo. A Interação como forma de arte.

Propor jogos, propostas de arte que tenham uma estruturação algorítmica.

Eu -> Outro -> Obra (experiência)

Proposta -> interação -> múltiplos resultados

Regras do jogo (algoritmo)->input externo -> print

Nota 39 Pensando a imagem em camadas

No desenho, está presente desde sempre certa modularidade nas operações de sobreposição, de recorte e transposição de imagens entre diversos suportes. O desenho, se entendido como uma espécie de língua franca da visualidade, facilita operações de adição e subtração, de análise e síntese, de manipulação de imagens muito antes

de a gravura tornar as imagens coisas reprodutíveis e intercambiáveis.

Nota 40

Composição e decomposição da imagem em camadas.

Faço uso desse processo sempre.

Nota 41

Se não for divertido, não vale a pena.

Nota 42

Peças se combinam e recombinaem; se sobrepõem, acumulam; se perfilam e se repetem. Às vezes, é uma tipologia de peças retiradas de seus contextos, de suas paisagens, recortadas e sampleadas pelo desenho, em outras, são peças pertencentes ao mesmo léxico, ao mesmo banco de dados, articuladas em novas imagens.

Nota 43

O princípio da colagem, de retirar algo de seu contexto e reposicioná-lo em outro espaço, desde Braque, teria relação com o princípio de divisão de impressões que advém do campo da gráfica, desde a xilogravura? Ou por outra via: o que seria do cubismo sem o jornal?

Nota 44

Desenhos carregam imagens. Imagens são como peças, podem ser reposicionadas, copiadas, retiradas, sobrepostas. Pensar sobre o fazer imagens é também reconhecer que há algo de profundamente manual neste ofício. Uma lógica manual, espacial.

Nota 45

Desenhos são feitos com papel, grafite, tecido, tinta. Desenhos transportam imagens. Uma mesma imagem pode ser desenhada de diversas maneiras e com materiais diversos. E cada nova maneira de desenhar engendra também uma nova imagem.

Nota 46

O dípticos e trípticos tornam visíveis as camadas de impressão. Revelam o processo. Trazem uma brincadeira de exibição do dispositivo que me interessa muito.

A dualidade traz o reflexo, o trio sugere o processo.

Confronto com dois, movimento com três.

Nota 47 Forma em conflito

Busco imagens críticas. Imagens prestes.

As imagens em suspensão têm algo de fotográfico também. São desenhos-instantâneos. Fixam um recorte no tempo e, ao estabelecerem o ins-

tante preciso, indicam, sugerem tanto seu passado como seu futuro.

Reminiscência e iminência.

Nota 48

O caráter projetual dos desenhos, a imagem daquilo que pode vir a ser, provoca uma ação no espectador: a de antecipar algo, de sentir o desdobramento da imagem no tempo. O instante que vai se precipitar. O desenho de projeto ativa e apresenta um campo de possibilidades; cria um movimento interno no observador que é o de imaginar um devir para a imagem que está diante de si.

Nessa situação, o desenho traz uma contradição: transporta a imagem, mas, na condição de veículo, é transitório. Carrega uma informação imaterial que pode se precipitar em diversos outros meios.

Nota 49

Esta imagem tem algo que me intriga. Há uma certa incompletude que a torna dinâmica. O olho não consegue informações conclusivas a respeito dos "objetos" representados. Ora são formas, ora objetos.

As linhas se perdem. Delineiam objetos mas são contraditas por outras linhas, mais soltas e descompromissadas com a representação do que quer que seja. Algumas são linhas e ponto. Sua única preocupação ou serventia é participar na criação de uma espacialidade para a imagem.

Nota 50 Linhas são feitas com o corpo

Quando você se dá conta de que o seu movimento é lembrança de outros movimentos que foram feitos no passado. A ação no presente vivencia o passado como sobreposto. Uma linha carrega em si não apenas a lembrança visual de outras linhas já traçadas e vistas, mas também uma memória corporal, física, do movimento. Linhas são feitas com o corpo.

Nota 51 Tempo

Como o tempo passa na imagem? A percepção se desdobra no tempo, o olhar percorre o campo e desvenda formas, cria e reconhece relações. Uma imagem pode parecer ser um instante de algo, indicando um antes e um depois. O instante congelado no desenho sugere uma história das coisas ali representadas.

Nota 52 Instruções para construção

Desenho como quem cria instruções para construção. Esta peça se junta com aquela, formando um ângulo de 90° . Repita a mesma operação com duas outras peças semelhantes. Então, junte estas duas partes, formando um quadrado.

Por que tantos quadrados? ngulos retos, linhas paralelas...

Todas as dores do mundo se apaziguam no alinhamento de dois traços.

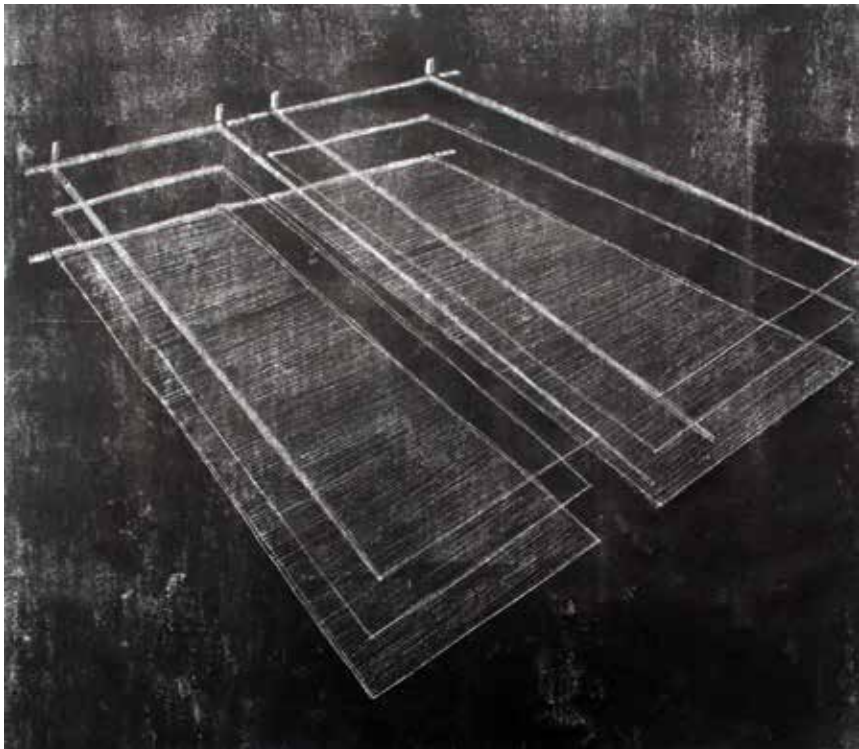
Não vejo dureza nem rigidez nos quadrados e retângulos. Especialmente quando apresentados em perspectiva oblíqua, eles se expandem. Cada

linha, cada aresta contida no quadrado silenciosamente se estende ao infinito. E lá, onde a vista já não mais alcança, toca a gente. Isso é para dizer que o desenho trata do visível e também do invisível. Do possível e do impossível.

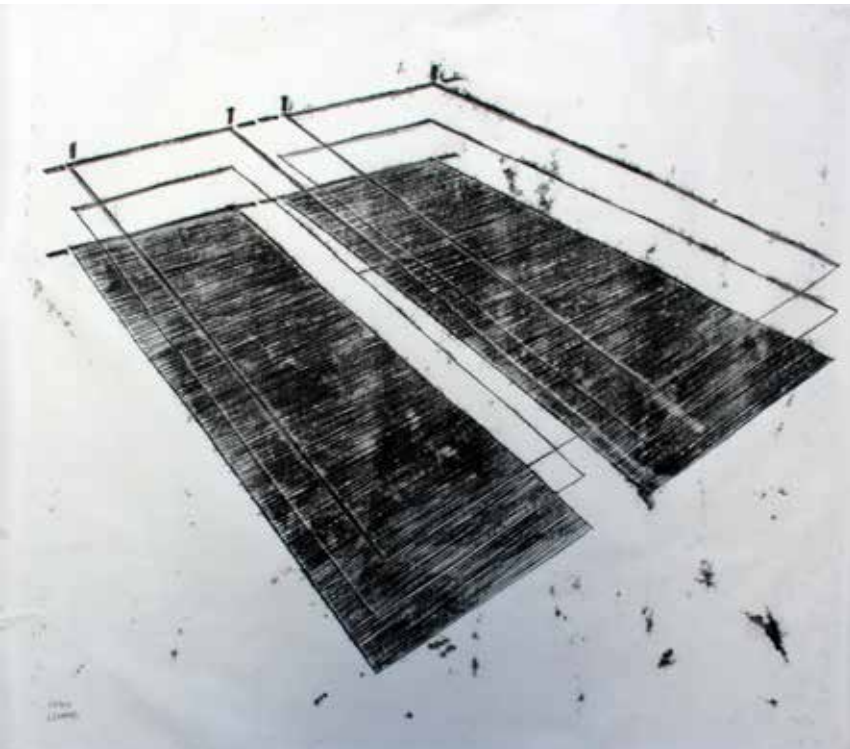
Nota 53

Delinea-se ali, no infinito, um horizonte diferente, que não marca o encontro entre o céu e a terra, mas entre a imagem e o olho.

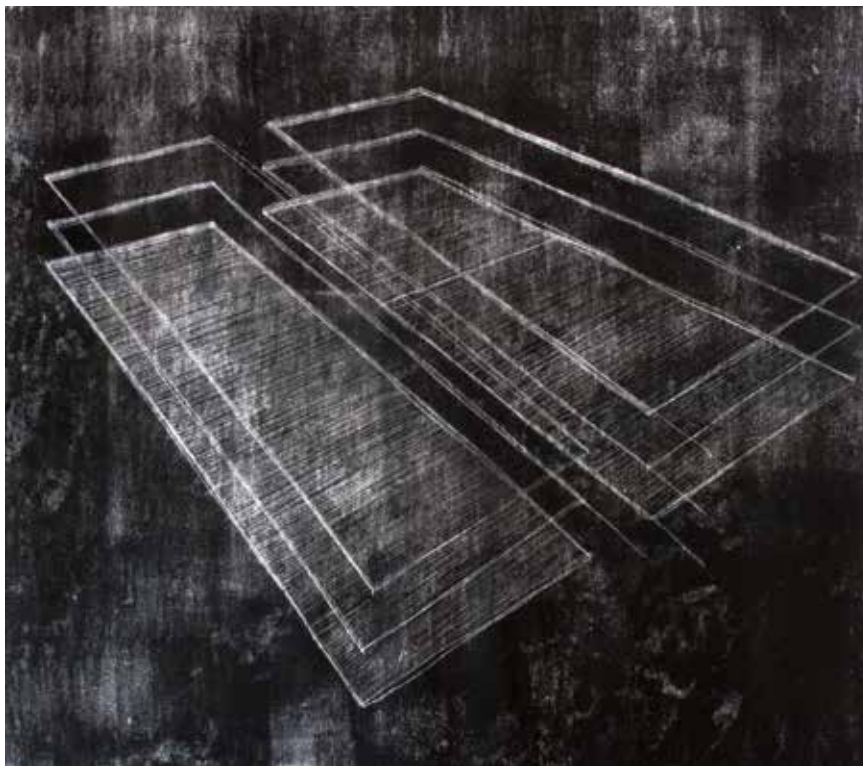
Talvez no horizonte haja um espelho.



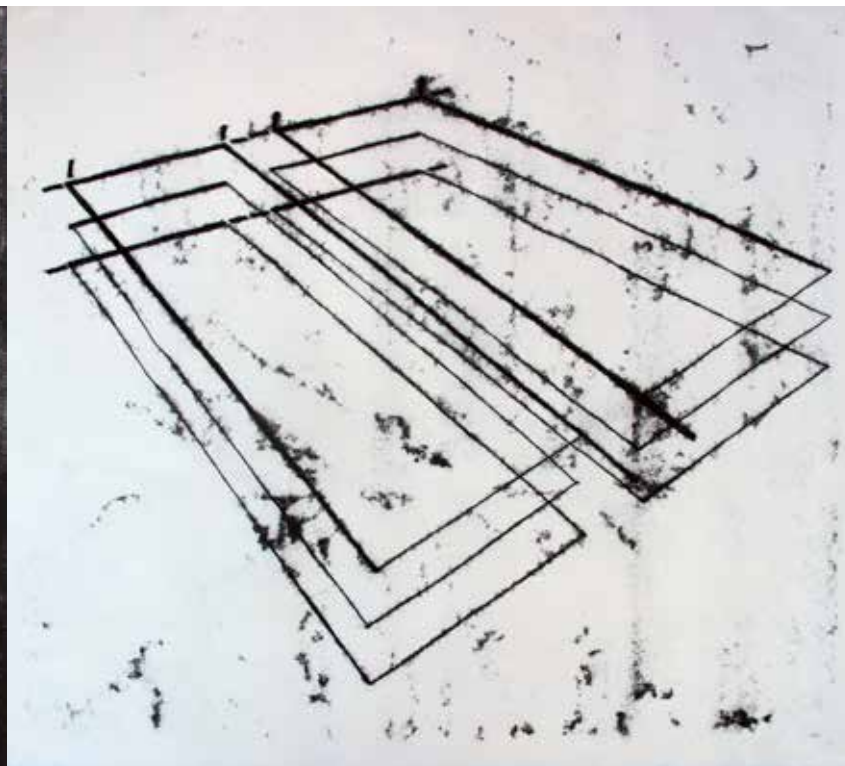
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



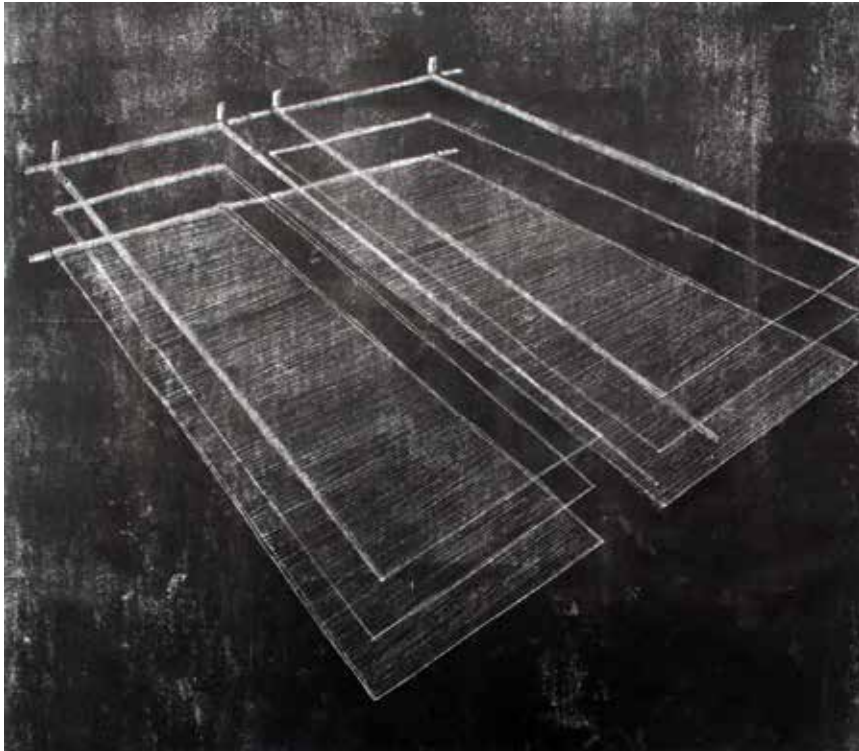
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



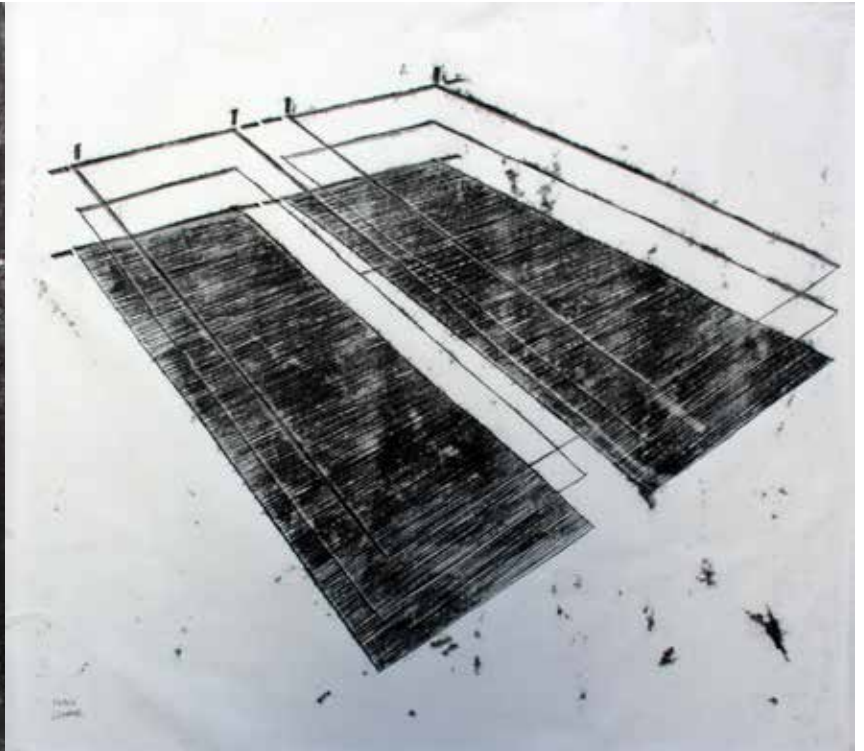
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



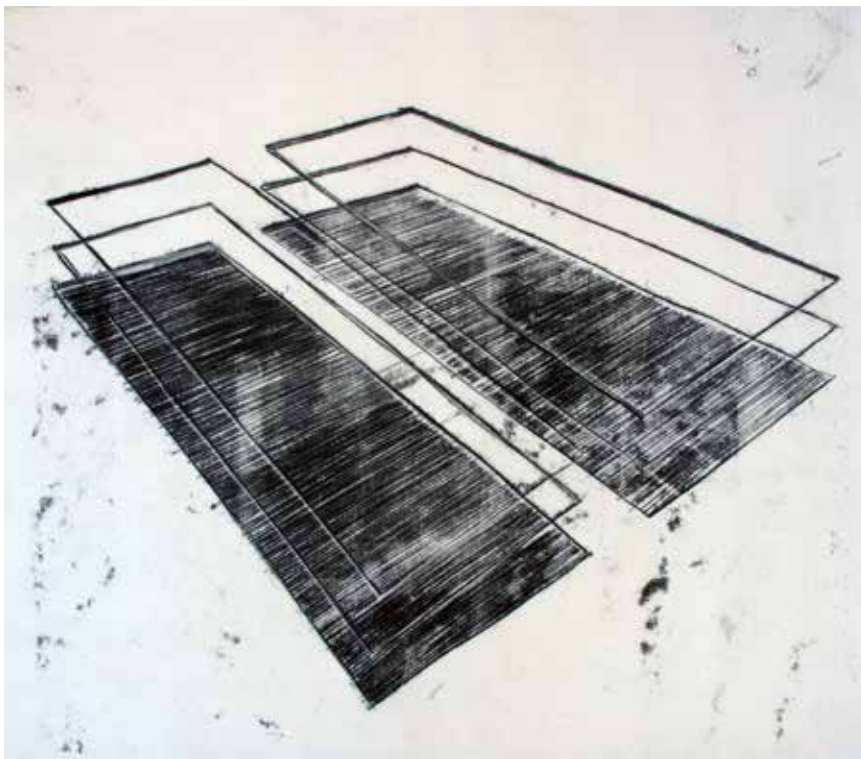
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



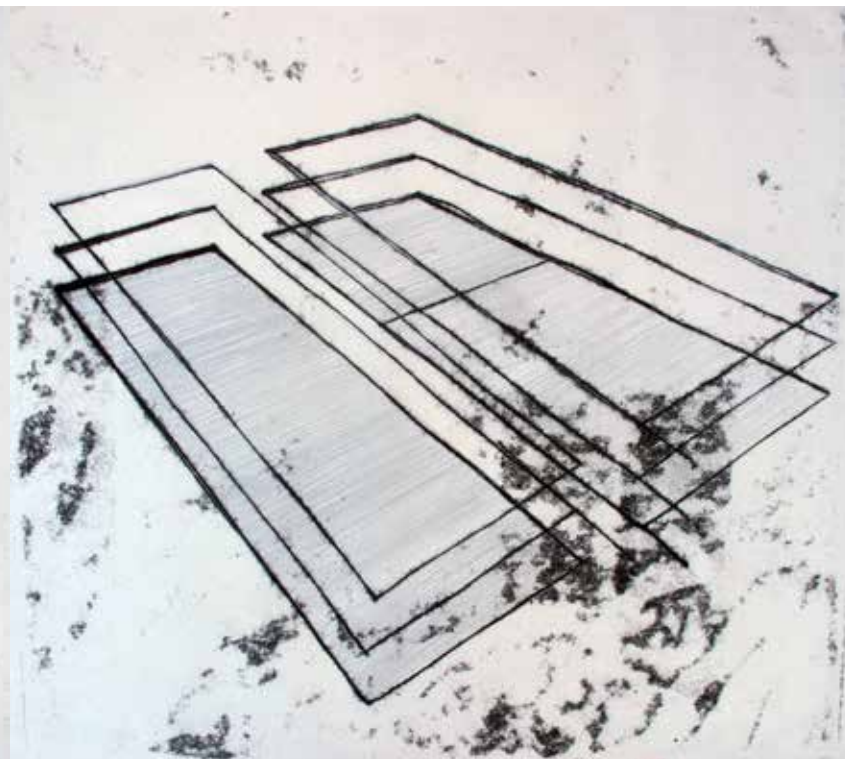
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



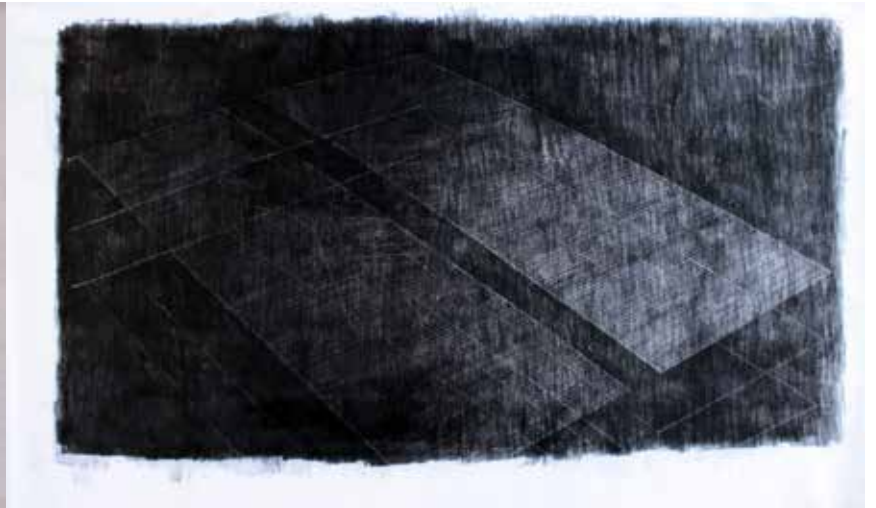
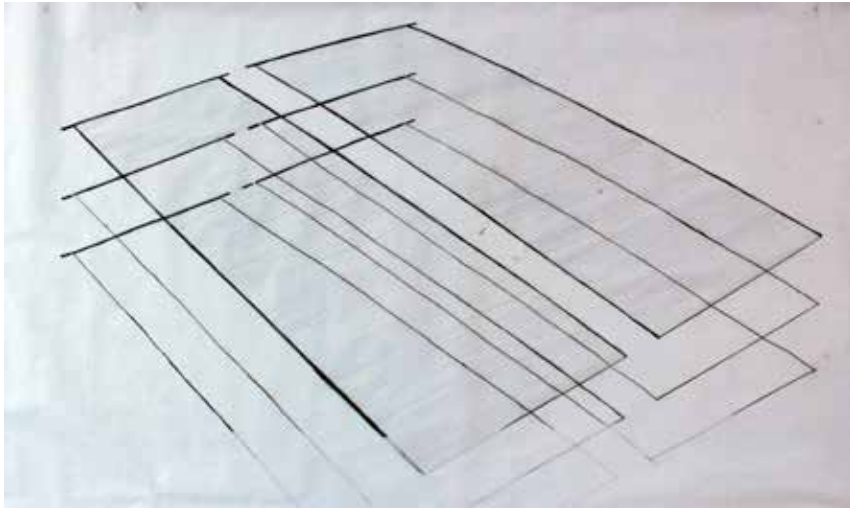
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



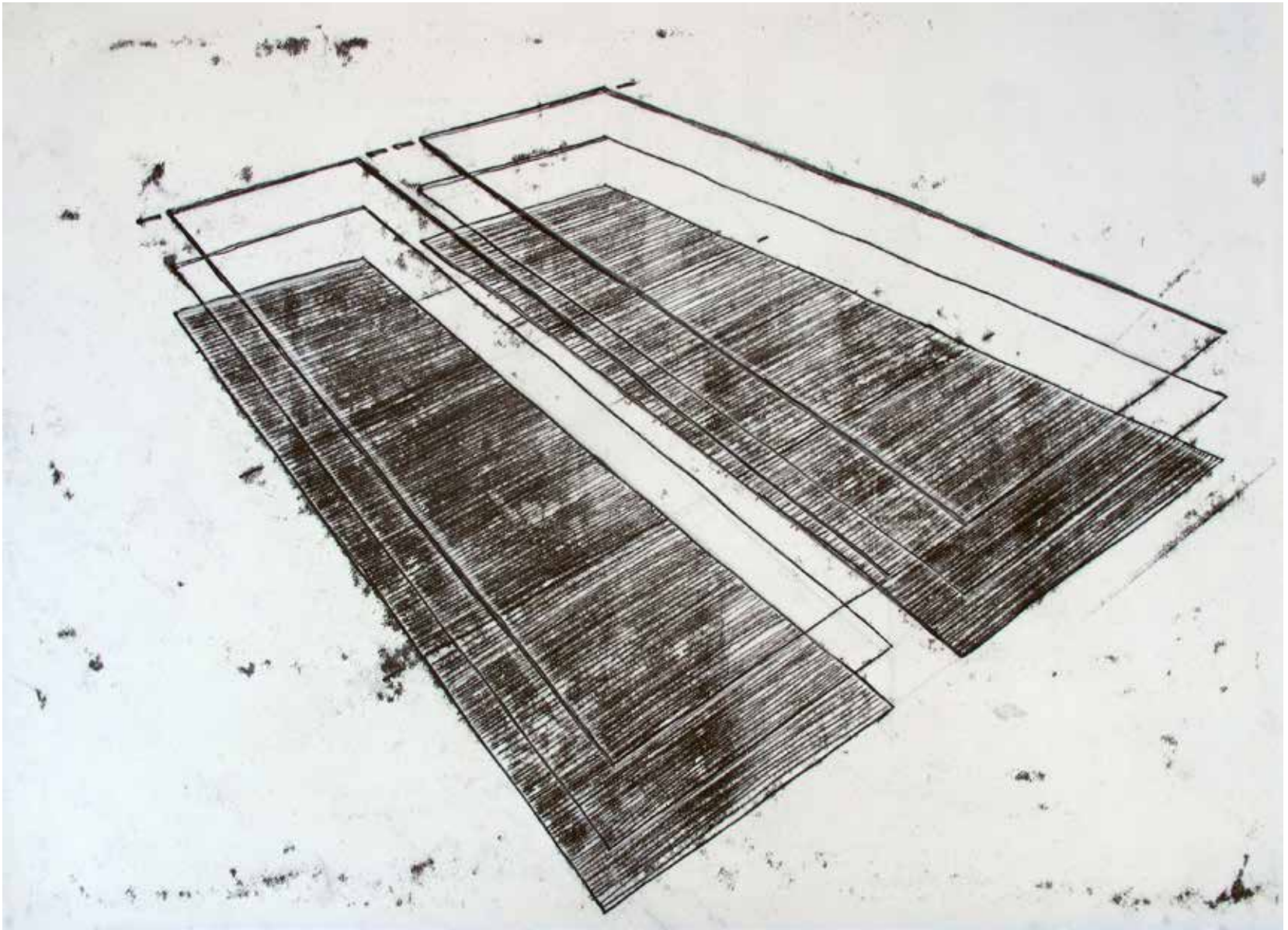
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



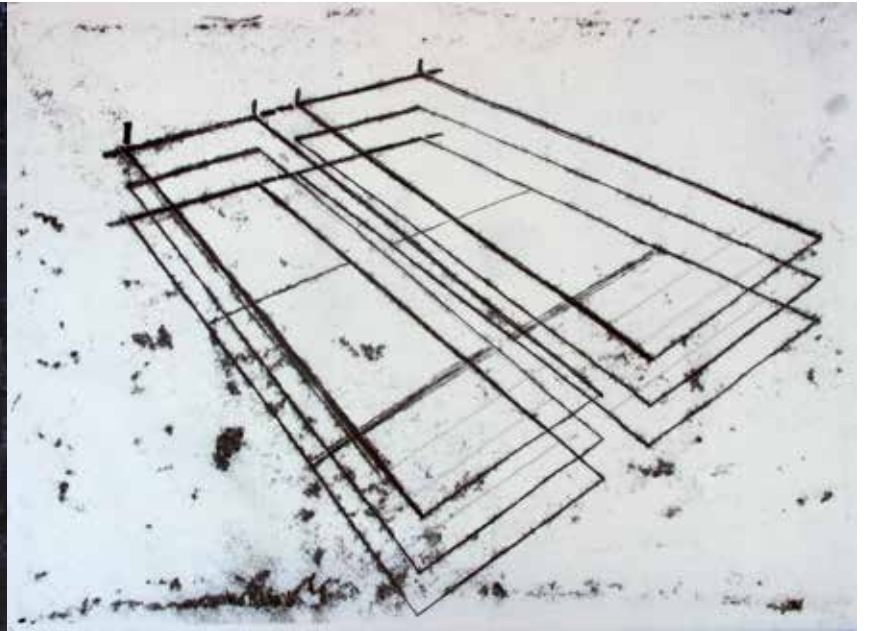
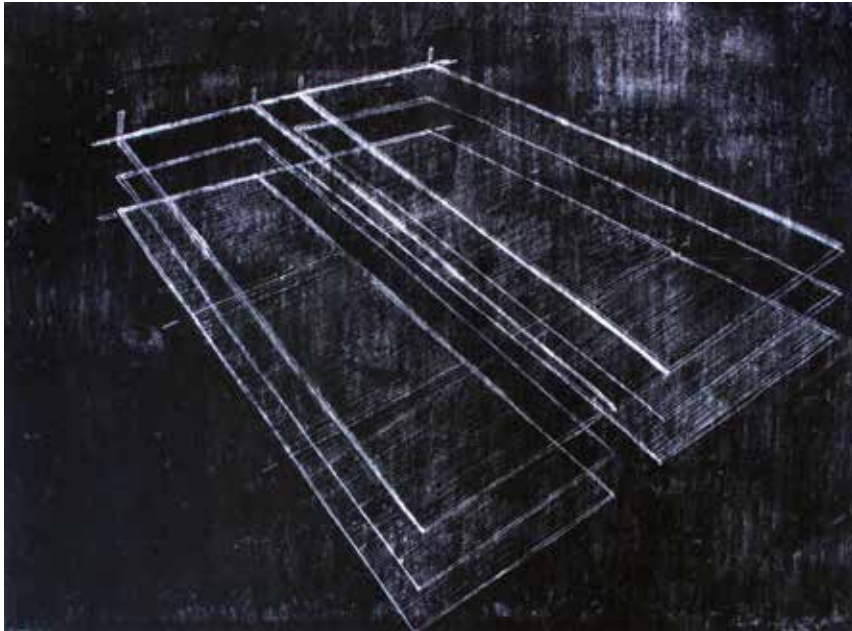
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm



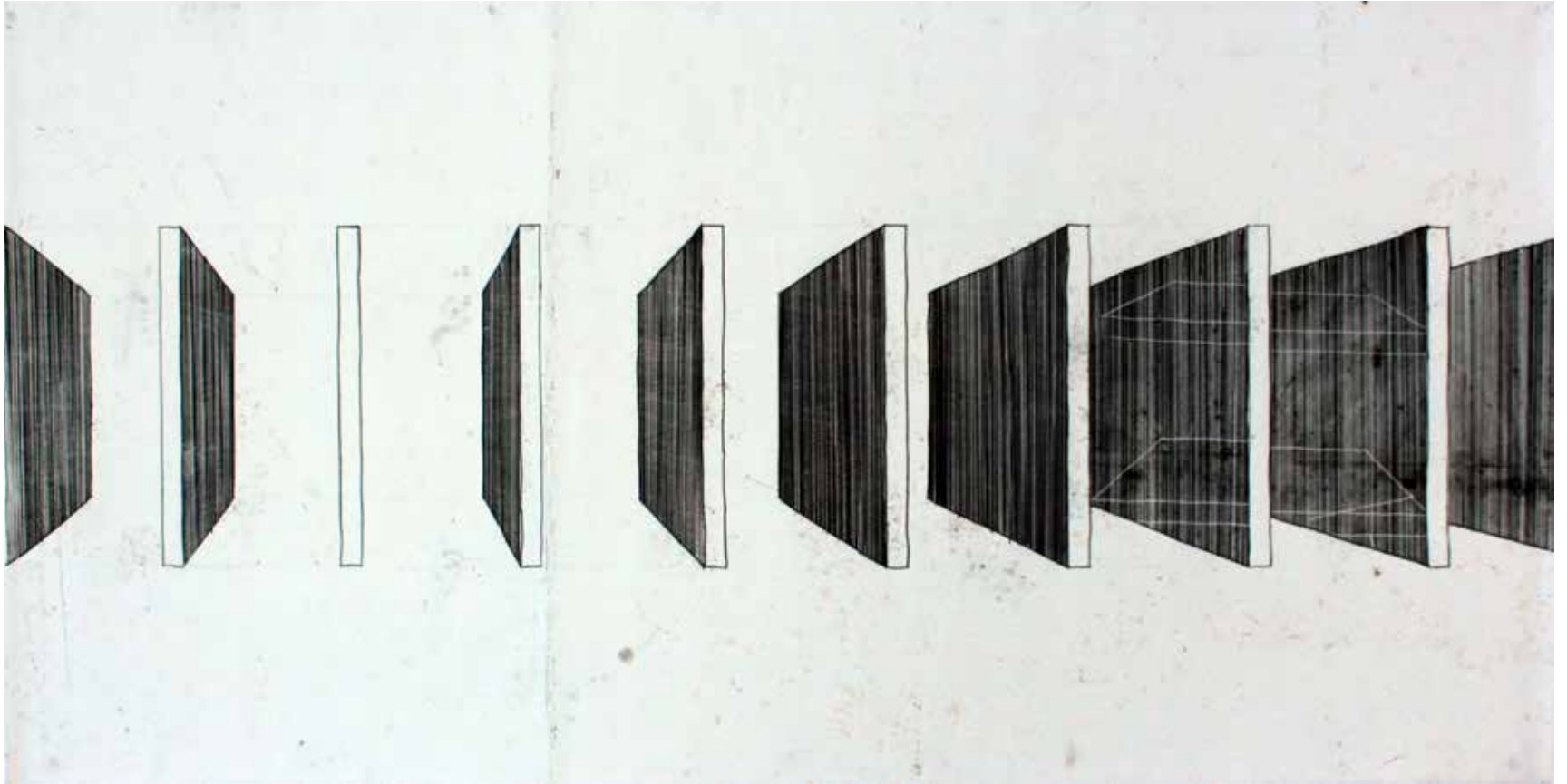
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 300 cm



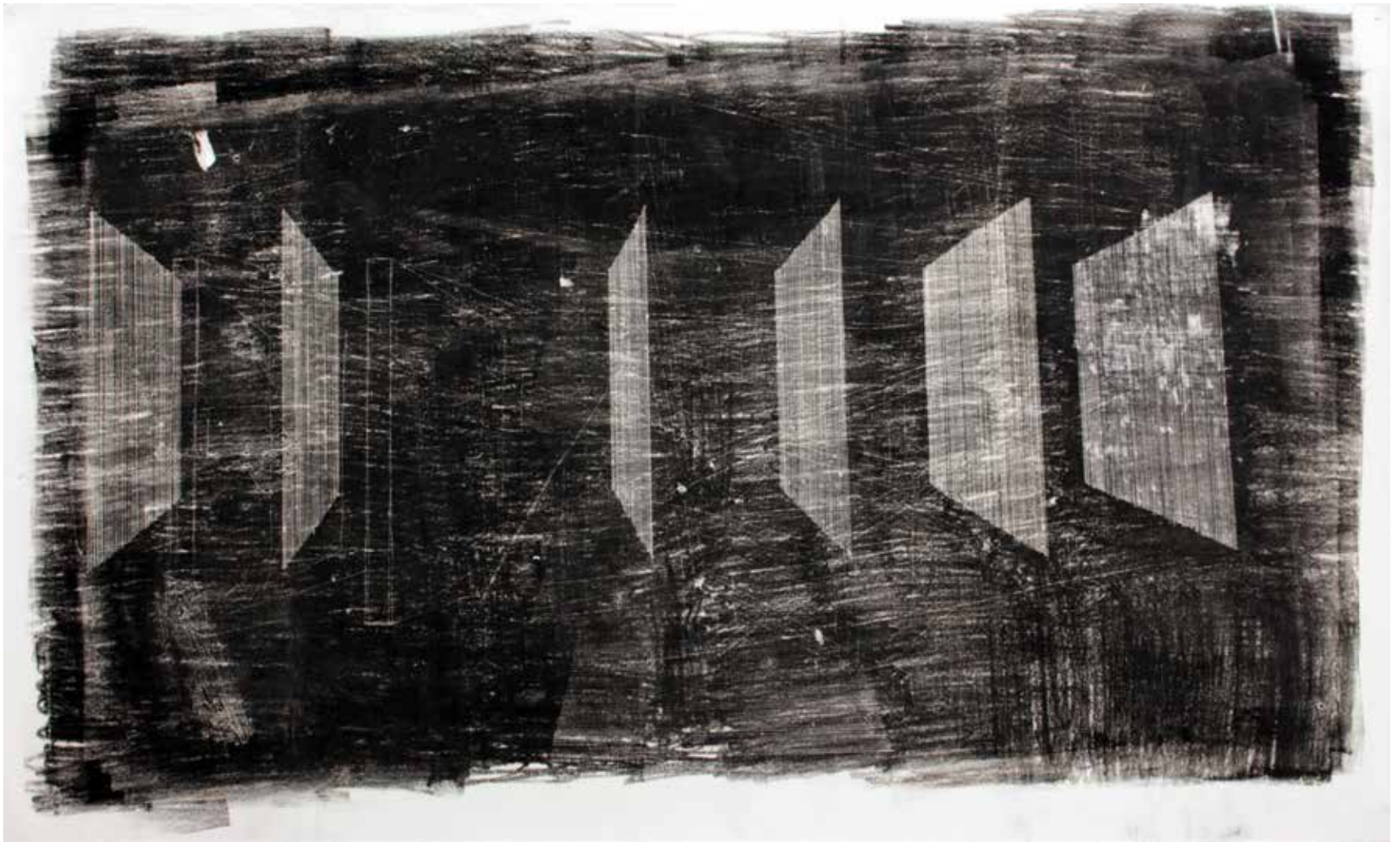
Sem título
2020
Óleo sobre papel
72 x 79 cm



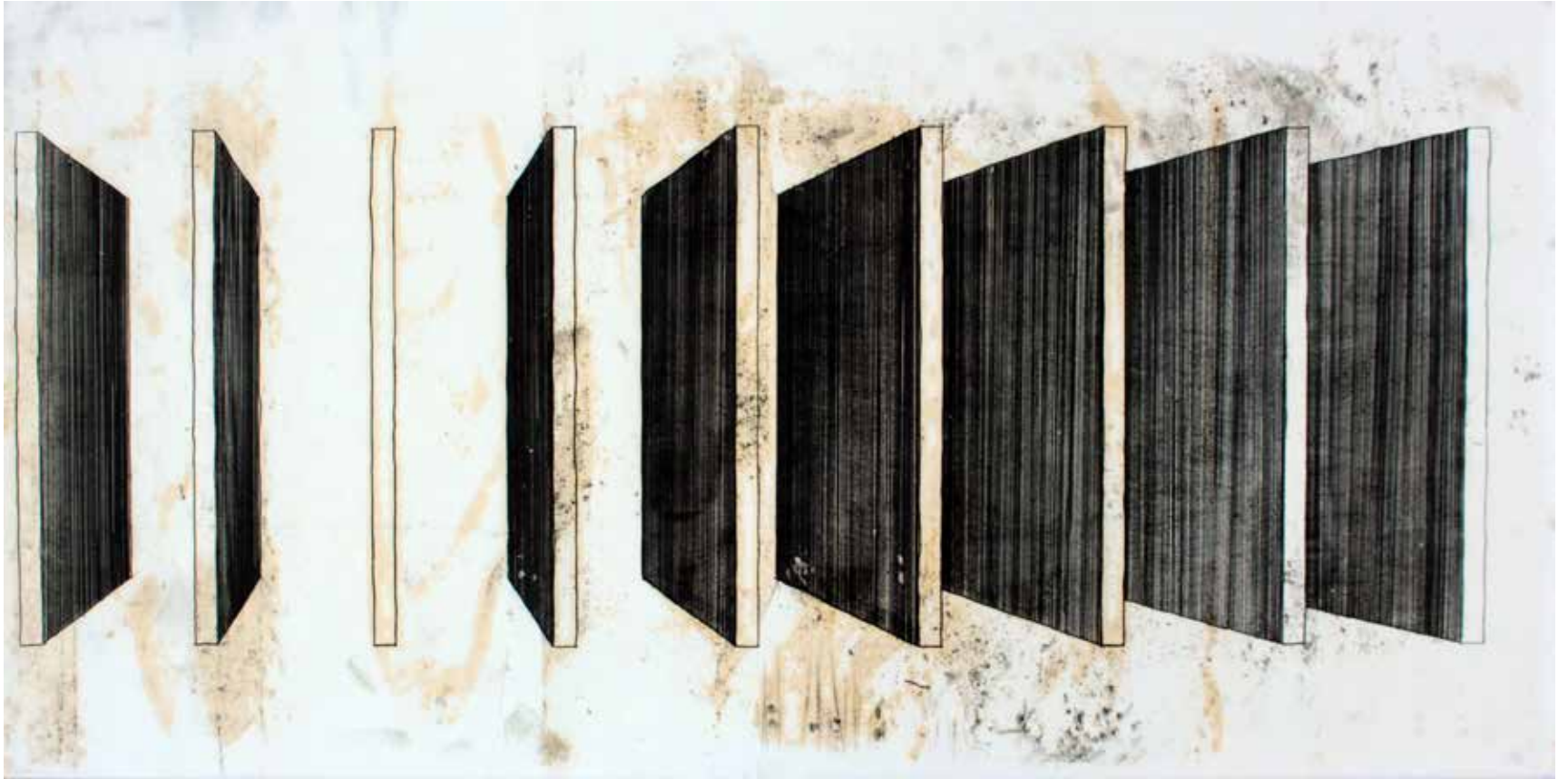
Sem título
2020
Óleo sobre papel
72 x 160 cm



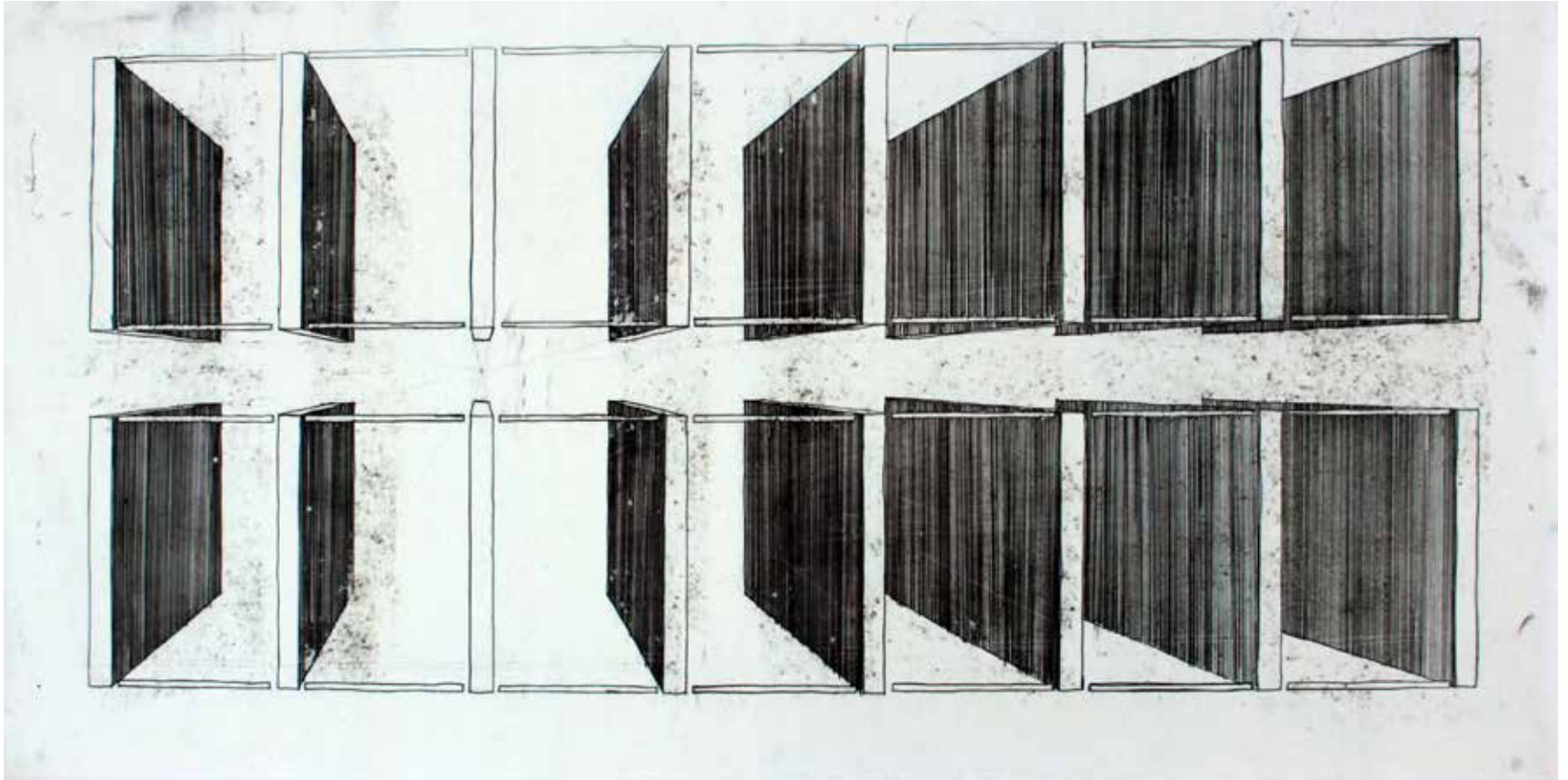
Sem título
2018
Óleo sobre papel
70 x 138 cm



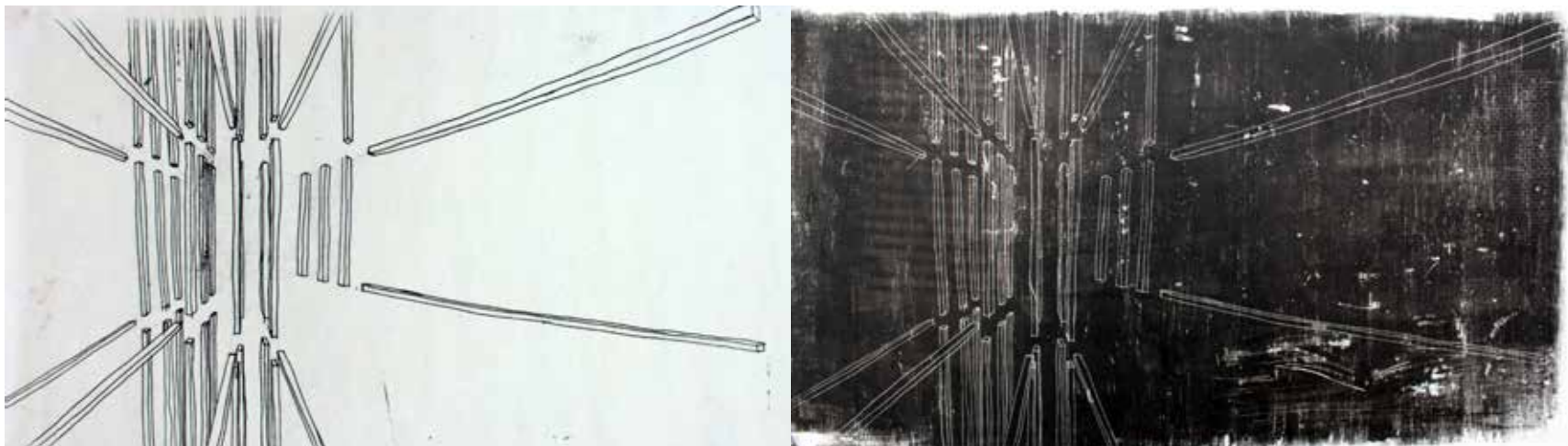
Sem título
2018
Óleo sobre papel
aprox. 70 x 110 cm



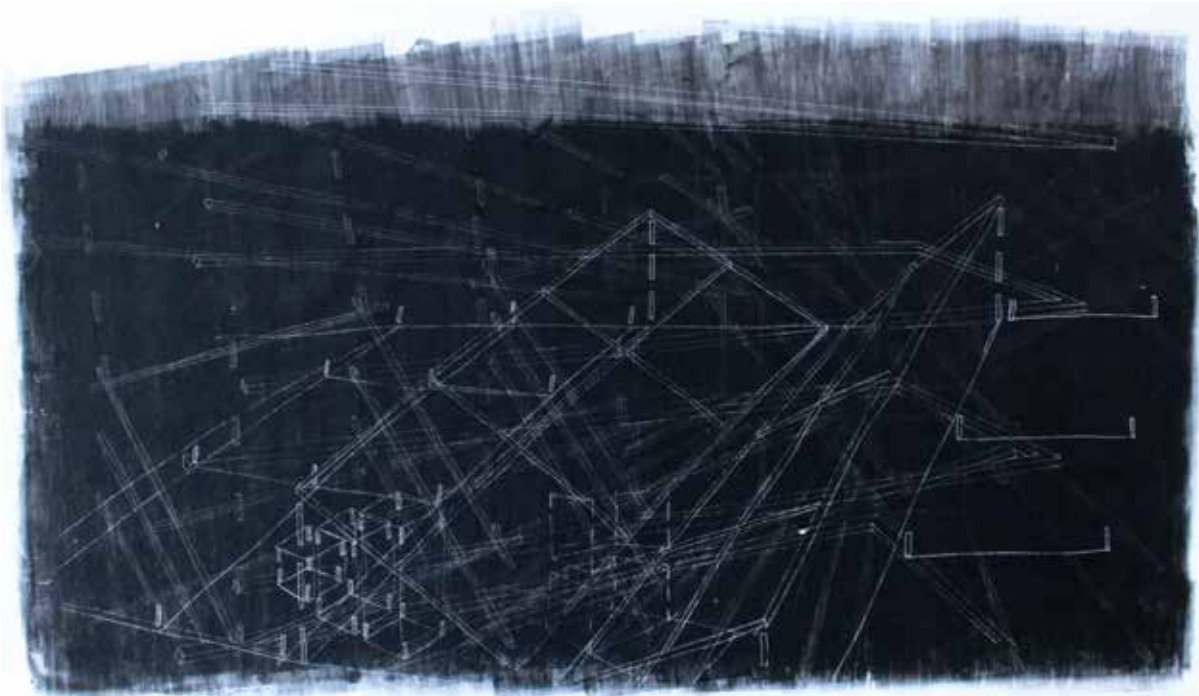
Sem título
2018
Óleo sobre papel
70 x 138 cm



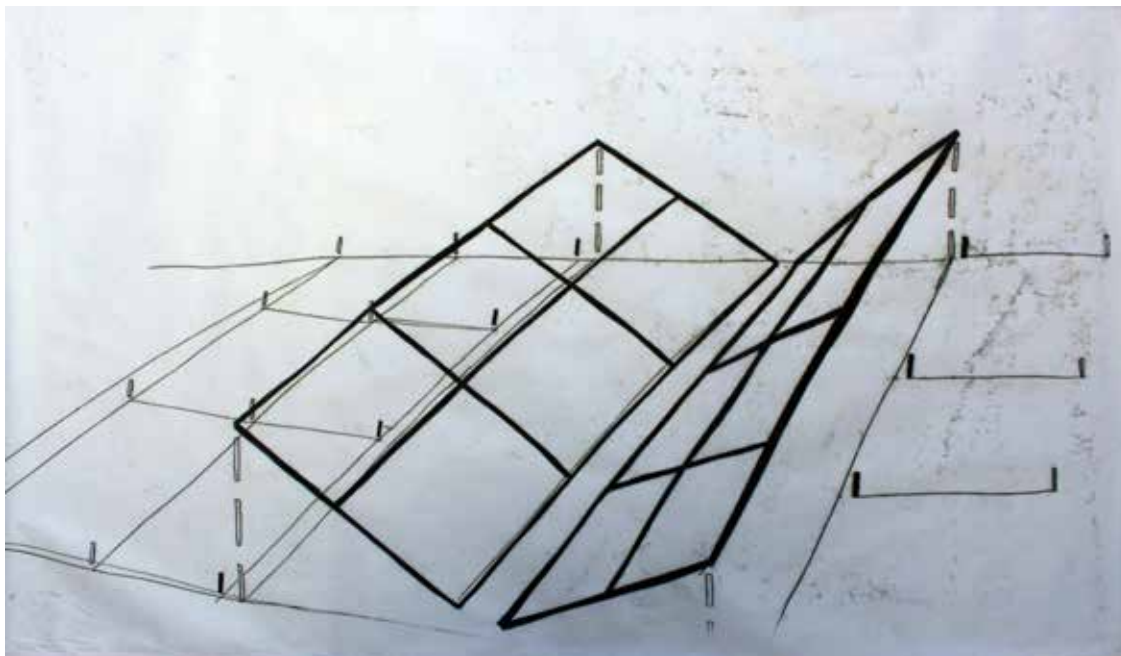
Sem título
2018
Óleo sobre papel
70 x 138 cm



Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 276 cm

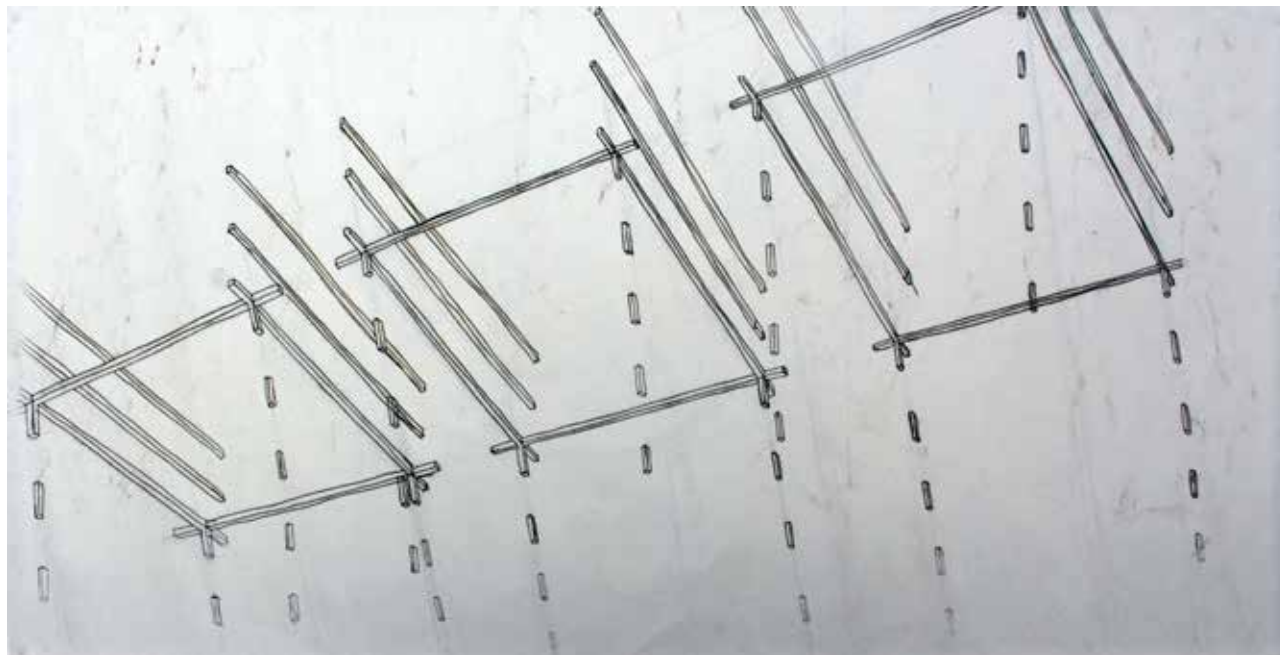


Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 147 cm



Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 147 cm

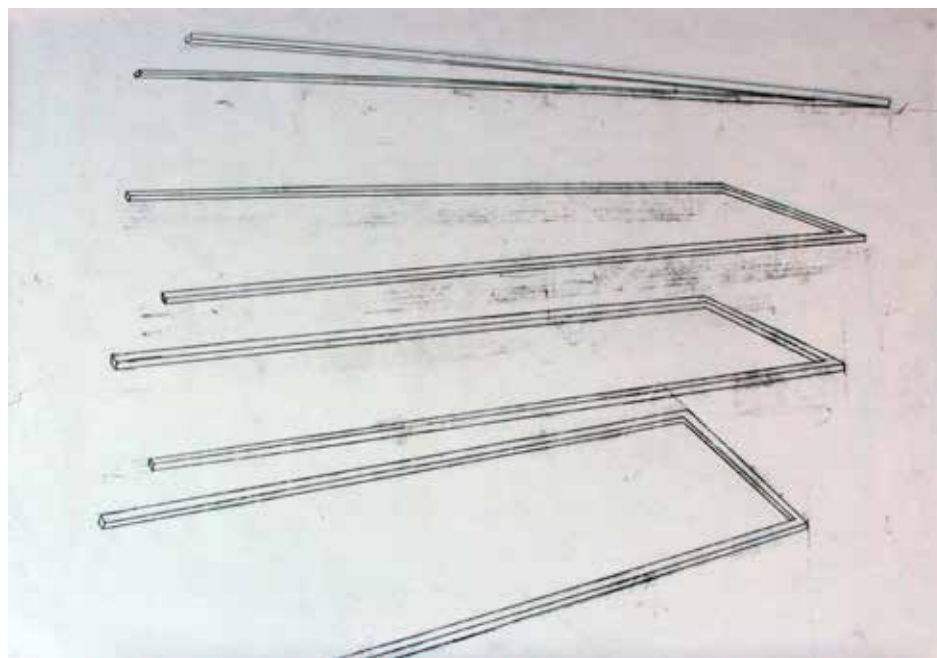
Sem título
2019
Óleo sobre papel
70 x 138 cm



Sem título
2019
Óleo sobre papel
aprox. 16 x 20 cm

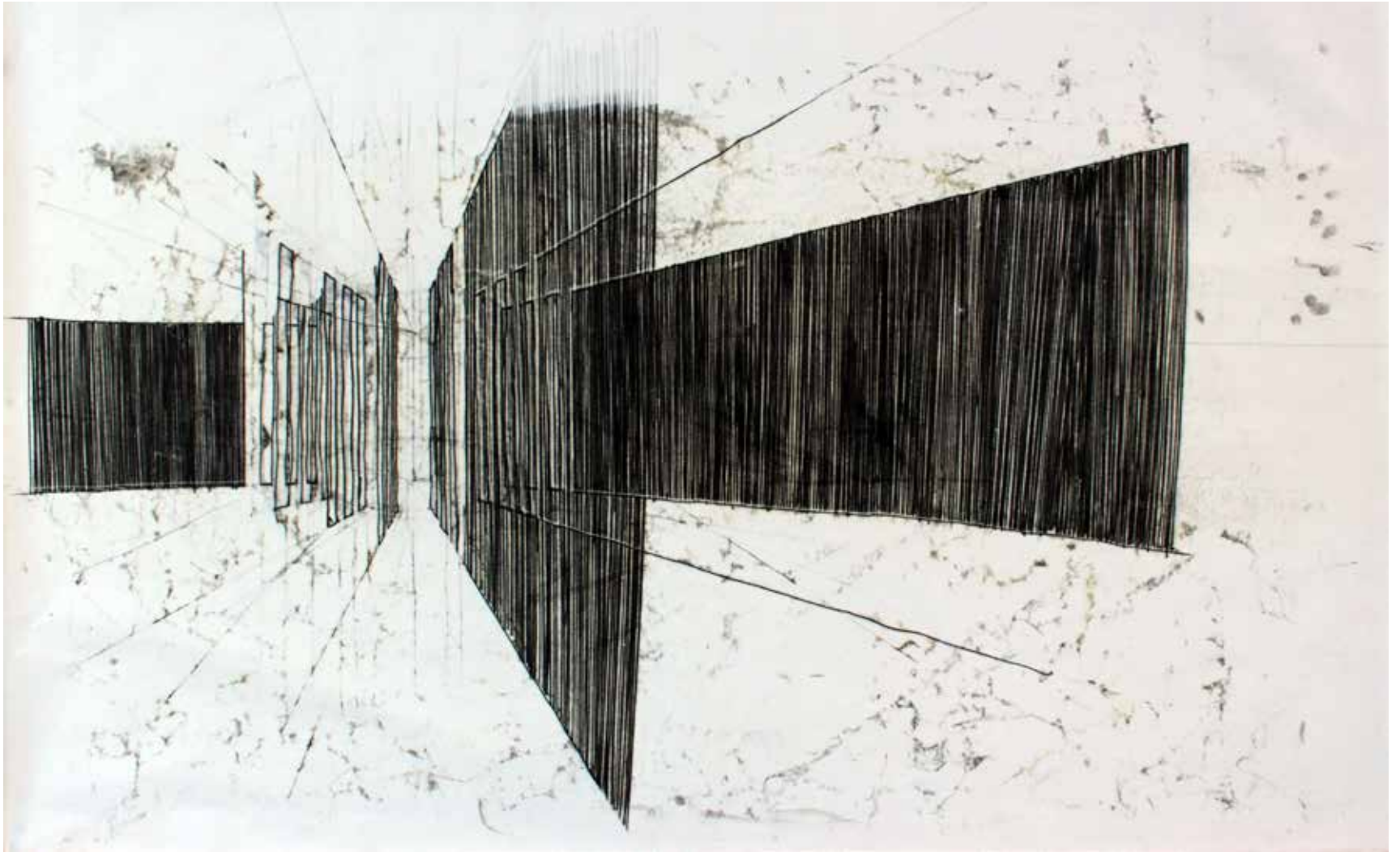


Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 130 cm

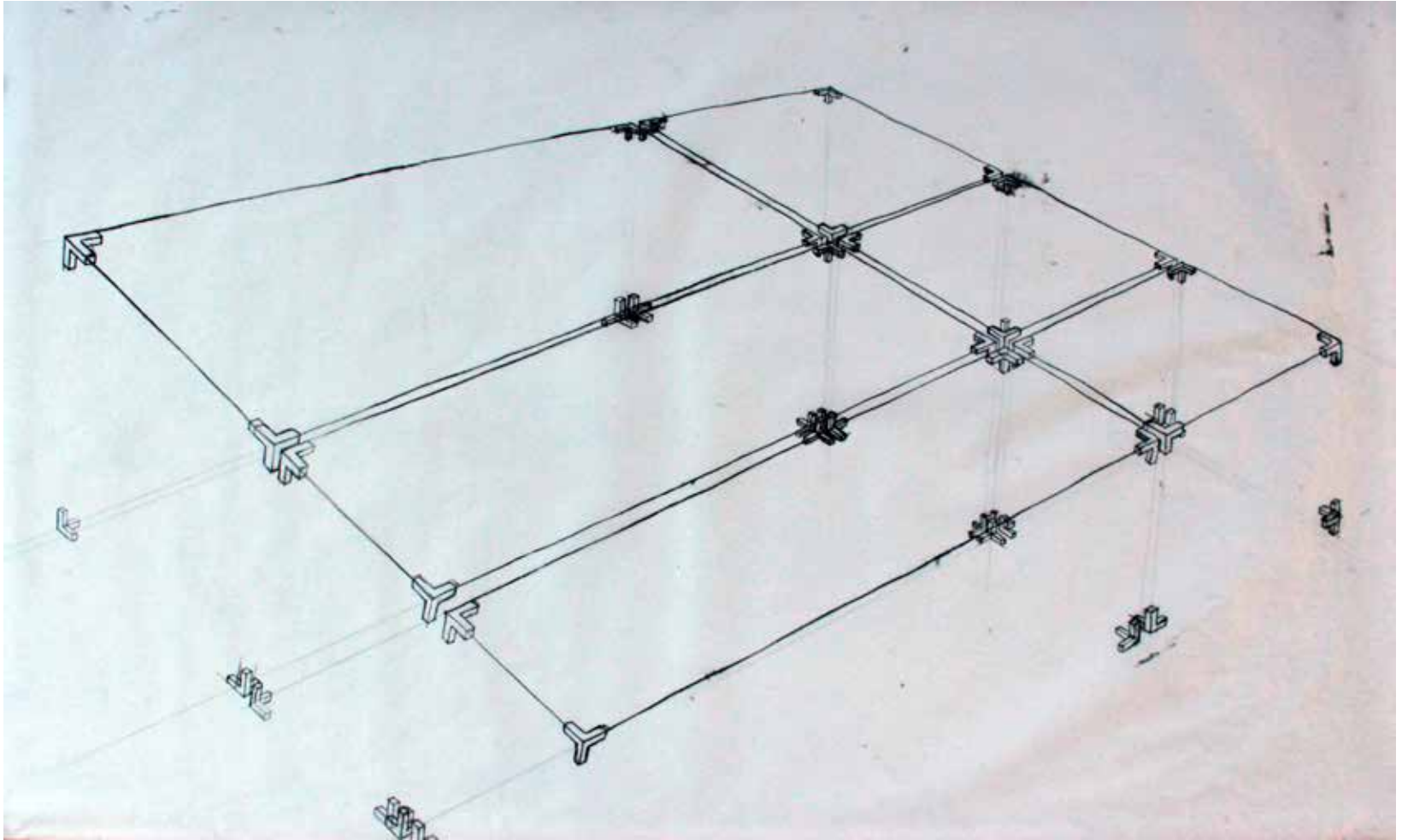




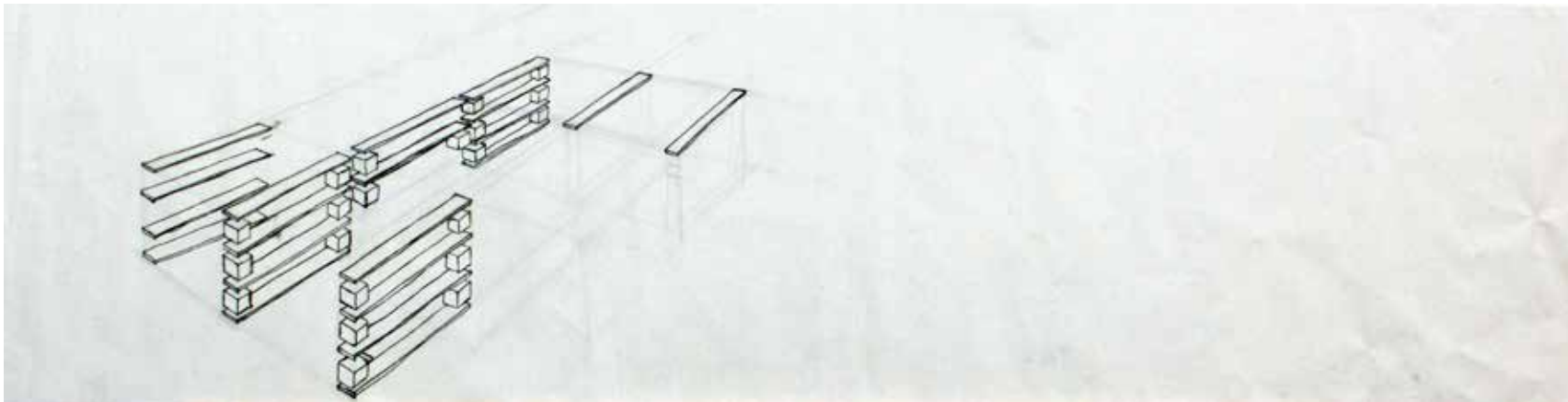
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 155 cm



Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 155 cm

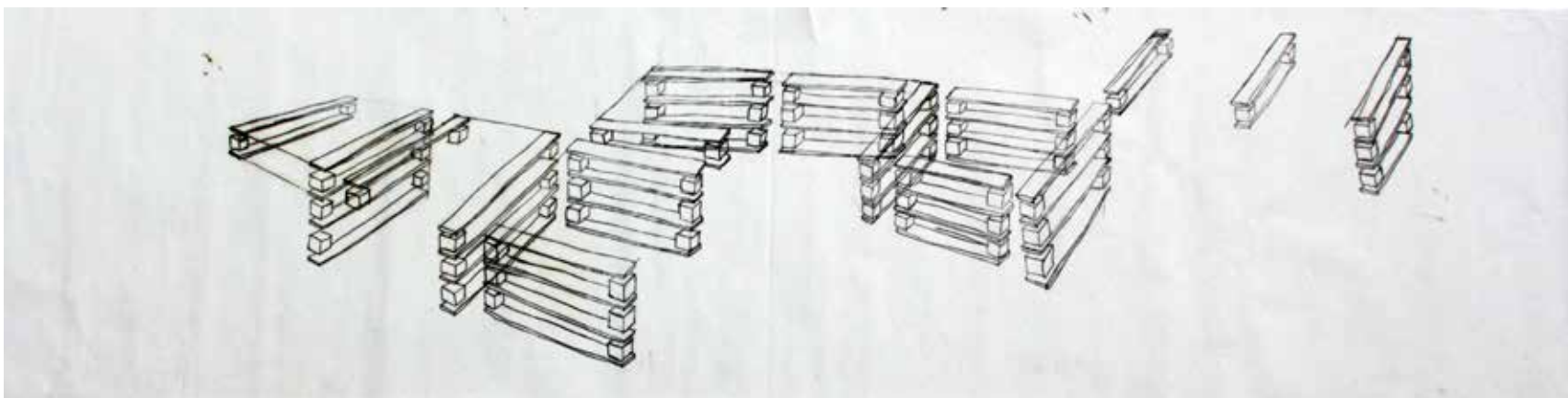


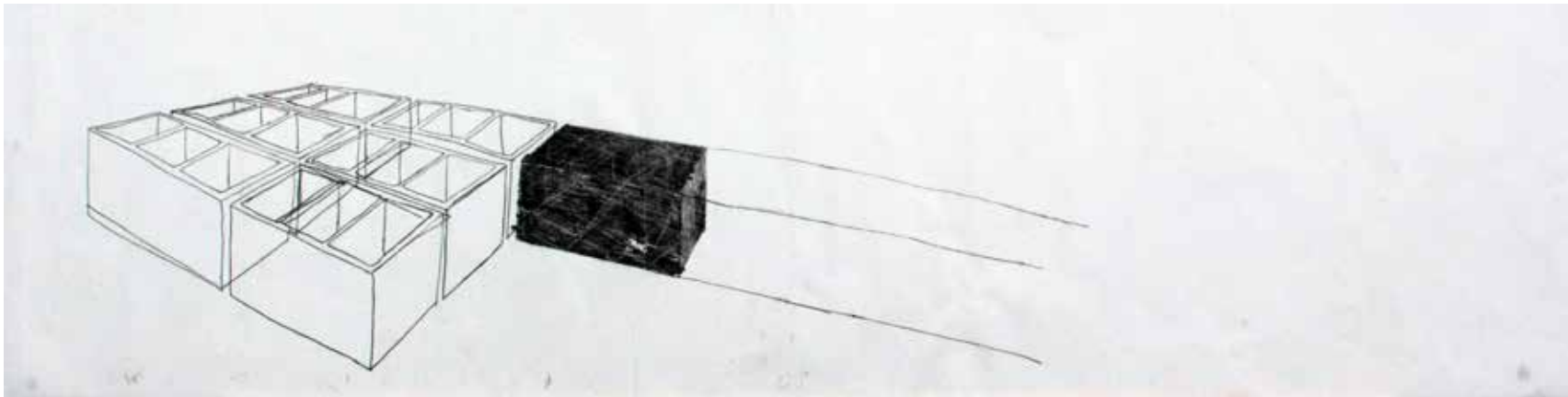
Sem título
2019
Óleo sobre papel
94,5 x 155 cm



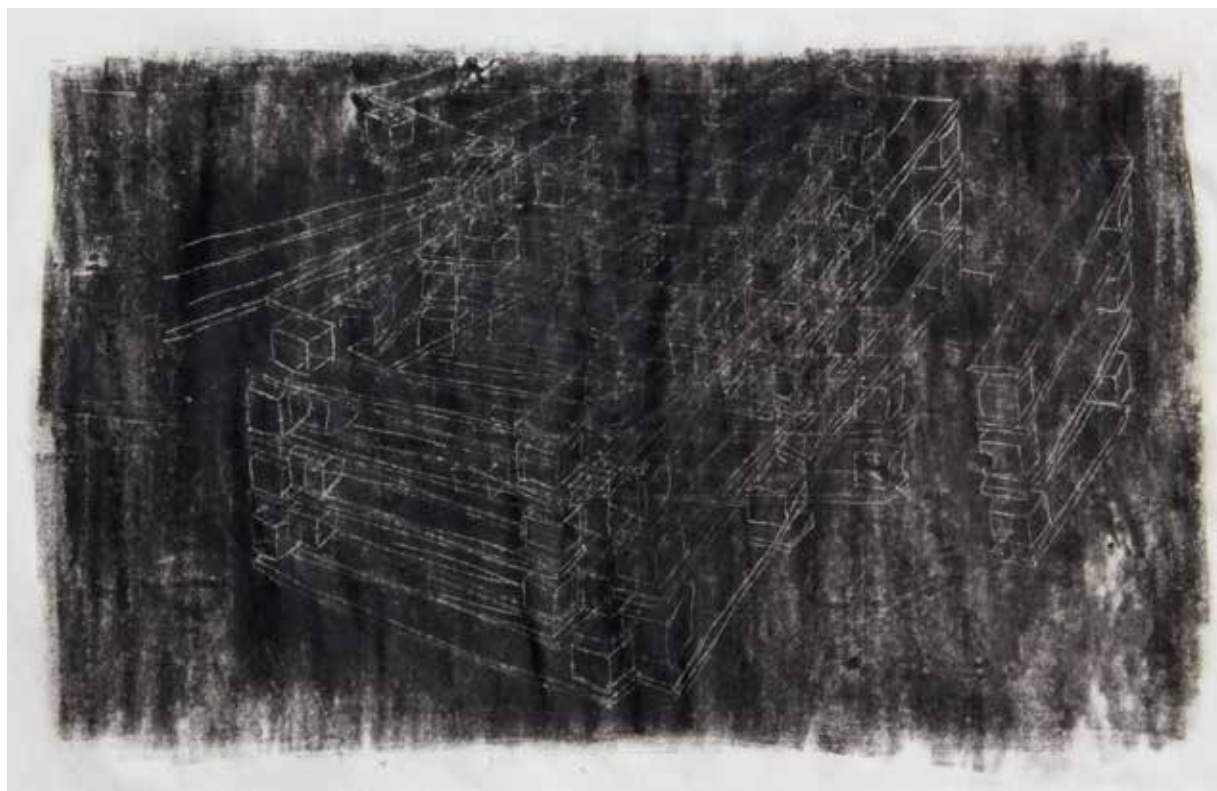
Sem título
2021
Óleo sobre papel
34,8 x 136,3 cm

Sem título
2021
Óleo sobre papel
34,8 x 136,3 cm



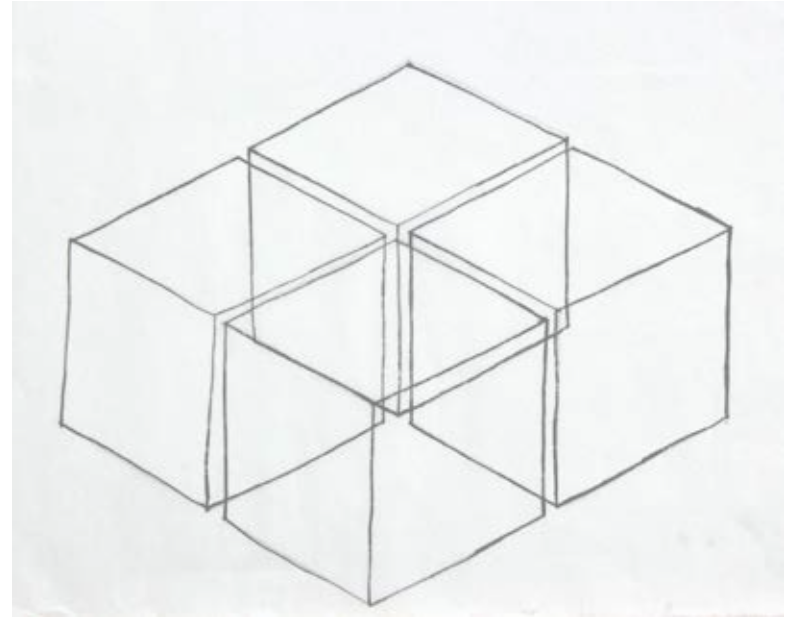


Sem título
2021
Óleo sobre papel
34,8 x 136,3 cm

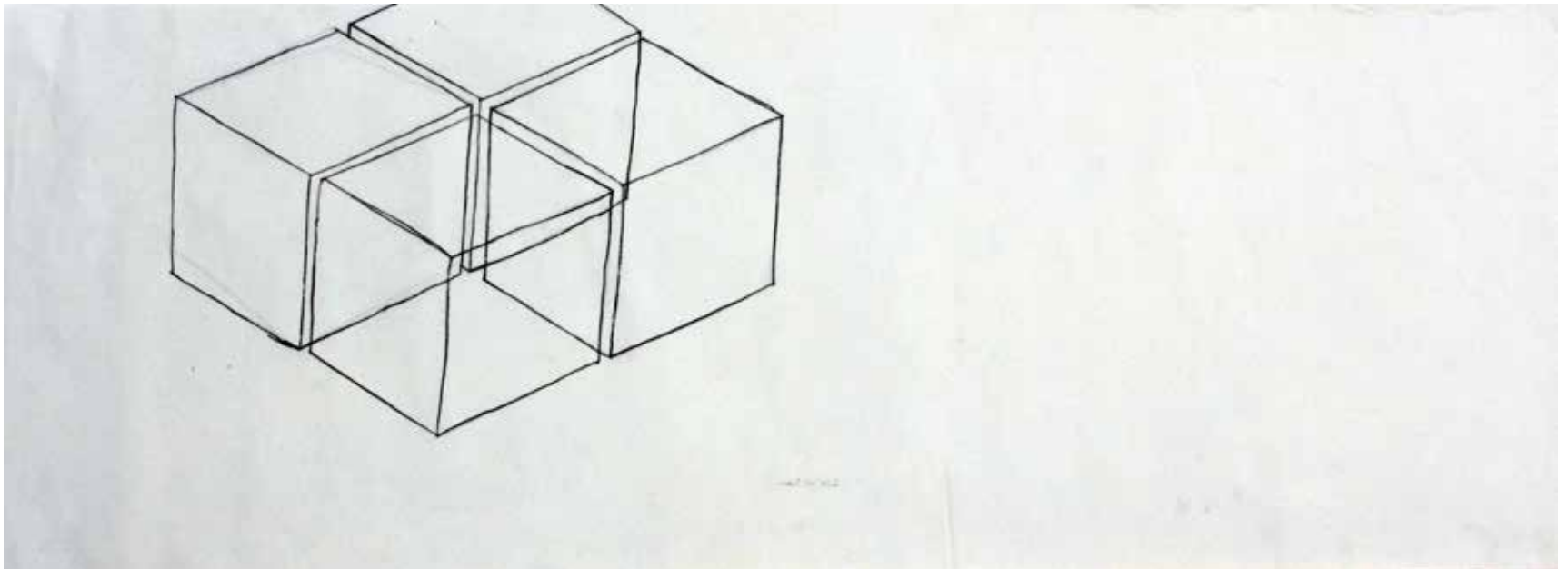


Sem título
2021
Óleo sobre papel
aprox. 34,8 x 54 cm

Sem título
2021
Óleo sobre papel
aprox. 34,8 x 40 cm

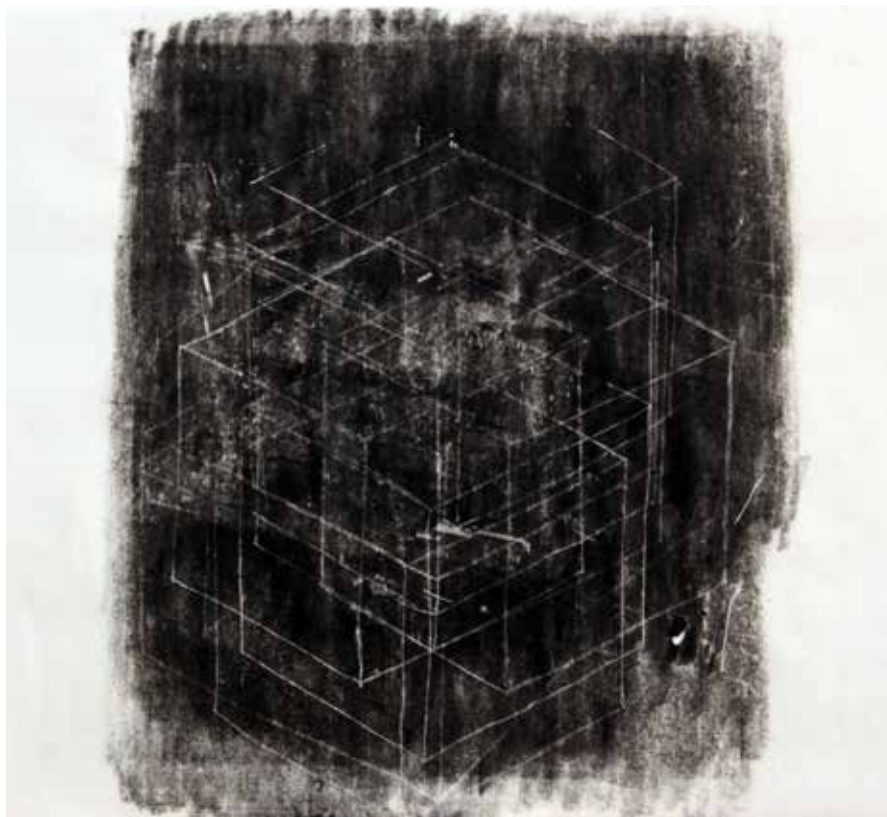


Sem título
2021
Óleo sobre papel
aprox. 34,8 x 70 cm





Sem título
2021
Óleo sobre papel
aprox. 50 x 20 cm



Sem título
2021
Óleo sobre papel
aprox. 70 x 70 cm

Nota 54

Hoje, estava conversando com alguém. Janeiro pegando e os votos de um ano novo mais organizado já pesando na consciência. Pusemo-nos a organizar a rotina.

Cozinhar todo dia já se mostrou, tanto na prática quanto na teoria, uma ótima maneira de viver bem, mas principalmente para o assunto que nos interessa nessa nota, para a economia de energia. Economia, bem entendida, não em razão da escassez de recursos ou preguiça dos cozinheiros. Isso existe e não vem ao caso.

Economia de energia porque cozinhar todo dia é muito mais fácil.

Você mantém a prática, percebe com clareza o uso dos temperos ao longo dos dias, identifica mais prontamente as faltas e excessos e sempre acaba cozinhando mais do que vai comer. E esse trabalho a mais, esse excesso de alimento se acumula para o dia seguinte, e quando você vê, a cada dia precisa apenas cozinhar um pouco e a refeição já está pronta.

Desenhar e escrever, e provavelmente muitas outras atividades humanas, são como cozinhar.

Melhor fazer todo dia.

Nota 55

Este trabalho trata do cotidiano, do parcial, específico. Autoral.

Encontro a potência do meu trabalho exatamente na medida em que ele emana de minha própria vida. Integrar esse trabalho em minha rotina pode

fazer de meu cotidiano o objeto mesmo de meu trabalho. E já não é assim?

Anotações no ateliê.

Nota 56

A grandiosidade do corriqueiro.

Nota 57

O intervalo interessa tanto quanto o espaço ocupado.

Nota 58

Projetar é lançar um desenho no futuro. Plano de construção de algo mais além, um movimento interno da imagem.

Linhas de força em mais de um plano. São linhas que apontam, guiam o olho, delineiam o espaço e impulsionam o olhar para algumas direções.

Esse lançamento é bastante próprio do traço. Afinal, um risco grafado no papel é resultado de alguns movimentos, da mão/braço/corpo inteiro, mas também do olhar, da imaginação, do espírito. Um risco é memória e registro do movimento. Ao olhar a linha, o olho refaz o traço.

Nota 59

Alguns destes desenhos guardam algo de caderno, daquelas imagens feitas em folhas pequenas, traçadas com as articulações menores do corpo, em uma ativação total da mão. Trazem algo de

primeiro, mas também de preliminar.

Nota 60

Este jeito de caderno traz para a imagem um tom de cartum. Daquele gesto ZÁS! do desenho, movimento vigoroso das mãos - não preciso e comedido, mas rápido, fluido e decidido, como quem escreve rápido, ou esgrima.

Nota 61

As formas em suspensão têm certa iminência. Diante delas, há um campo de devires.

Este campo é também uma selva prenhe de possibilidades para a imagem. Há um olhar de plano aberto, vista aérea, um olhar que tudo abarca, um olho-de-águia.

Nota 62 O ambiente do trabalho

Se o trabalho de arte circunscreve um campo semântico para transitarmos, a fruição da obra seria então análoga a percorrer este espaço. Nos deslocamos na imagem movidos por nossa atenção.

O artista habita este campo. Ao adentrar este espaço, se reconhece. A topografia ali é análoga a seu próprio corpo. Mesmo ao se surpreender com uma associação ou leitura possível, se reconhece.

Quando o artista se perde, é bom voltar a ver espelhos.

Nota 63

A monotipia ocupa um espaço que poderia ficar entre o desenho, a gravura e a pintura. O traço marca e também grava, estampa e borra; mantém um pensamento de superfície, de camada e de sobreposição. Já as monotipias em maneira negra lidam de modo mais explícito com a luz; têm um outro pé na gravura.

Nota 64

O olhar do diagrama procura expor as coisas diante de si, busca certa objetividade na imagem, uma maneira de apresentar os objetos francamente ao observador. Não por acaso, o diagrama tende à planaridade. Cumpre justapor figuras, ao invés de sobrepô-las. Procura planificar os empenhamentos, eliminar a sobreposição, a profundidade e o ocultamento de objetos, para os expor o mais claramente à vista do apreciador. Tenta eliminar a dubiedade.

Nota 65

Será o ponto de vista do diagrama análogo ao do Olho de Deus medieval? A investigar. Um olho que se estende pelo espaço, abarcando a totalidade dos pontos de vista, mas também se estendendo pelo tempo, abarcando um instante específico ou a suspensão de qualquer passagem de tempo em um objeto que se apresenta, livre de contingências de qualquer tipo, à nossa apreciação.

Nota 66 Banco de imagens

Um jogo de desenho tem uma característica diagramática.

Essa literalidade, essa cruel clareza do diagrama. A brutalidade do óbvio e do concreto.

A beleza, aqui, não está na resolução impecável da forma, os contornos apolineamente equilibrados. O que se busca é a beleza na proposição. Um convite à ação que faz o participante adentrar o campo semântico do trabalho, mediado pelo contato com as cartas impressas. Interessa, aqui, essa literalidade: o participante se dá conta mais claramente de que está transitando num campo proposto - sem forma fixa ou ponto de chegada previsto, onde caminhar é o objetivo mesmo da jornada.

Isso acontece com potencialmente qualquer forma de arte, esta proposta talvez apenas torne este processo mais explícito, como em um diagrama. Entendeu ou quer que desenhe?

Nota 67 Trocadilhos

Brincar com a ideia de permutação, com um determinado banco de dados e um algoritmo (proposta) que o ativa e organiza/incentiva a participação.

Nota 68 Banco de imagens - Instruções de jogo

Este é um jogo de desenho. Tome as cartas para si e com elas crie composições livremente. O banco de imagens pode ser jogado sozinho ou em grupo. Pode ser competitivo ou colaborativo,

e você pode inventar as regras que quiser. Não há vencedor. As cartas, como todas as outras, comportam sobreposições, justaposições, associações.

Nota 69

Quantas repetições são possíveis em uma imagem? - E.C.Jardim

Nota 70 Rotacionar o trabalho

Mudo o ponto de vista do observador enquanto desenho. Começo a elaborar uma imagem a partir de um ponto de vista, mas, frequentemente, a partir de certo ponto, ponho-me a girá-la, ou a girar em torno dela na mesa. Isso me permite uma ação dupla de criar e também de encontrar um ponto de vista do observador. Tão logo tenha uma imagem preliminar, com seus pontos de força vagamente estruturados, percorro-a, transito nela e em volta dela, criando novas permutações.

Isso reforça o caráter de paisagem para a imagem, pois traz para a elaboração do trabalho algo do encontro fortuito com algo previamente dado, como que achado pelo observador. Descubro, ao perambular, uma paisagem em meus desenhos, algo impensado.

Nota 71

Quantas imagens há em uma imagem?

Nota 72

O jogo de desenho aproxima o trabalho do campo da pedagogia. No sentido de ser uma proposta (um conjunto de regras) que convida as pessoas a uma atividade de recombinação de imagens. Uma proposta com fim aberto, cujo objetivo está no meio e não no fim: propor e viver uma experiência.

Nota 73

A perspectiva é, às vezes, apenas uma desculpa para abordar um outro tema mais profundo: o da apreensão da realidade. Há algo de psicodélico nas imagens em perspectiva, que convida o espectador ou participante a realizar um movimento interno de desvendar, de navegar pela imagem realizando leituras possíveis, na busca de compreender ou revelar aspectos do trabalho.

Nota 74

O banco de imagens se origina a partir do desenho de um banco. Essa imagem é decomposta em partes e cada parte multiplicada em lâminas impressas. Estas partes, cartas, podem ser então recombinadas, criando-se associações diversas. A partir de uma imagem original, mas nada original (é apenas um banco, certo?), a experiência da multiplicidade se estrutura.

Nota 75

O jogo como imagem.
A imagem como campo.
O campo como desenho.

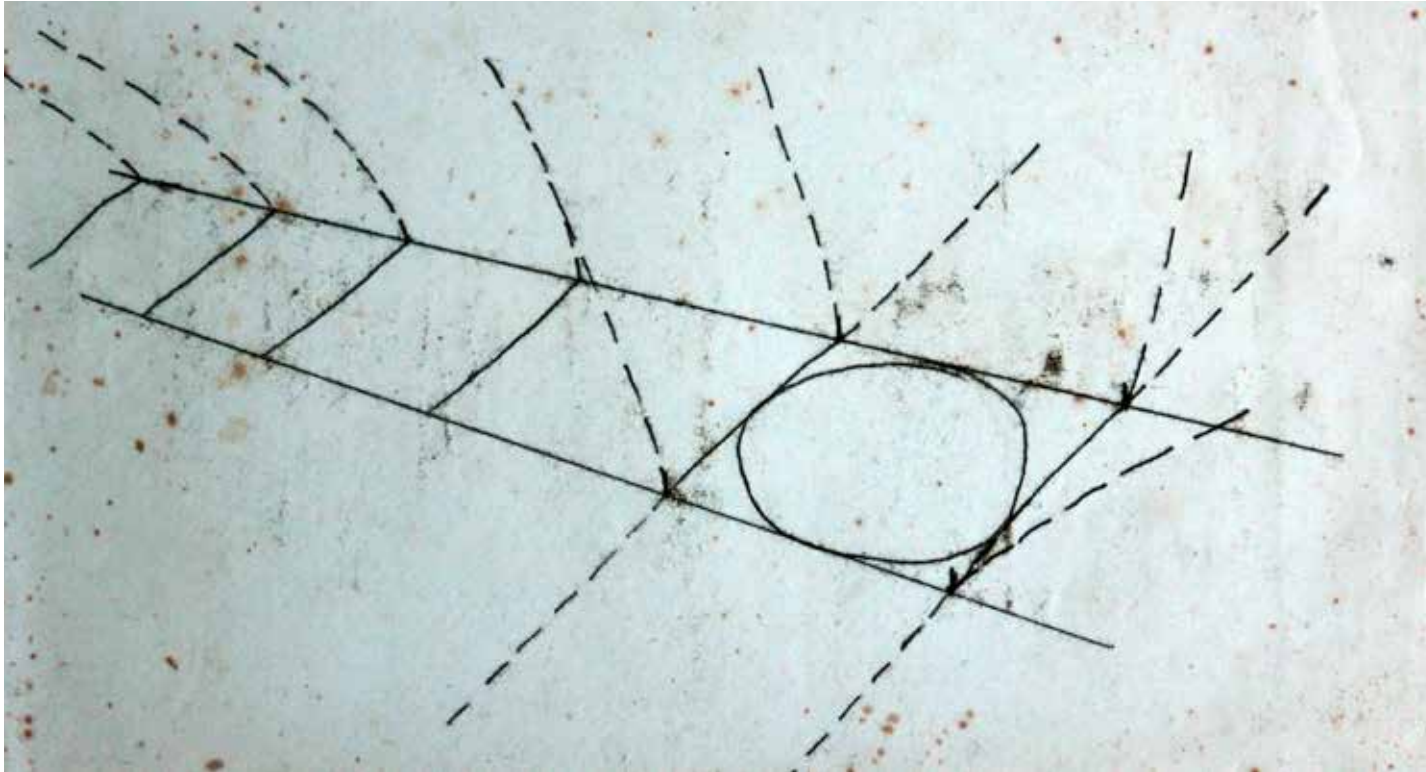
Nota 76

A proposta do Banco de Imagens traz certa literalidade no manuseio e na fruição das imagens. Torna mais explícitas as operações que qualquer trabalho de arte propõe: que o público elabore à sua maneira relações significativas entre os diversos elementos que compõem uma obra. Que transitemos, como participantes, em um ambiente semântico circunscrito, pré-definido pelos propositores e ao mesmo tempo ilimitado, por ser um campo potencialmente infinito de significados e relações.

Nota 77

Linhas também podem ser sutis, pontilhadas, reticentes.

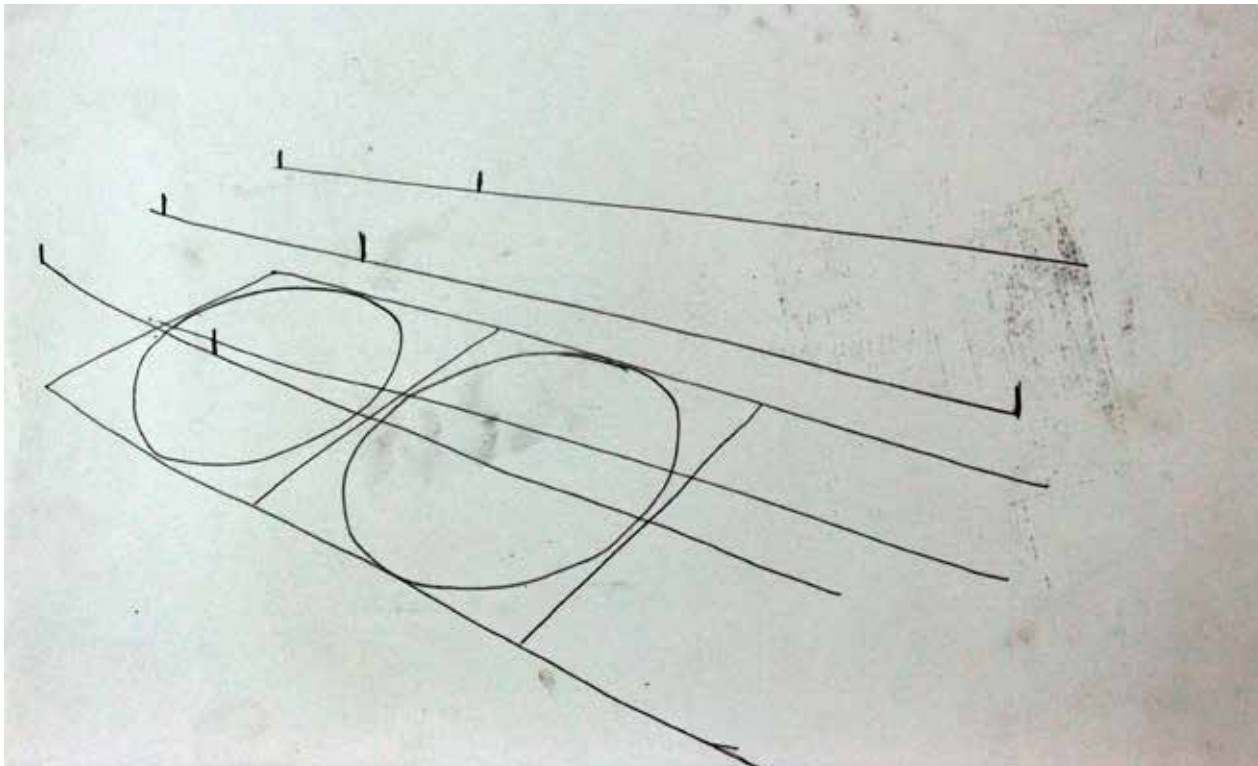
Ao contrário das linhas cheias, estas são mais tímidas, suaves. Não se assumem completamente, mas também são, de certa forma, mais sinceras. Seu papel de indicar, apontar um algo mais que não elas mesmas, fica mais evidente. Não possuem a mesma eloquência do traço rápido, nem a gravidade da mancha, mas abrem espaço para o óbvio: que o olho completa e refaz a linha, infinitamente. Que não há linha no mundo que não convide ao movimento sempre eterno de refazê-la, de percorrer seus caminhos.



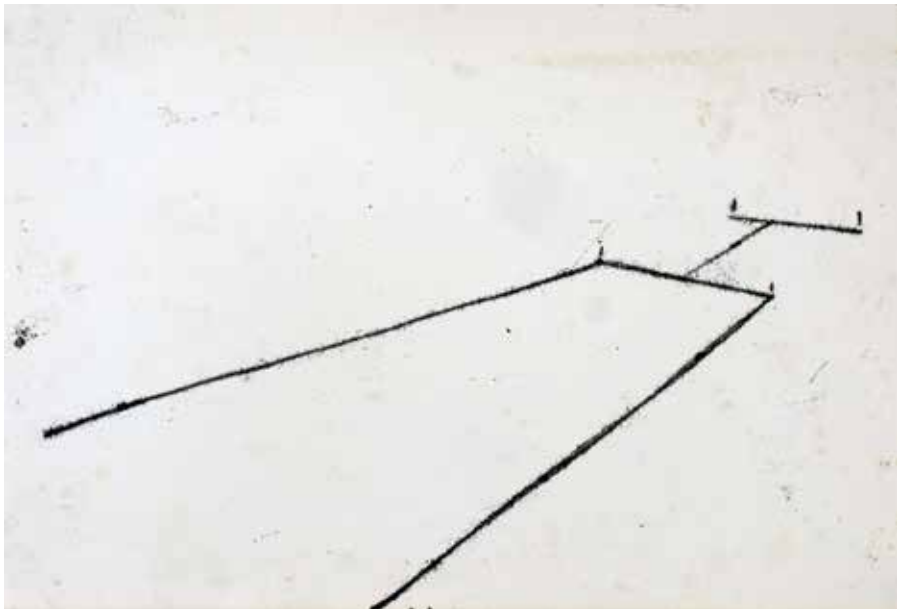
Sem título
2016
Óleo sobre papel
19,6 x 38,5 cm

Sem título
2016
Óleo sobre papel
aprox. 9,6 x 44,5 cm

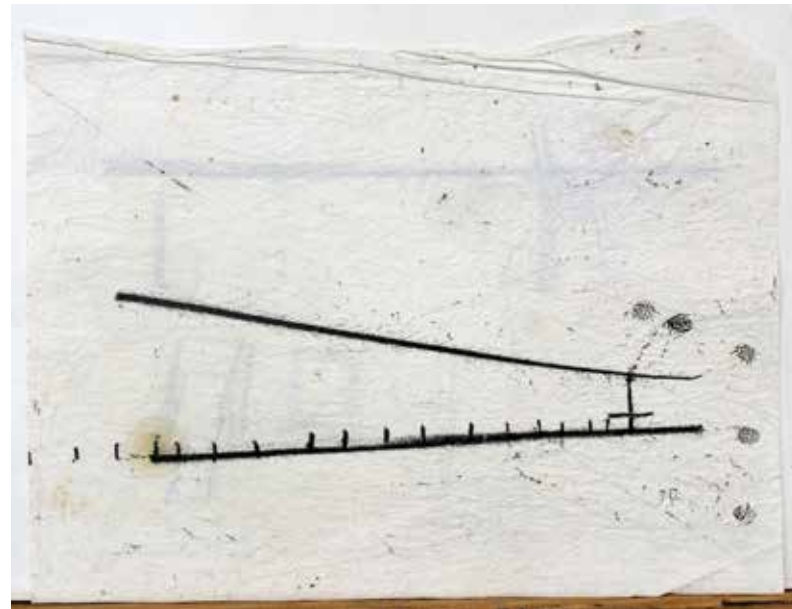




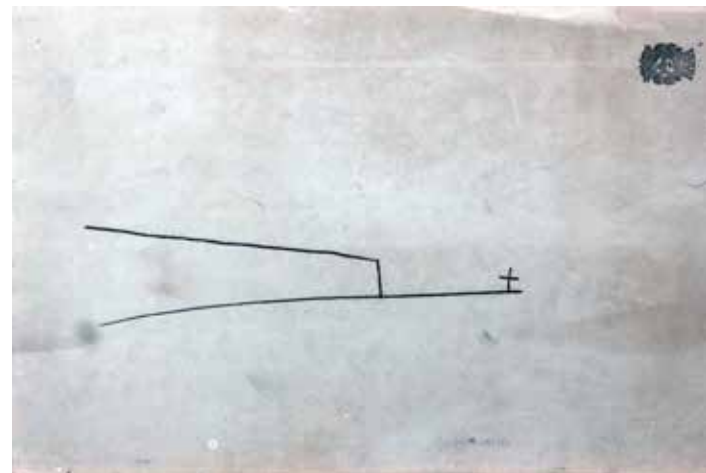
Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 29 x 42 cm



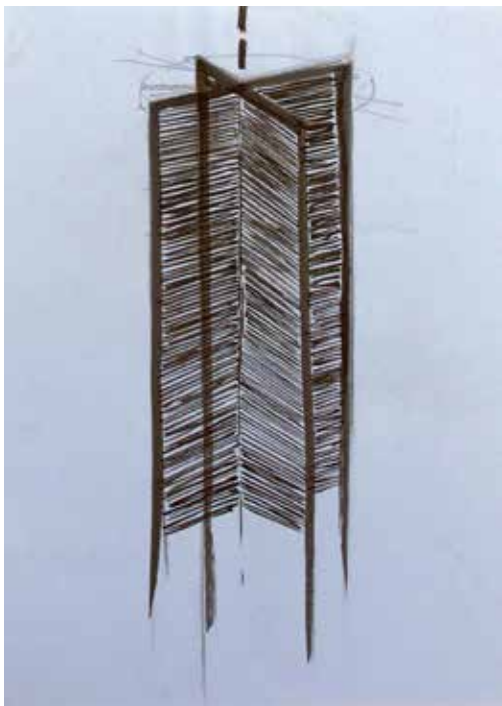
Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

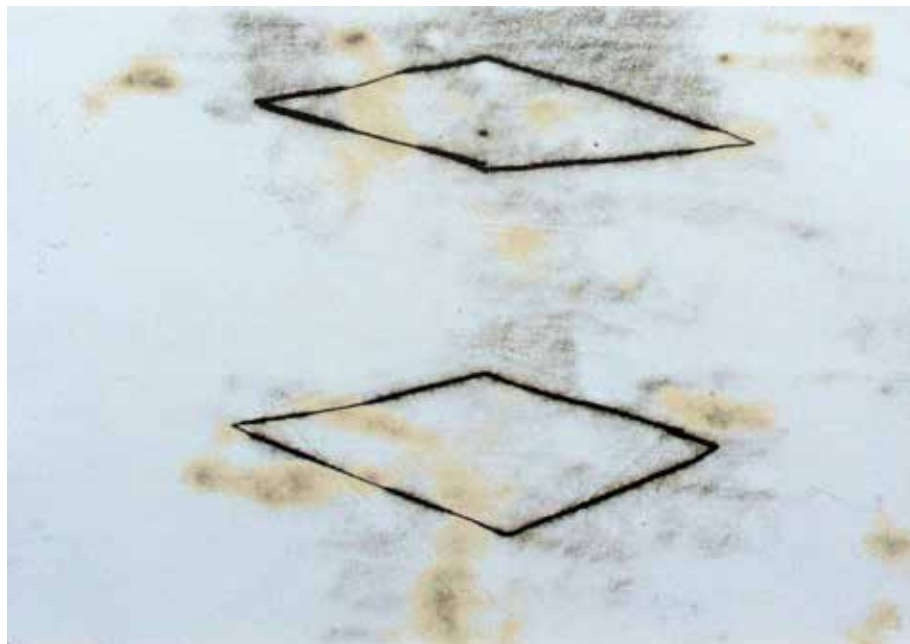
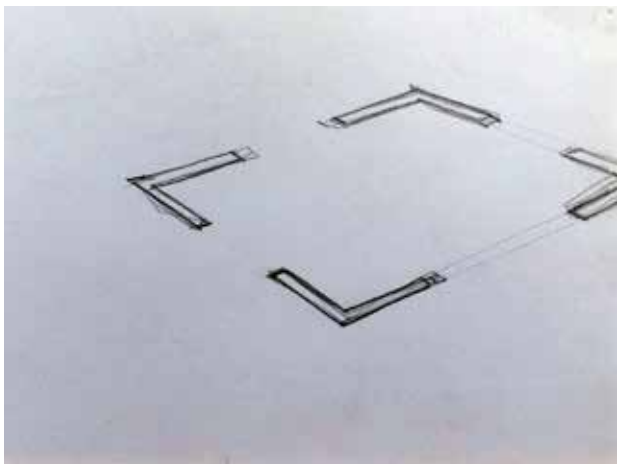


Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 22 x 33vcm



Sem título
2020
grafite e naquin s/ papel
aprox. 21 x 29,8cm

Sem título
2020
grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



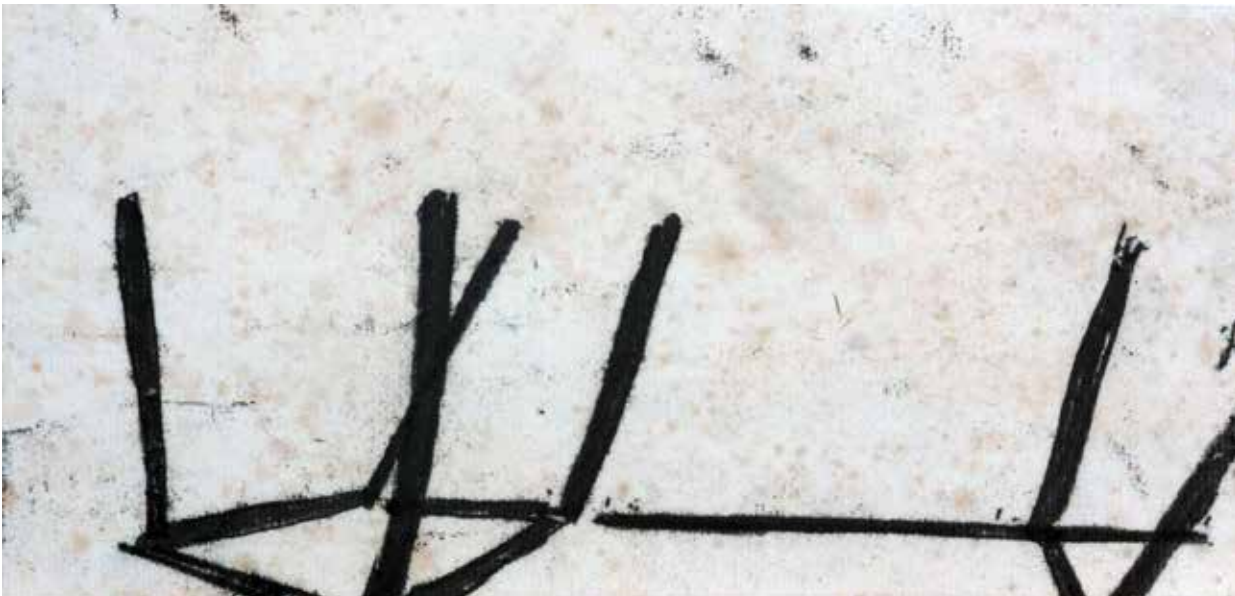
Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



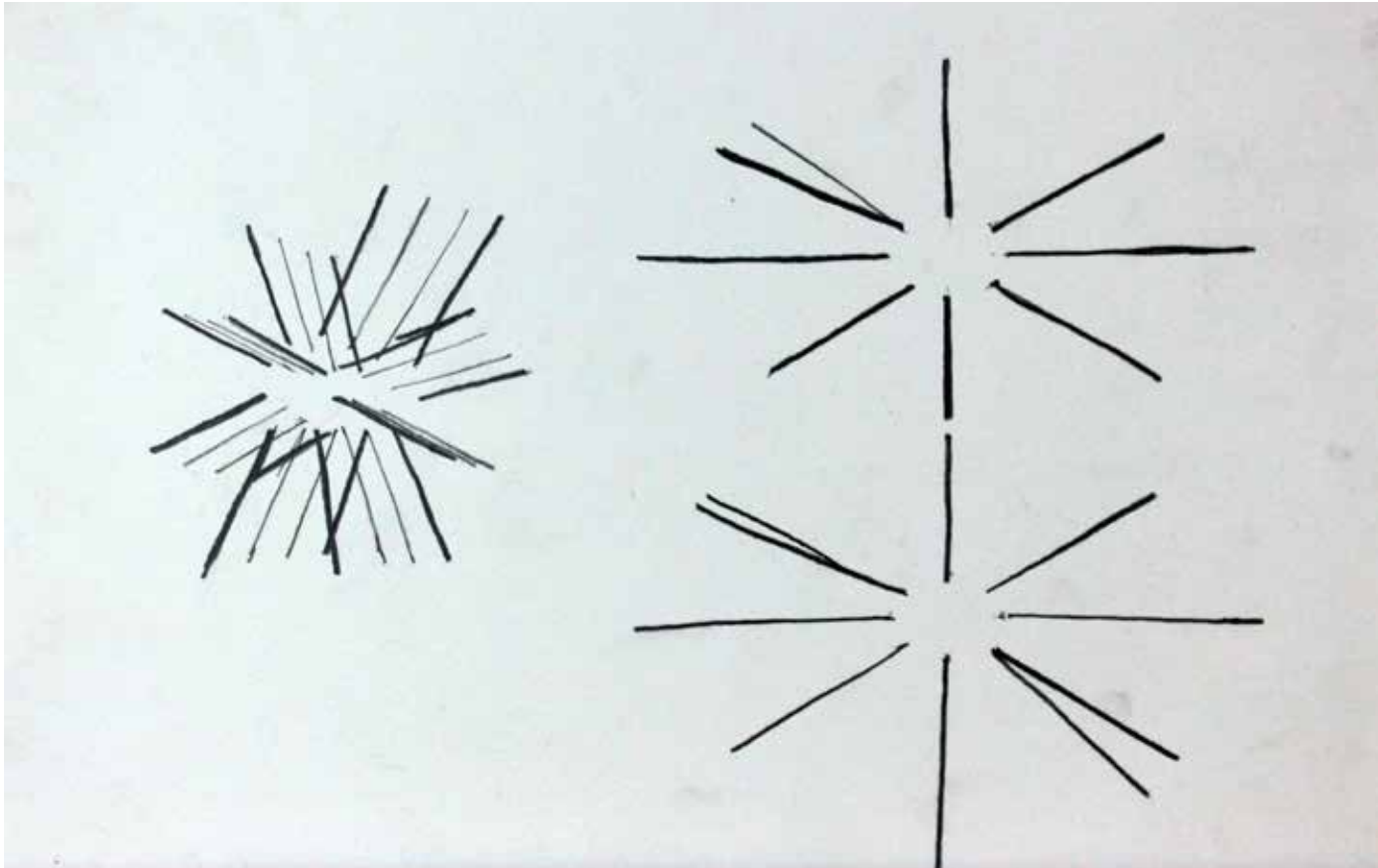
Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



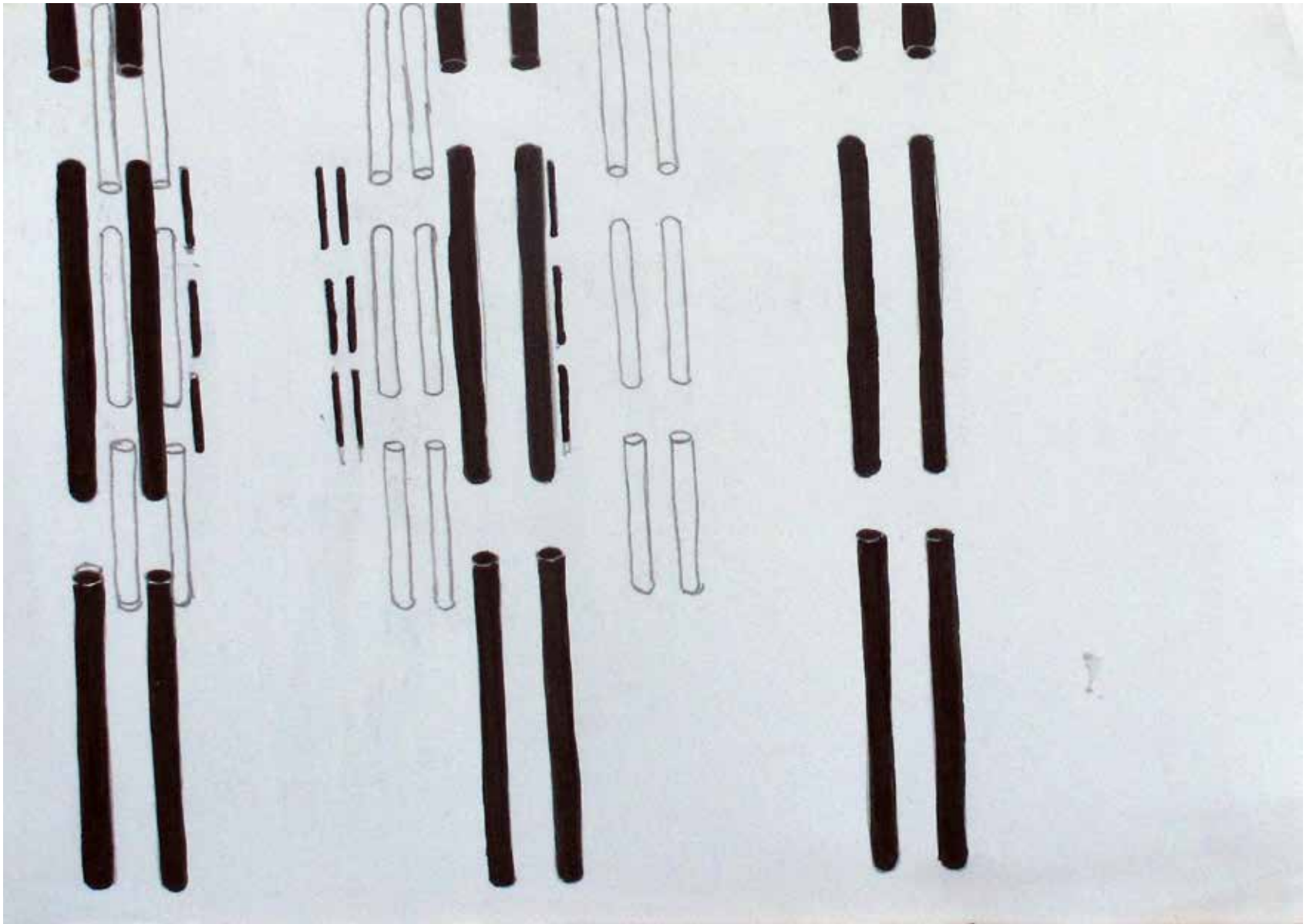
Sem título
2012
Óleo sobre papel
14,3 x 28,2 cm



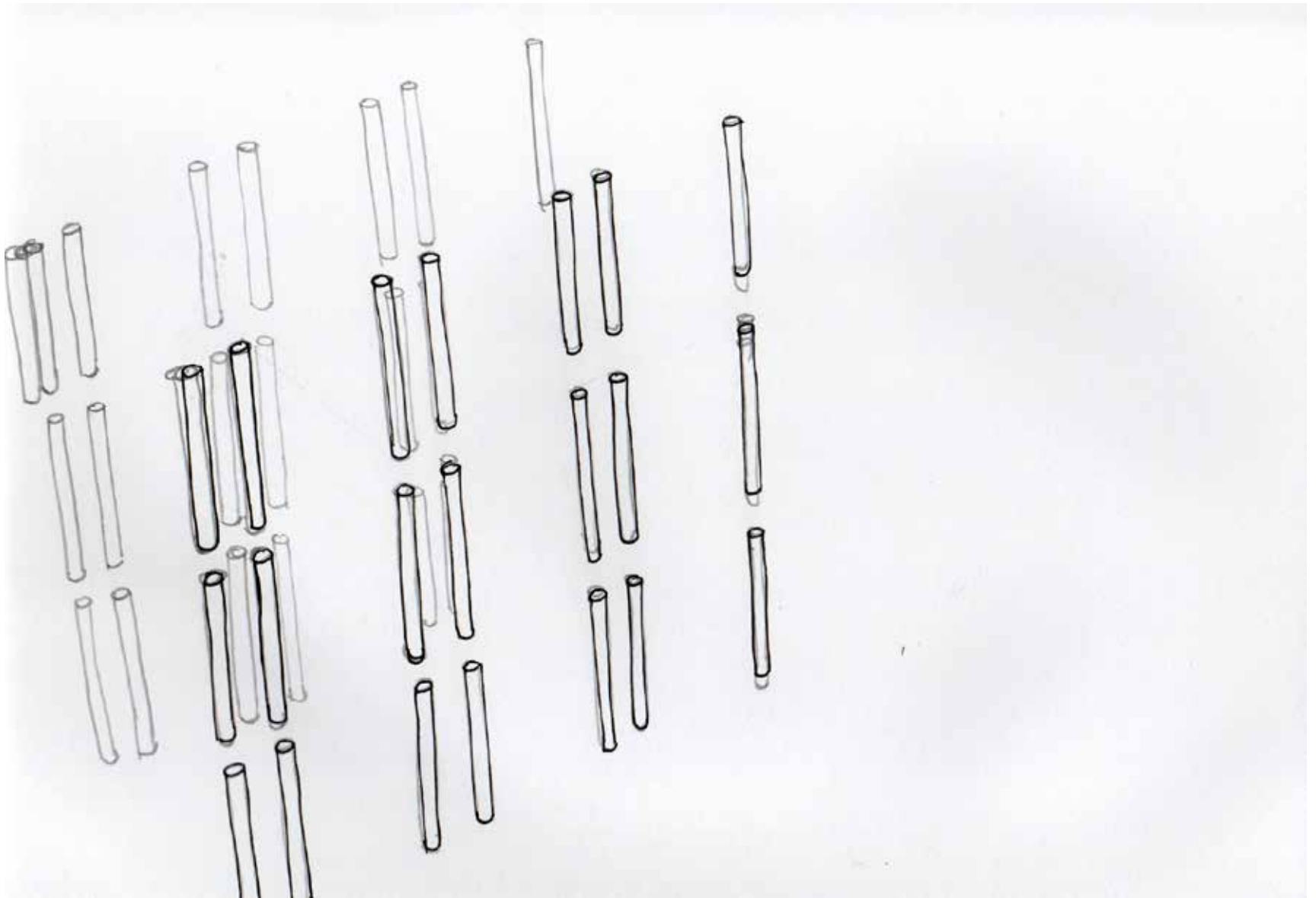
Sem título
2012
Óleo sobre papel
10,6 x 22 cm



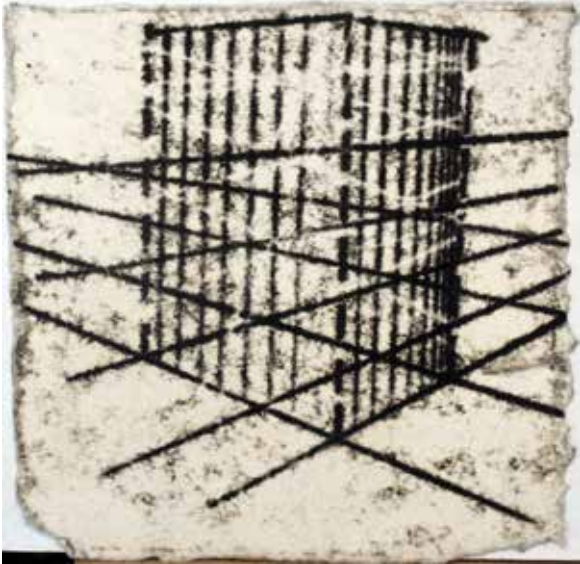
Sem título
2017
Grafite e Nanquin sobre papel
aprox. 29 x 42 cm



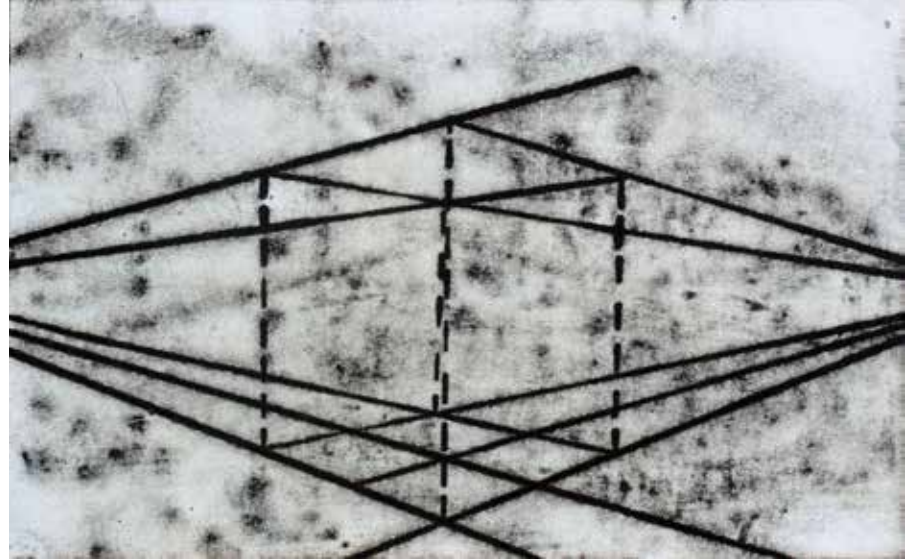
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm



Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm



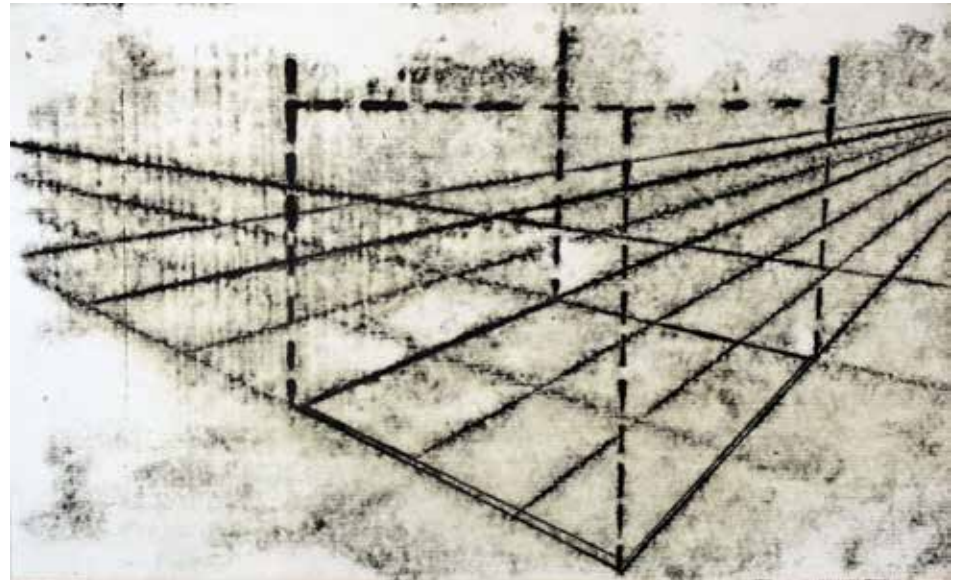
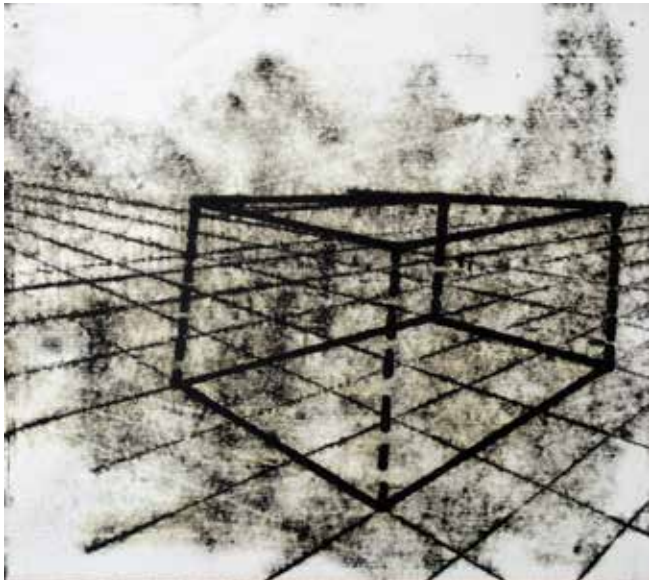
Sem título
2018
Óleo sobre papel
aprox. 16 x 15cm

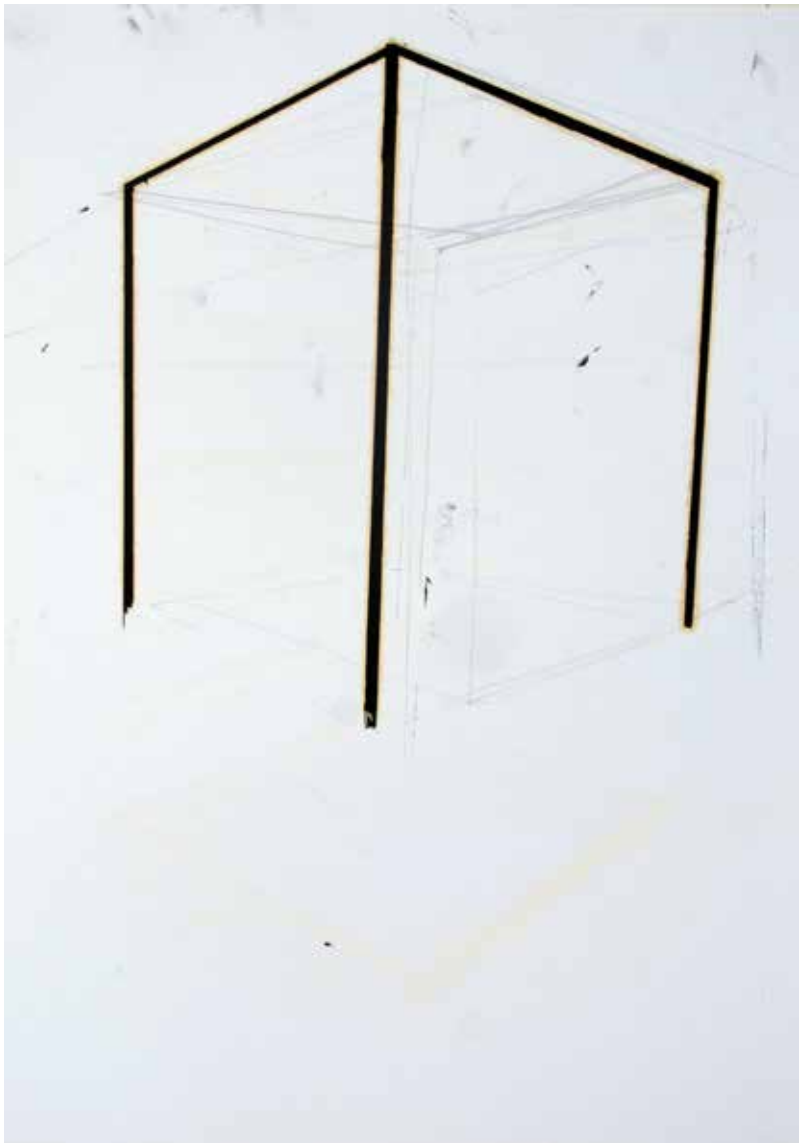


Sem título
2018
Óleo sobre papel
16 x 25,5 cm

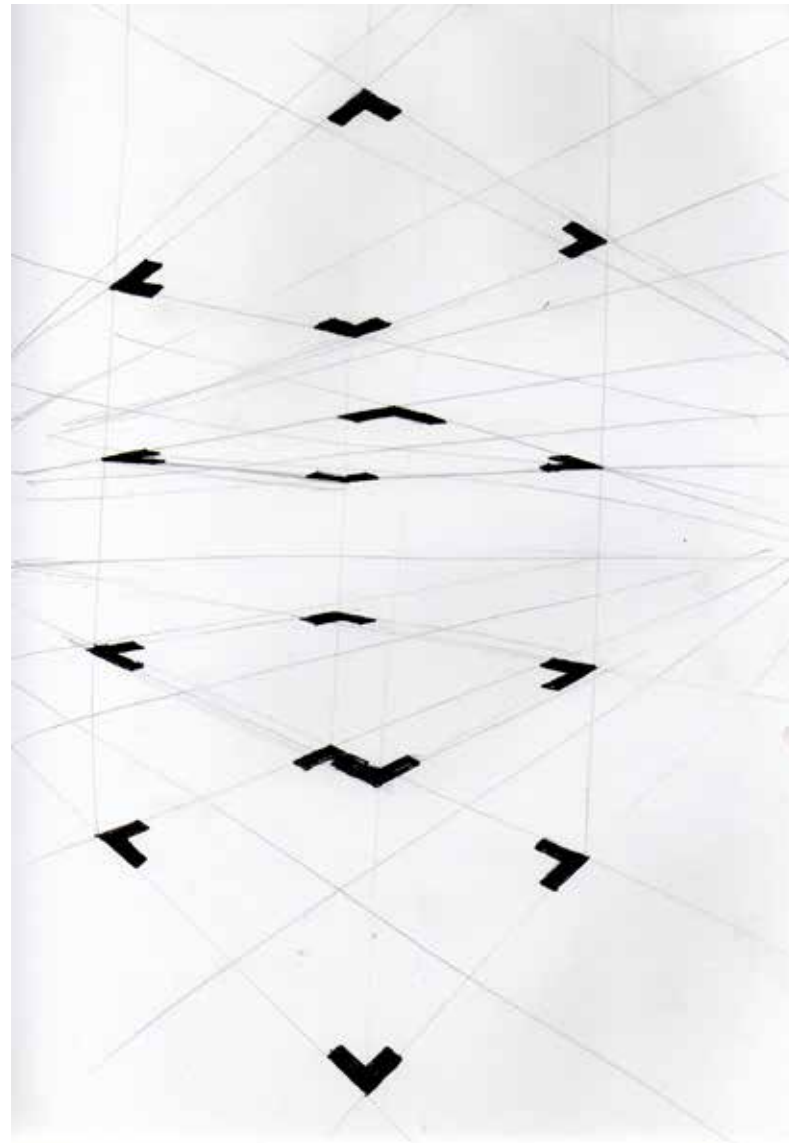
Sem título
2018
Óleo sobre papel
18 x 20,5cm

Sem título
2018
Óleo sobre papel
16 x 25,5 cm

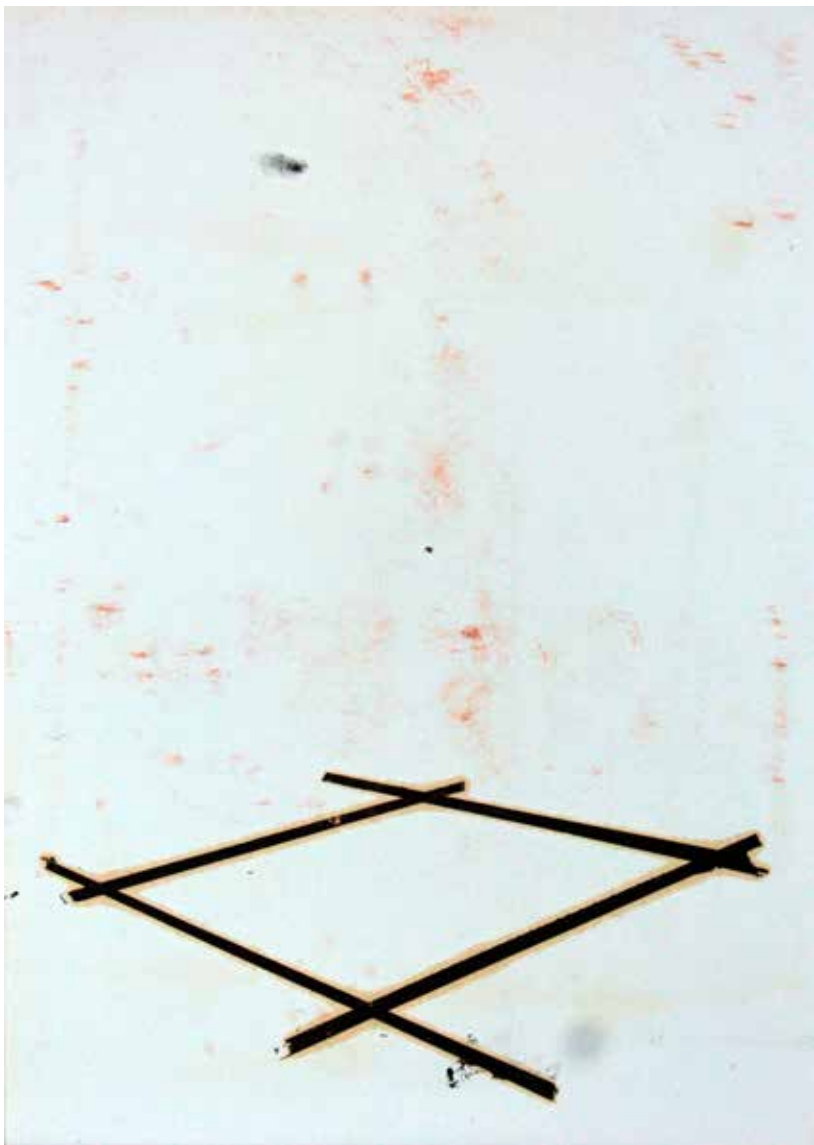




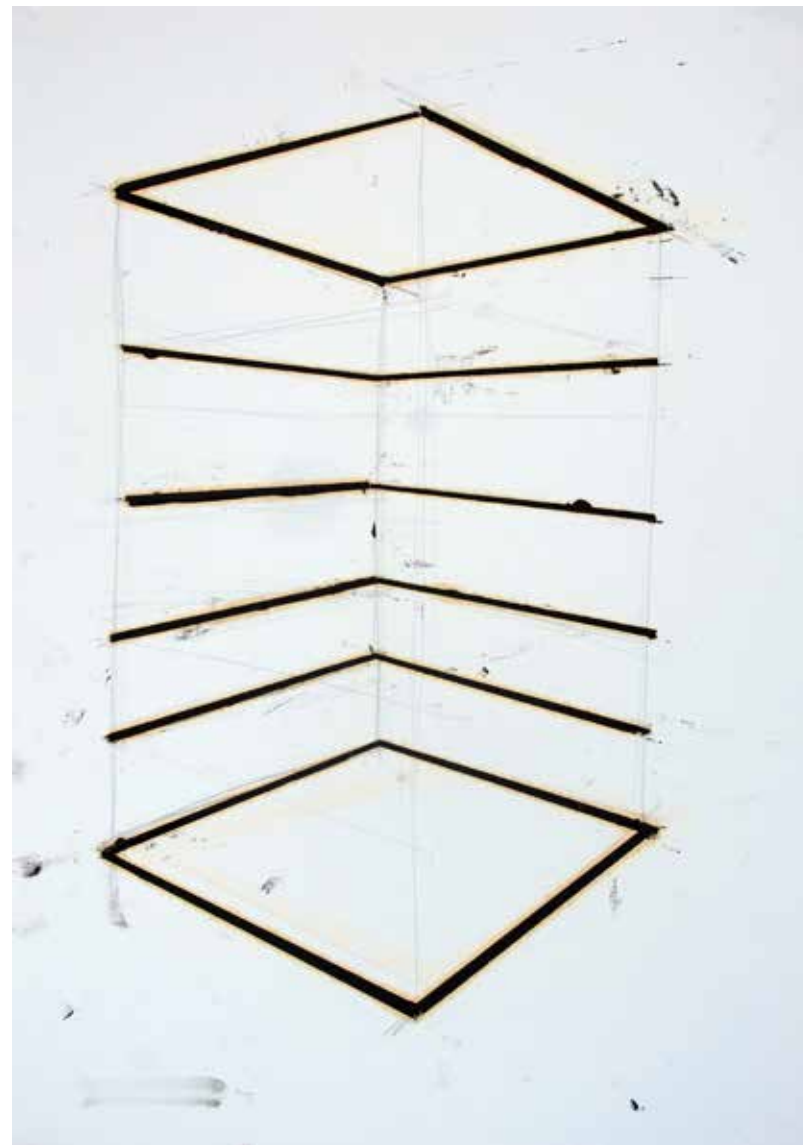
Sem título
2019
Óleo sobre papel
42 x 29,7 cm



Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm

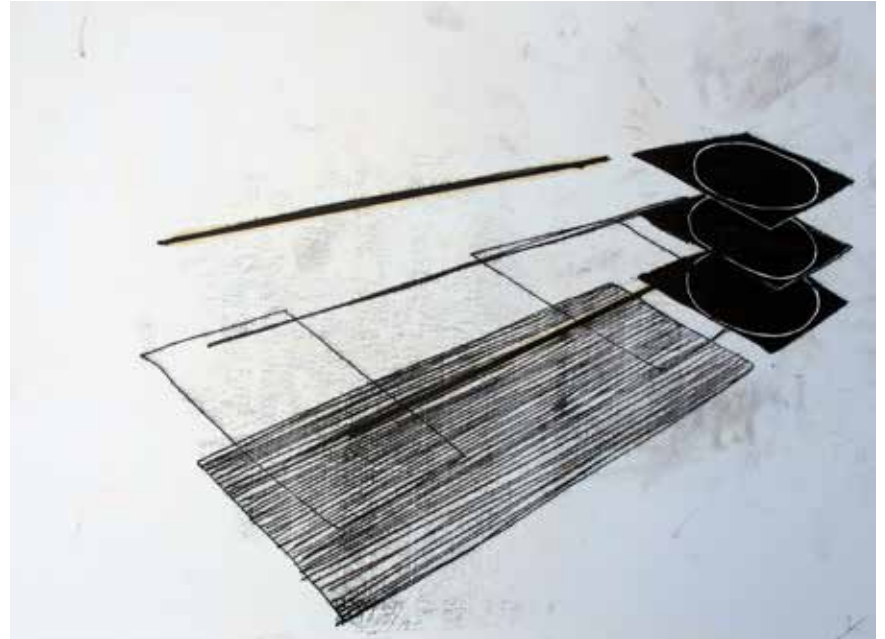


Sem título
2019
Óleo sobre papel
42 x 29,7 cm

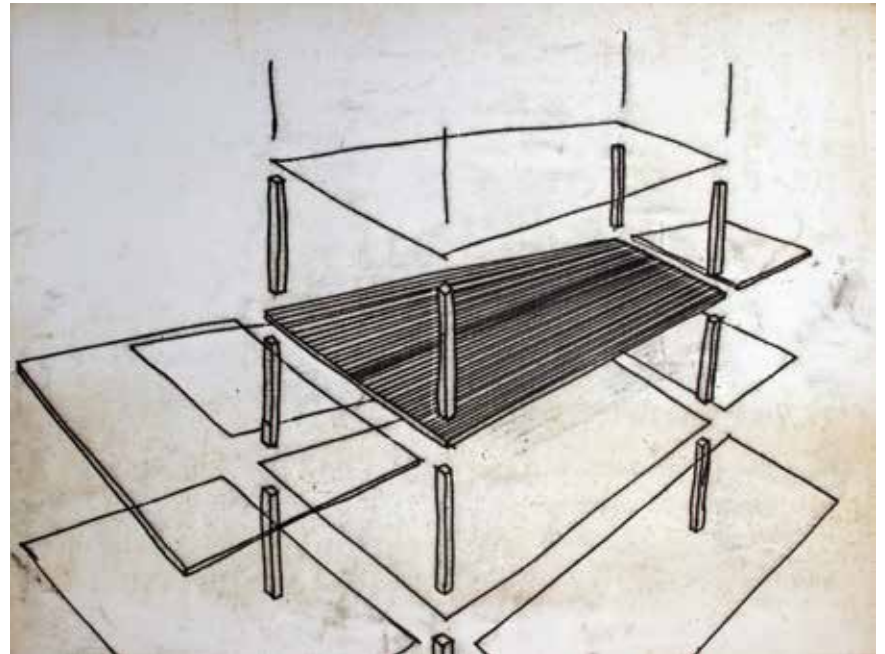


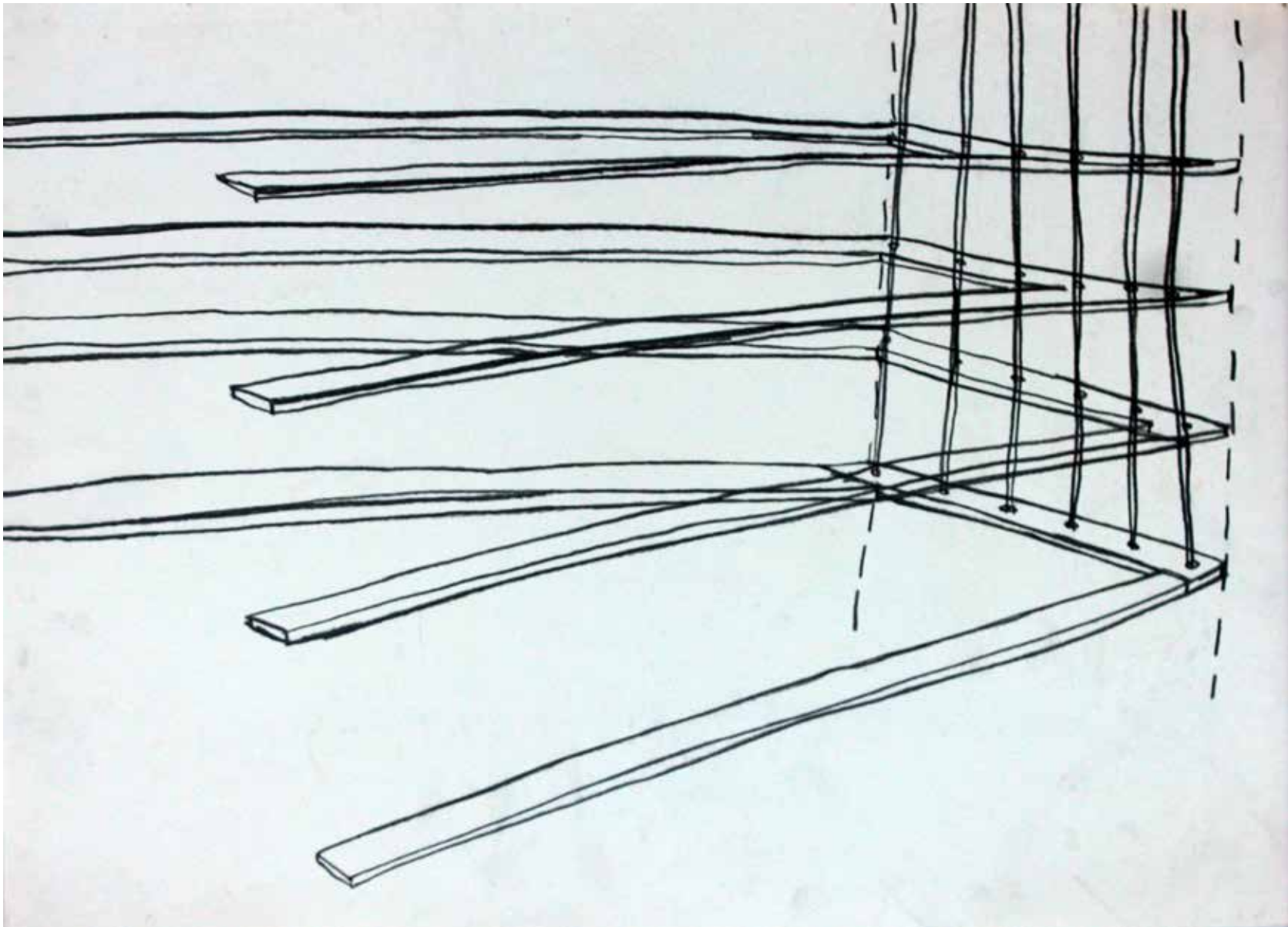
Sem título
2019
Óleo sobre papel
42 x 29,7 cm

Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 29 x 42 cm

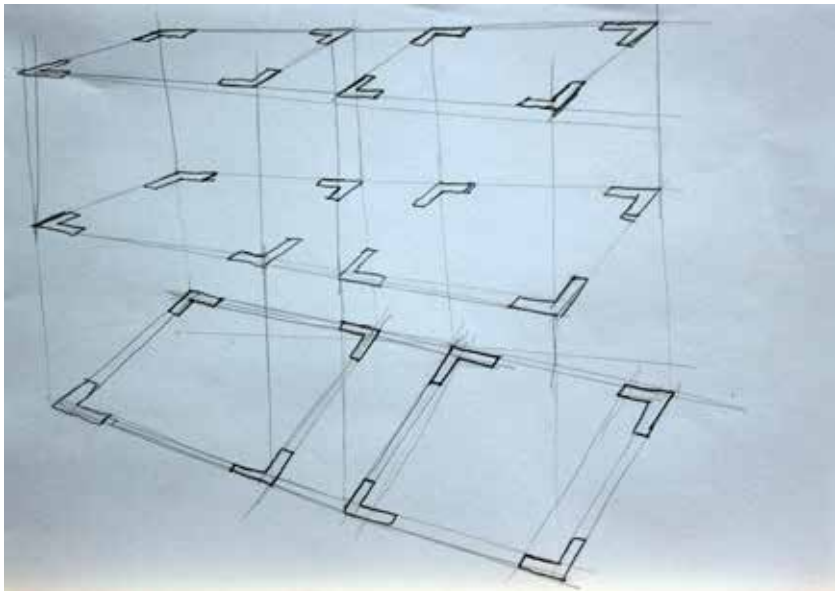


Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 29 x 42 cm

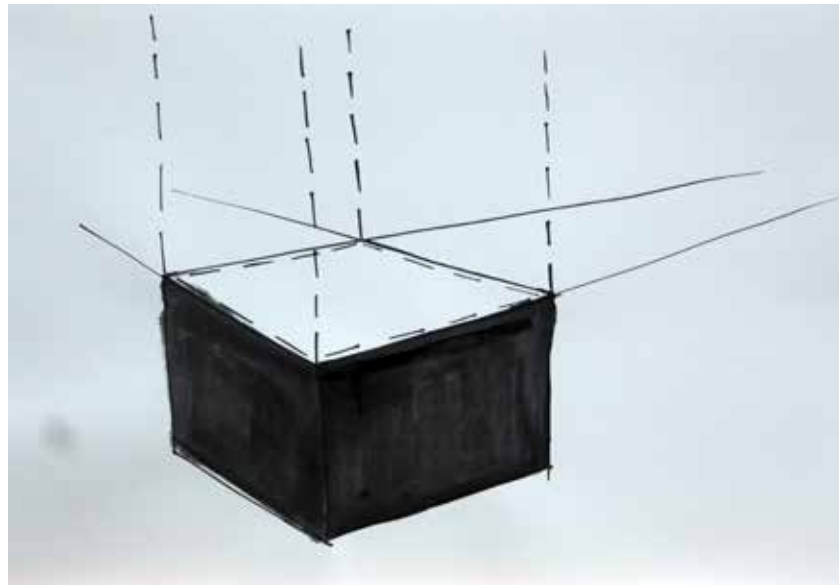




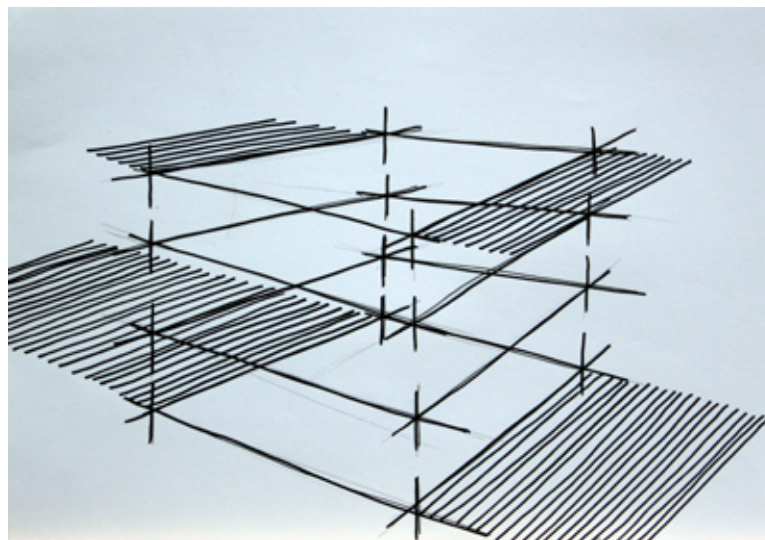
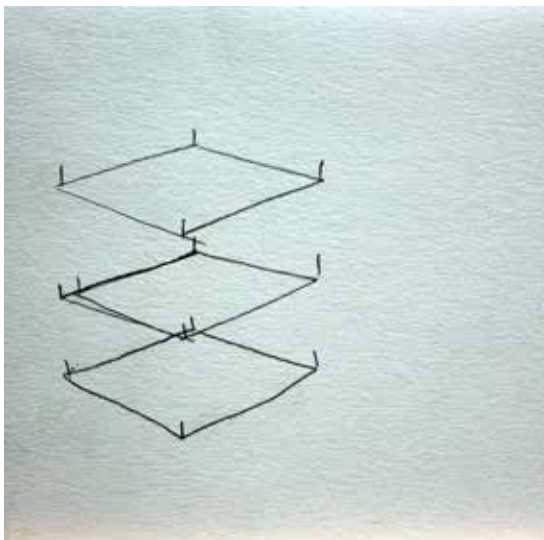
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 29 x 42 cm



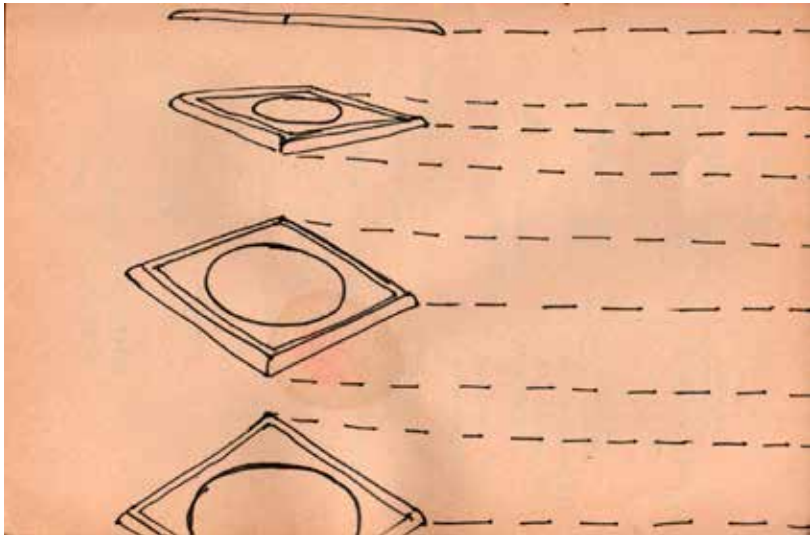
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 15 x 12 cm



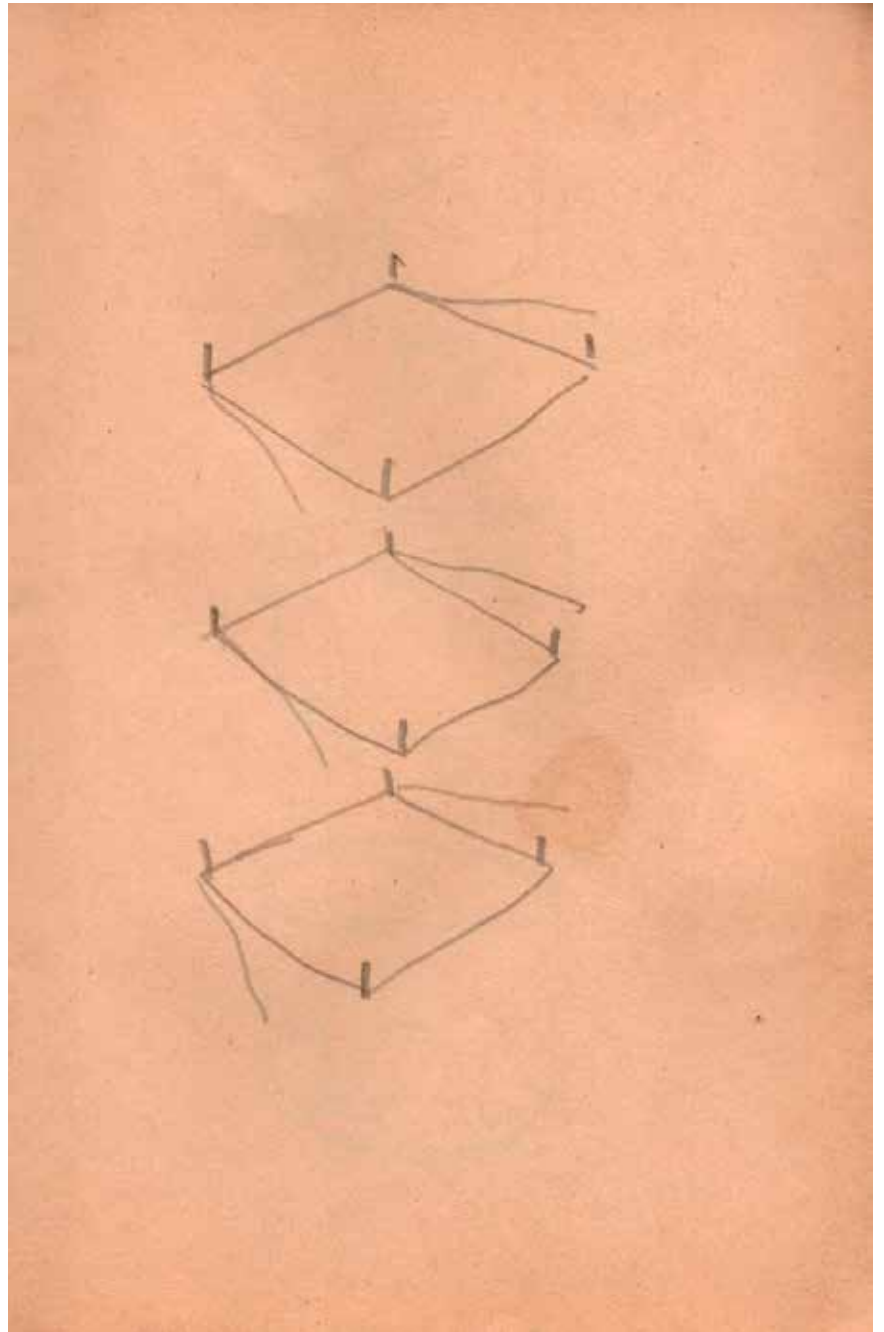
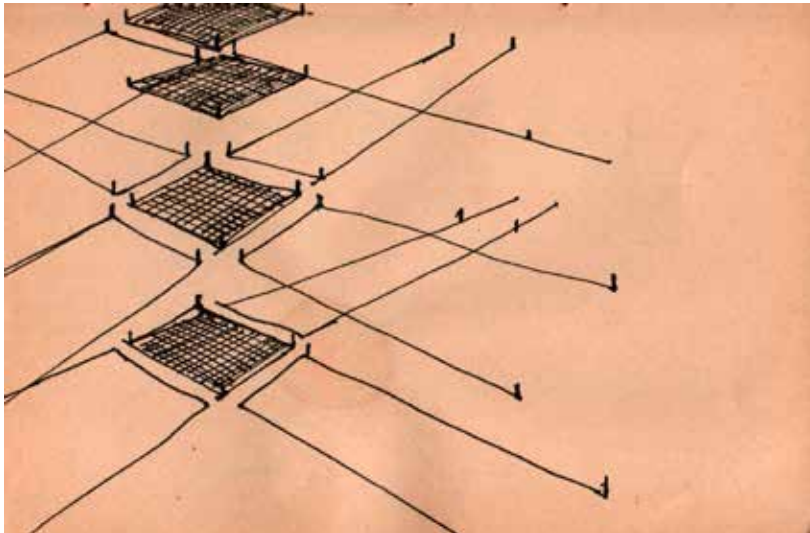
Sem título
2020
Grafite e nanquin sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

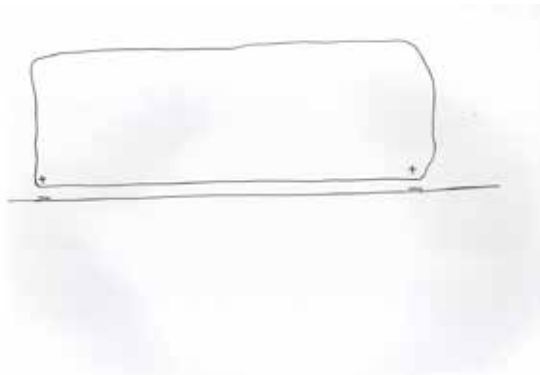


Sem título
2020
Grafite e nanquin sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

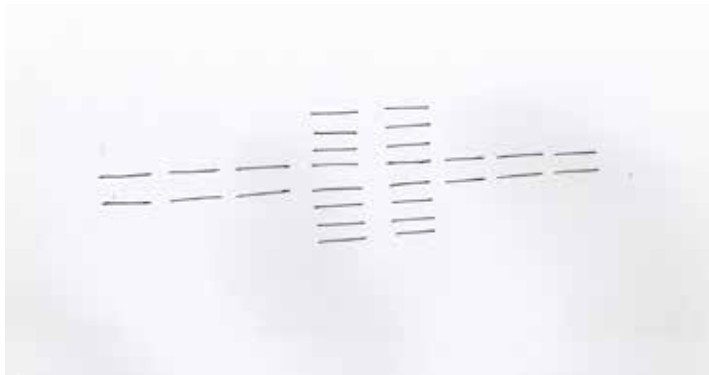


todos nesta página:
Sem título
2019
nanquin ou grafite s/ papel
aprox. 15 x 9,7 cm

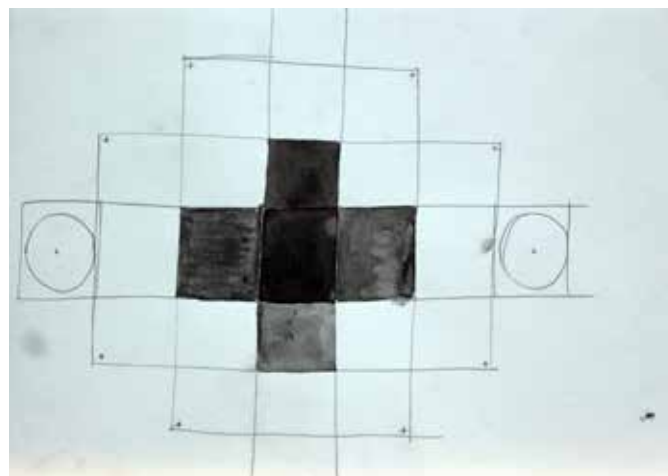




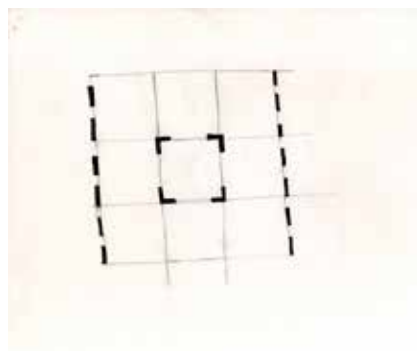
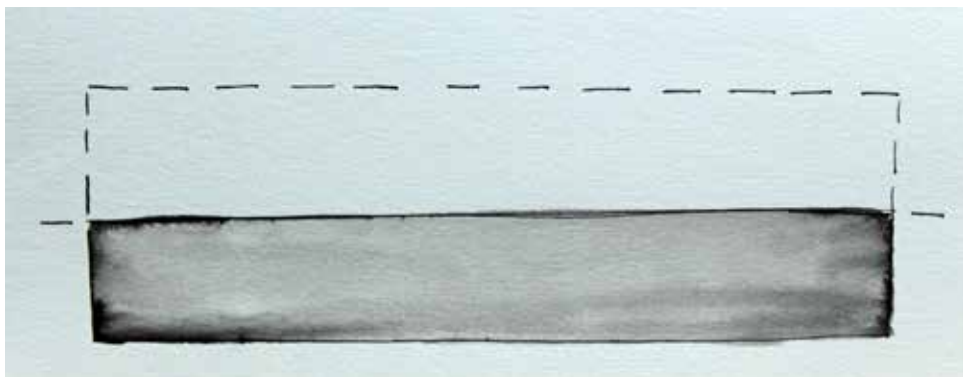
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm



Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm

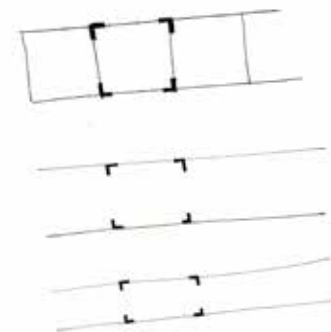


Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8 cm

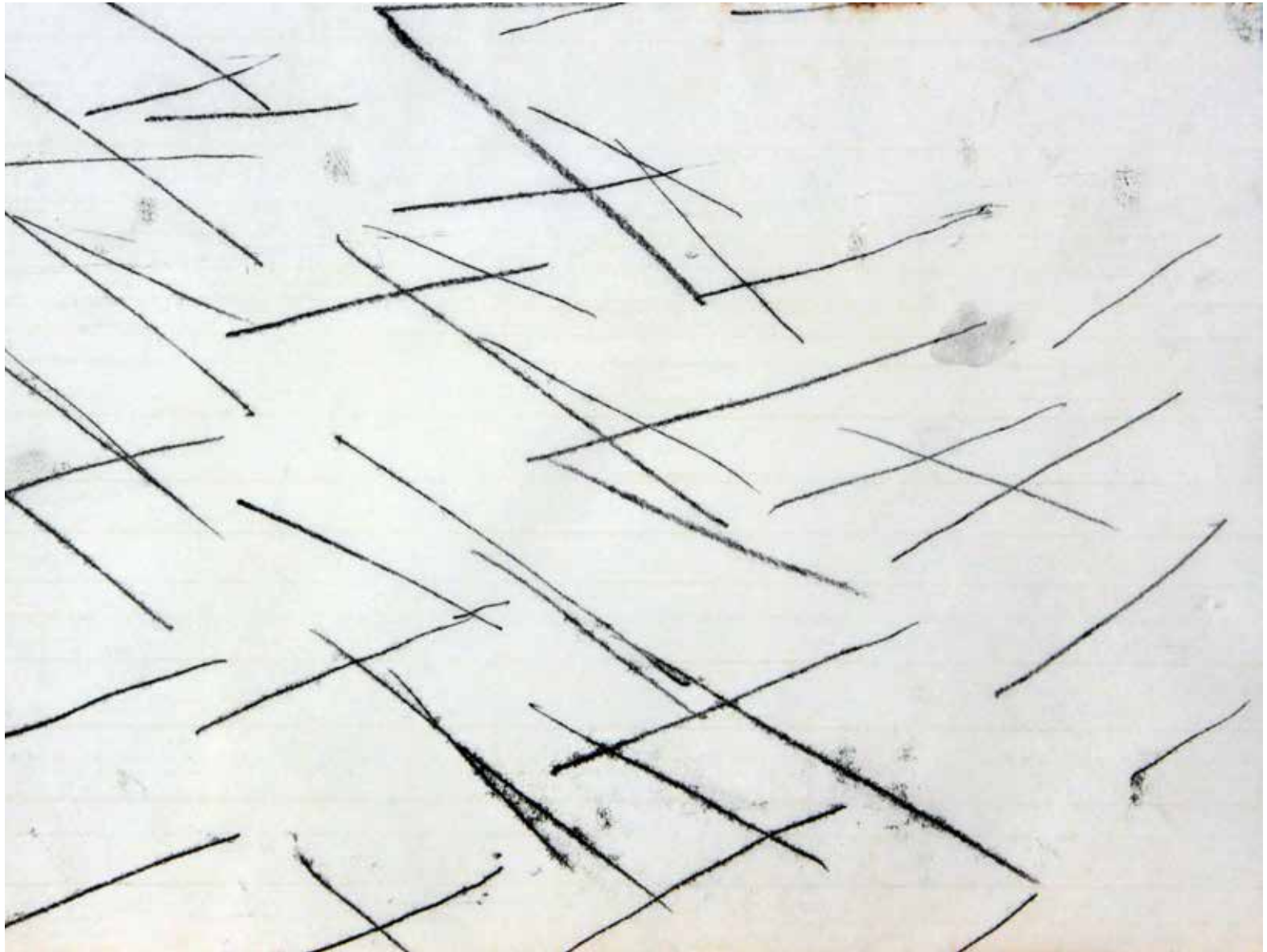


Sem título
2017
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 10,2 x 15 cm

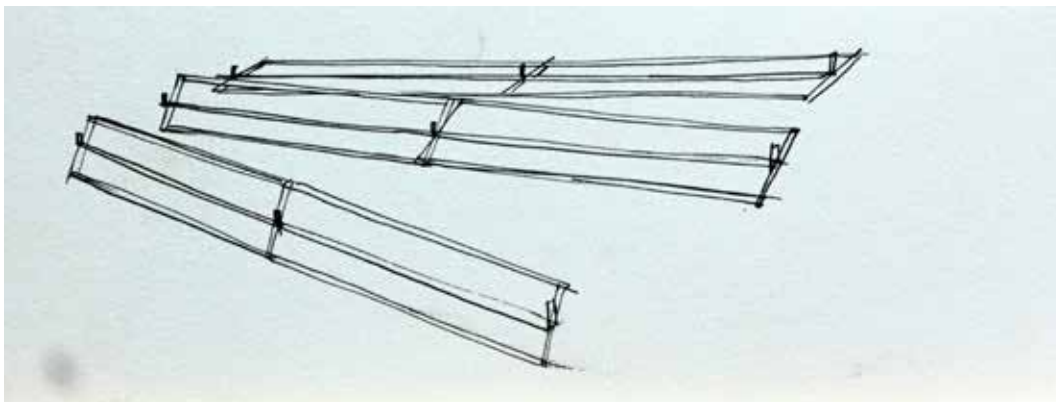
Sem título
2018
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 5 x 15 cm



Sem título
2017
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 20 x 29 cm



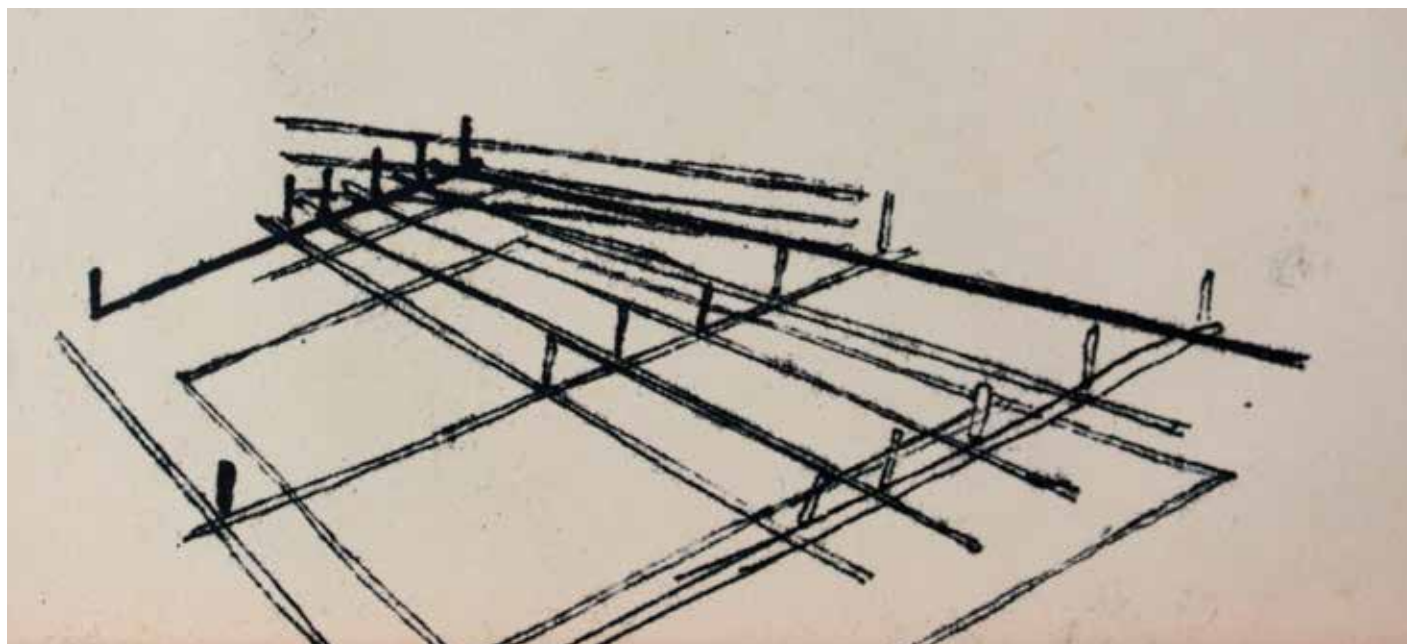
Sem título
2019
Óleo sobre papel
20 x 28 cm



Sem título
2017
Nanquin sobre papel
aprox. 10 x 21 cm



Sem título
2017
Nanquin sobre papel
14,9 x 21 cm



Sem título
2015
Óleo sobre papel
13 x 31,3 cm

Nota 78

Os presentes trabalhos são resultado de um caminhar atento, impressão profunda daquilo que é observado. Resultado da investigação das possibilidades expressivas da linha. Da experiência direta com os materiais e com a paisagem é que foi surgindo a poética. Explica-se: o trabalho não é mero receptáculo de idéias; subordinado a experiências intelectuais, que a muito custo se configuram na matéria. Não. Surge sim, da experiência figurativa. Busca da linha no mundo.

Nota 79

O apreço pela linha é evidente, e já vem de tempos... Se o desenho acontece rapidamente, é porque cada linha nova lembra aquelas que a antecederam; traz consigo o passado marcado no gesto. É suporte e fruto do pensamento.

Nota 80

O grande tema da poética é o espaço. E a imaginação. Trata-se da criação de lugares fictícios, utopias talvez. Nesse sentido, o trabalho é um projeto - de lugares inexistentes, de estruturas imaginárias. O olhar do espectador preenche esses espaços - vazios que são - e retorna com impressões pessoais.

O campo de experiência é incompleto e anseia o vazio. É também campo de contrastes, contradições... Às vezes, é vontade de cercar uma ideia, mas sempre é procura em entender, tudo não, só o que não se pode tocar.

Nota 81 Tira daqui, põe ali.

Me interessam imagens com movimento. Esse movimento pode ser de vários tipos, mas o que interessa é não fazer imagens estáticas, imagens que fiquem paradas e que nos sugiram a mesma atitude. Busco imagens que mobilizem.

O movimento pode ser explícito no trabalho, nas mãos dos participantes realizando alguma operação proposta, por exemplo; ou pode ser do olhar que percorre a imagem, ou da mente que é levada a imaginar.

Nota 82 Da profundidade na imagem.

Da terceira dimensão do espaço representado no plano, mas também da profundidade de nosso ambiente real, o campo para fora da folha de papel, onde acontecem as operações físicas de sobreposição de camadas.

Nota 83 Jato de tinta

Hoje surgiu um jeito novo de desenhar. Realizar uma imagem grande, composta por pequenos desenhos que se acumulam gradualmente no papel. Pequenas monotipias em série, estampadas sobre o mesmo suporte.

No papel, cada imagem singular é justaposta, já na chapa entintada, as camadas se sobrepõem. Ao final, é possível realizar uma outra estampa de toda a chapa entintada, que guarda a informação gráfica de todos os desenhos feitos anteriormente.

Nota 84 Jato de Tinta 2

Como quem borda em um tecido grande, movendo o bastidor de lugar e continuando a tecer um desenho. Passo a passo, gesto a gesto.

Nota 85

Desenhar é uma brincadeira de sobrepor imagens. De seleção e combinação de imagens em um universo predefinido de cópias.

Nota 86

Cada desenho dá novo sentido ao conjunto de desenhos já feitos. Dá novo sentido ao desenho como um todo, ao desenhar.

Nota 87

Este trabalho é sobre desenho e sobre desenhar. Sobre o desenhista também. Aquele que corre os riscos, que contempla a alvura desértica das folhas de papel.

Este trabalho é sobre desenho em suas múltiplas formas. Agora mesmo, tenho sentido vontade de investigar o desenho como acúmulo de material em uma superfície, uma outra face do trabalho com camadas. Abandonar a viscosidade e a cobertura da tinta e contemplar a porosidade e a atmosfera do grafite. Da tinta ao pó.

Realizar desenhos grandes, que reduzam o evento espetacular ou apoteótico e caracterizem muito claramente o desenho como processo, como construção. Um sambaqui de camadas de trabalho

sobre o papel. Metáfora interessante dessa mesma dissertação.

Nota 88

Tenho um cacoete ou mania desde a graduação. Ponho-me a projetar trabalhos de arte. Imagino trabalhos, montagens, esculturas. Investigo teoricamente suas leituras. Lanço-me no futuro a partir de um presente imaginado. Parte disso é uma grande perda de tempo, mas é também uma maneira de habitar o projeto. A paisagem diante de meus olhos se projeta no tempo em camadas de conjecturas.

Nota 89

Todo desenho que faço só está em parte ali, diante de meus olhos. O mais importante é projeção.

Nota 90

Há uma força tremenda que nos impele a imaginar. É a essa força que me dirijo quando desenho. Ao contemplar uma obra de arte, procuro essa dinamização interna, esse lançar-se adiante, essa mobilização do pensamento e da criatividade.

Nota 91

Ainda hoje, mesmo distante da escultura e do vídeo, busco dispositivos. Procuro fazer imagens, mas também inventar as maneiras de fazê-las. Criar dispositivos de desenhos que podem ser como máquinas de produção de imagens. Às

vezes, estas máquinas são construtos mentais, operações cognitivas e perceptivas para se obter determinados efeitos ou soluções imagéticas. Neste sentido, são jogos. Jogos de imagem.

Nota 92

Empilhamentos geram imagens em sequência. Sugerem um tempo transcorrido. Qual seria a primeira imagem?

Nota 93

A imagem cria um espaço para o olho percorrer. O espectador tem poucos elementos para trabalhar. Linhas, planos, algumas figuras. Espaço. Vazio. Bastante vazio.

Nota 94

Em todos os trabalhos que fiz e faço, o movimento é um elemento central. As linhas são geradas por um movimento e dele impregnadas, propõem um gesto análogo ao olhar do observador. São vetores do olhar.

Nos jogos, há o movimento das mãos expressamente proposto ao participante. Mas há um outro movimento, mais sutil e interno, que sempre almejo criar. Trata-se de um atrito interior no desenho, um jogo interno, como um motor oculto a impulsionar ou carregar como uma bateria essa energia latente e pulsante na imagem. Busco criar formas inquietas.

Nota 95

Formas repetidas convidam o olho a comparar, alinhar, notar desvios ou assimetrias. Convidam o olho e a imaginação a moverem-se na imagem e por causa dela.

Nota 96

A sobreposição e o acúmulo de camadas de trabalho trazem para o campo discursivo da obra o espaço real.

Somam à força imersiva da representação (uma força em direção à imagem) uma outra força, que nos faz emergir do campo representado para contemplarmos os processos de feitura do trabalho.

Nota 97 DISPONÍVEL

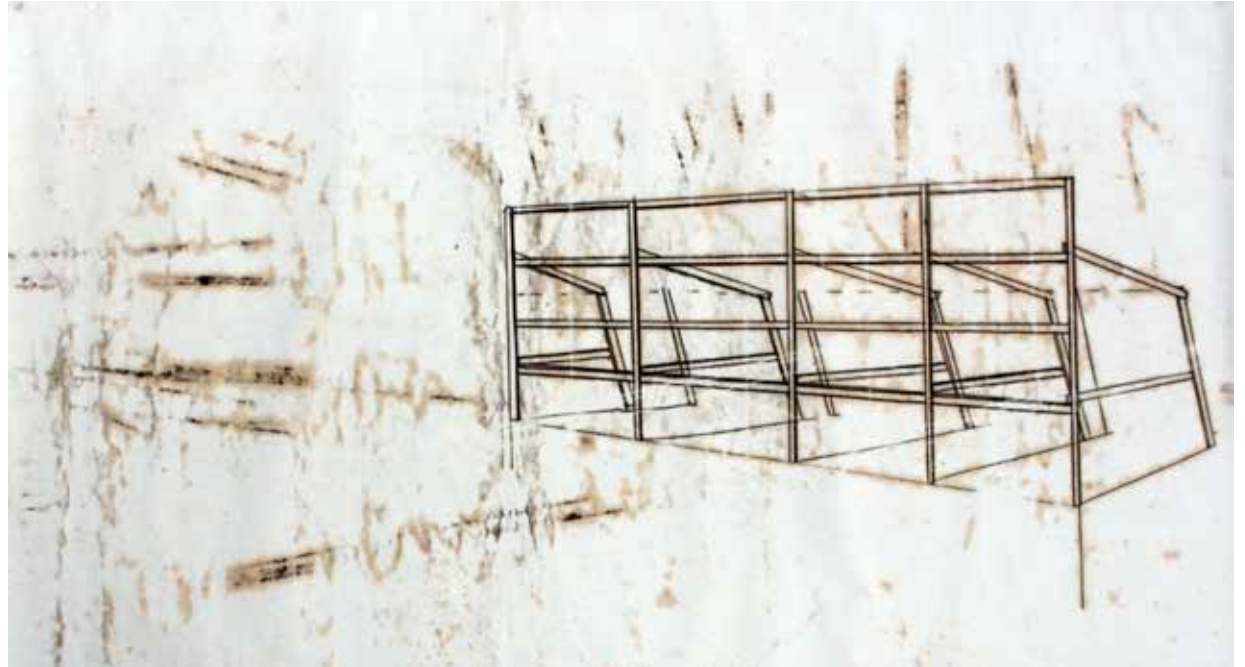
O panóptico do Google. Câmera que trabalha por varredura. Ela não aponta, não mira, apenas percorre.

Nota 98 DISPONÍVEL

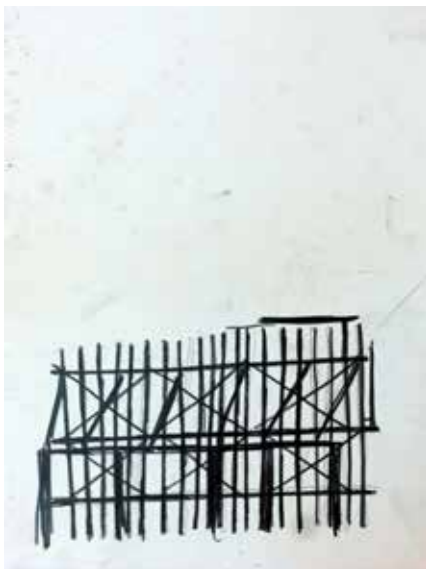
Série de imagens realizada por recolha, durante os primeiros meses da pandemia no Brasil. Safari fotográfico ex pos facto.

Me propus a criar um trabalho que refletisse sobre a paisagem real, atual, concreta em que vivo, sem naquele momento poder sair de casa.

Um olho robô percorre a paisagem. Nada atrai seu interesse.



Sem título
2018
Óleo sobre papel
37 x 70,5 cm



Sem título
2016
Óleo sobre papel
29,8 x 21 cm



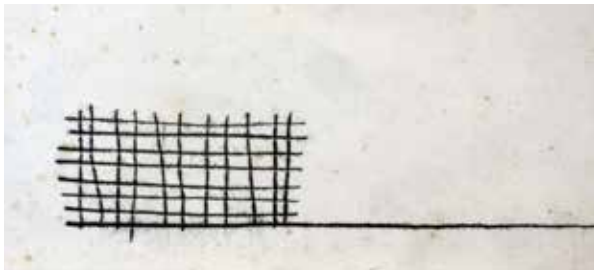
Disponível 1
2020
Imagem Digital
1280 x 626 px @ 72 DPI



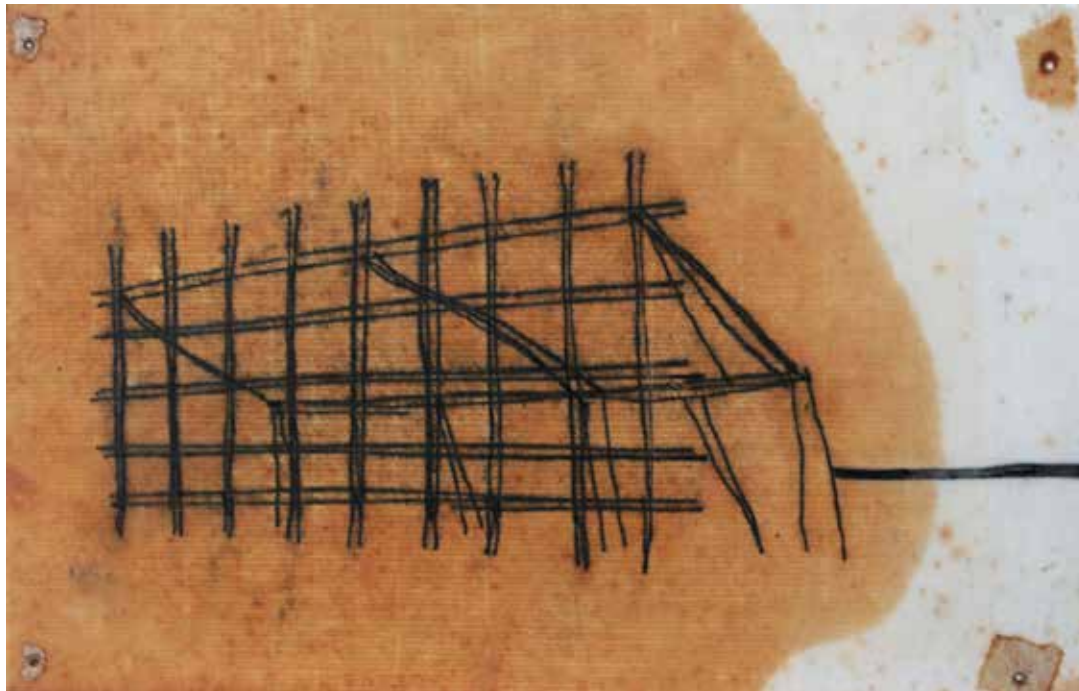
Disponível 3
2020
Imagem Digital
1280 x 626 px @ 72 DPI



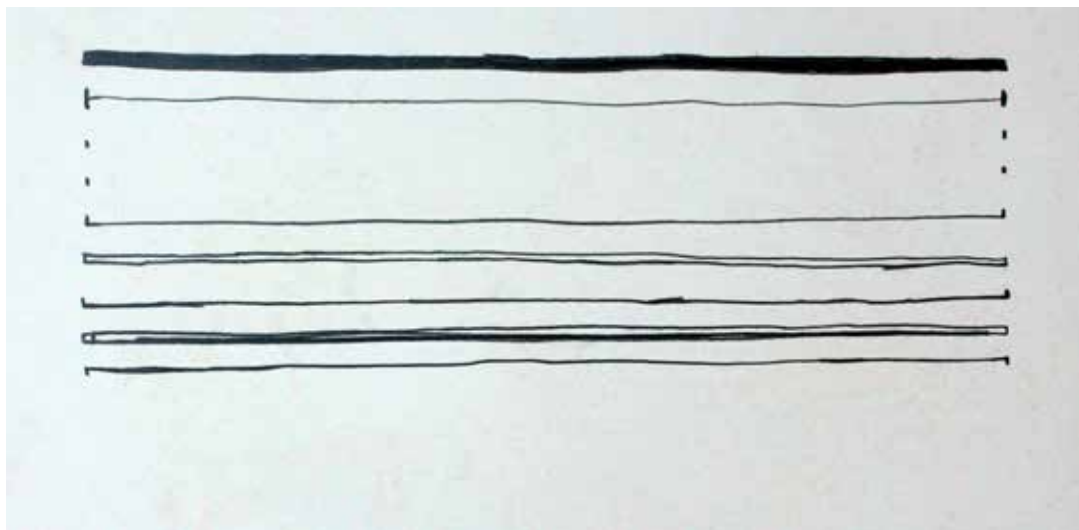
Disponível 3
2020
Imagem Digital
1280 x 626 px @ 72 DPI



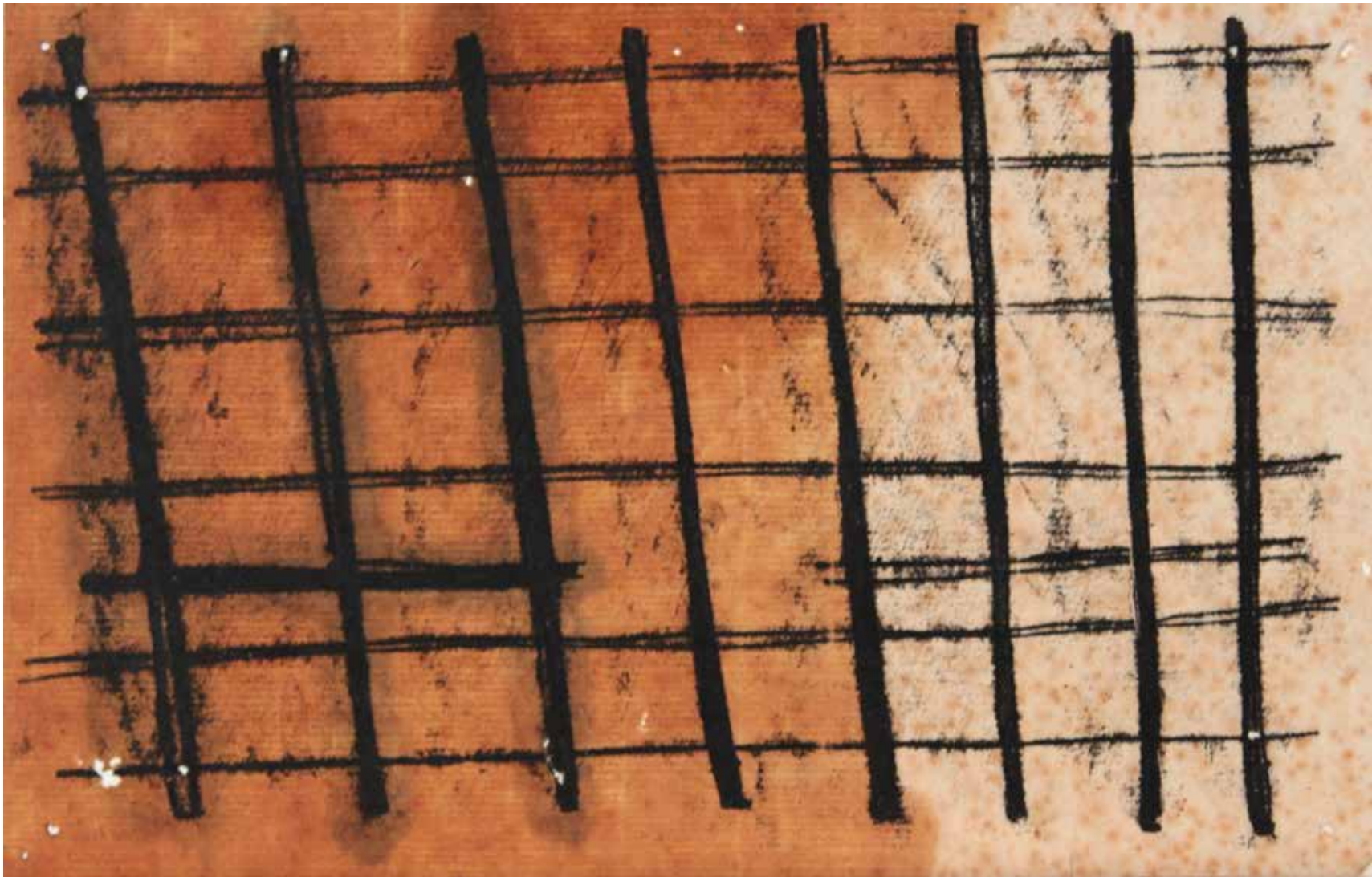
Sem título
2011
Óleo sobre papel
aprox.10 x 21 cm



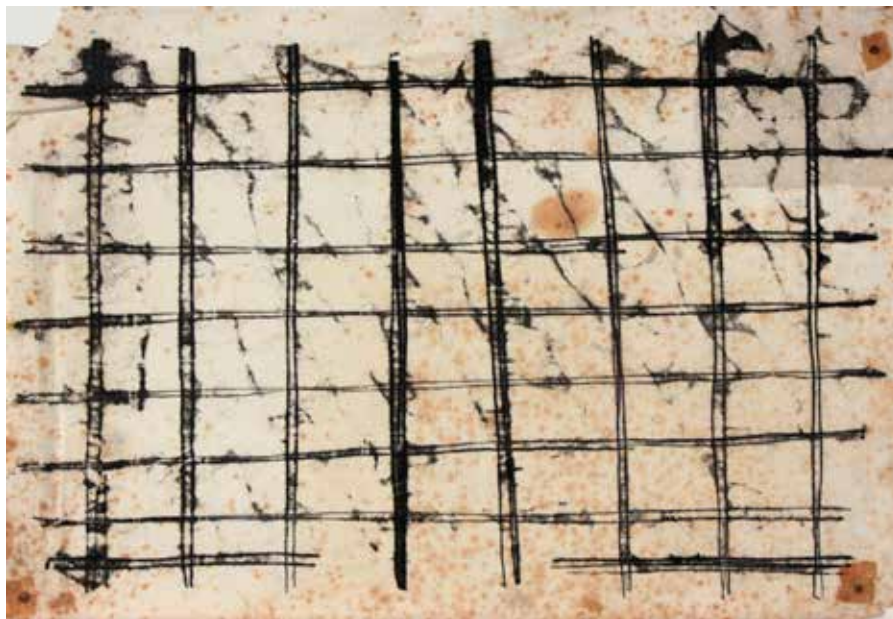
Sem título
2011
Óleo sobre papel
14,5 x 23 cm



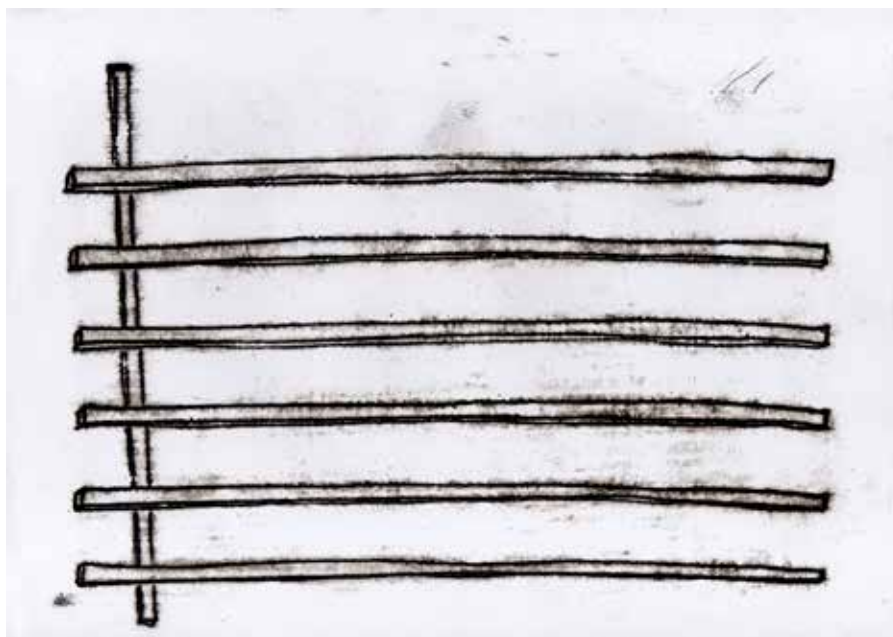
Sem título
2016
Grafite sobre papel
29,7 x 42 cm



Sem título
2011
Óleo sobre papel
14,5 x 23 cm

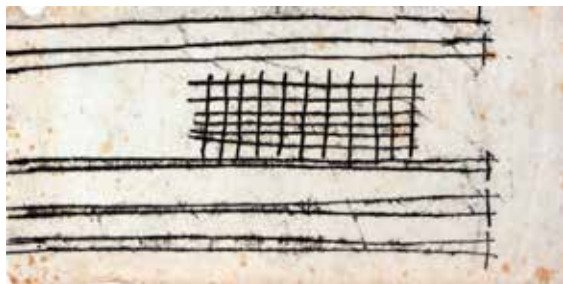


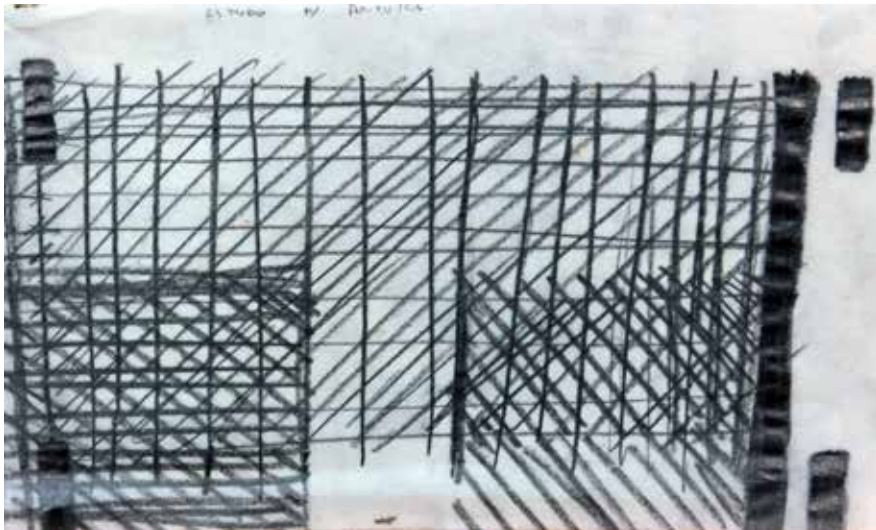
Sem título
2008
Óleo sobre papel
aprox. 25 x 39 cm



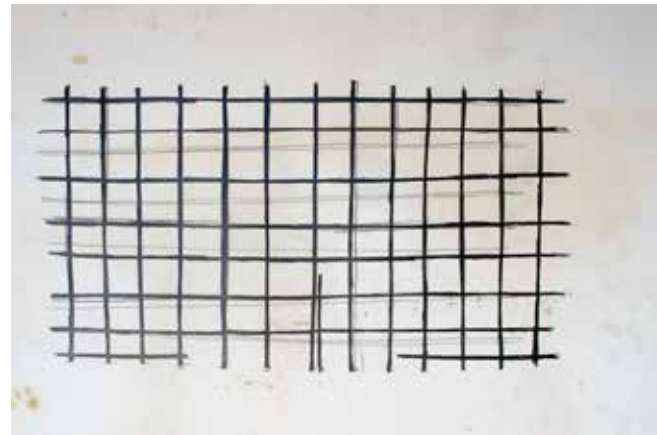
Sem título
2008
Óleo sobre papel
aprox. 20 x 29 cm

Sem título
2008
Óleo sobre papel
aprox. 10,1 x 20,3 cm





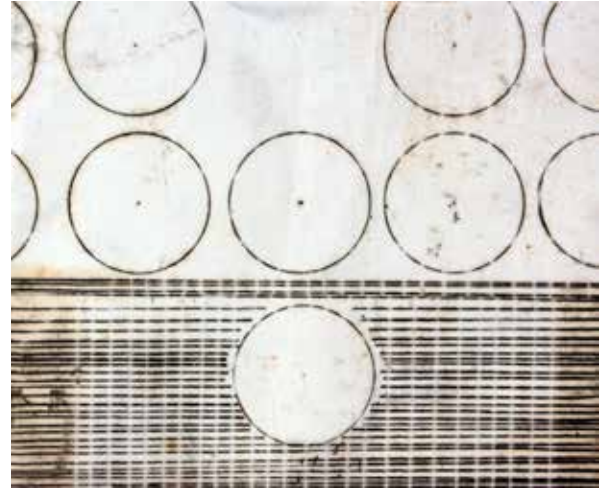
Sem título
2020
Grafite sobre papel
16,2 x 26,2 cm



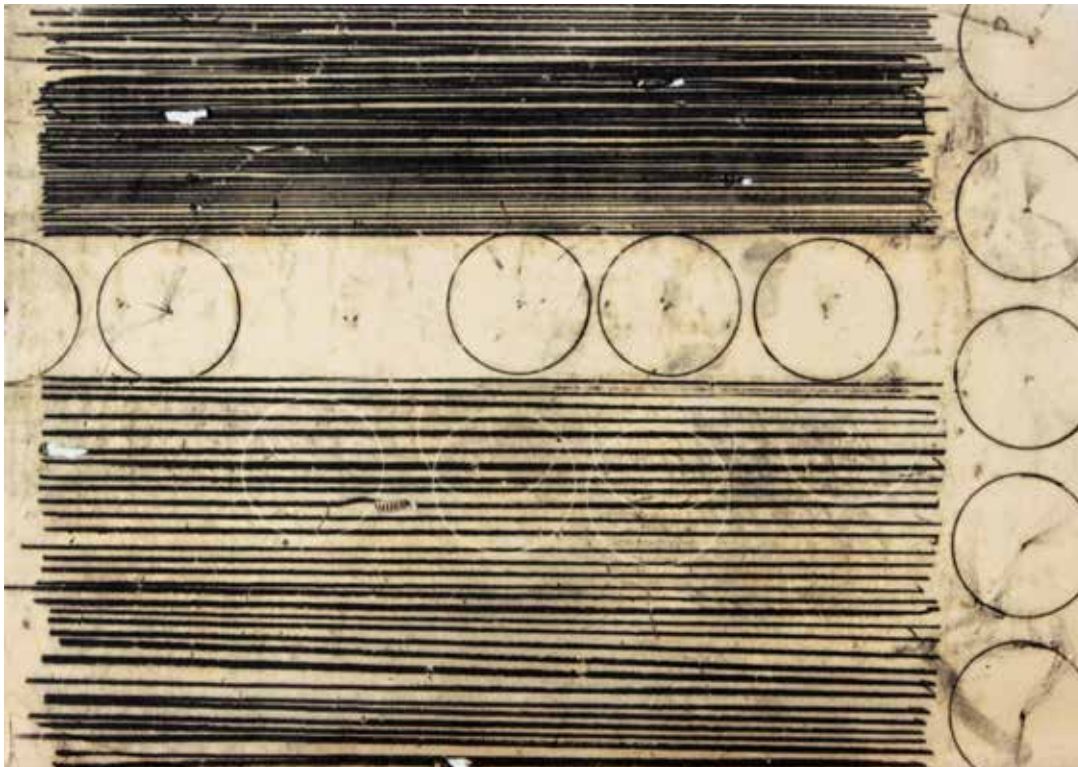
Sem título
2016
grafite sobre papel
29,7 x 42 cm



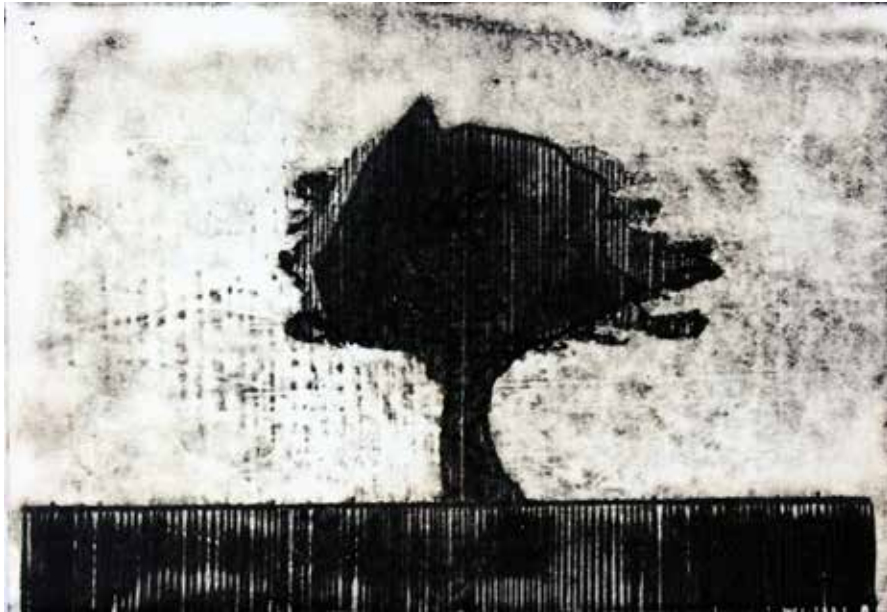
Sem título
2019
Óleo sobre papel
24,4 x 34,3 cm



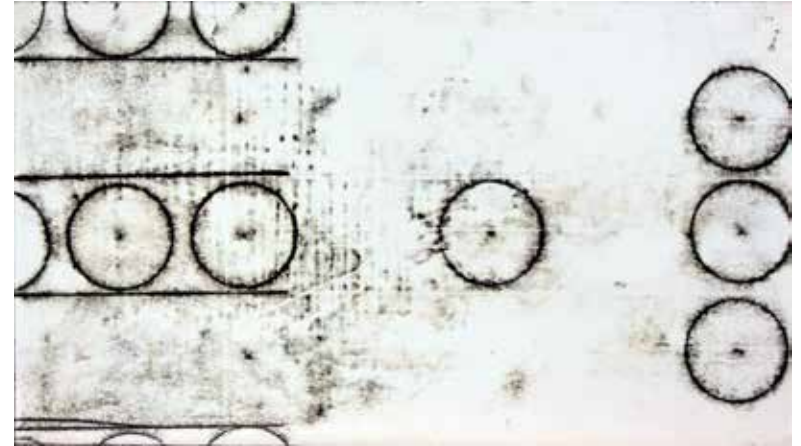
Sem título
2017
Óleo sobre papel
19,2x 23 cm



tSem título
2017
Óleo sobre papel
34,5 x 24,4 cm

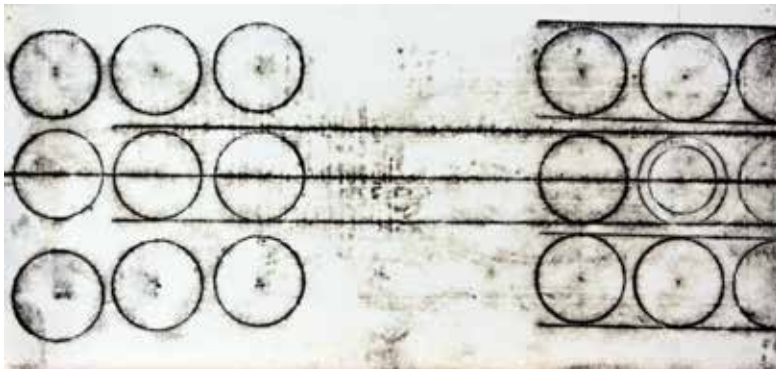


Sem título
2017
Óleo sobre papel
12 x 20 cm

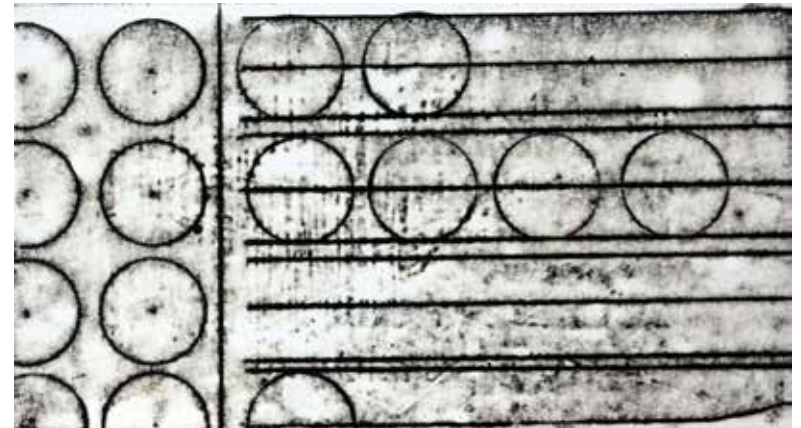


Sem título
2017
Óleo sobre papel
20 x 32 cm

Sem título
2017
Óleo sobre papel
15 x 32 cm

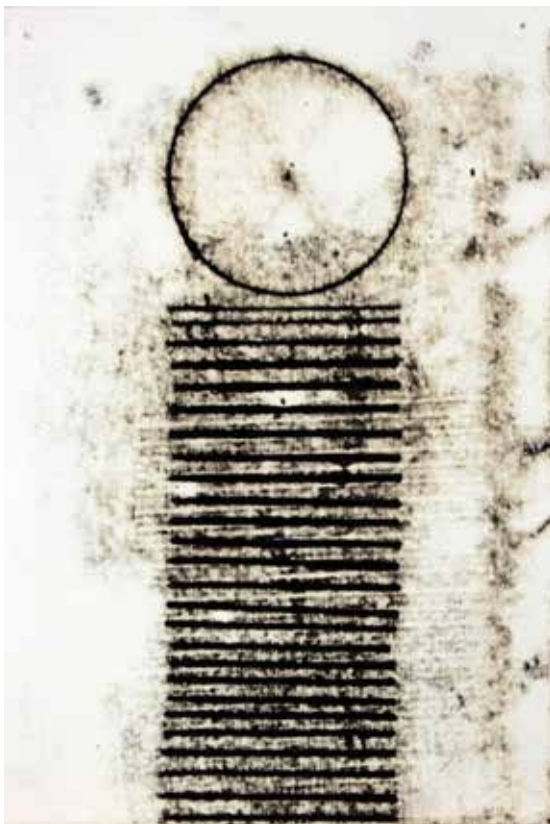


Sem título
2017
Óleo sobre papel
16,7 x 28,5 cm

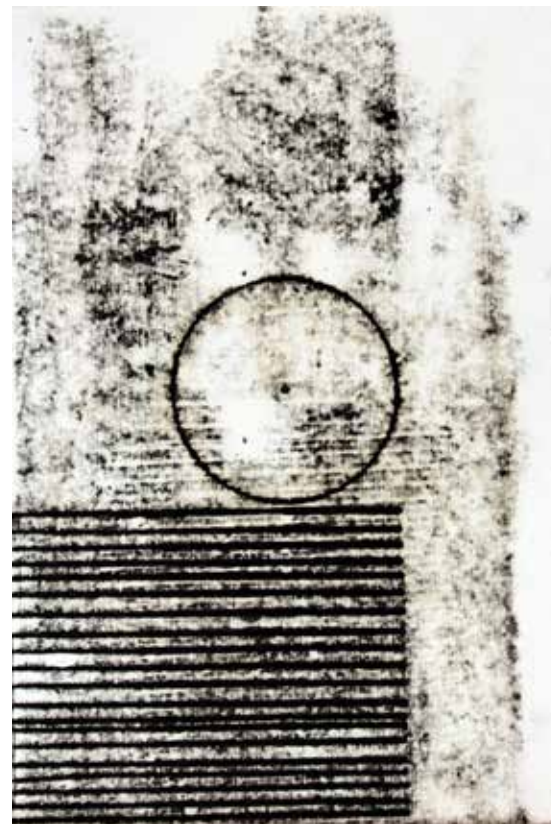




Sem título
2017
Óleo sobre papel
20 x 16,7 cm



Sem título
2017
Óleo sobre papel
25,2 x 16,7 cm



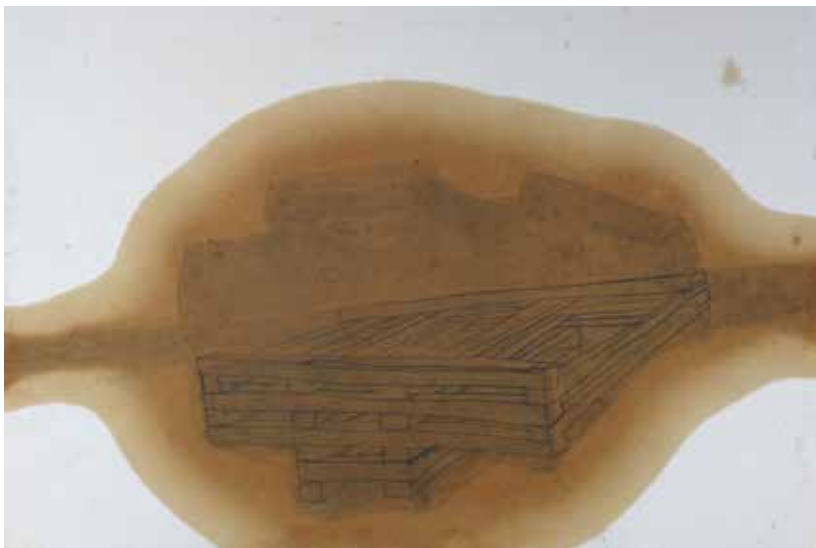
Sem título
2017
Óleo sobre papel
aprox. 20 x 17 cm



Sem título
2010
Óleo sobre papel
aprox 42 x 54,5 cm



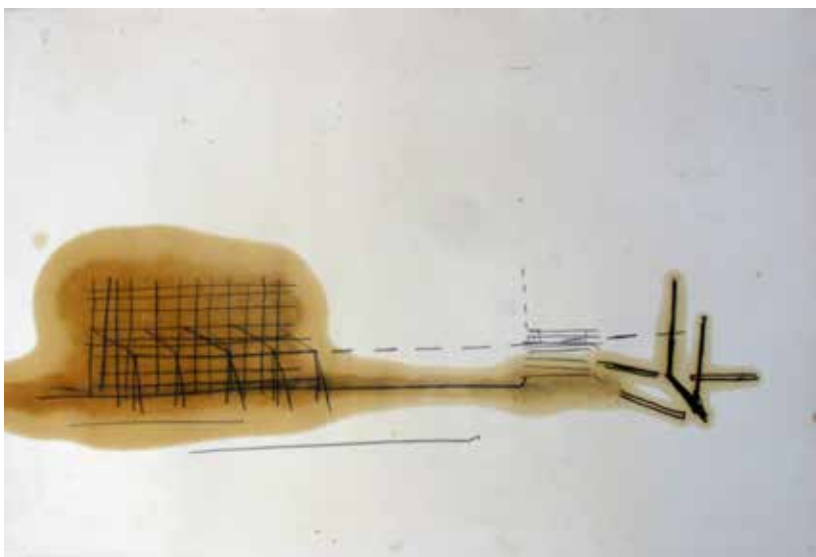
Sem título
2010
Óleo sobre papel
aprox 53,5 x 36,5 cm



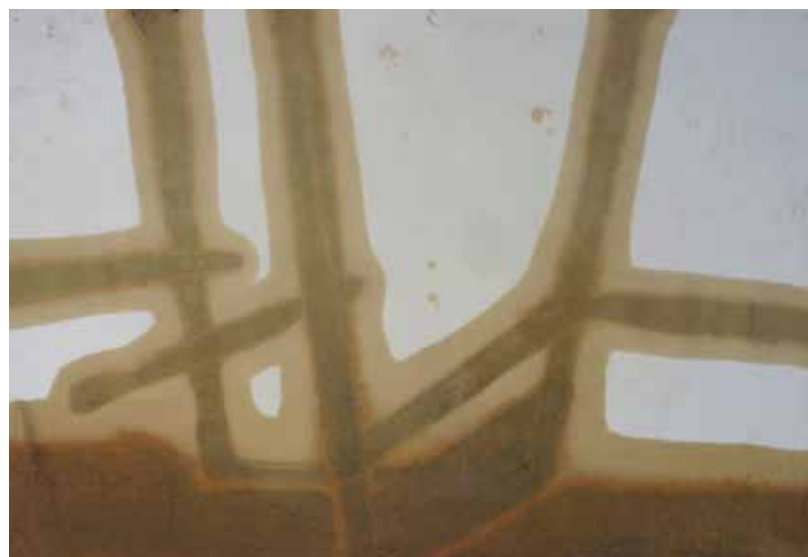
Sem título
2010
Óleo de linhaça e grafite s/ papel
43,5 x 64 cm



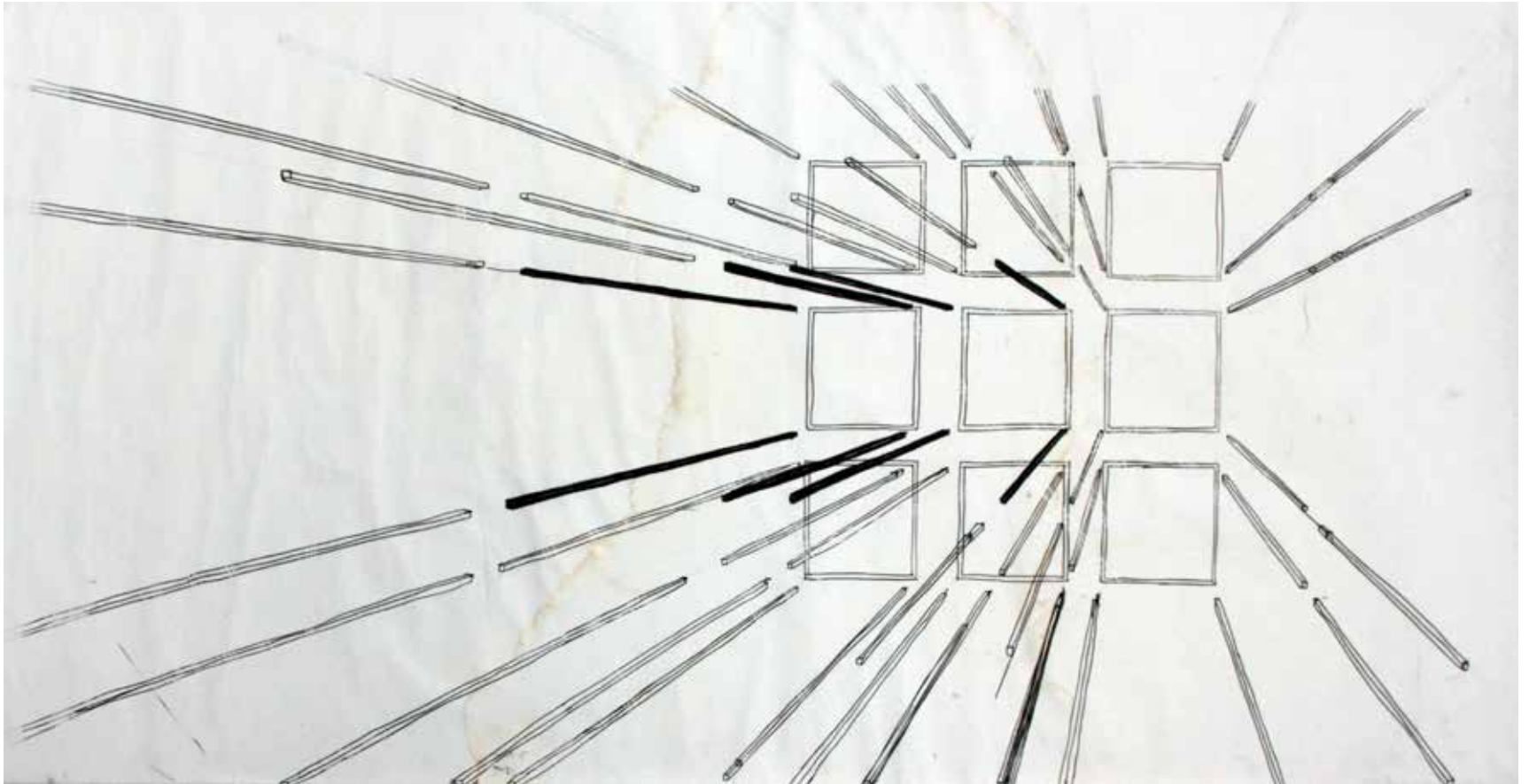
Sem título
2010
Óleo de linhaça e grafite s/ papel
43,5 x 64 cm



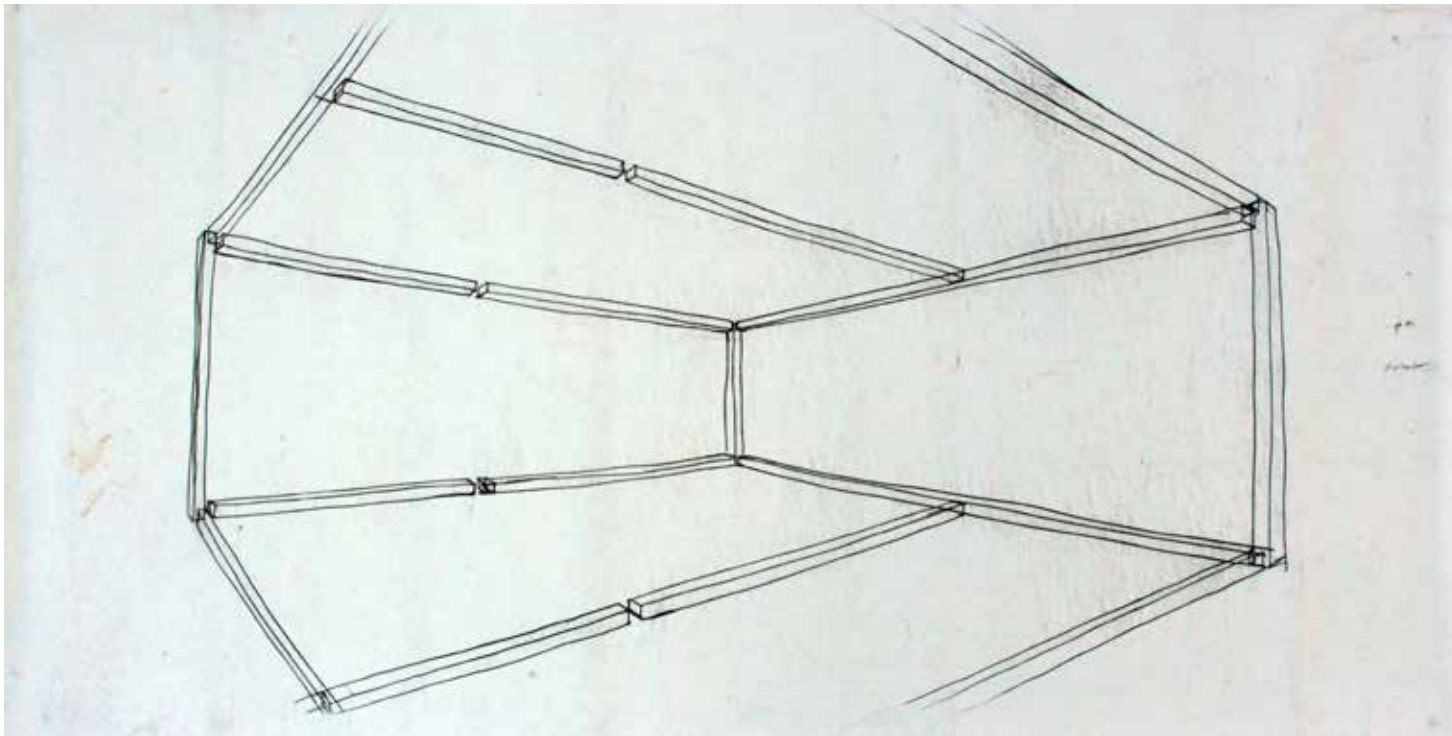
Sem título
2010
Óleo de linhaça e grafite s/ papel
43,5 x 64 cm



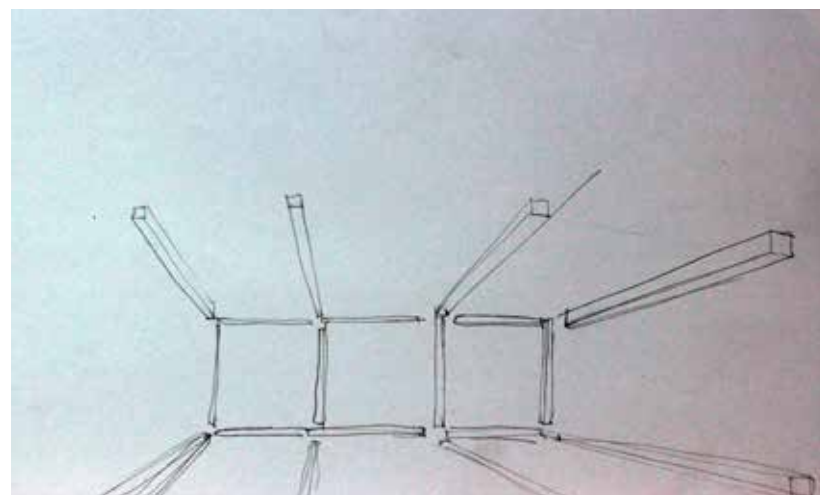
Sem título
2010
Óleo de linhaça e grafite s/ papel
43,5 x 64 cm



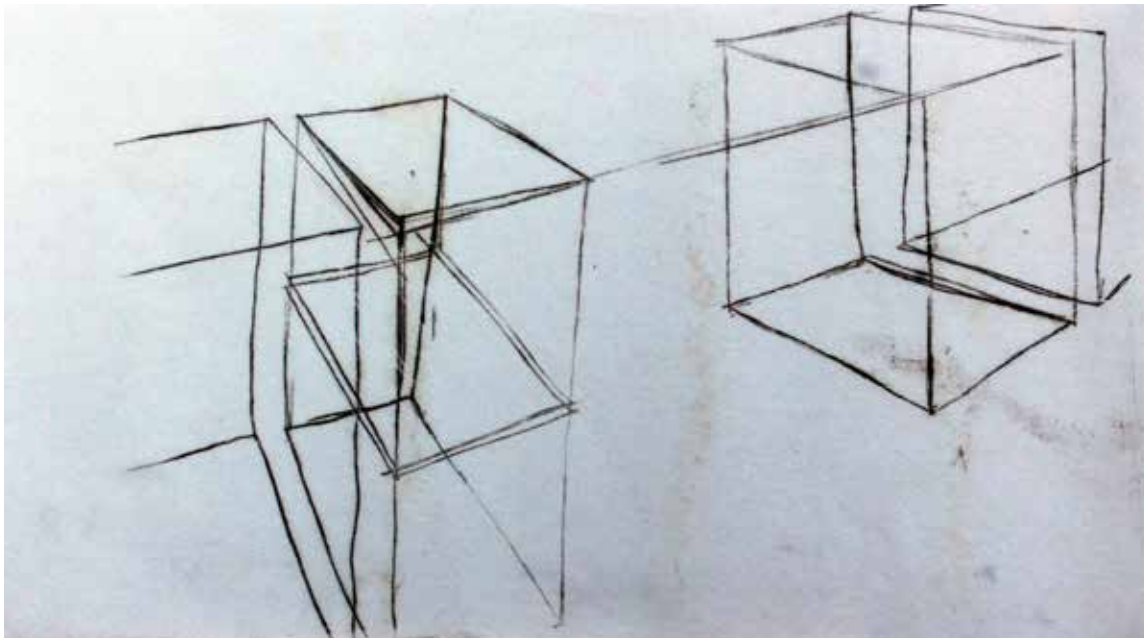
Sem título
2018
Óleo sobre papel
55 x 100 cm



Sem título
2018
Óleo sobre papel
55 x 100 cm



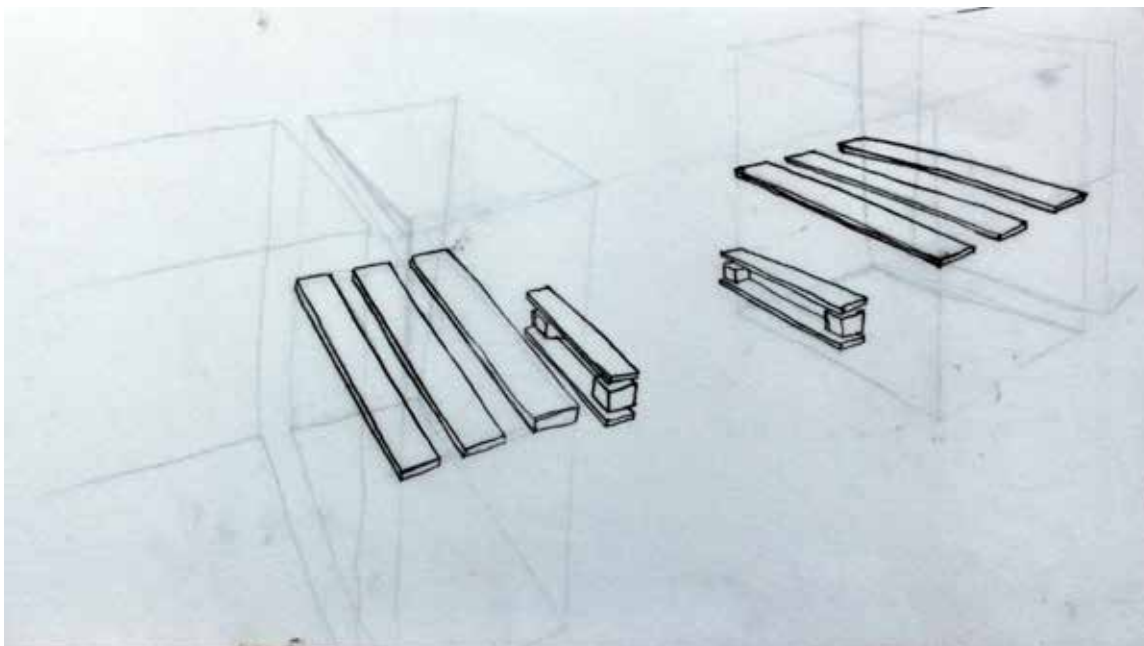
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



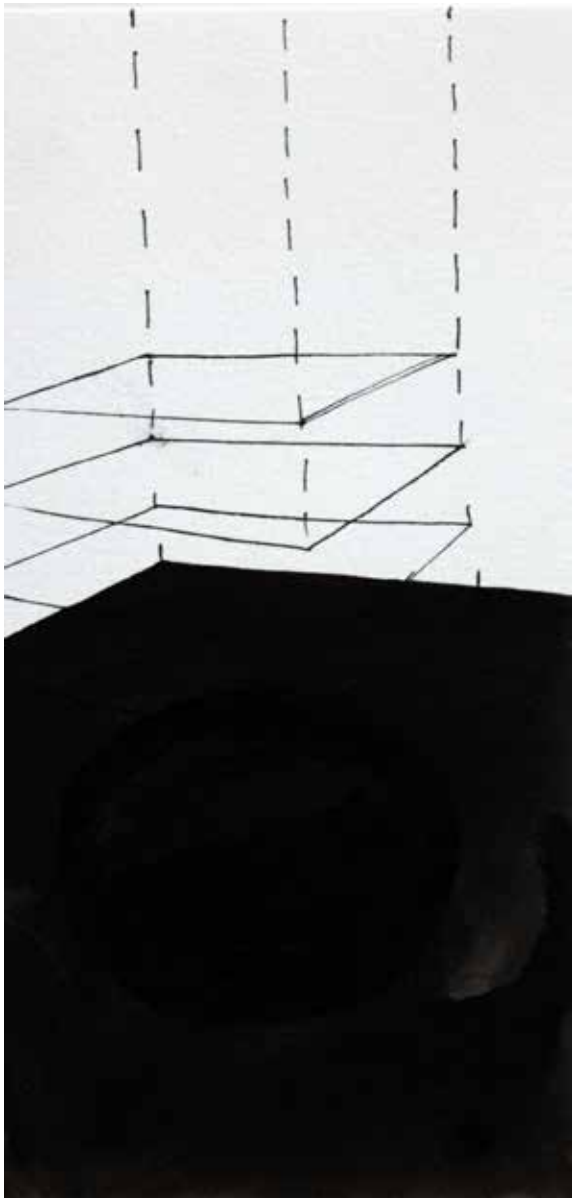
Sem título
2020
Óleo sobre papel
23 x 41,1 cm



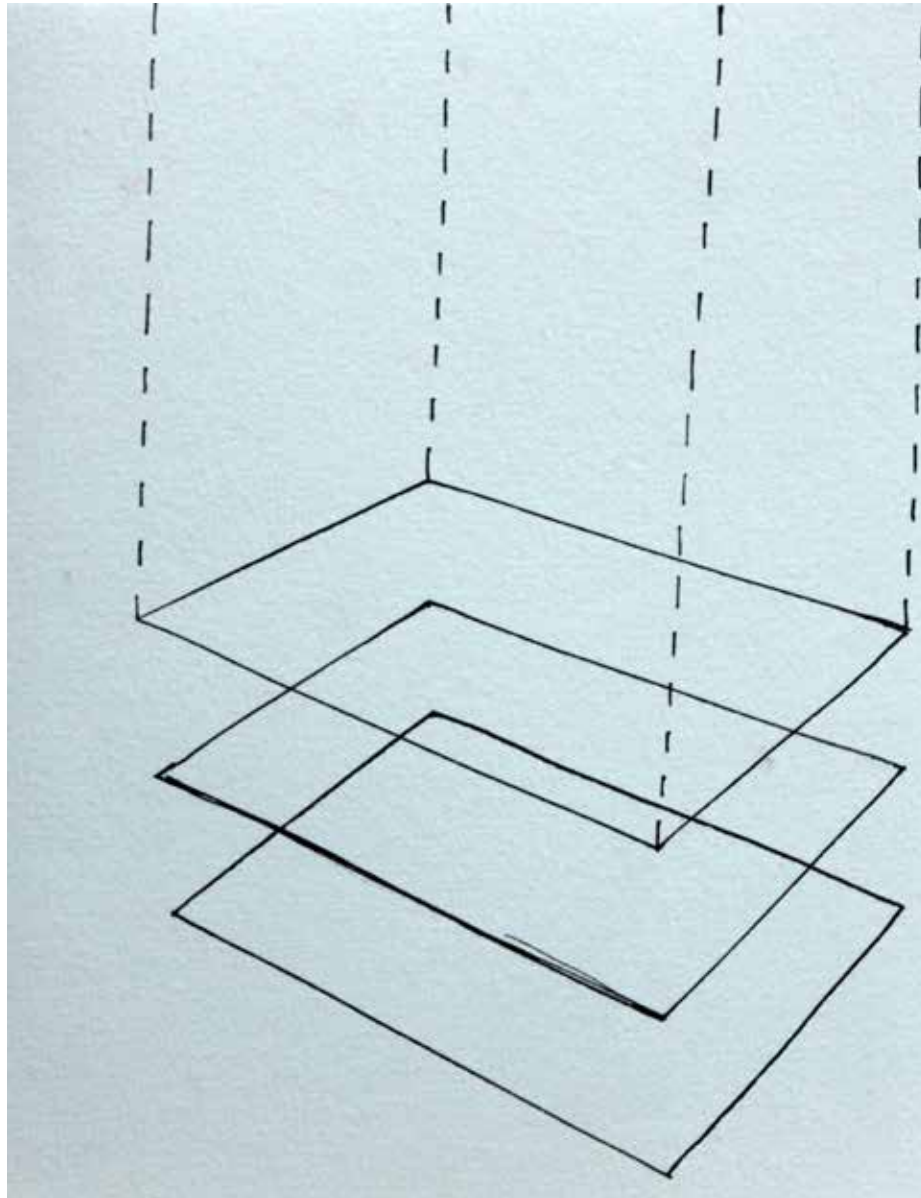
Sem título
2020
Óleo sobre papel
23 x 41,1 cm



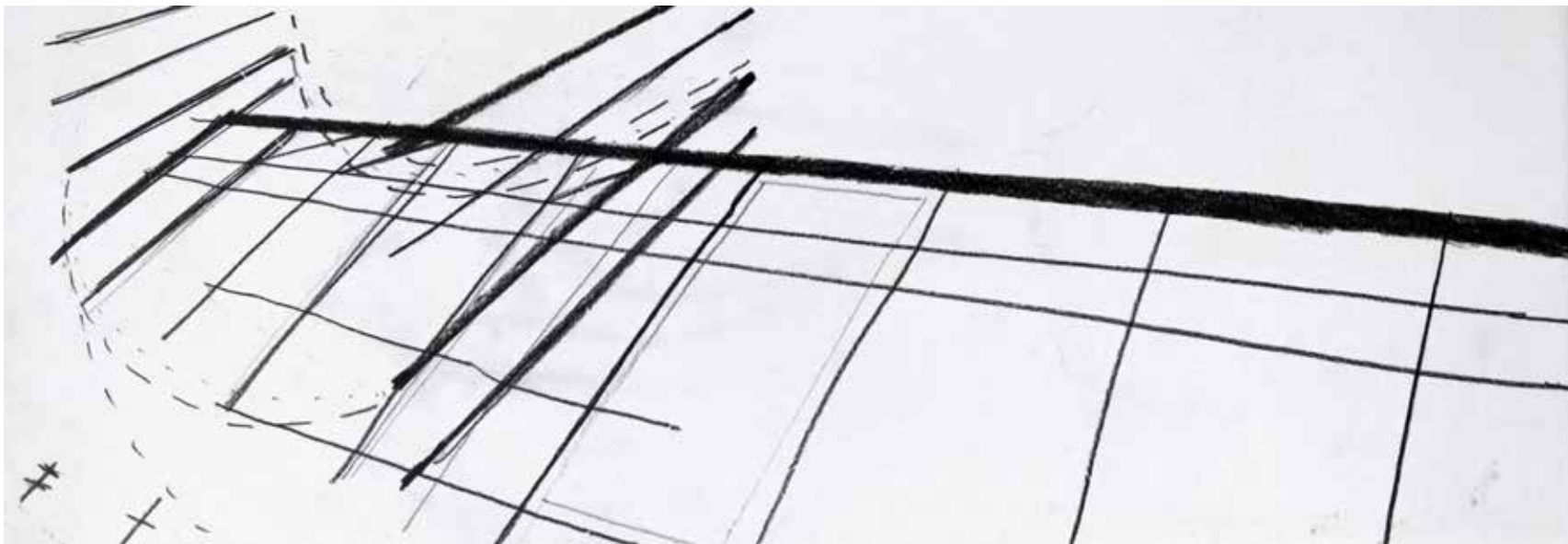
Sem título
2020
Óleo sobre papel
23 x 41,1 cm



Sem título
2019
Grafite e nanquin sobre papel
aprox. 21 x 11 cm



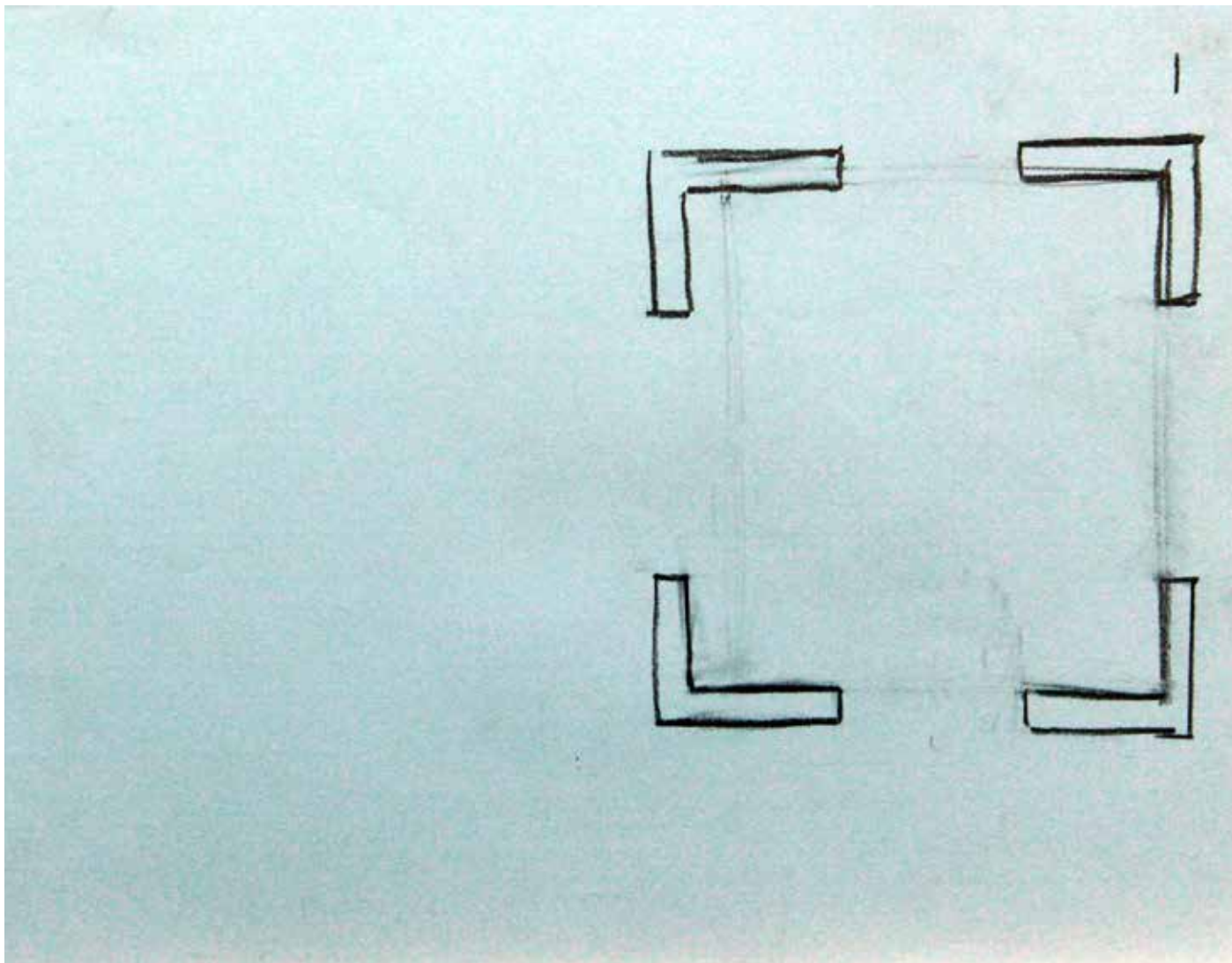
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 26 x 21 cm



Sem título
2019
Grafite sobre papel
aprox. 20 x 58 cm

Sem título
2019
Grafite sobre papel
aprox. 20 x 58 cm

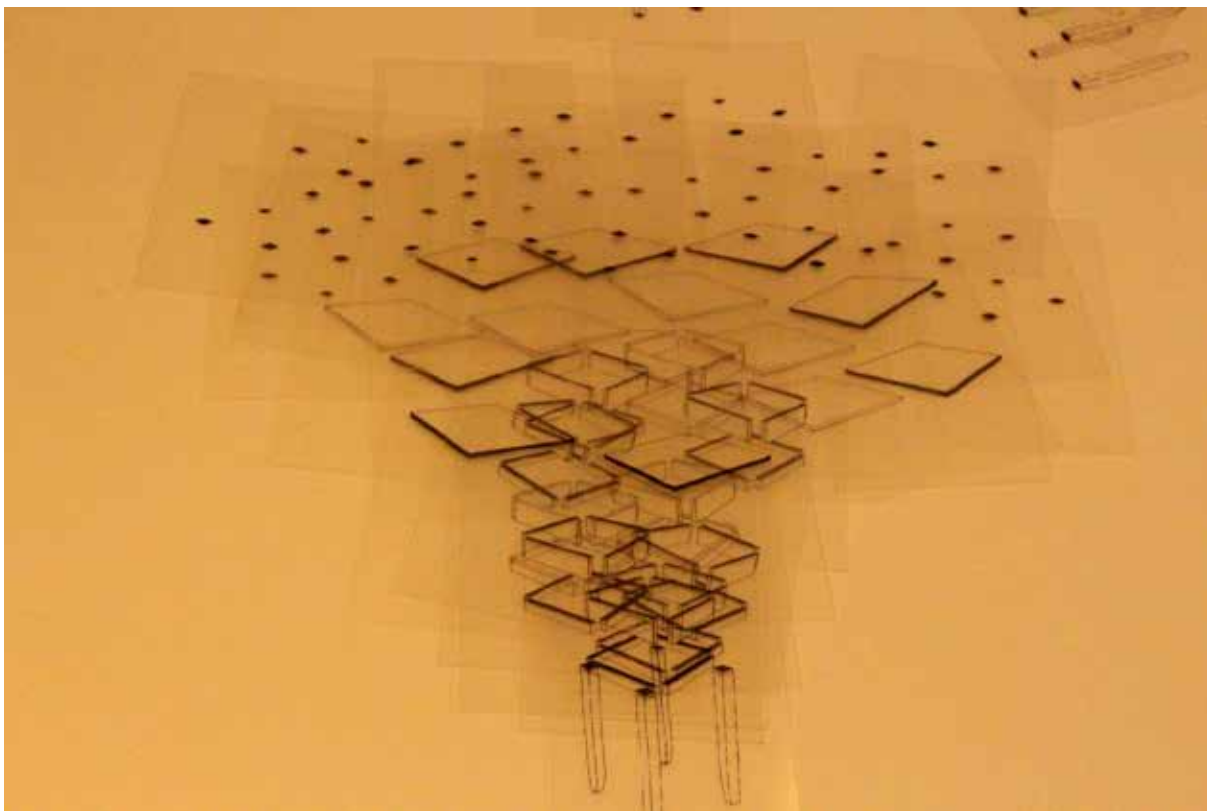
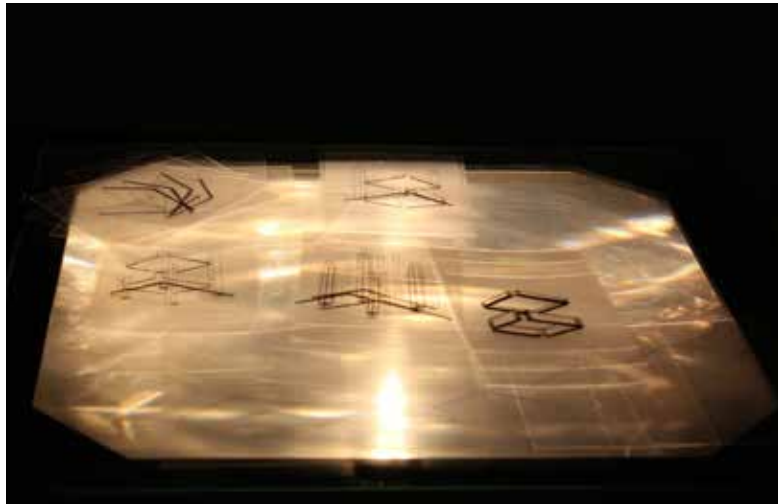
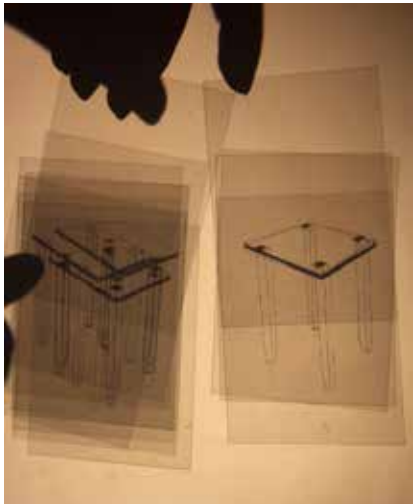




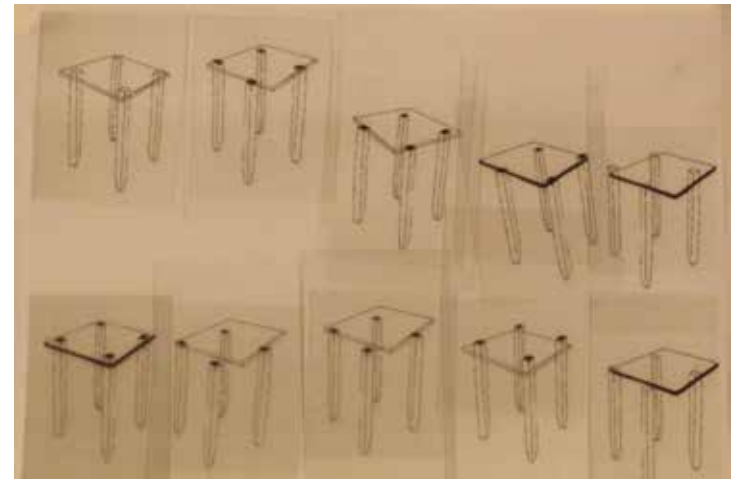
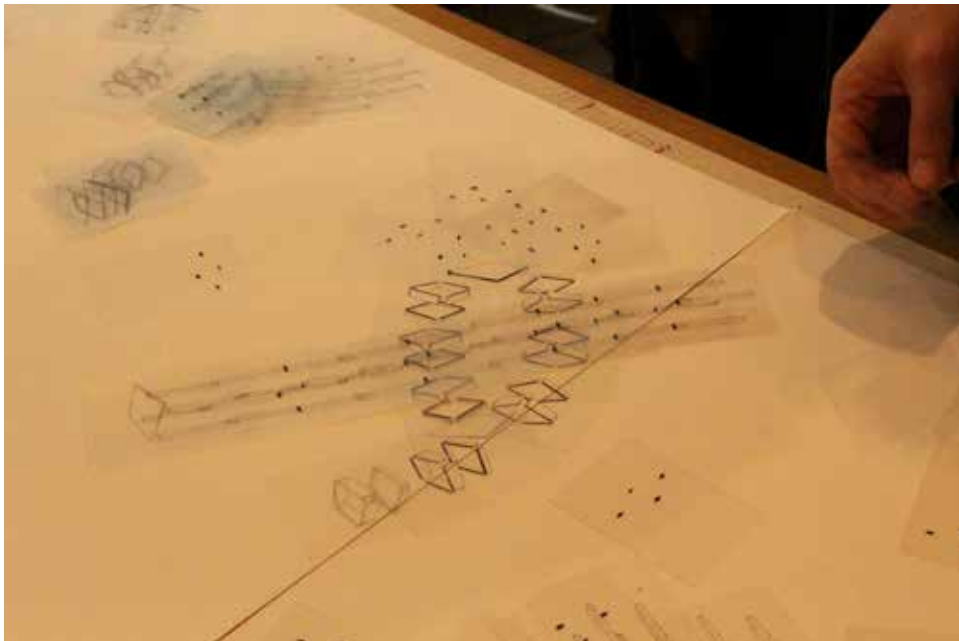
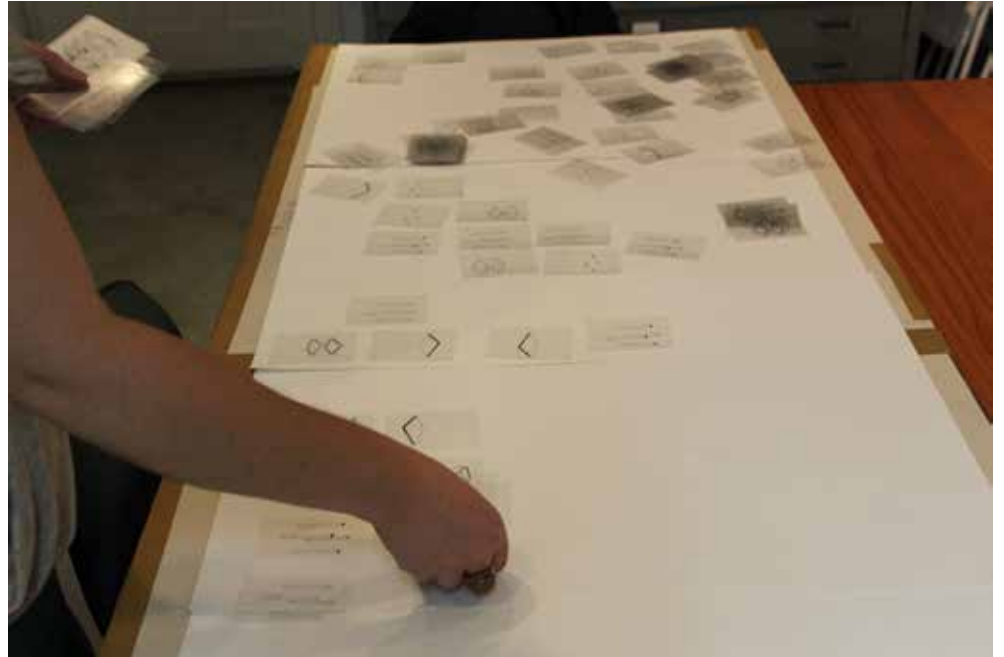
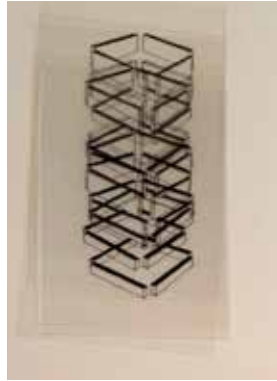
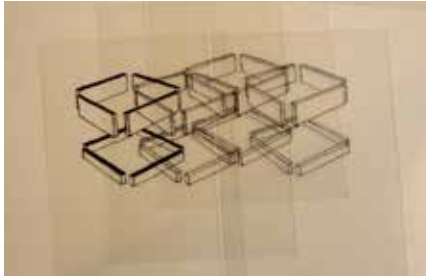
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



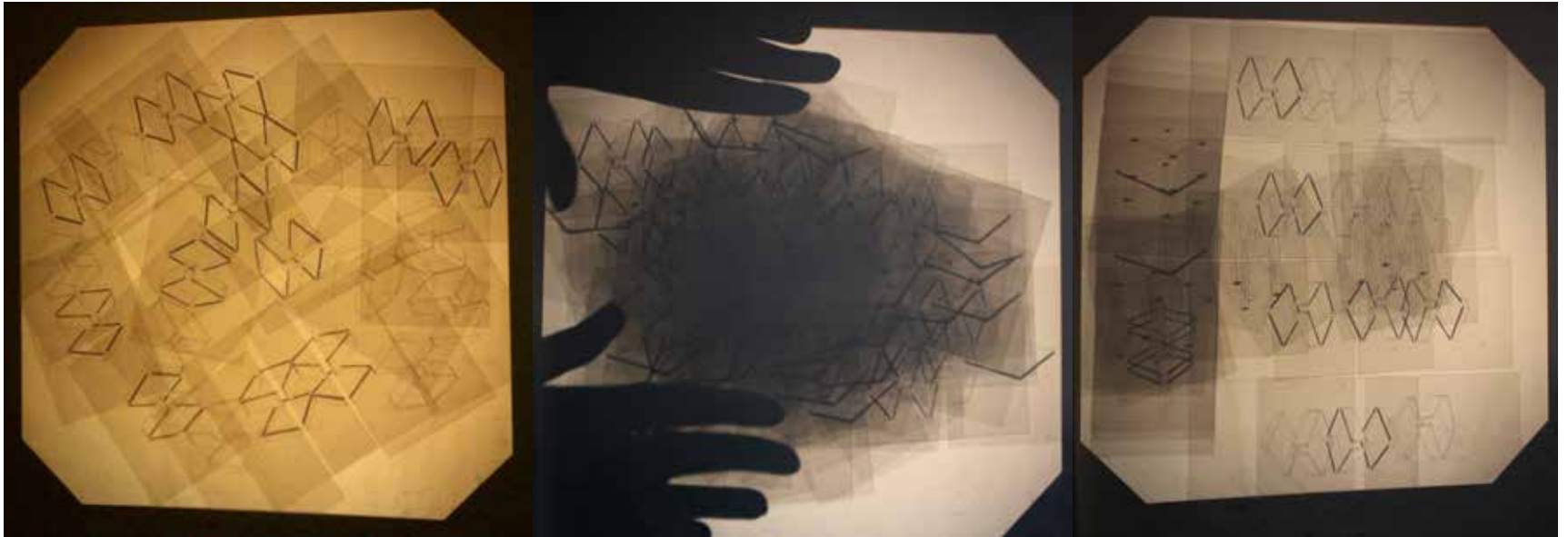
Sem título
2018
Jato de tinta sobre acetato
21 x 29,8 cm



Banco de Imagens
2013
técnica mista
dimensões variadas



Banco de Imagens
2013
técnica mista
dimensões variadas



Banco de Imagens
2013
técnica mista
dimensões variadas



Banco de Imagens
2013
técnica mista
dimensões variadas

Nota 99

Para fazer uma linha reta longa, é preciso um sopro. Um sopro único com a duração da linha.

Nota 100

Persigo uma poética do espaço.

Nota 101

No desenho de corpo presente, o espaço em jogo é duplo: o espaço representado e o espaço onde o desenho acontece. O olho faz a ponte. A linha é um agente duplo. Transita a fronteira entre sua materialidade e imaterialidade.

Nota 102 Refletindo e repetindo

A repetição não é falta de assunto, é necessidade de afinar o tom. De ver quantas figuras há em uma imagem. De refletir em volume, peso e gravidade o desenvolvimento de um ou vários desenhos. A repetição dá contas do processo.

Nota 103 Sambaqui

A ideia de sambaqui, do acúmulo de desenho ao longo do tempo. Minha monotopia e meu desenhar se fazem por acúmulo. A abordagem que faço destes procedimentos facilita a produção em série, sua elaboração se dá na extensão.

Nota 104

A imaginação e a capacidade de projetar um desenho vêm do faz-de-conta. Atividade que, pelo que sabemos, se origina na consciência entre os dois e três anos de idade e nos acompanha permanentemente desde então. O Faz-de-conta engendra o projeto.

Nota 105

Se eu fosse fazer um desenho, iria caprichar bastante. Mas o esmero não iria deter a ação. Ele estaria em firmar a consciência no presente, em sua sustentação no corpo com o lápis na mão. A partir daí, seria puro improvisado, sem abrir mão da repetição, pois cada risco novo guarda a lembrança dos outros riscos amontoados pelo acúmulo de tempo. Lembranças do gesto marcado no corpo e da linha guardada no olhar.

E quando o corpo risca, a alma fala. E seria um improvisado cheio de repetição.

Nota 106

Certo dia, desenhei uma piscina com seu volume d'água flutuando a uns 3 metros acima do solo. Em outro momento, diante de outra piscina, trouxe a imagem no desenho à consciência. Me pus a imaginar a água flutuando ali, no espaço diante de mim.

Nota 107

O humor no desenho traz um sentido latu para a figura. Uma ambiguidade que a faz rodar na cabeça das pessoas. Uma contradição, fratura, uma fresta interna a dinamiza.

Nota 108

A repetição é parte estruturante do processo.

Nota 109

Peças se sobrepõem, se encaixam, se desencaixam. Não é possível saber ao certo se estão sendo construídas ou desmontadas. O tempo da sua manipulação parece suspenso, e só nos resta como observadores, observar. E com o olhar e a mobilização da imaginação, é possível brincar e projetar um futuro para aquelas imagens.

Nota 110

Gosto de inventar formas de desenhar.

Faz parte da brincadeira inventar maneiras de brincar.

O desenho como brinquedo.

Seu fim é também seu meio.

Nota 111

São retas feitas à mão, e por isso revelam imprecisões próprias da linha livre. Às vezes, penso ver a trepidação dos batimentos cardíacos registrada nas linhas. Todo risco é também um autorretrato.

Nota 112

Ao desenhar, há sempre uma certa tensão entre uma precisão pretendida das linhas retas e a impossibilidade de o corpo realizar tal traçado. Não utilizo instrumentos para traçar as linhas. Por conta disso, elas se entortam, retorcem, erram.

Nota 113

Quando, em meu trabalho, as formas bidimensionais se tornaram objetos desenhados, a elaboração das imagens passou a se assemelhar a um jogo de construção, de encaixe, em que combino e recombinho diferentes "peças" de um conjunto, criando novas composições. Comparece à experiência uma certa lógica das coisas, que comporta empilhamentos, repetições, encaixes...

Nota 114

A prática do jogo como estratégia compositiva.

Nota 115

A monotipia preserva e exacerba a informalidade do desenho. Agrega e articula, em seu léxico, recursos da gravura e da pintura. À certeza seca do grafite, se soma a fluidez da tinta, o que torna sempre uma surpresa virar o papel e descobrir o resultado do traço mediado pelo óleo. A monotipia é território de interferências, de imprevistos, de acidentes. Qualquer gesto vira traço impresso no papel.

Nota 116

Esta sobreposição de imagens produzidas em tempos diversos me interessa muito. Tanto neste meio como em outros, tenho investigado exatamente a prática da elaboração de imagens por sobreposição, utilizando recursos de análise ou síntese de figuras, representando-as expandidas, dispostas separadas no espaço como para estudo, ou sobrepostas, amalgamando diferentes figuras pertencentes a um mesmo universo imagético.

Nota 117

A Mira Schendel, pela transparência; Sol Lewitt, pela modularidade, Waldemar Cordeiro, pelo dispositivo, Cy Twombly pelo rascunho, Edgar Degas pelo ângulo oblíquo. A eles, dentre tantos outros e outras, presto minha homenagem.

Nota 118

A perda de escala na reprodução das imagens deste impresso é proposital. Desenhos de caderno de bolso e monotípias em papéis grandes são aqui reproduzidos no mesmo tamanho. É parte de um esforço para entender na prática as relações de tamanho versus escala das imagens.

Nota 119

Desenho e Escrita se encontram na Grafia. É também sobre isso este trabalho.

Nota 120

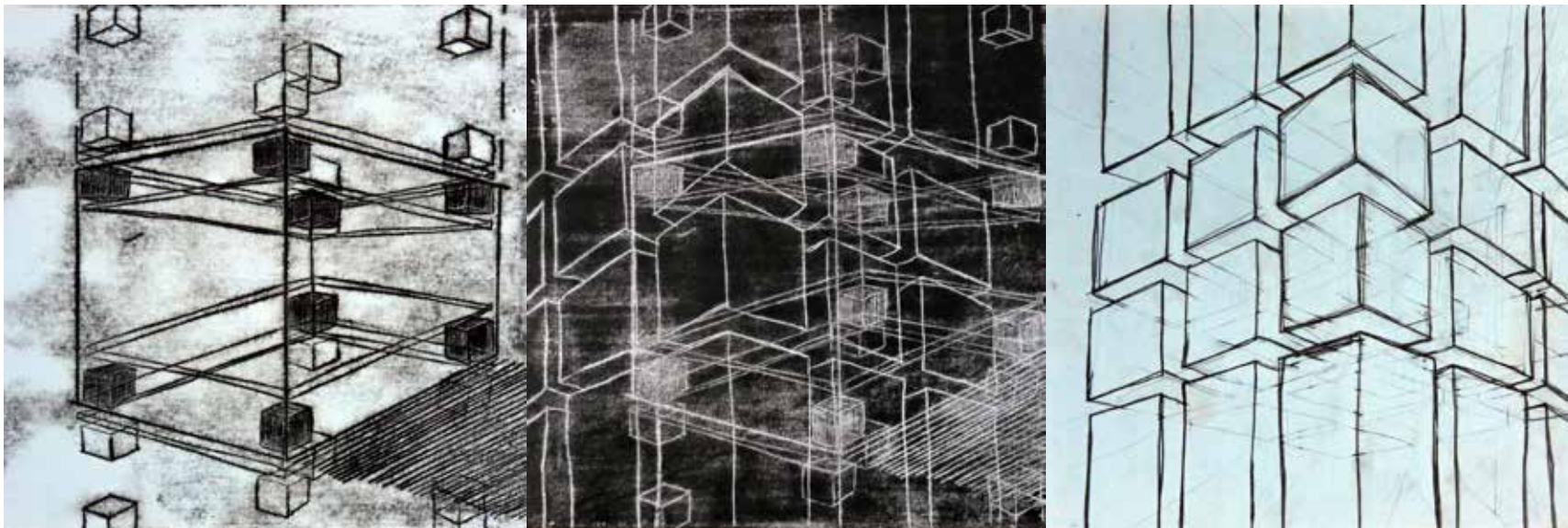
Há uma matriz que não é gravada e cujas cópias não são idênticas. Uma matriz de desenho, gravada como imagem, que se precipita variadamente sobre a matéria, em múltiplos desenhos.

Nota 121

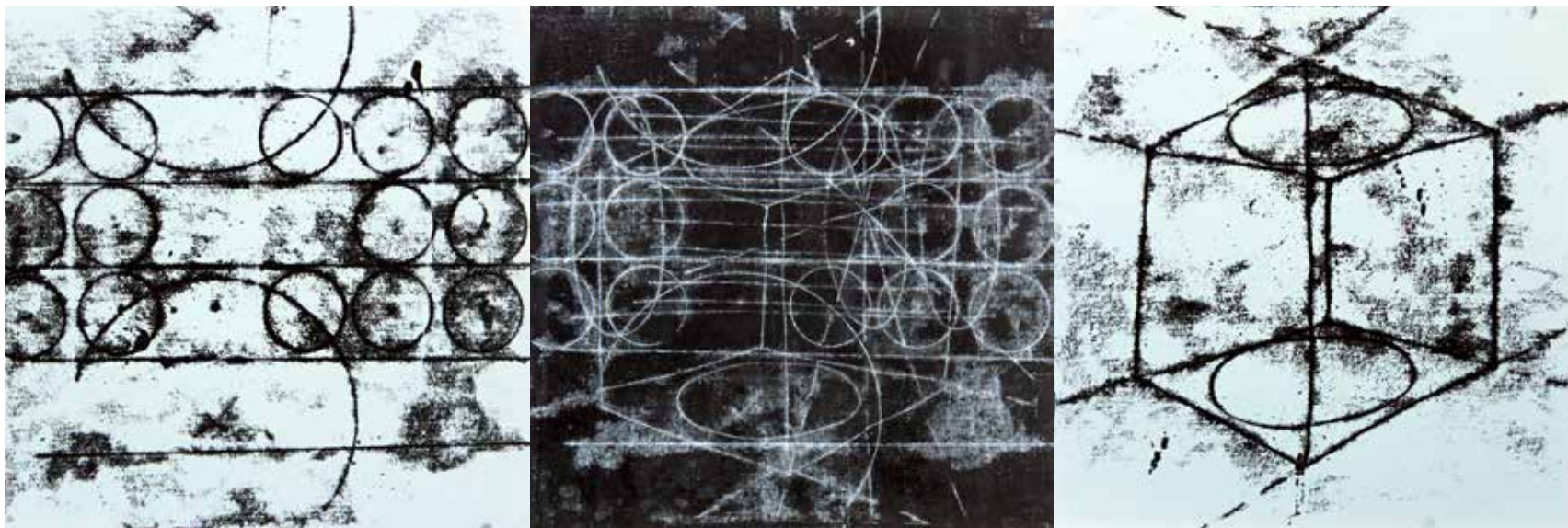
Estes desenhos estão cheios de encruzilhadas.

Nota 122

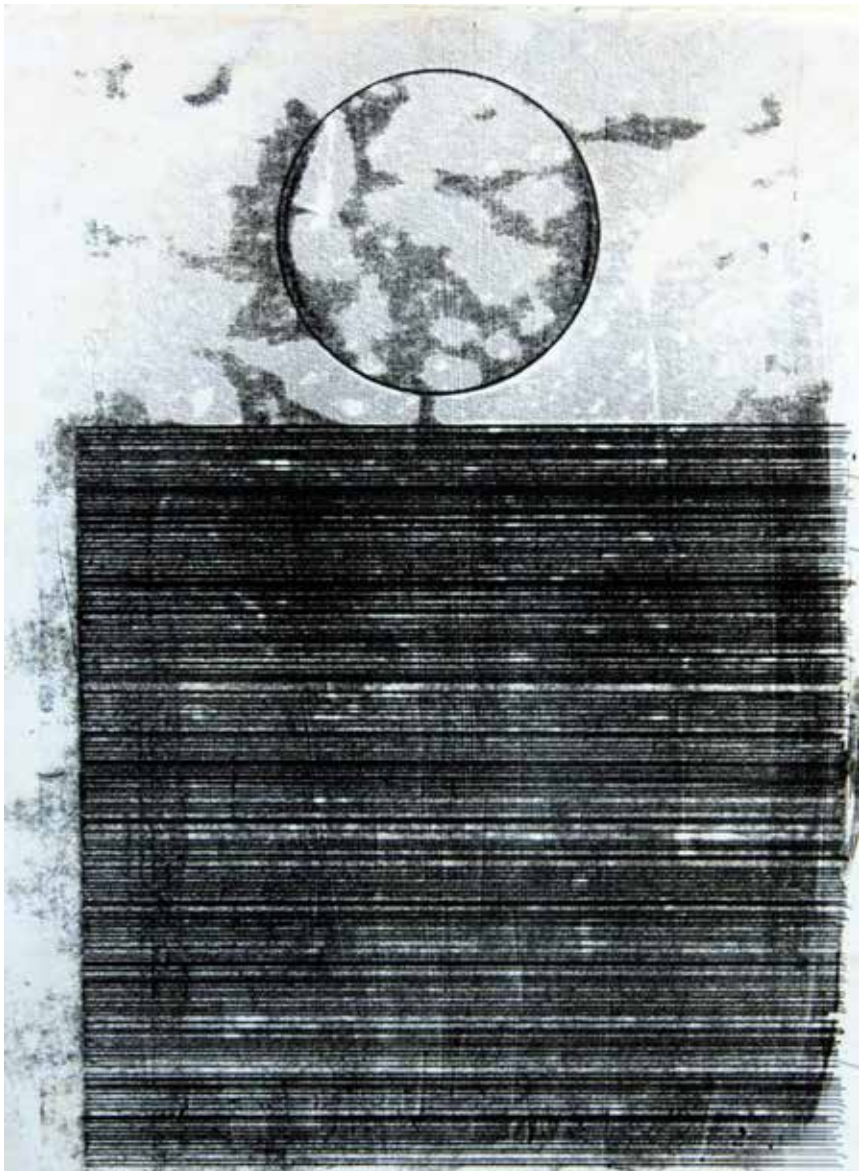
E se eu criasse um jogo com a própria publicação do mestrado? O impresso poderia ter recombinações e repetições que fossem abordadas também nos textos, como peças de um jogo de montar. Assim, poderíamos pensar no texto sobreposto em camadas, em notas de desenho.



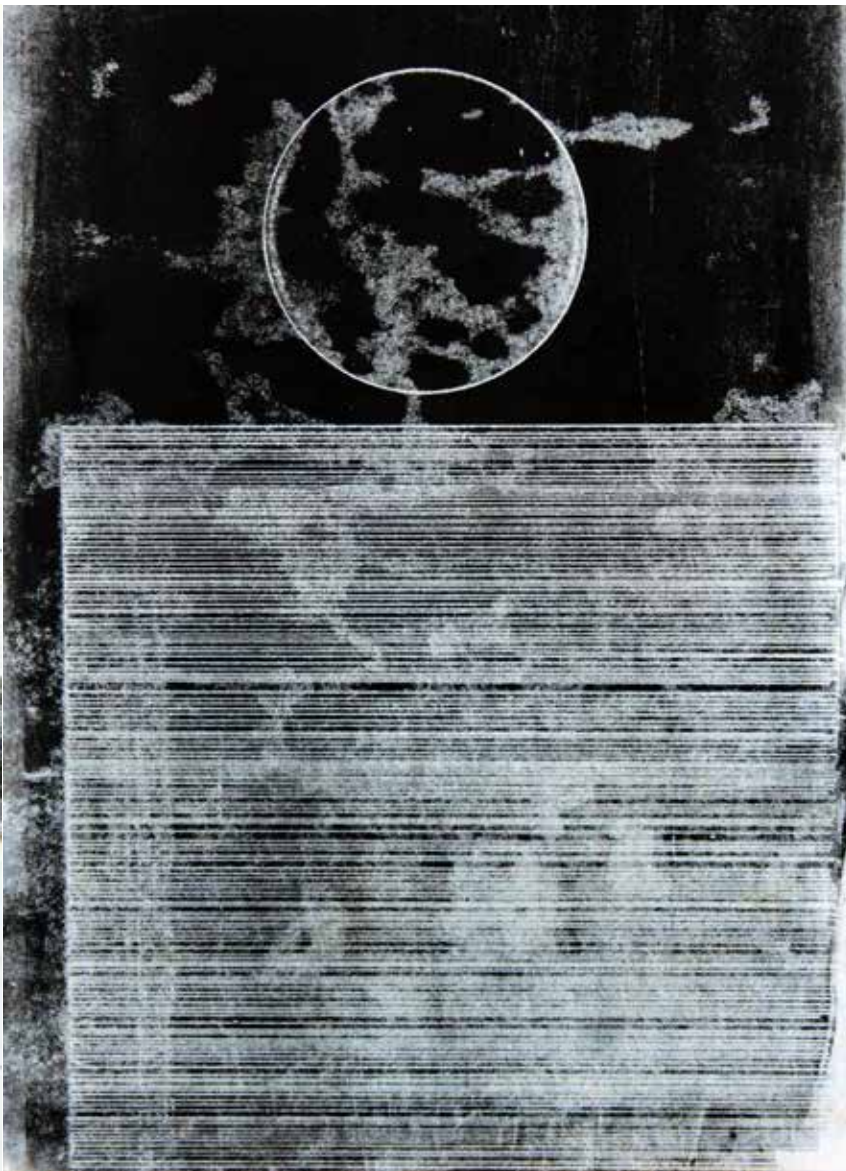
Sem título
2020
Óleo sobre papel
30,5 x 30,5 cm



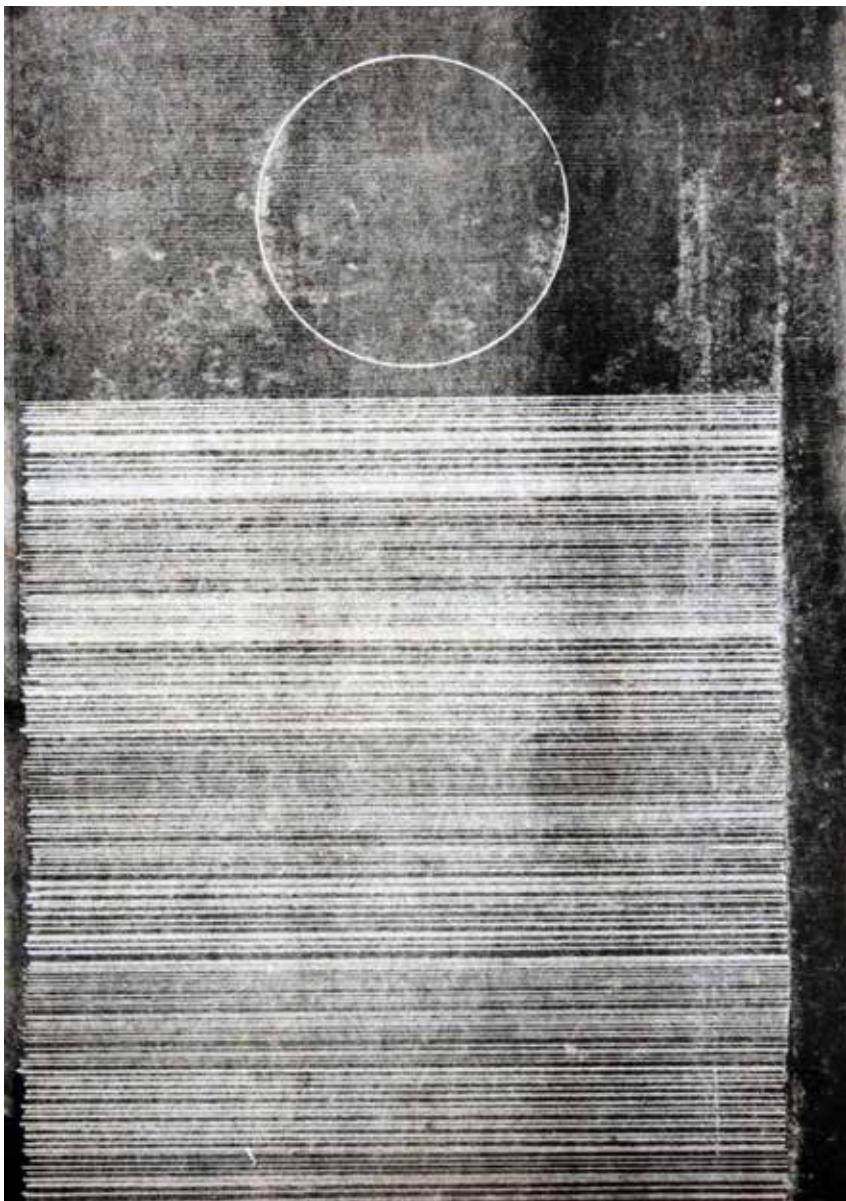
Sem título
2020
Óleo sobre papel
30,5 x 30,5 cm



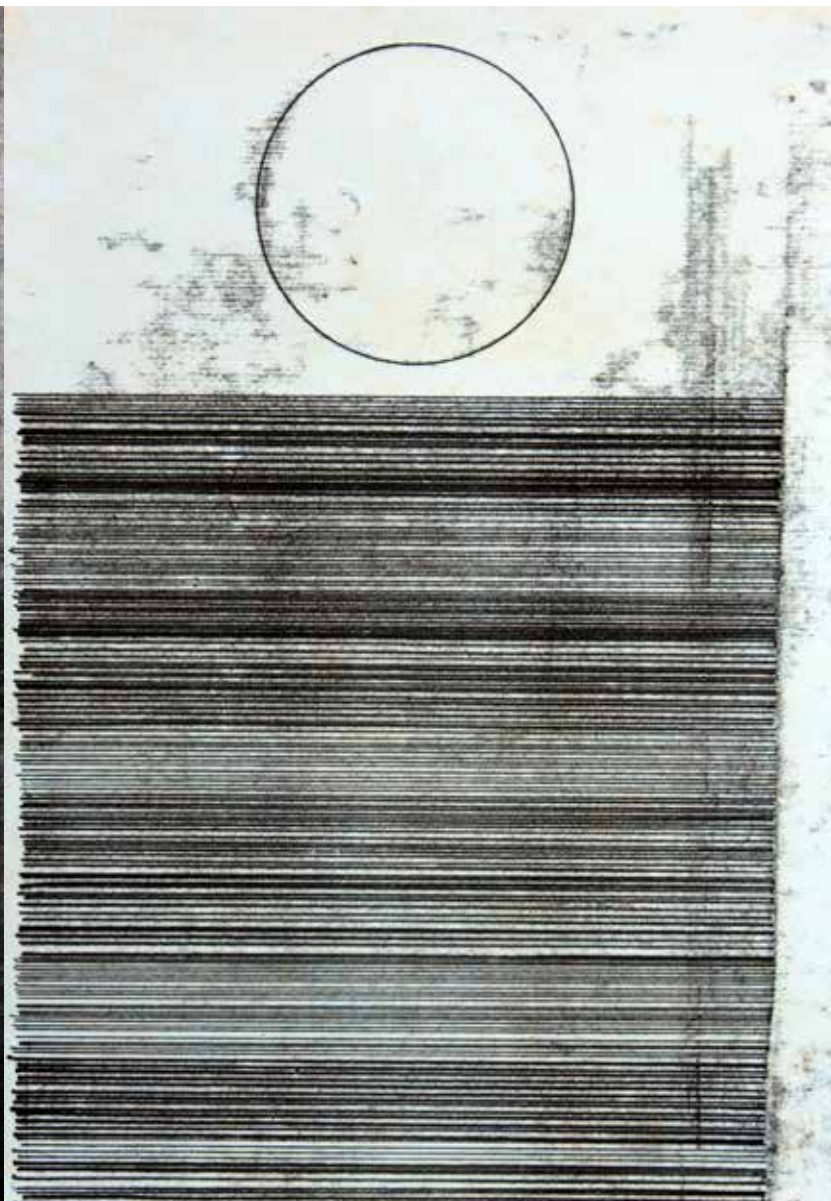
Sem título
2017
Óleo sobre papel
42 x 29,6 cm



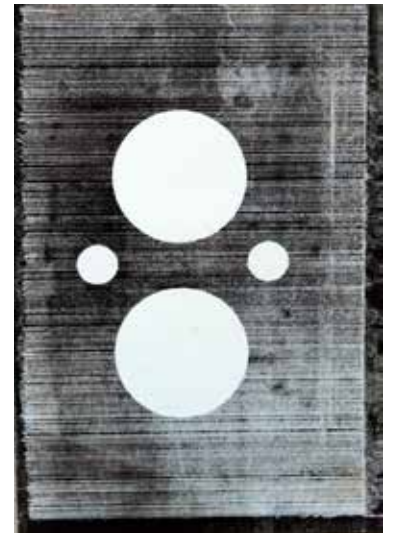
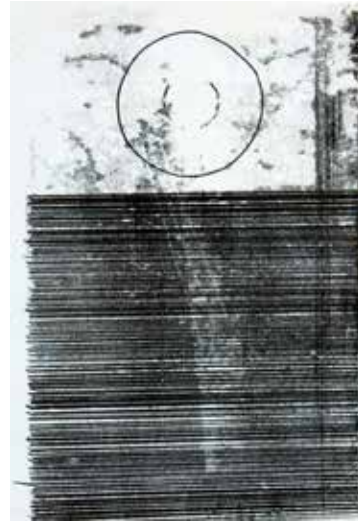
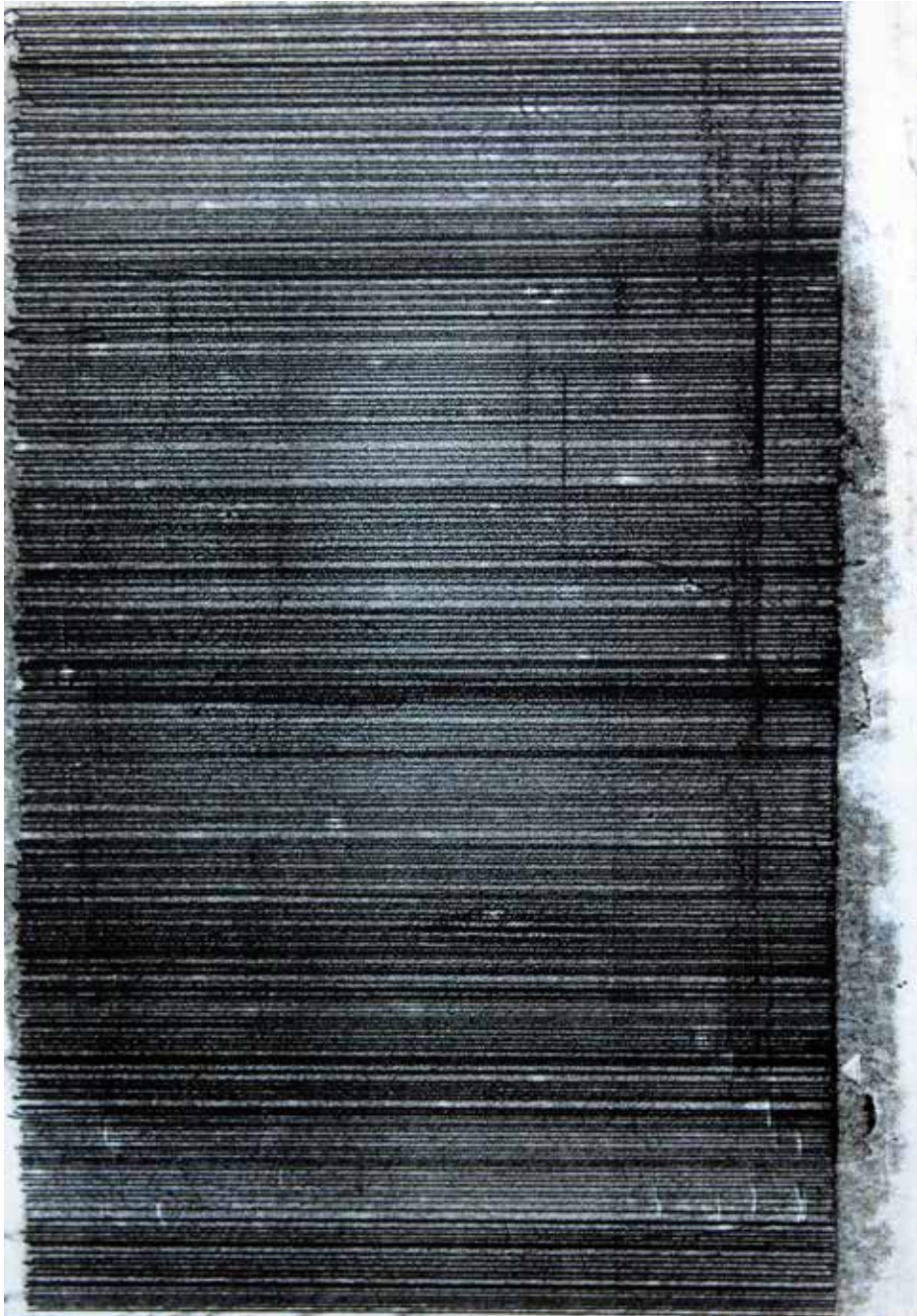
Sem título
2017
Óleo sobre papel
42 x 29,6 cm



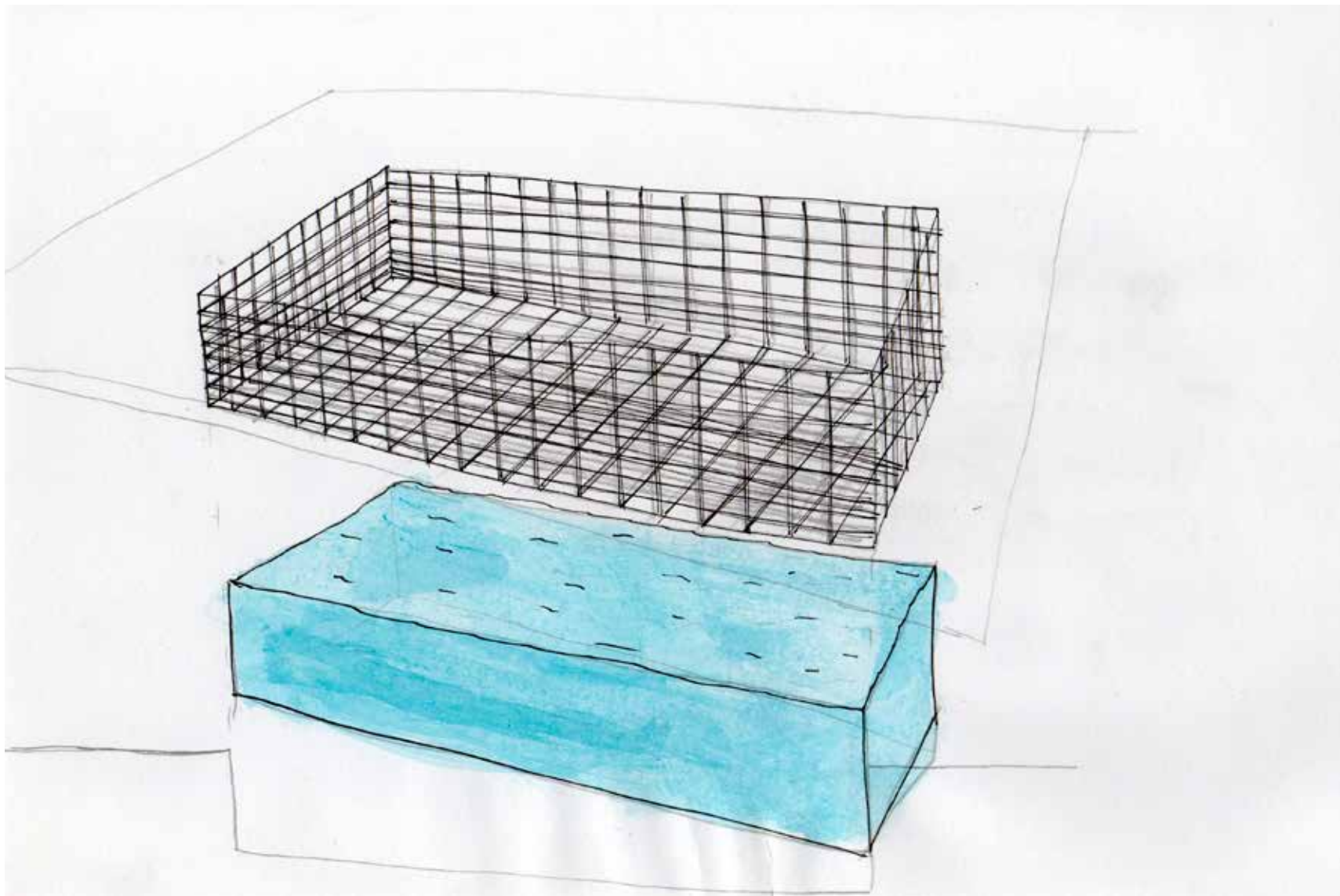
Sem título
2017
Óleo sobre papel
42 x 29,6 cm



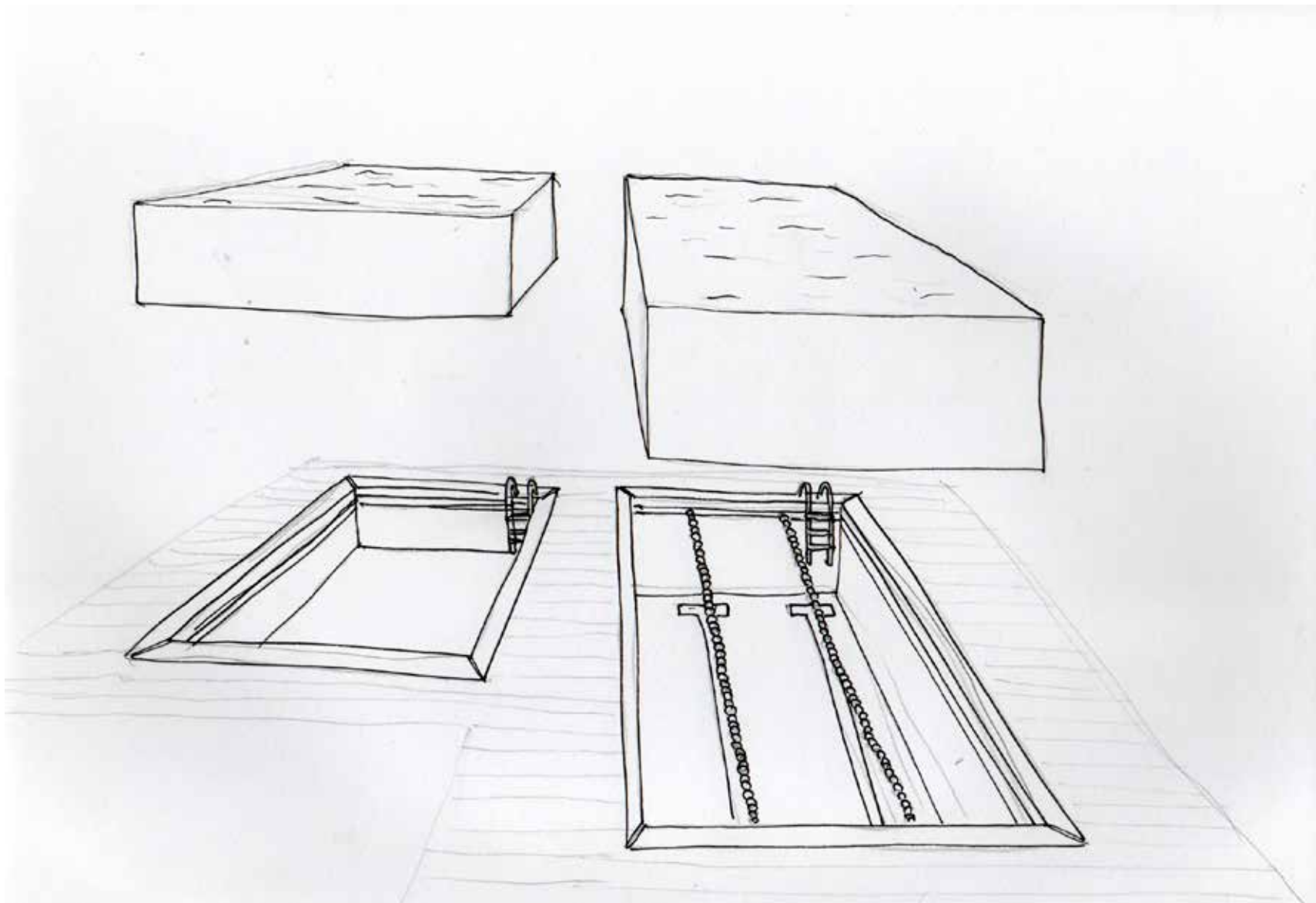
Sem título
2017
Óleo sobre papel
42 x 29,6 cm



todos nesta página:
Sem título
2017
Óleo sobre papel
42 x 29,6 cm



Sem título
2020
Nanquin, grafite e aquarela
sobre papel
aprox. 19,2 x 27,8cm



Sem título
2020
Nanquin e grafite
aprox. 19,2 x 27,8cm

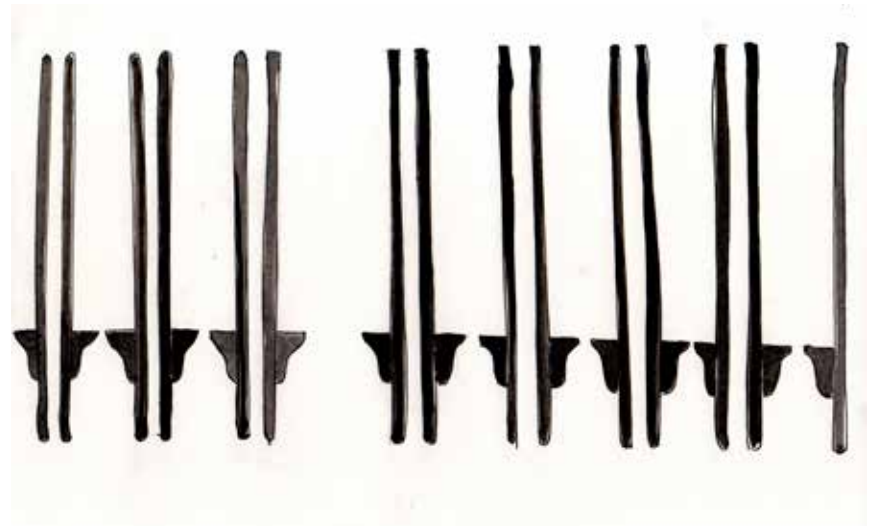
ao lado:
Sem título
2020
Nanquin e grafite s/ papel
aprox. 19,2 x 27,8cm

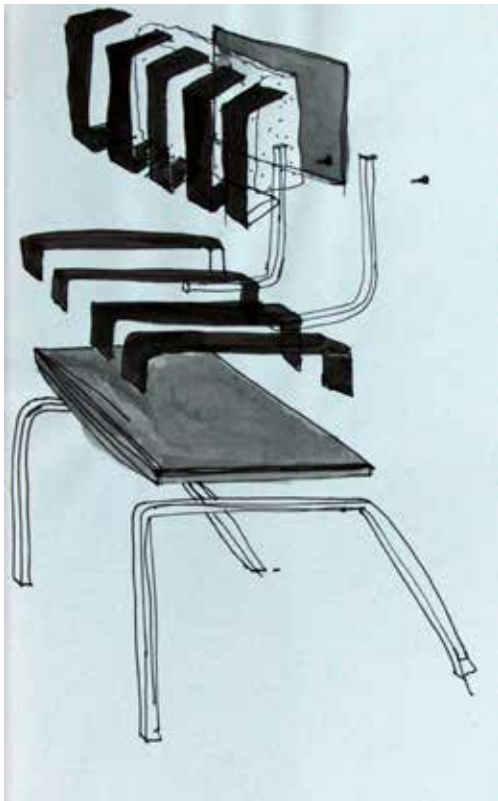


Sem título
2020
Nanquin e grafite
aprox. 19,2 x 27,8cm



abaixo:
Sem título
2020
Nanquin e grafite s/ papel
aprox. 19,2 x 27,8cm

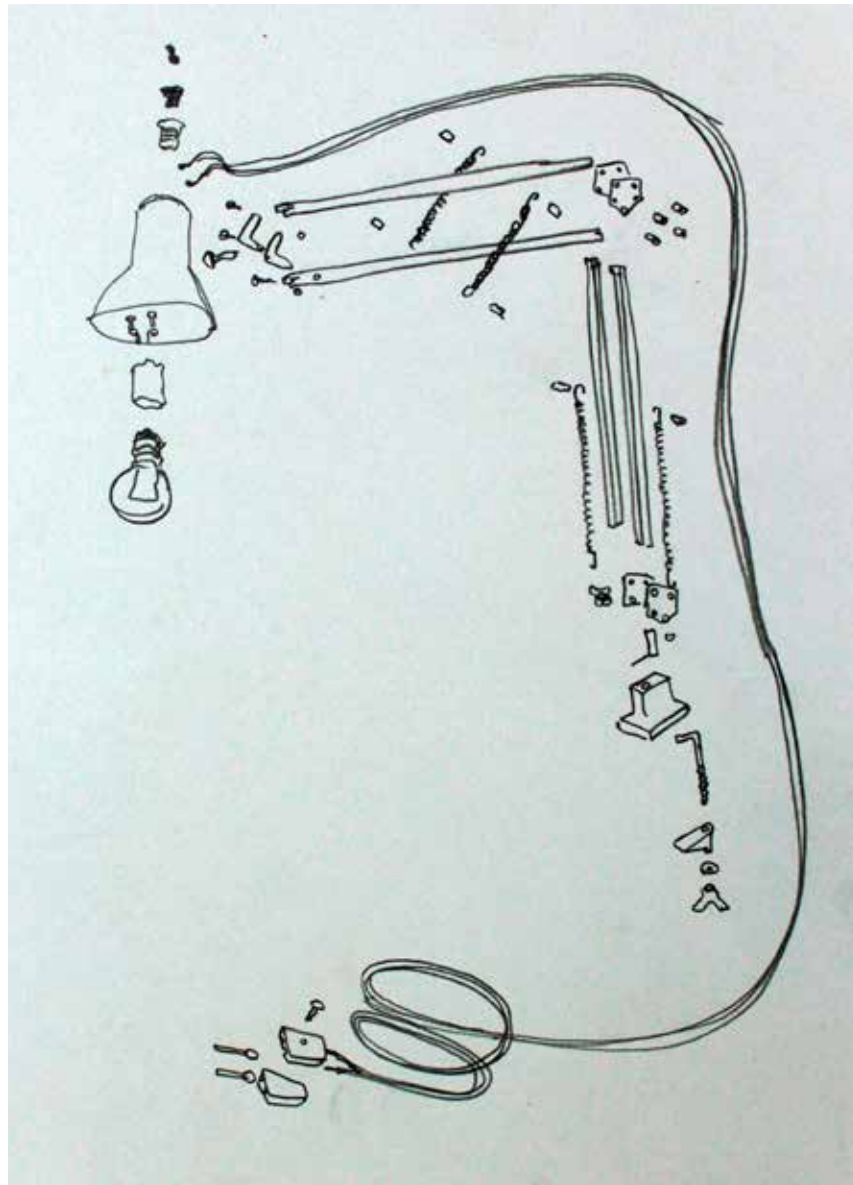




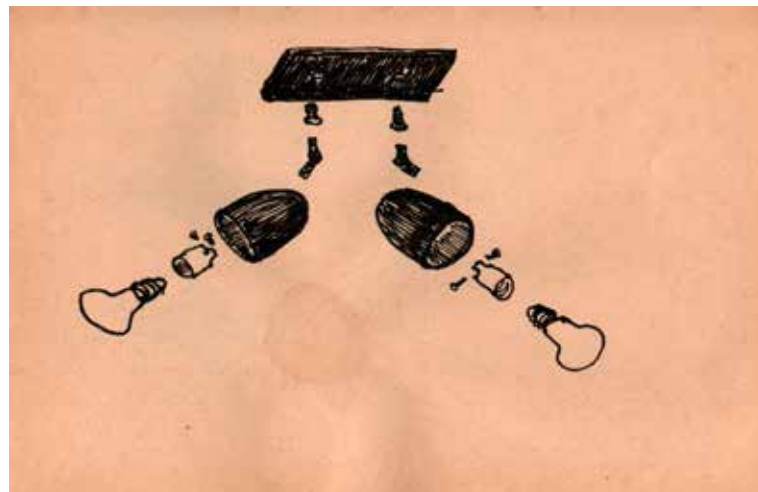
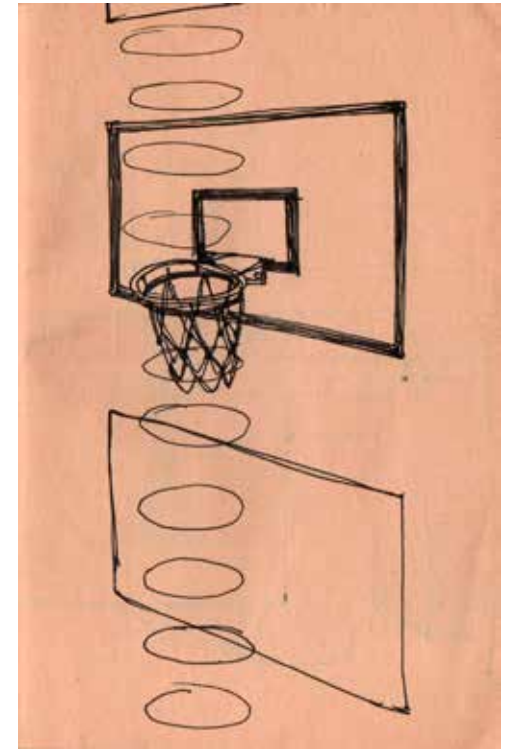
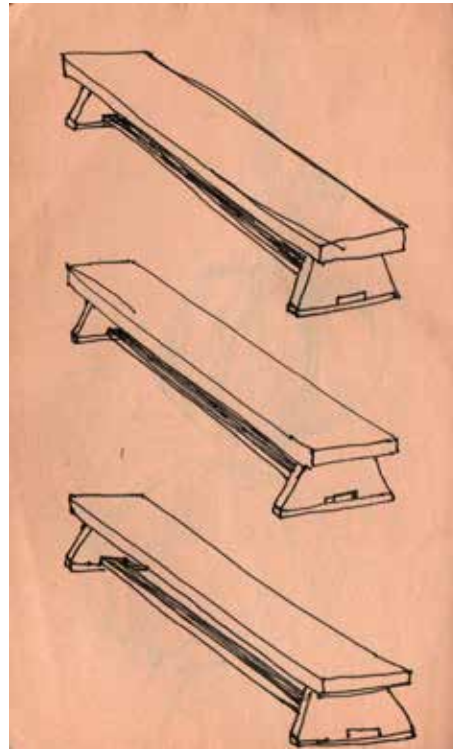
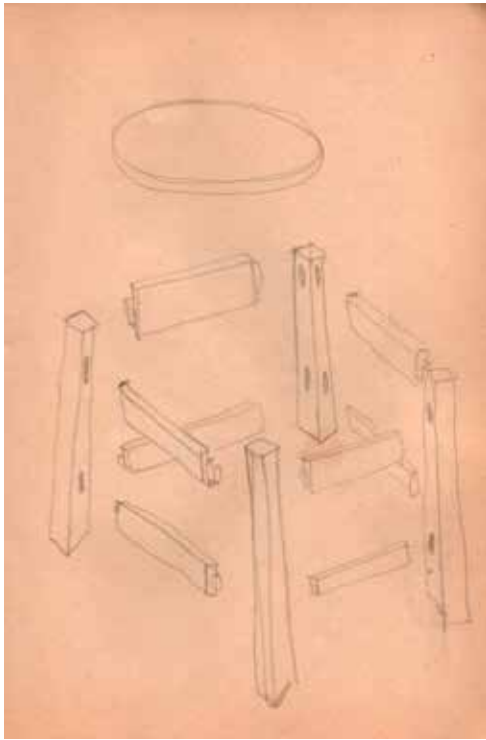
Sem título
2019
Nanquin sobre papel
aprox. 23,5 x 14 cm



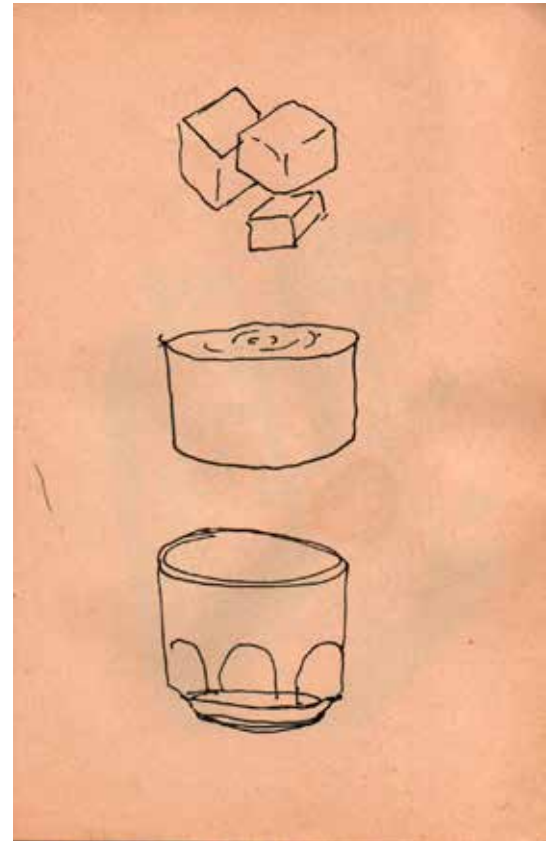
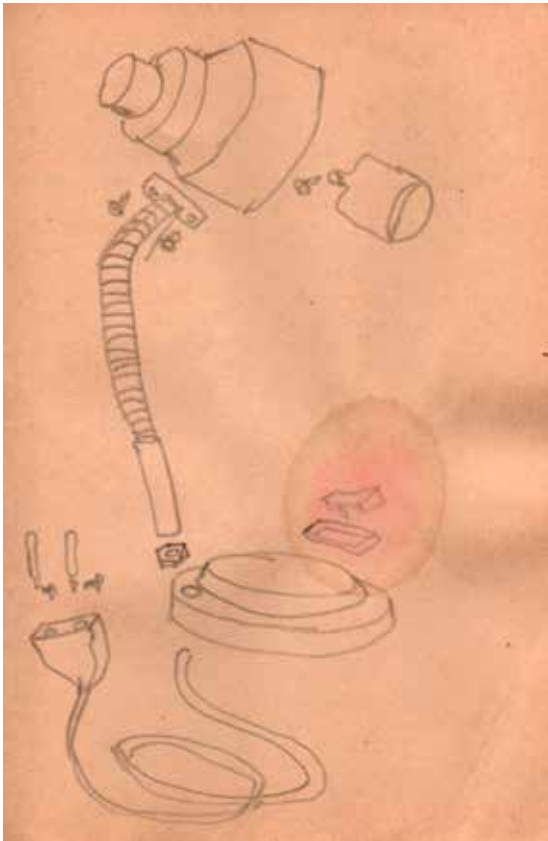
Sem título
2019
Grafite sobre papel
aprox. 23,5 x 14 cm



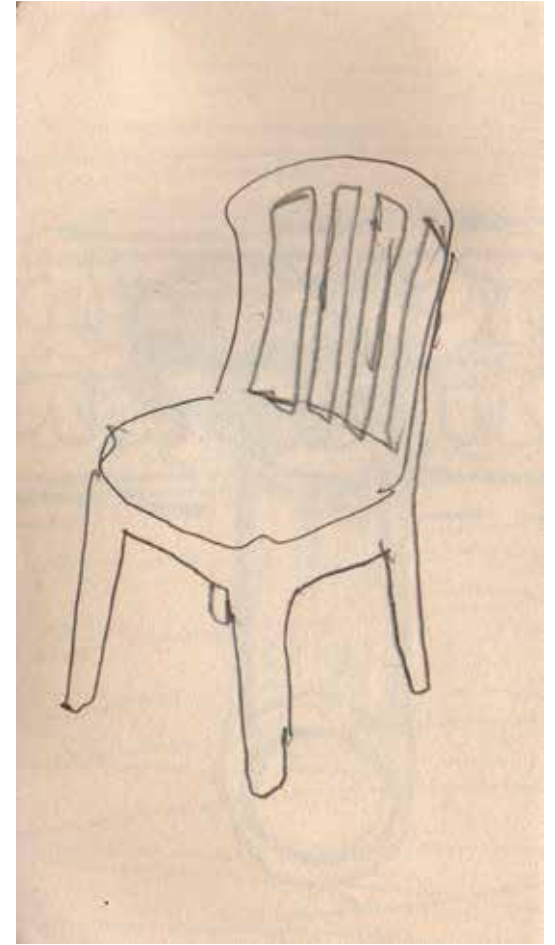
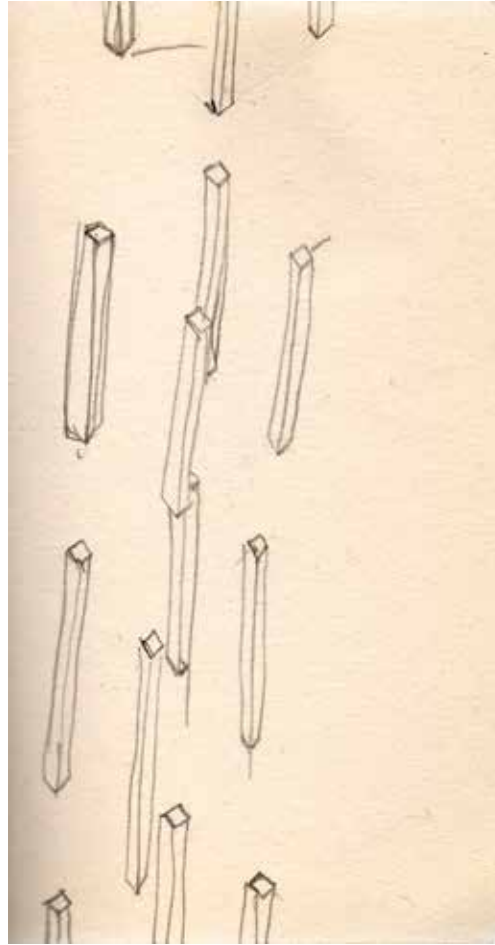
Sem título
2019
Grafite sobre papel
aprox. 29,8 x 21 cm



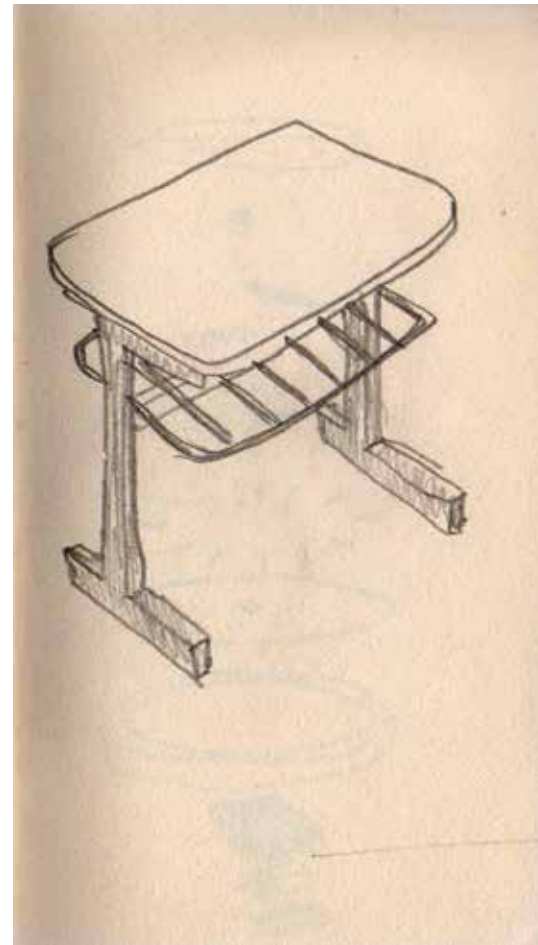
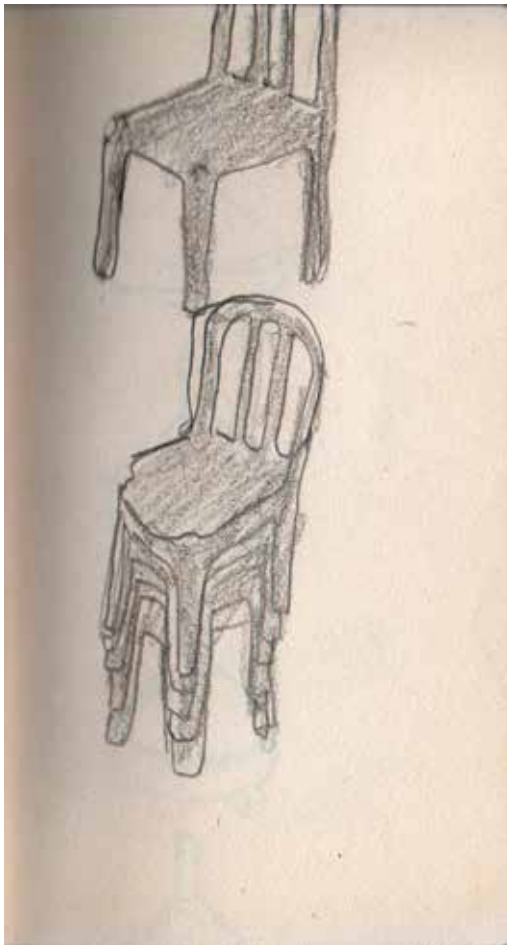
todos nesta página:
Sem título
2019
Grafite sobre papel
aprox. 15 x 9,7 cm



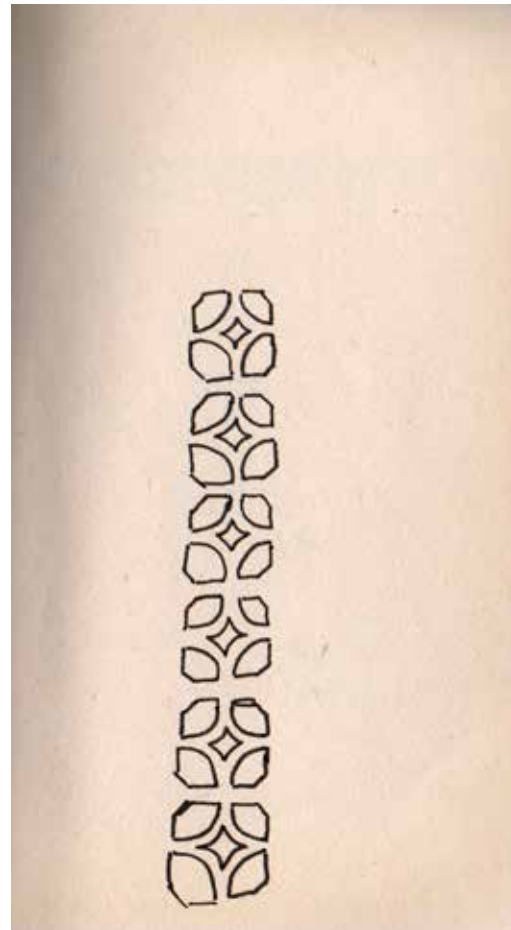
todos nesta página:
Sem título
2019
Grafite sobre papel
aprox. 15 x 9,7 cm



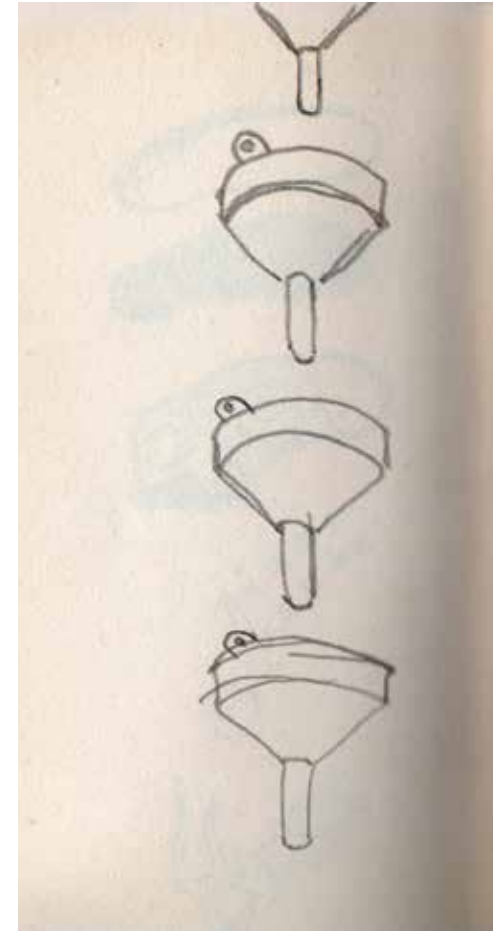
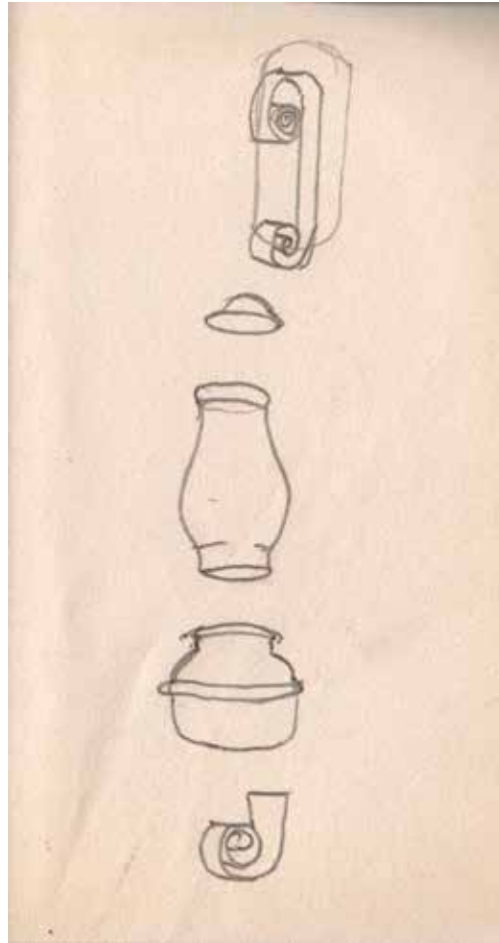
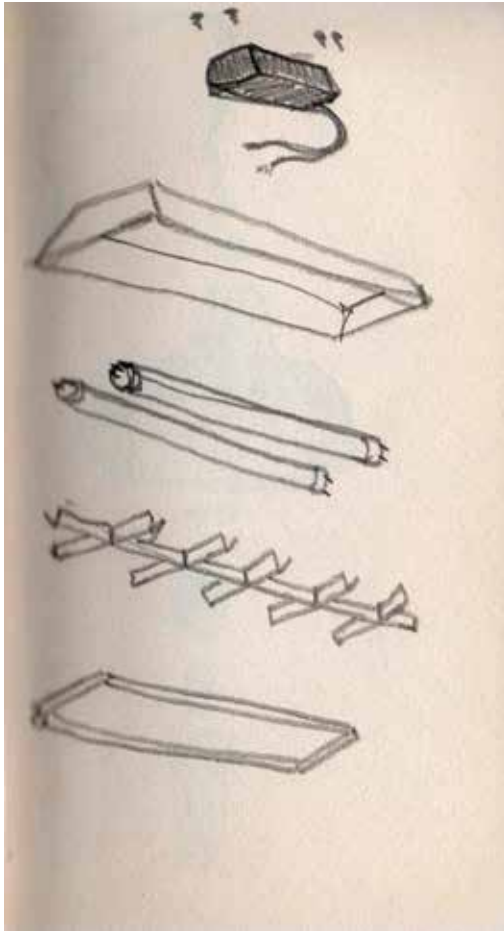
Todos nesta página:
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 12,5 x 7 cm



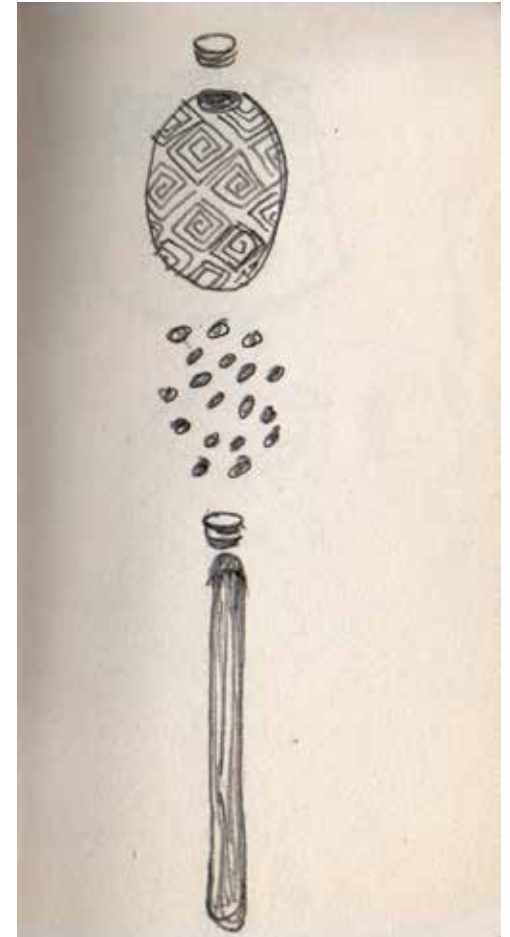
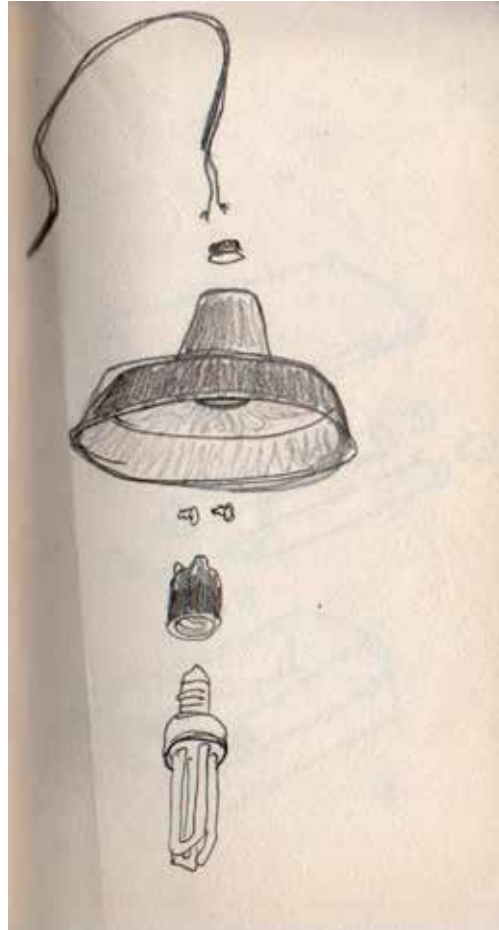
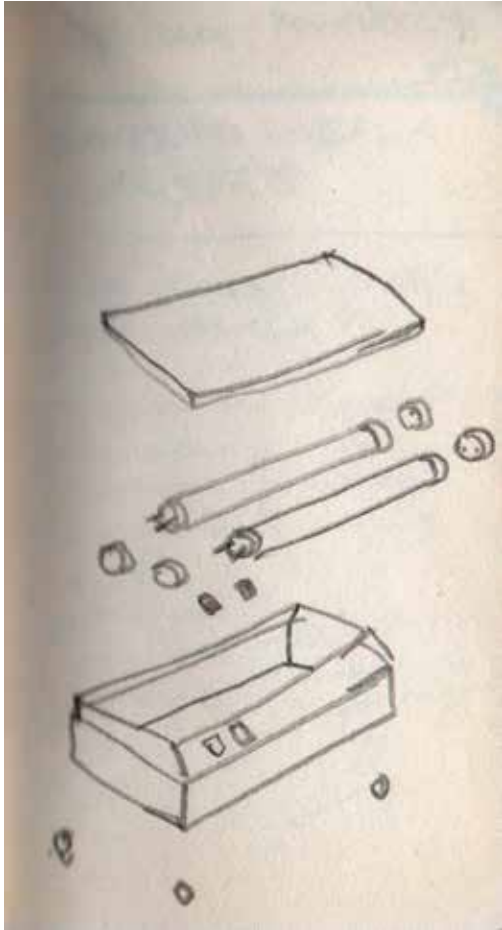
Todos nesta página:
Sem título
2020
Grafite ou nanquin sobre papel
aprox. 12,5 x 7 cm



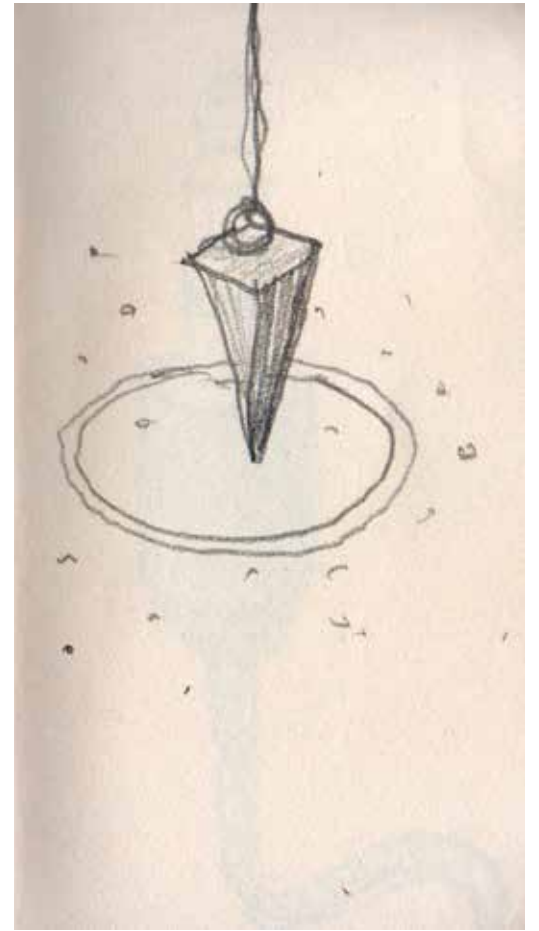
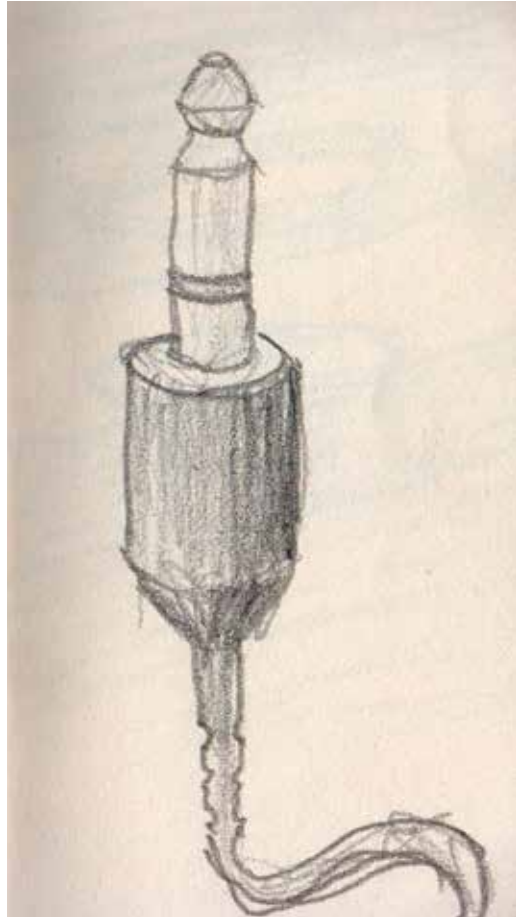
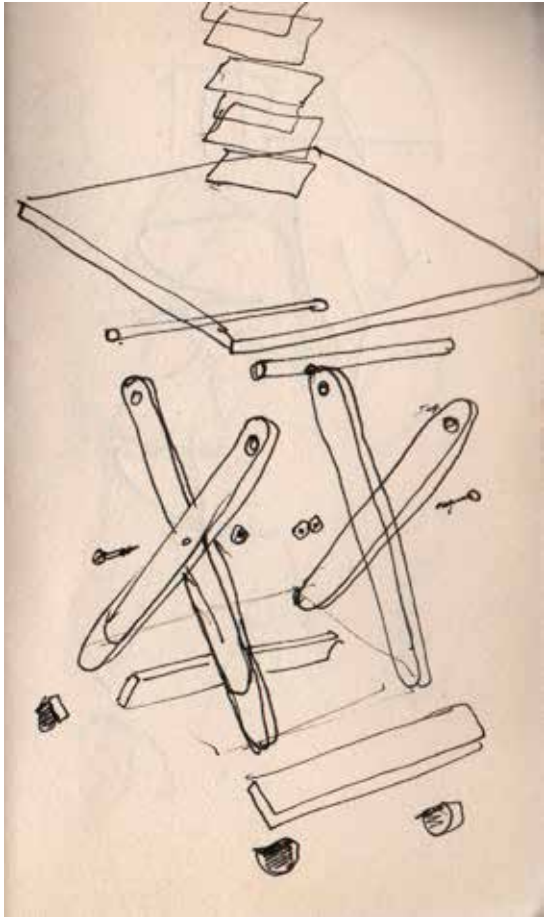
Todos nesta página:
Sem título
2020
Grafite ou nanquin sobre papel
aprox. 12,5 x 7 cm

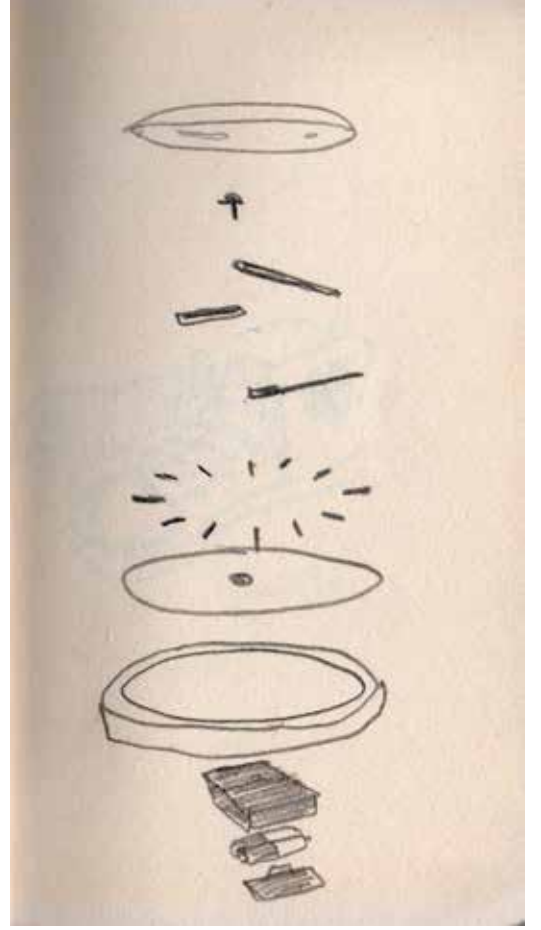
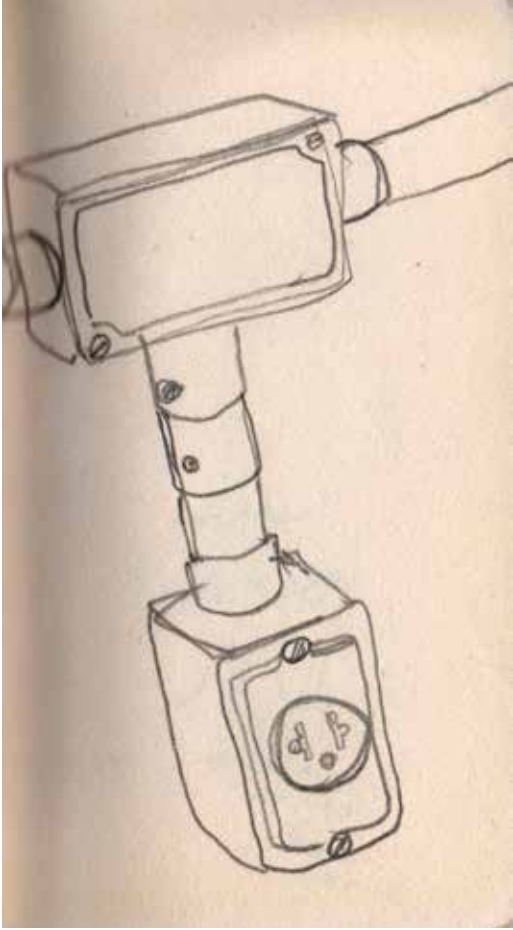


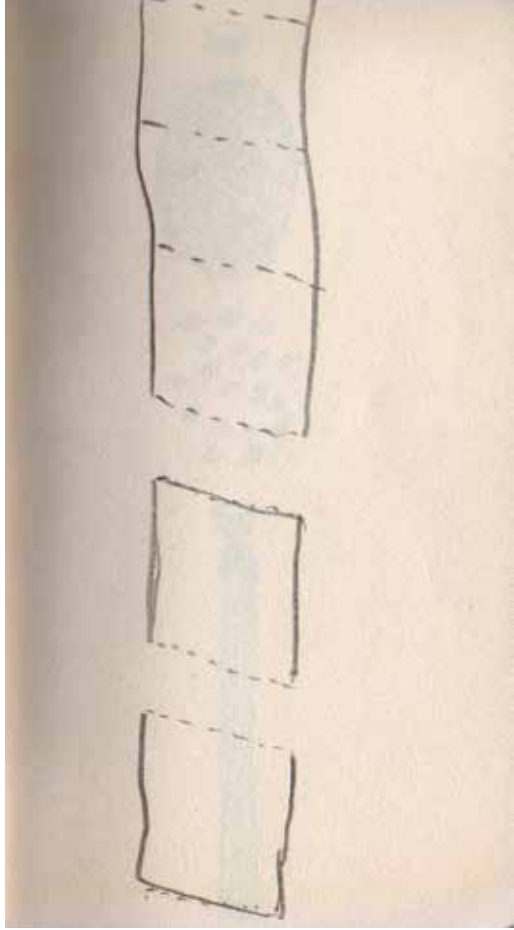
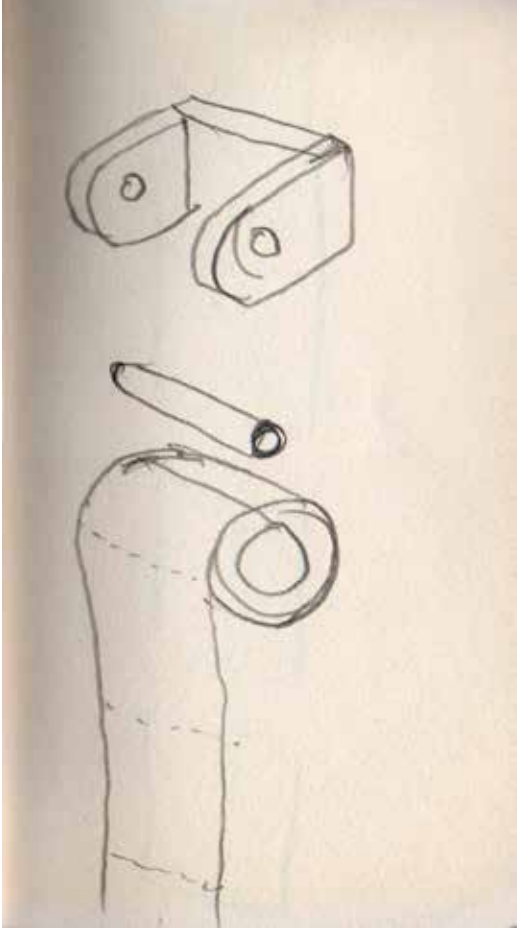
Todos nesta página:
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 12,5 x 7 cm

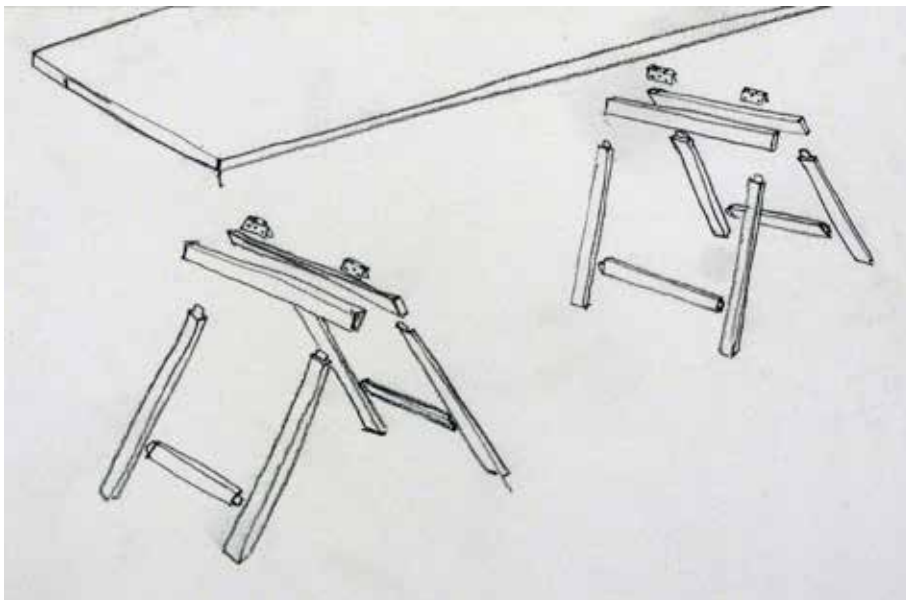


Todos nesta página:
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 12,5 x 7 cm

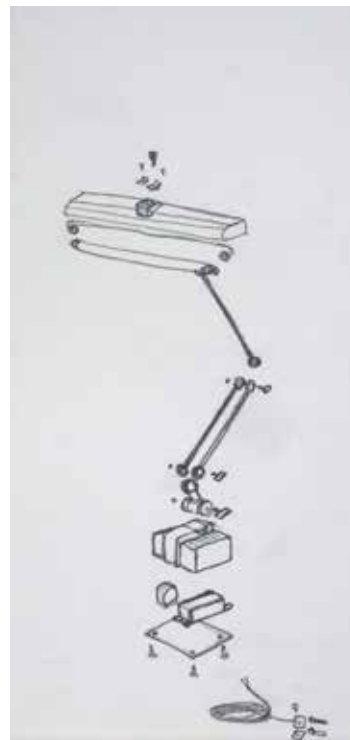








Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



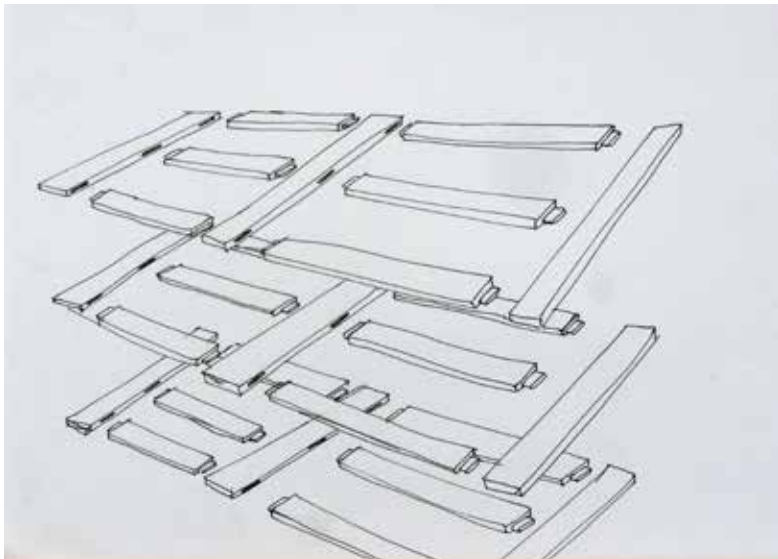
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 29,8 x 15 cm



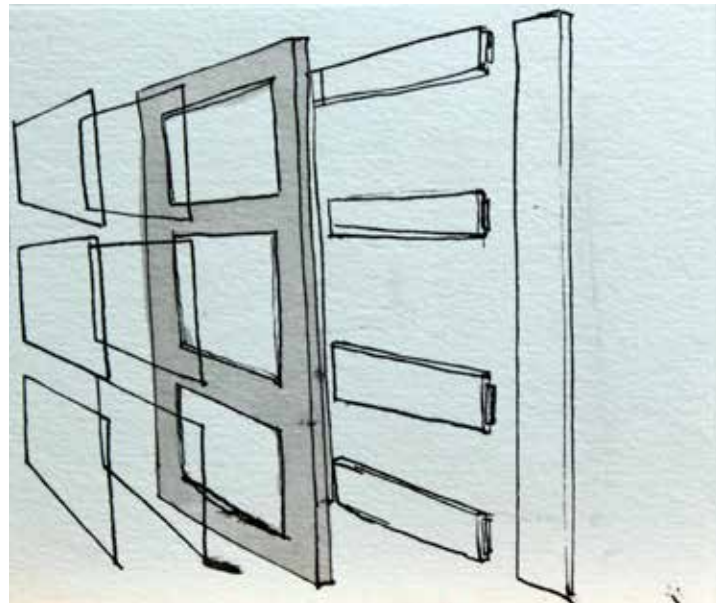
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 29,8 x 18 cm



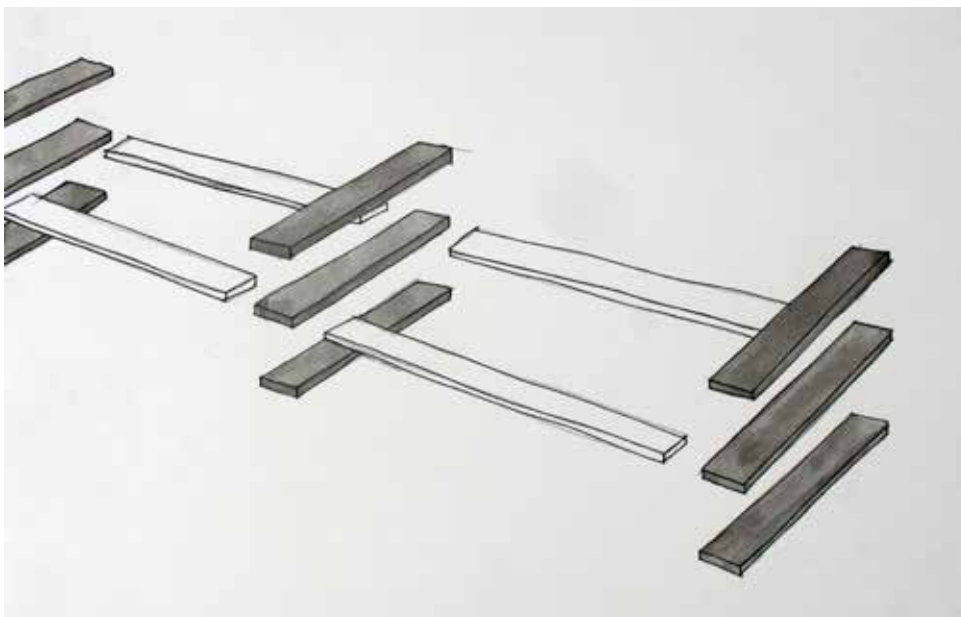
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 20 x 18cm



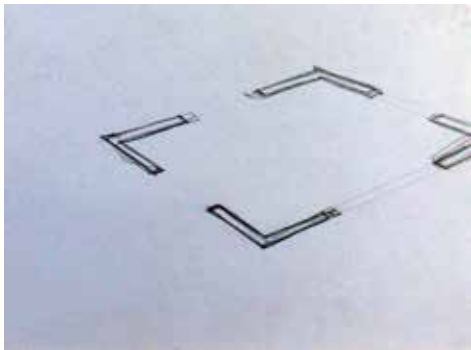
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



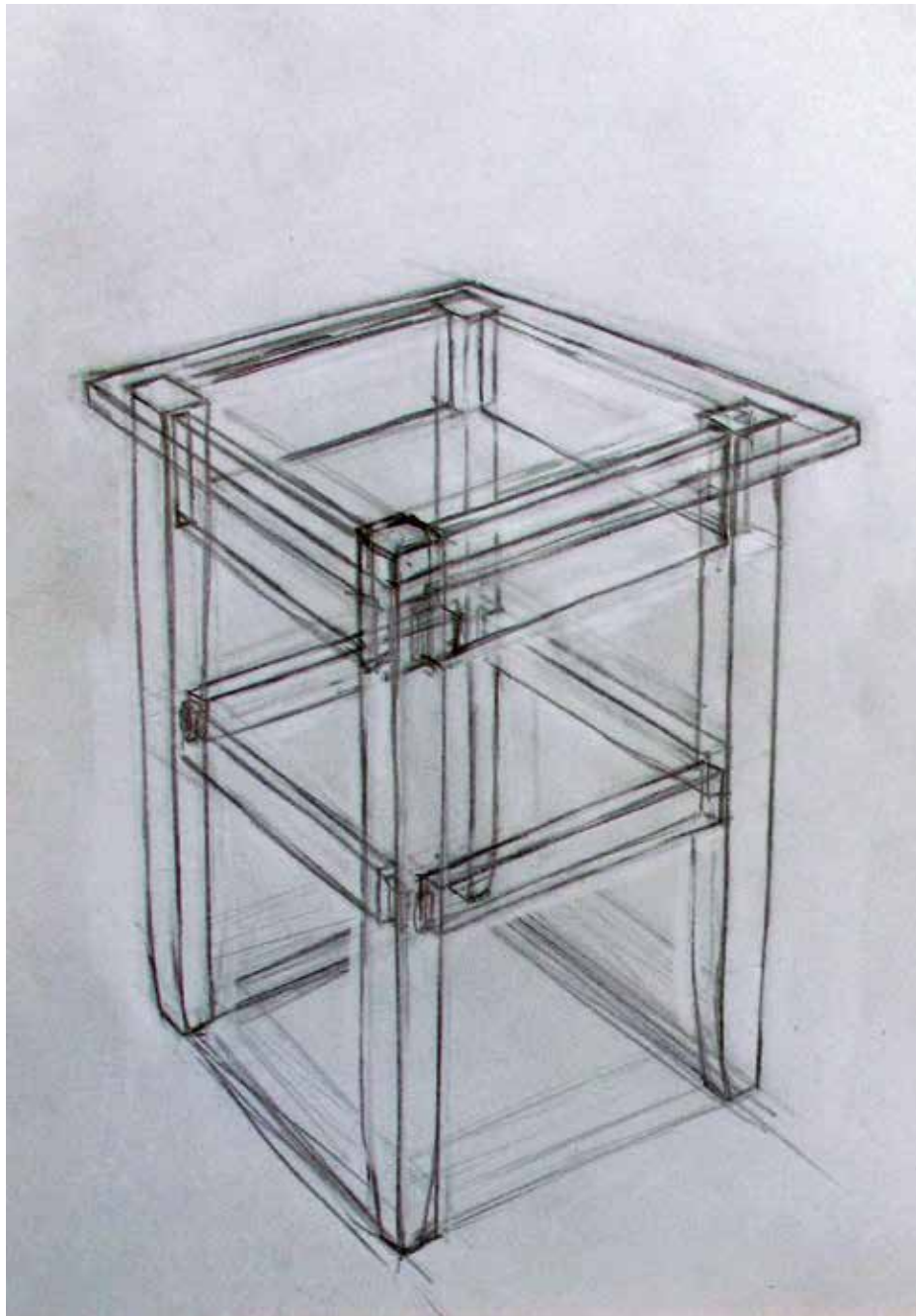
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 15 x 17 cm



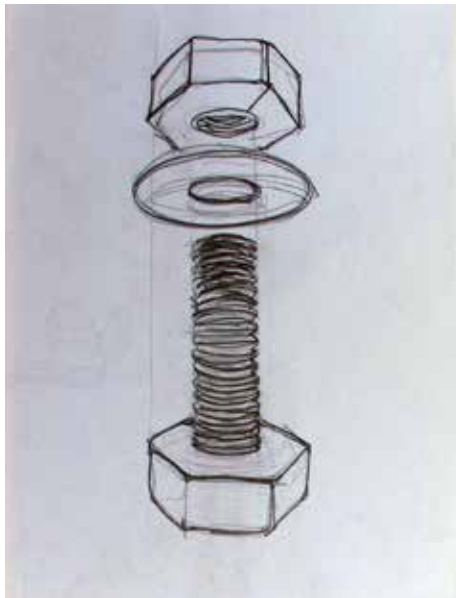
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



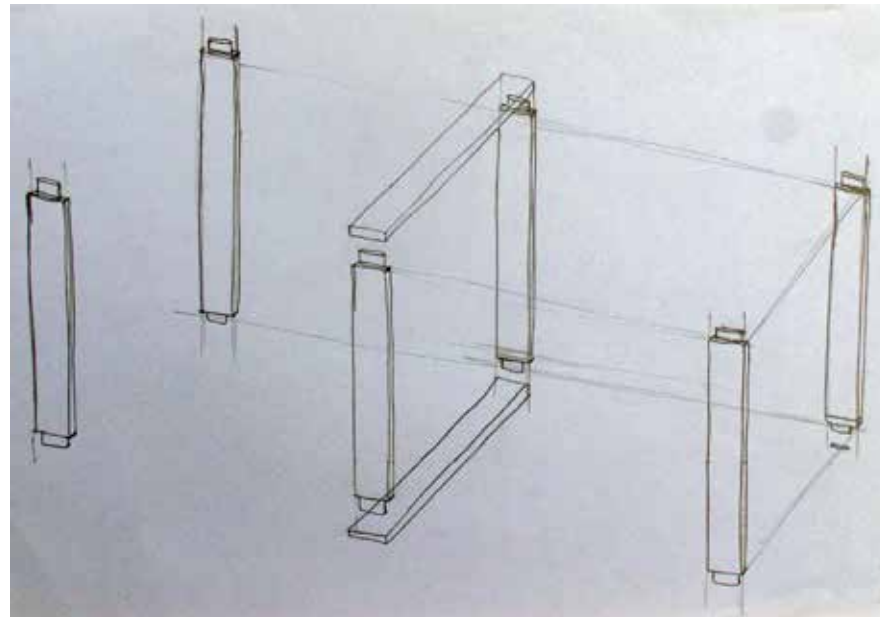
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



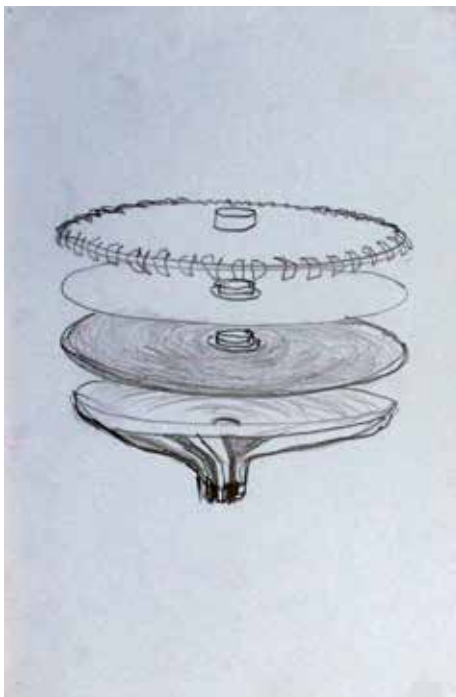
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



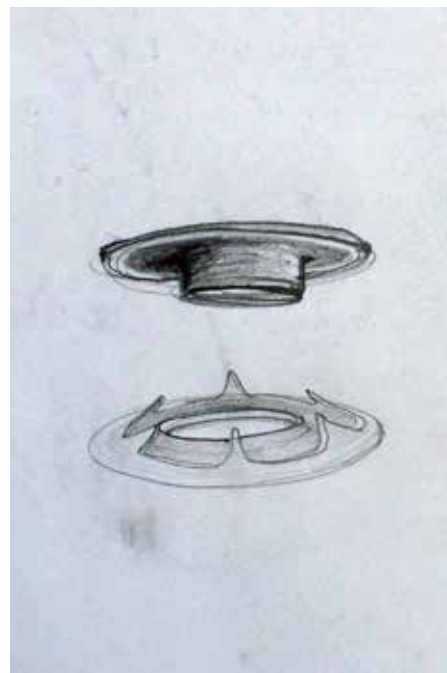
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



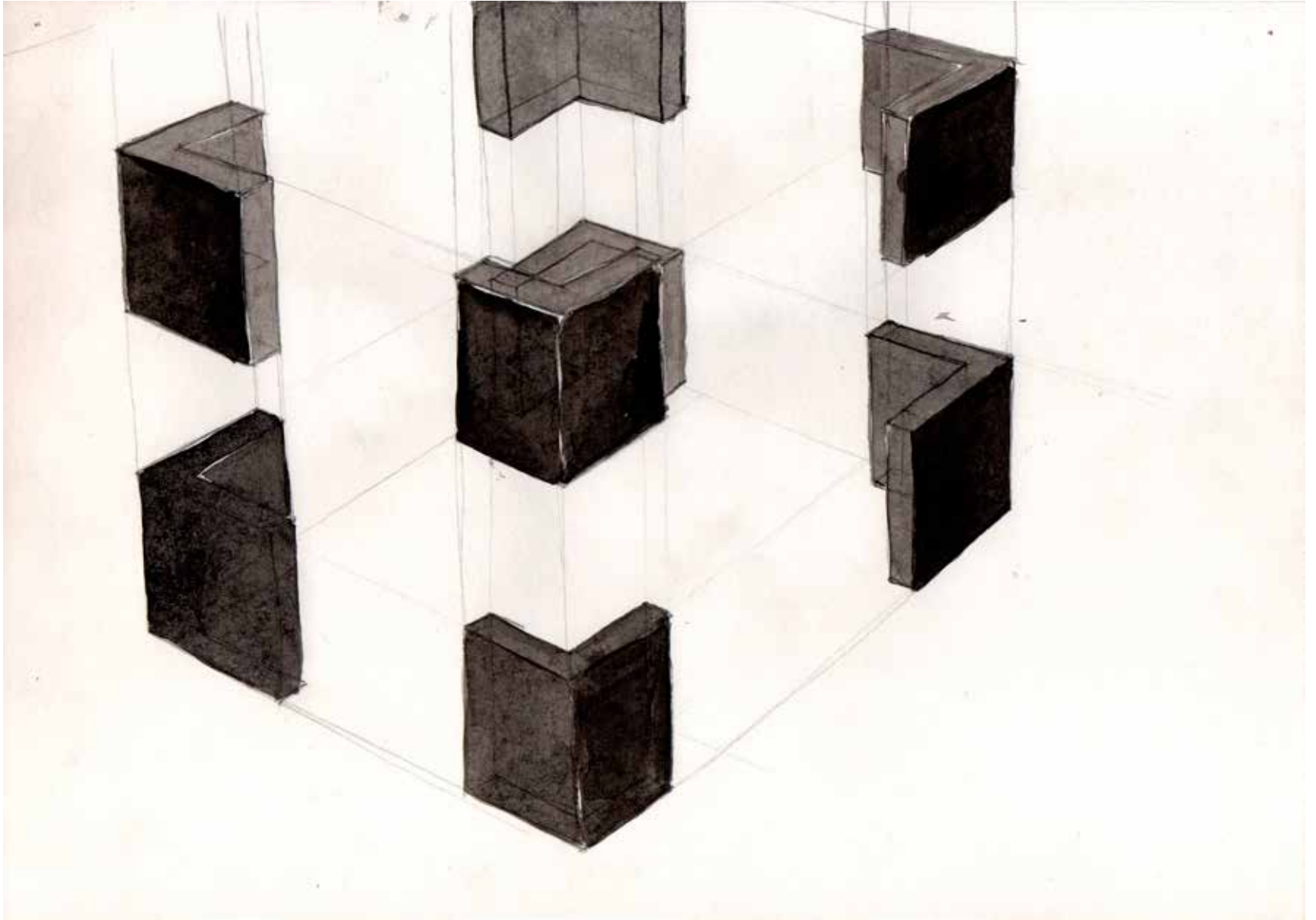
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



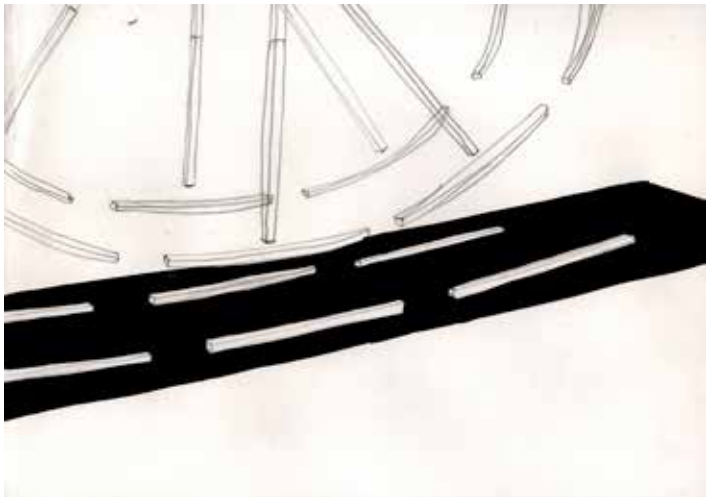
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



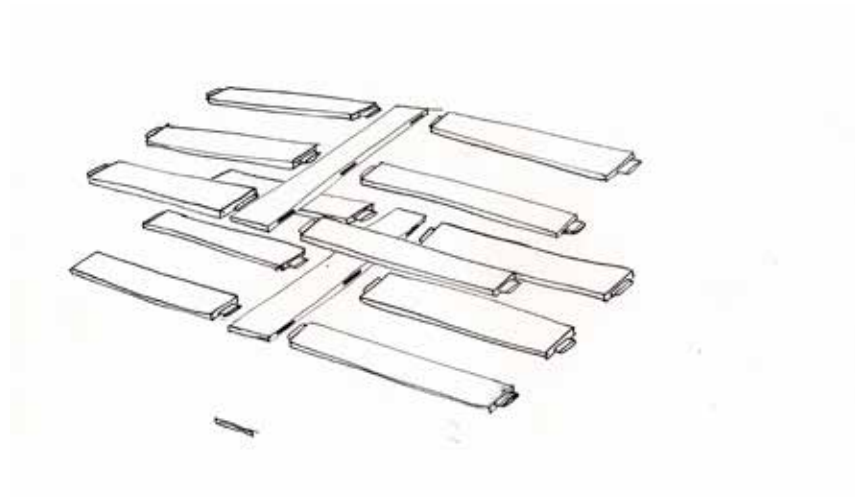
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



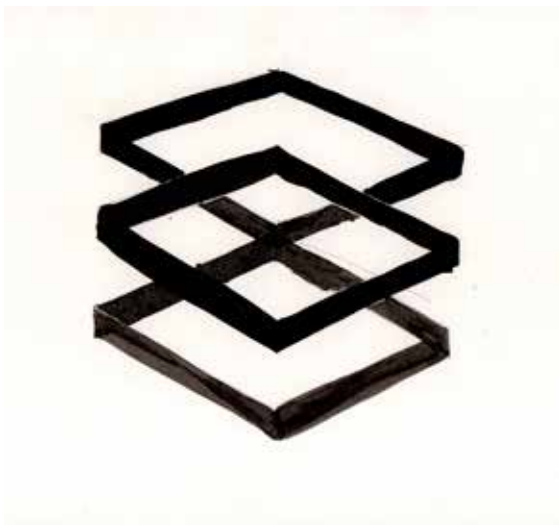
Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título
2020
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

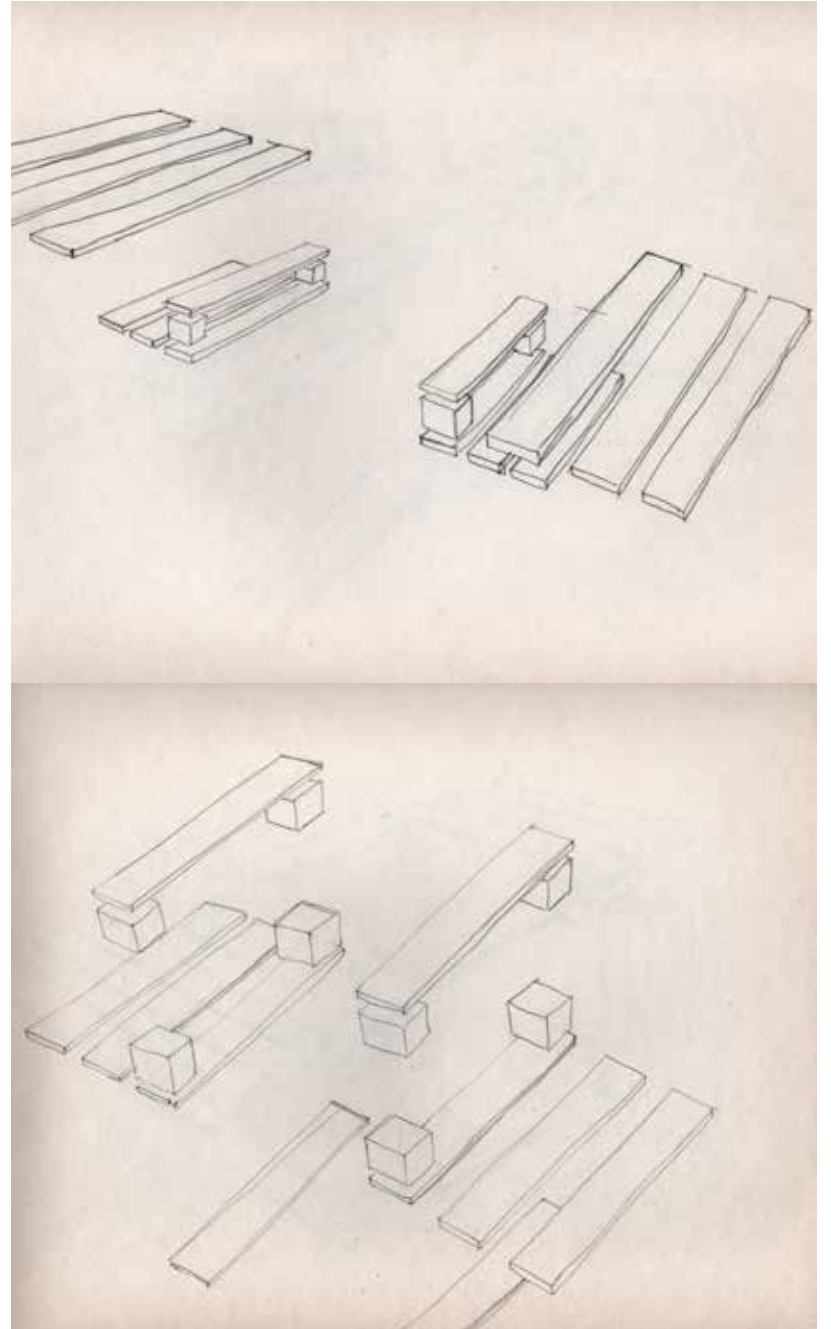
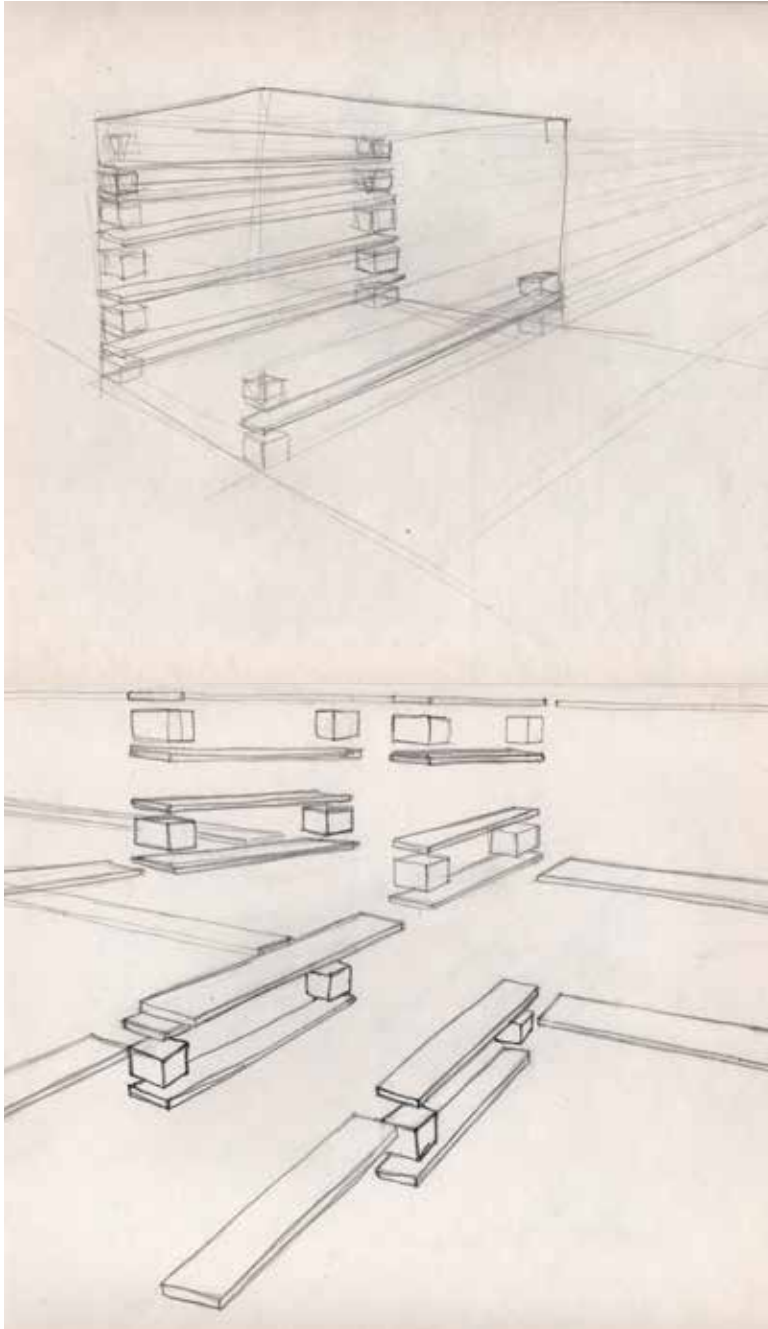
Sem título
2020

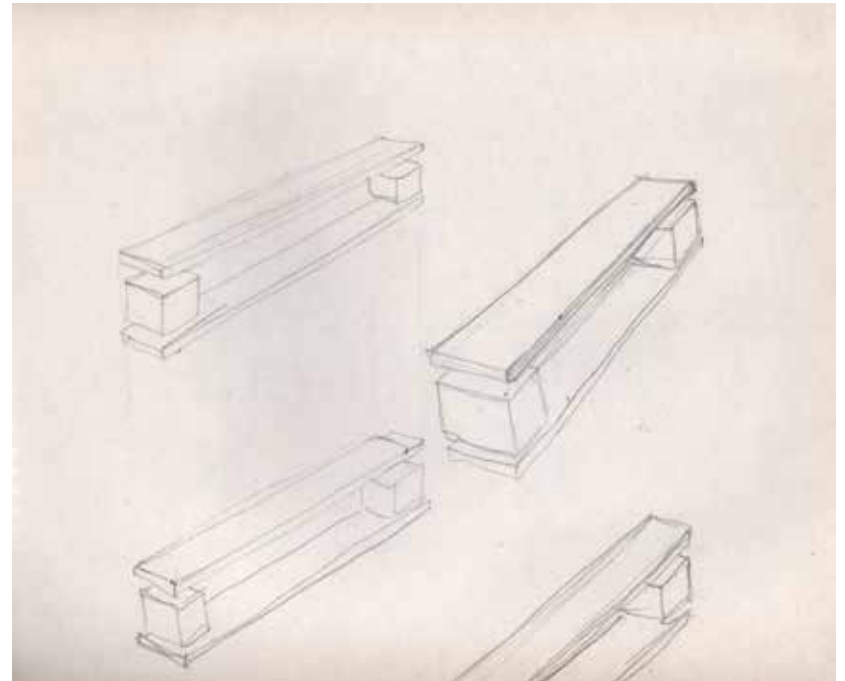
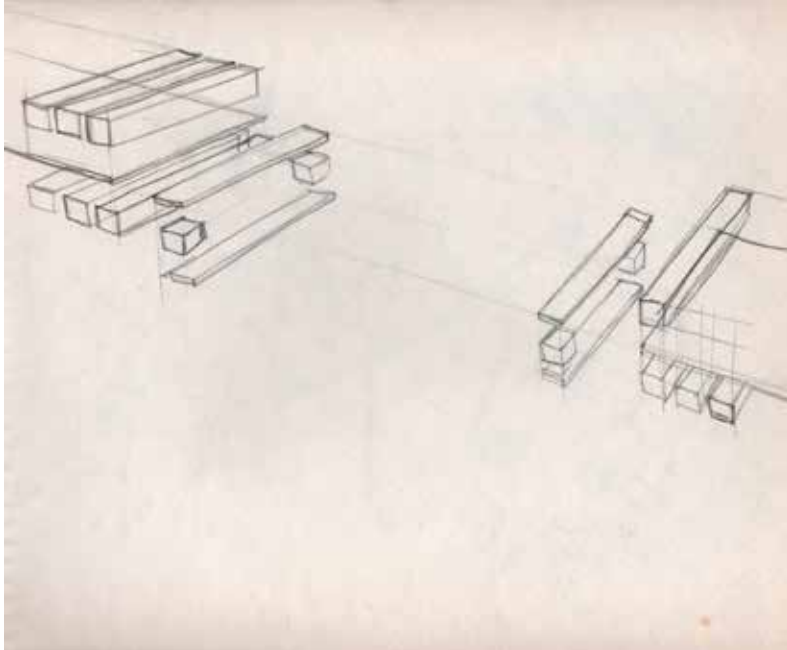
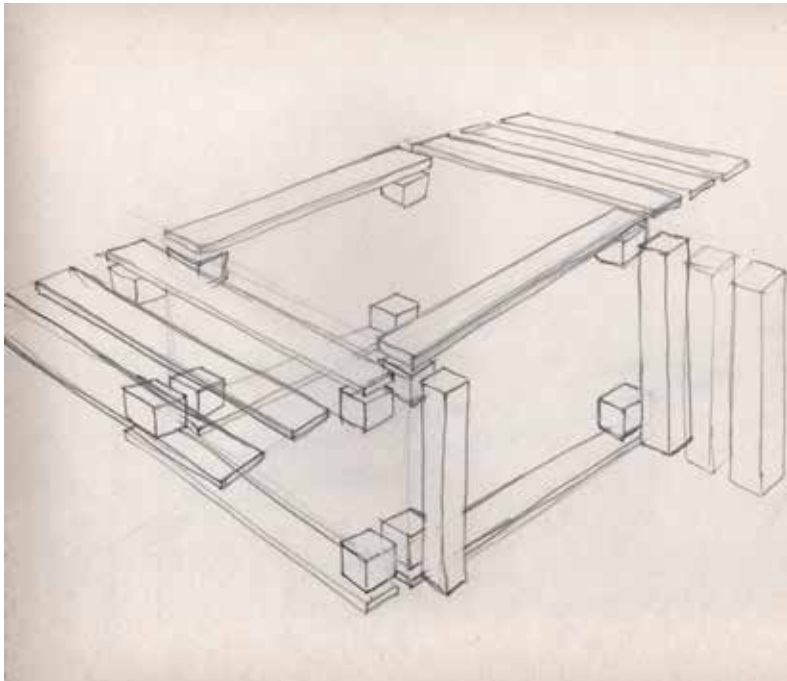
Nanquin e grafite sobre papel
aprox. 10 x 15 cm



Sem título
2020
Nanquin sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

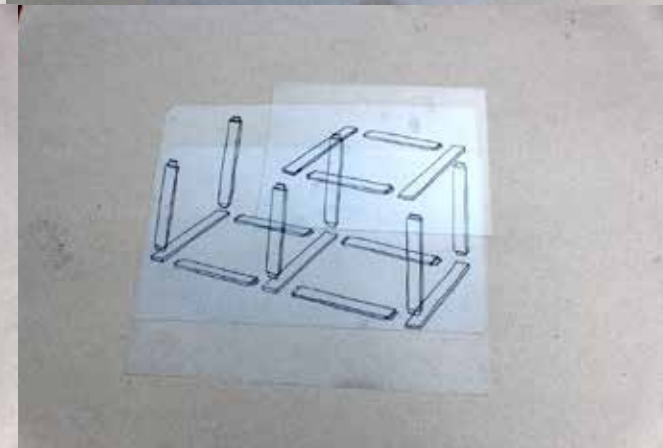
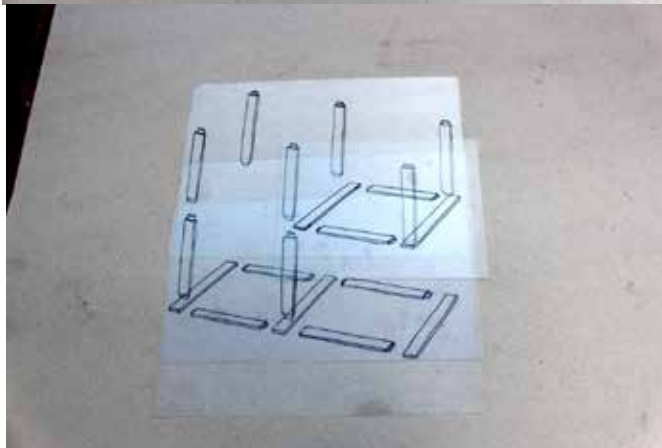
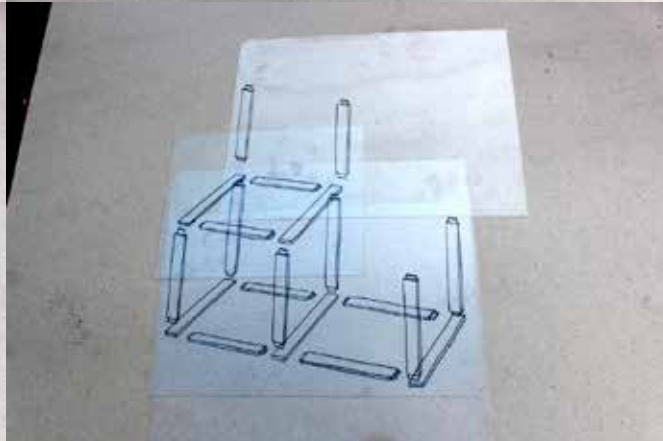
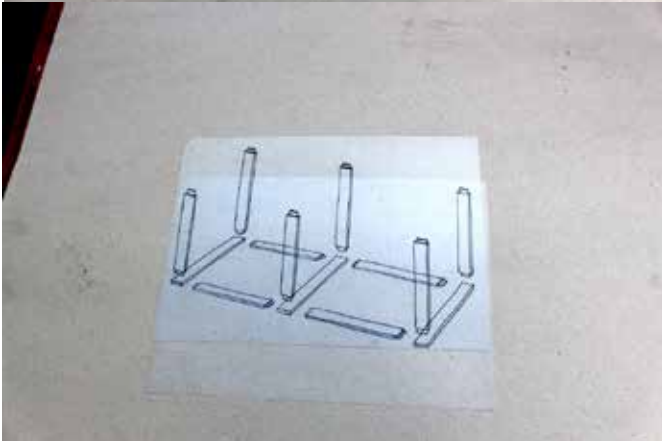
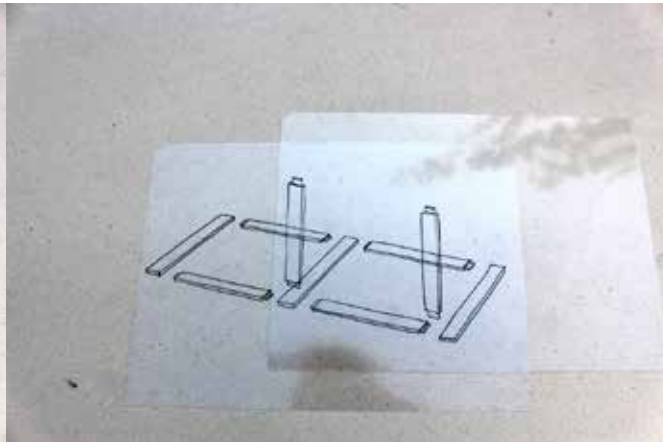
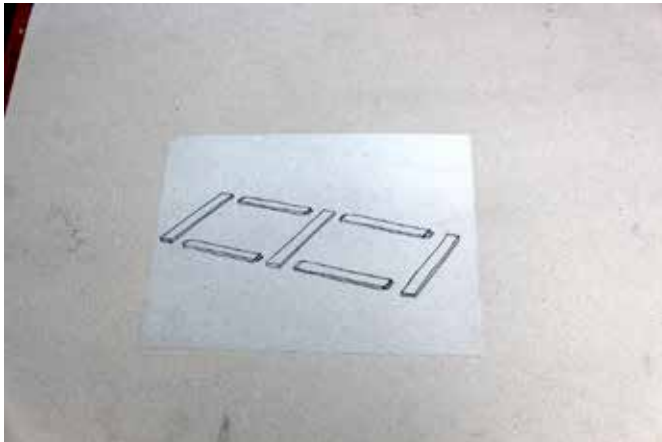




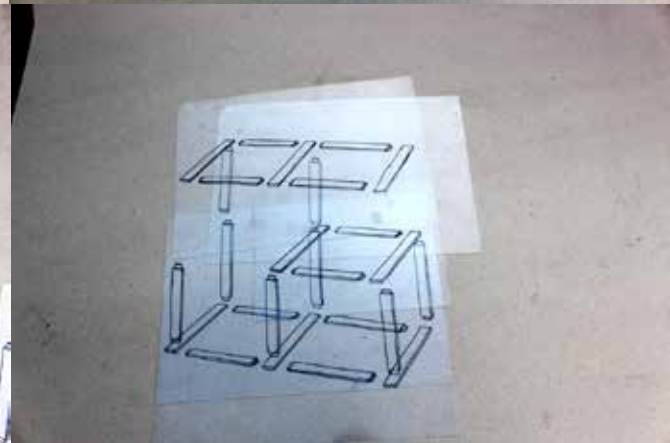
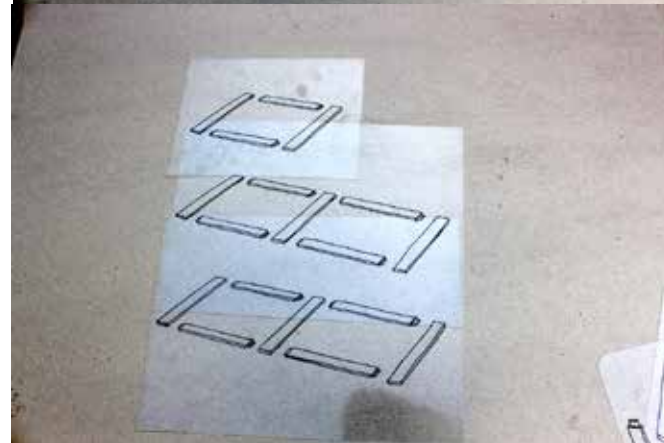
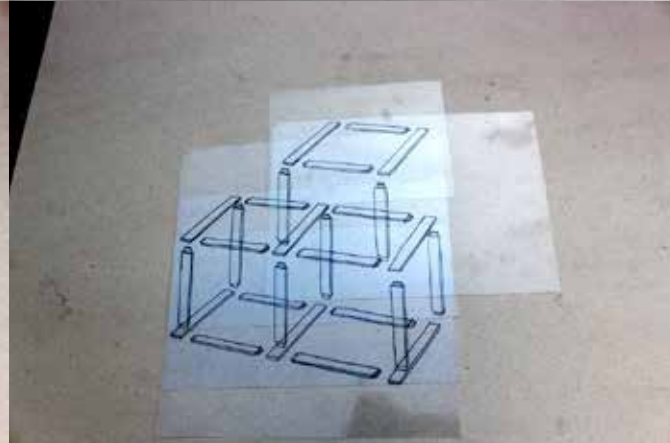
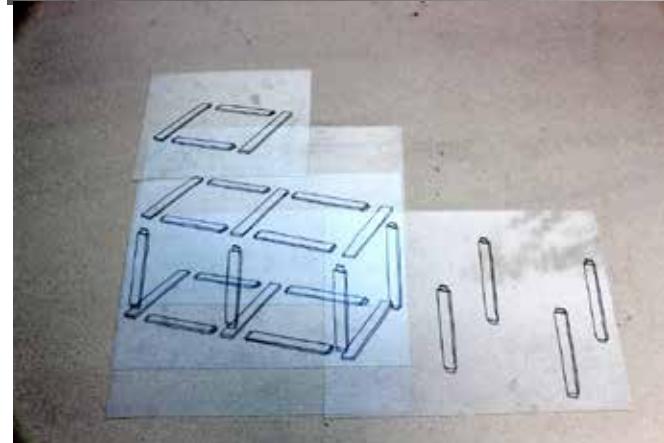
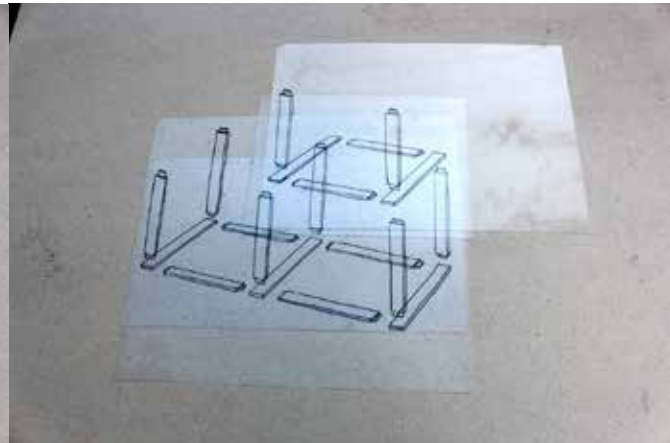
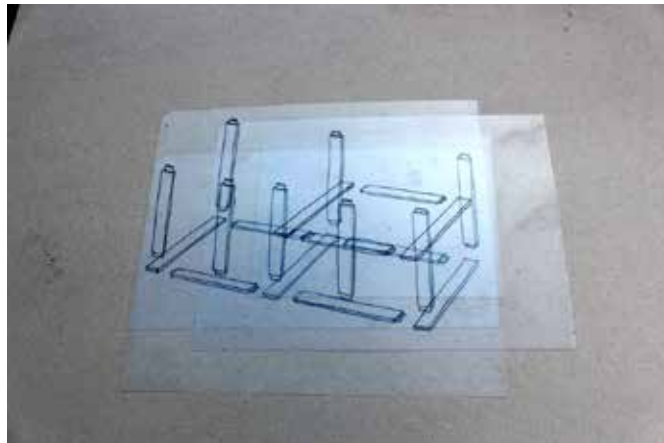


todos nesta página:
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21,5 x 26 cm

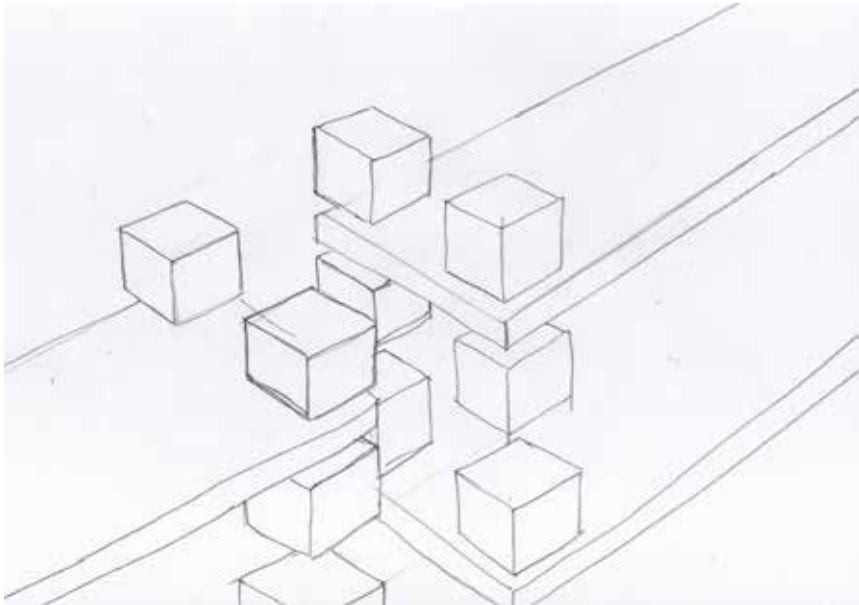
página anterior:
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21,5 x 26 cm



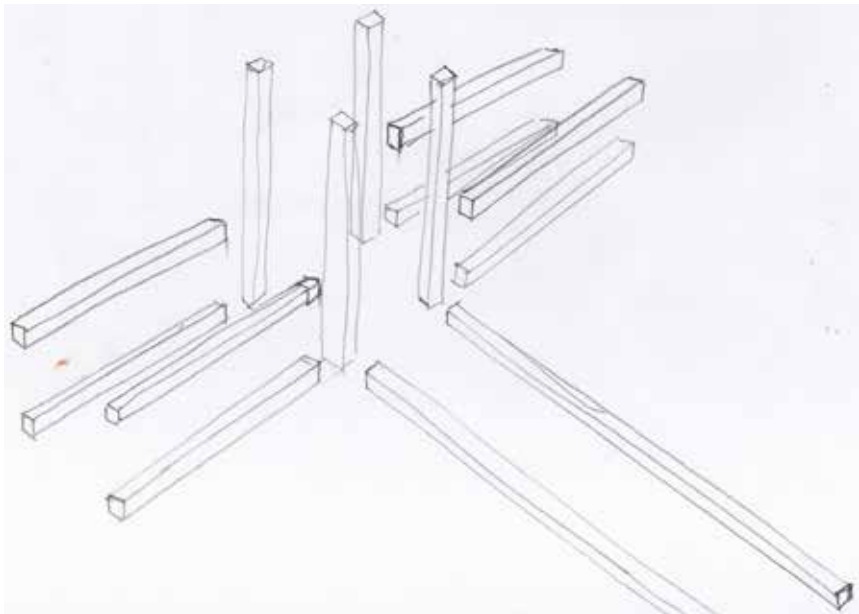
Sol-Levíticos
jogo
2020
Nanquin sobre acetato
aprox. 10 x 15cm cada folha



Sol-Levíticos
jogo
2020
Nanquin sobre acetato
aprox. 10 x 15cm cada folha



Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

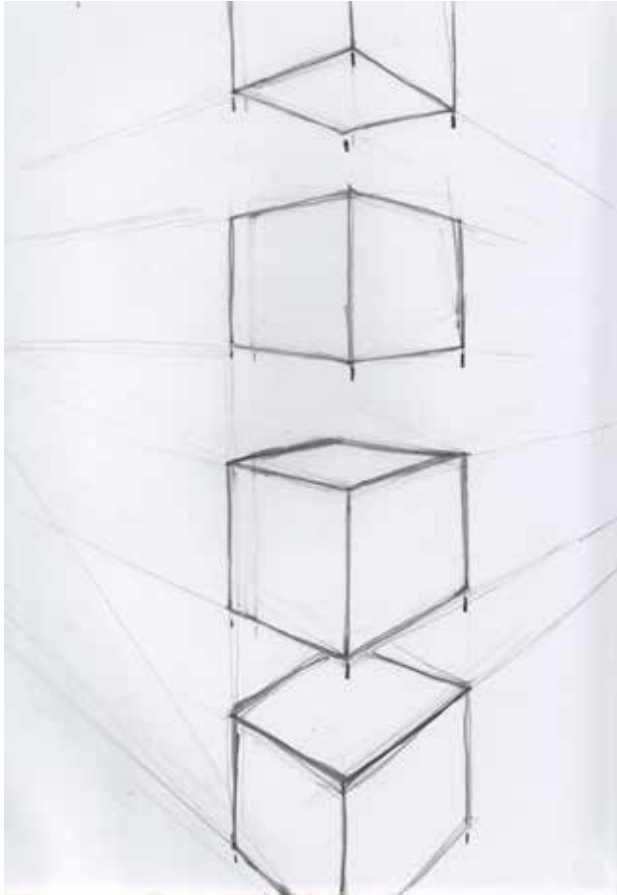


Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

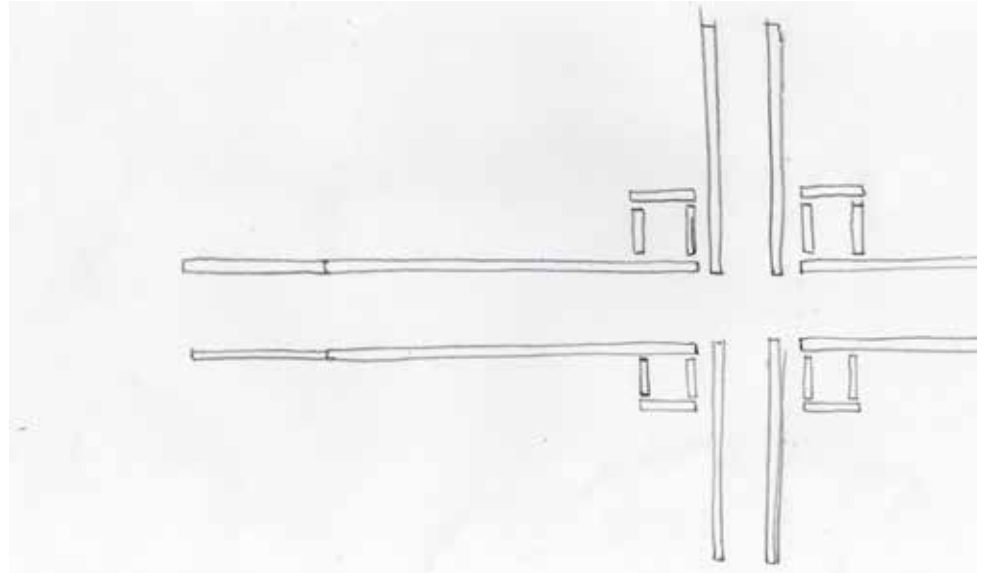


Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm

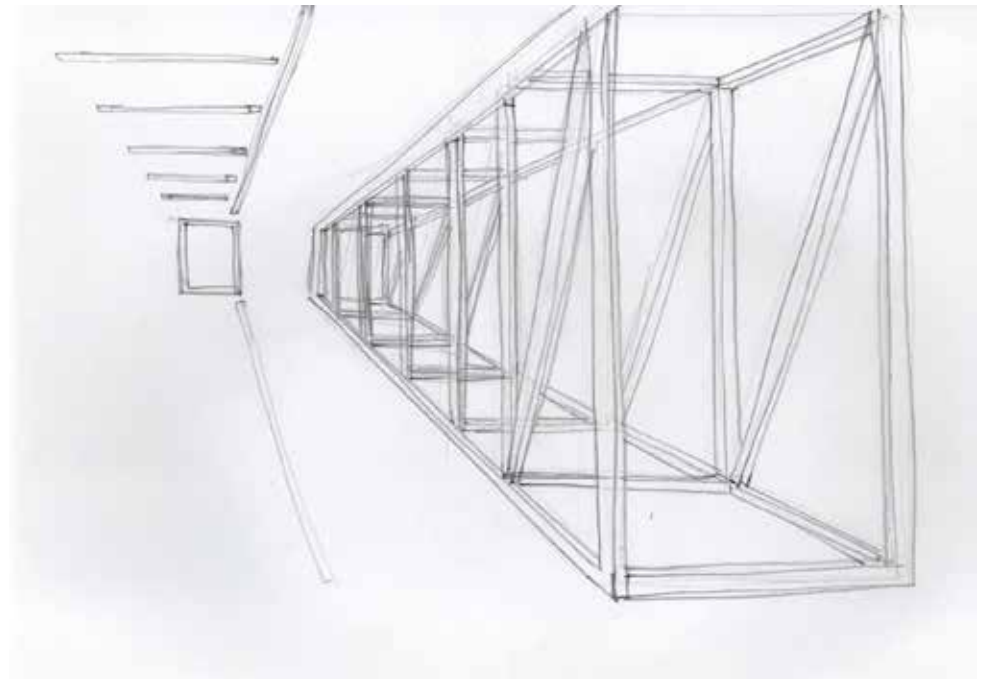
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



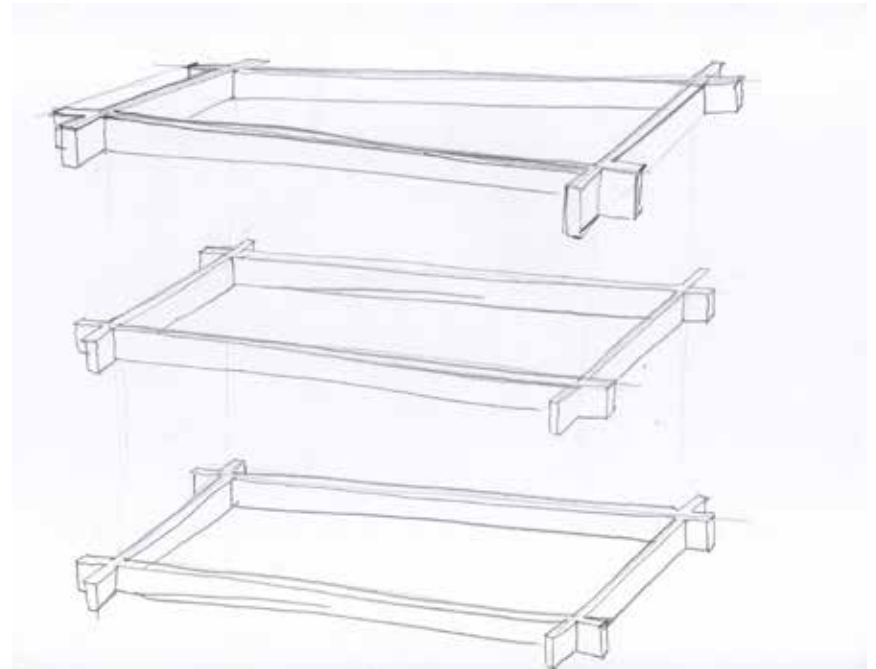
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



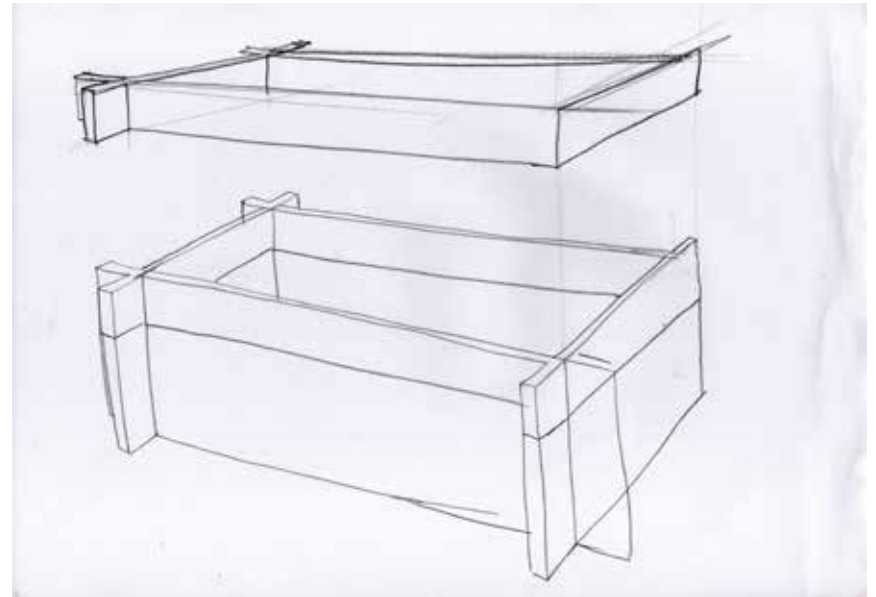
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm

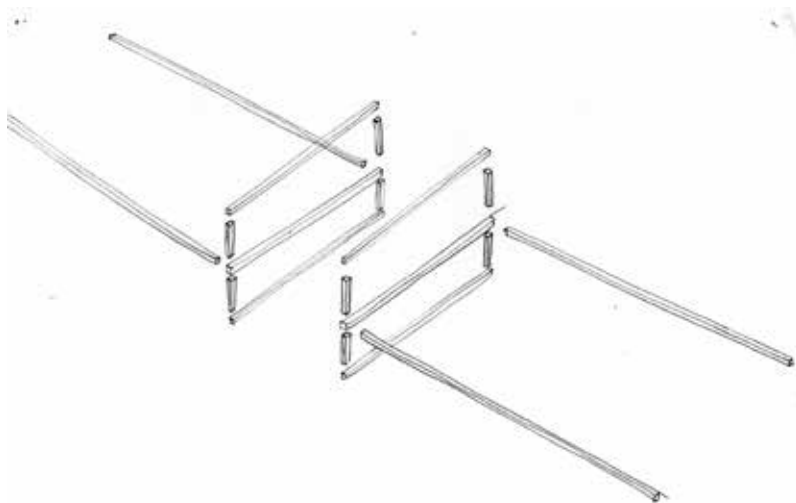


Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm

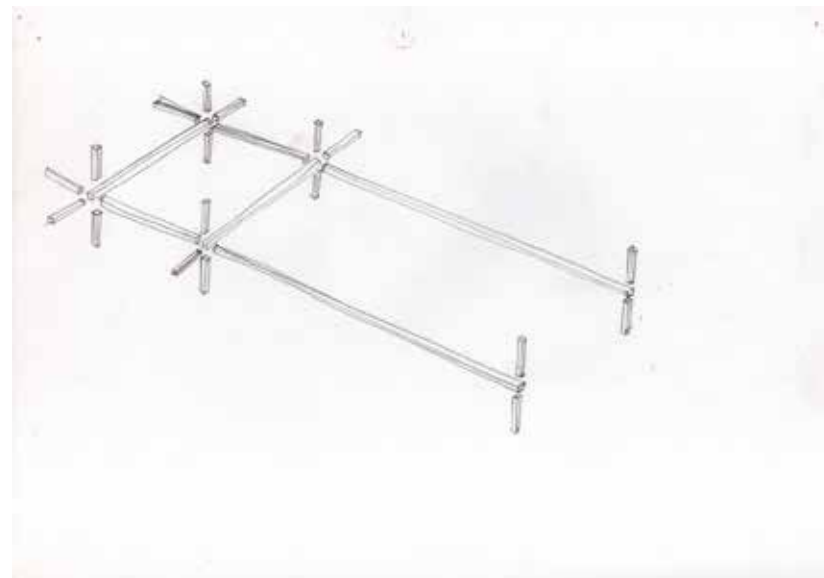


Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm

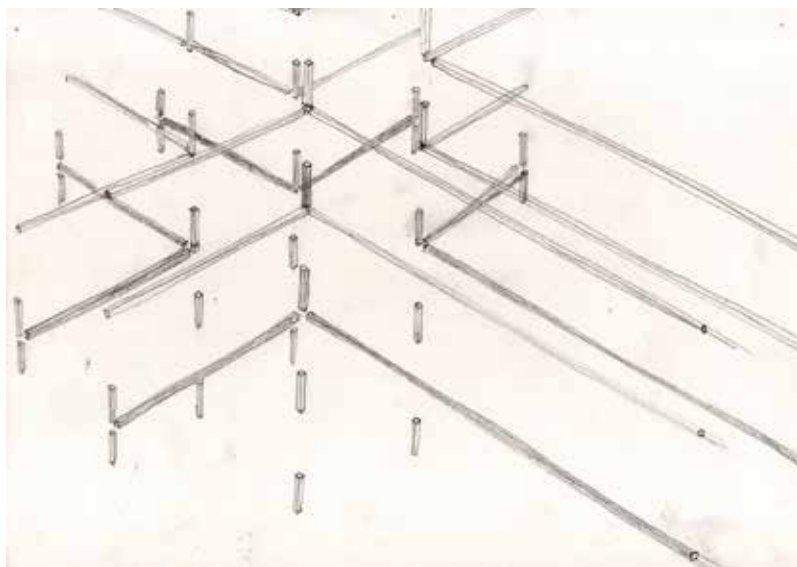




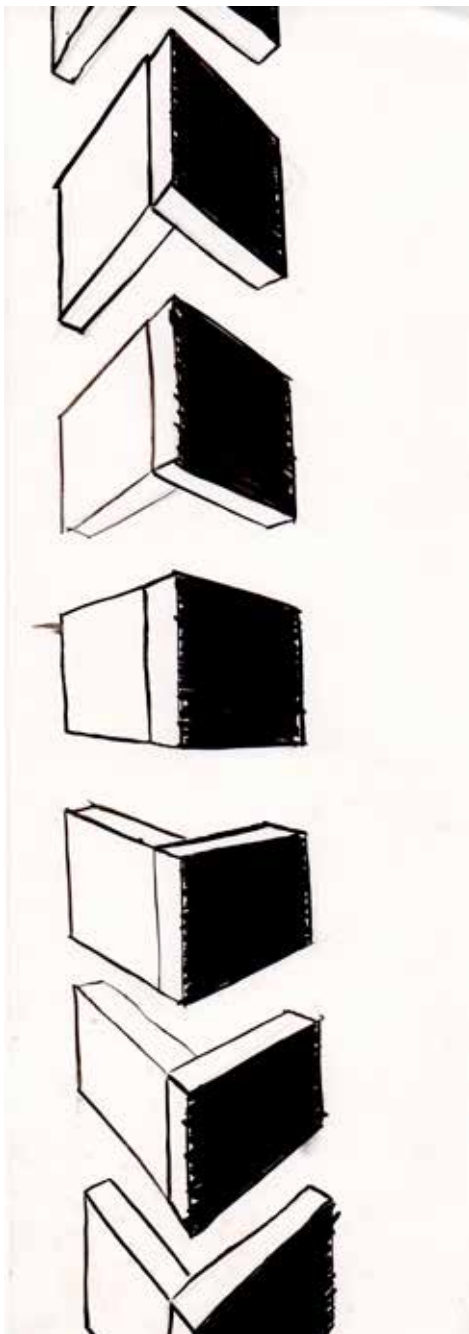
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm



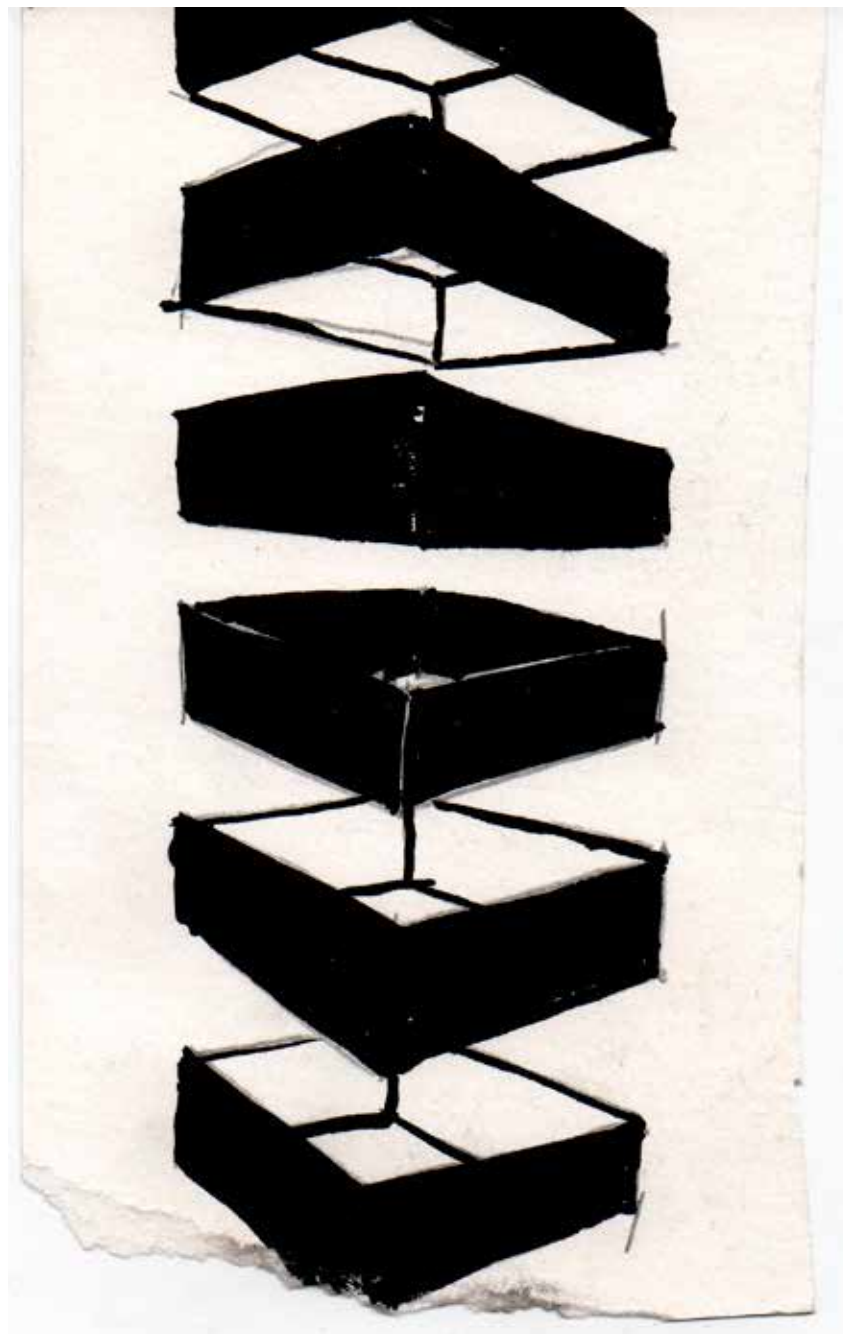
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm



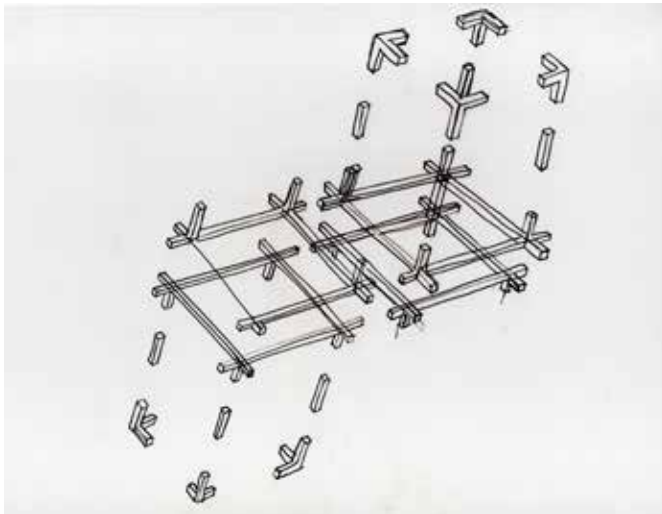
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm



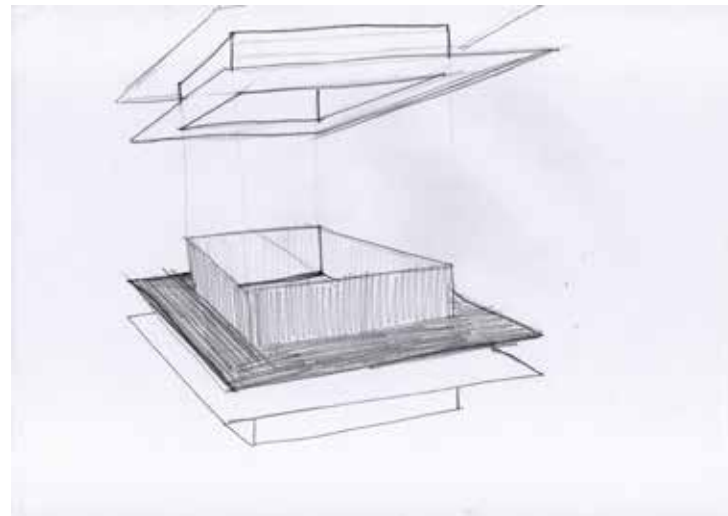
Sem título
2017
Nanquin e grafite sobre papel
21 x 7 cm



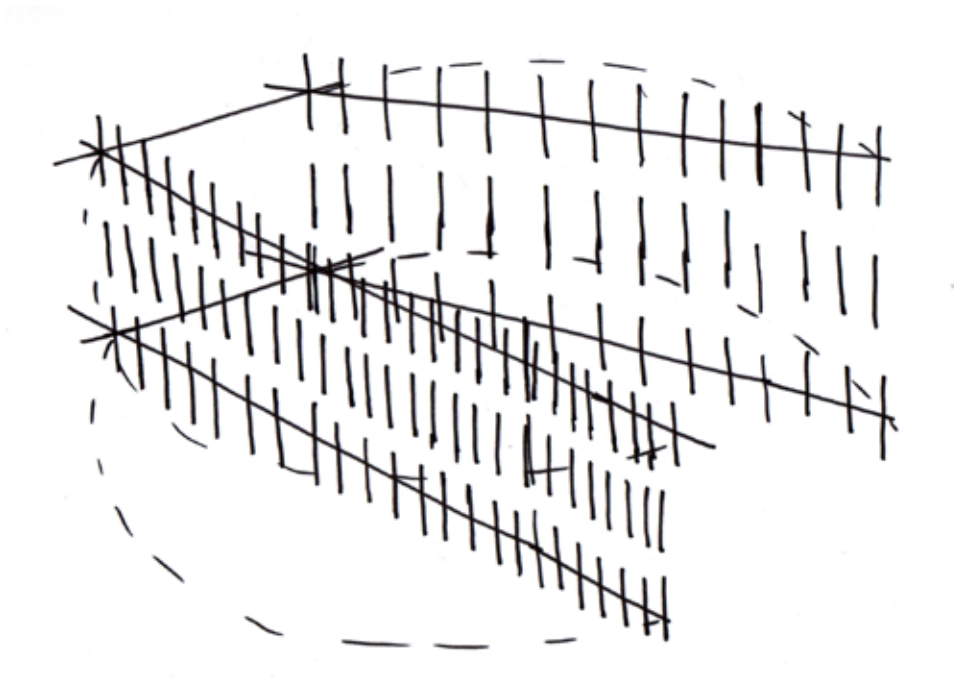
Sem título
2017
Nanquin e grafite sobre papel
18 x 10 cm



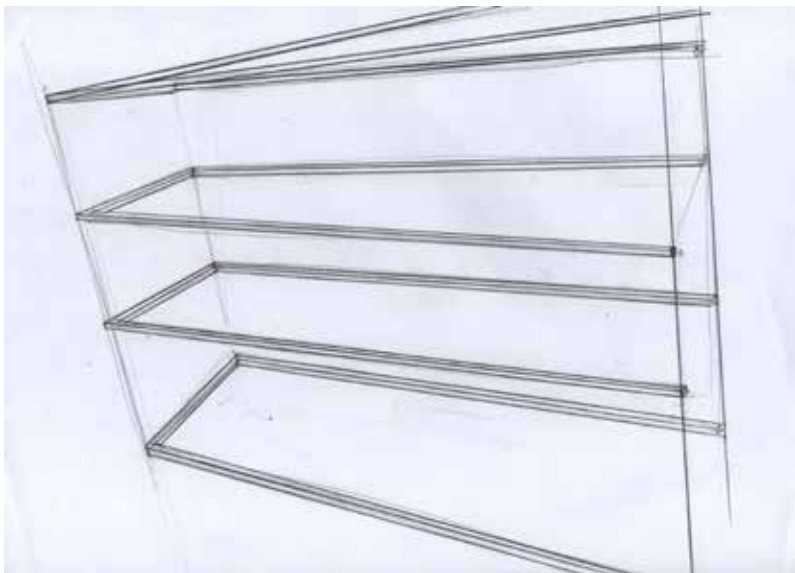
Sem título
2020
Nanquin sobre acetato
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm



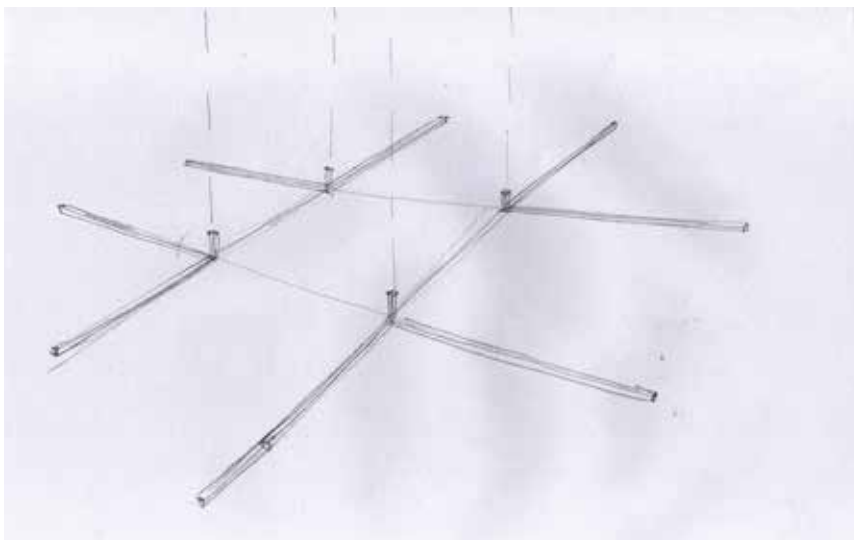
Sem título
2020
Grafite sobre papel
aprox. 19,3 x 27,8cm



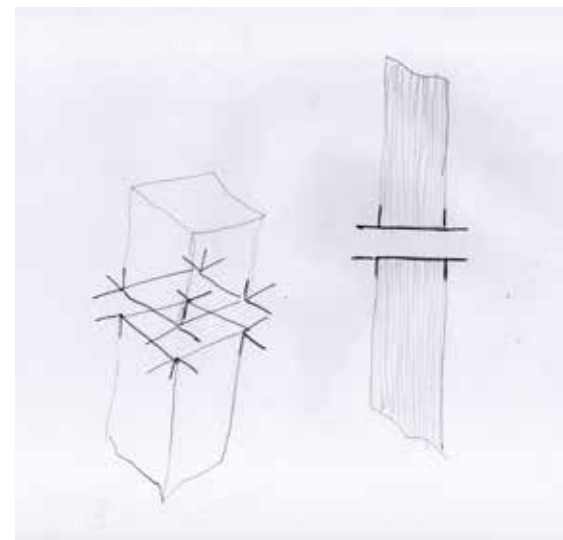
Sem título
2020
Grafite sobre papel
21 x 29,8cm



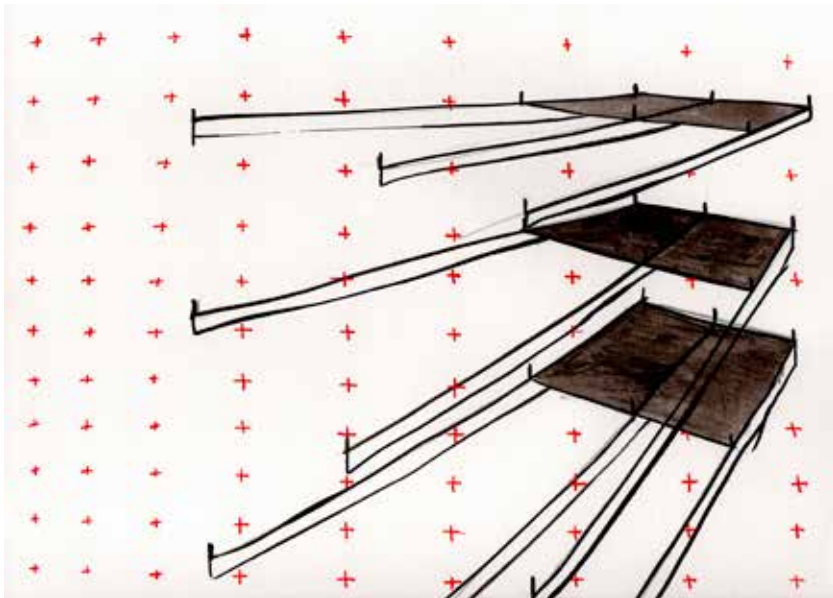
Sem título
2020
Nanquin sobre acetato
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título
2020
Grafite sobre papel
21 x 29,8cm

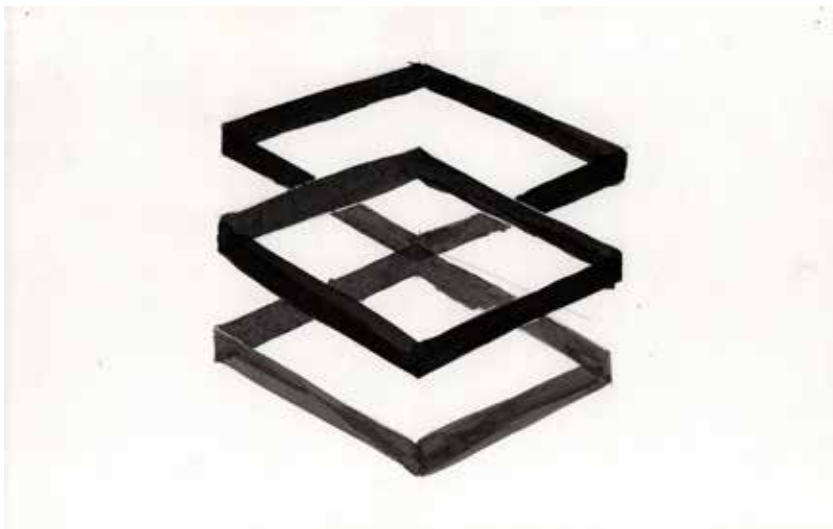


Sem título
2020
Grafite sobre papel
21 x 21 cm



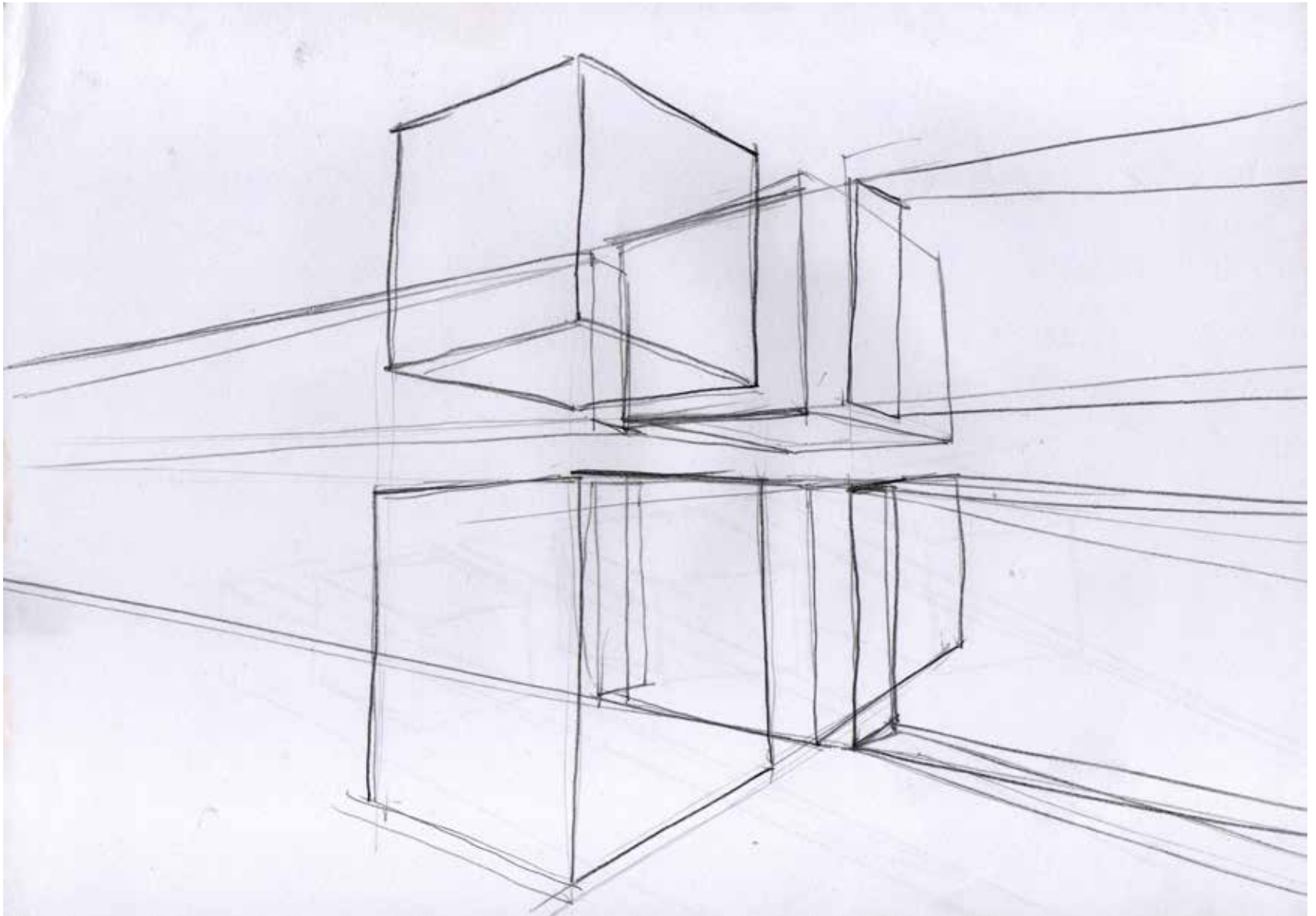
Sem título
2020
Grafite e nanquin sobre papel
21 x 29v,8cm

Sem título
2020
Nanquin sobre papel
21 x 29v,8cm

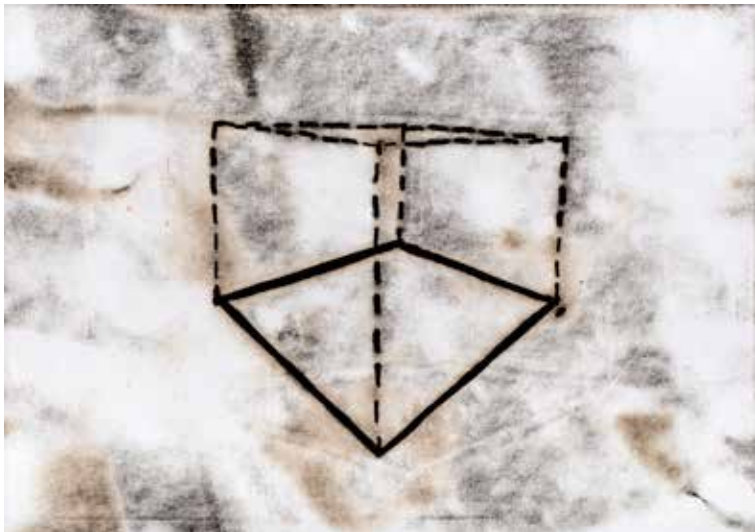


Sem título
2020
Grafite sobre papel
21 x 21 cm

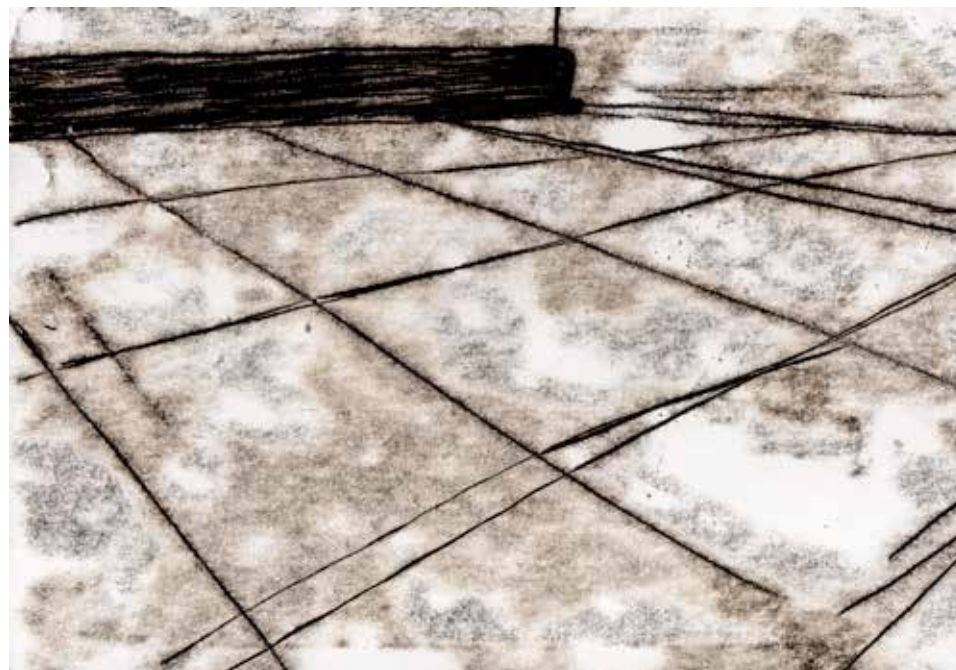




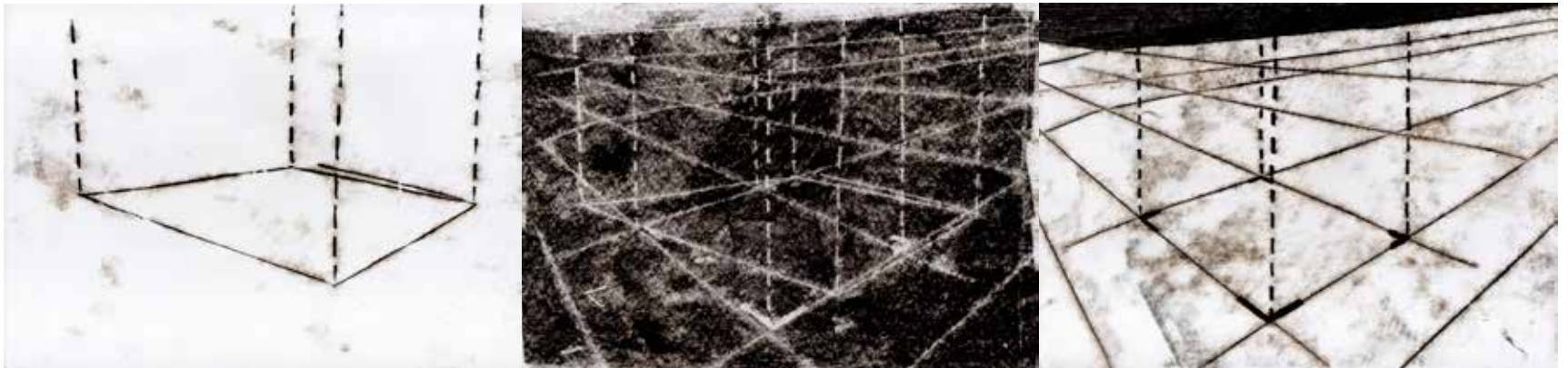
Sem título
2020
Grafite sobre papel
21 x 29,8cm



Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título
2020
Óleo sobre papel
aprox. 21 x 29,8cm



Sem título [Tríptico]
2020
Óleo sobre papel
21 x 60 cm

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. A sabedoria da arte. Catálogo da 23ª Bienal de São Paulo: Salas Especiais. São Paulo, 1996.

BELTING, Hans. A janela e o muxarabi: uma história do olhar entre Oriente e Ocidente. In: ALLOA, Emmanuel. Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.115-137.

Borges, Jorge Luís. Ficções trad. Carlos Nejar. 7ª Ed. São Paulo: Globo, 1997.

CRARY, Jonathan. Técnicas do observador. Visão e modernidade no século XIX. Trad. Verrah Chamma - Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2012

FLORIÊNSKI, Pavel. A perspectiva Inversa. Trad. Neide Jallageas. São Paulo: Editora 34, 2012. 124 P.

FLUSSER, Vilem. Cinco textos de Vilém Flusser sobre Mira Schendel in: <https://subspeciealteritatis.wordpress.com/2019/01/22/cinco-textos-de-vilem-flusser-sobre-mira-schendel/> (acesso em agosto de 2021)

GHIBERTI, Lorenzo, Primeiro Comentário, Cadernos de Tradução, São Paulo, Departamento de Filosofia da USP, 2000. (Tradução e notas de Luiz Armando Bagolin)

MACHADO, Arlindo (1993). Máquina e Imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas, Edusp, SP.

MANOVICH, Lev (2001). The Language of New Media, The MIT Press, Massachusetts.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Phénoménologie de la perception, Gallimard, coll. « Tel », 2005 537 P.

MUBARAC, Luiz Claudio. (org) Sobre o desenho no Brasil. São Paulo: Cidade, 2019.

PANOFSKY, Erwin (1927). *A Perspectiva como Forma Simbólica*, Edições 70 - 1999.

PLAZA, Júlio. "Arte e Interatividade: Autor-obra-recepção". In <http://www.alfredo-braga.pro.br/ensaios/plaza.html> (acesso em agosto de 2019).

VALERY, Paul. *Degas dança e desenho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

WILLIS, Karl (s/d). "User Authorship and Creativity within Interactivity", <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.97.3331&rep=rep1&type=pdf> (acesso em agosto de 2019).